



CENTAUR

MÁXIMO GORKI

A Mãe

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com



GENTAUR

MÁXIMO GORKI

A Mãe

Máximo Gorki

A MÃE

Título original: *Mat'* (1907)

Tradução: Augusto de Lacerda (1864-1926)

2014 © Centaur Editions

centaur.editions@gmail.com

Índice

PRIMEIRA PARTE

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29

SEGUNDA PARTE

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15

16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29

PRIMEIRA PARTE

Todos os dias, entre a atmosfera carregada e o cheiro a óleo do bairro operário, situado nos subúrbios, a sereia da fábrica vibrava e apitava. As pessoas, ainda meio adormecidas, tristes, saíam de suas casas pouco iluminadas, apressadamente, como animais assustados. Na manhã fria, seguiam, pelas ruas mal pavimentadas, para a grande «prisão», que as aguardava, calma e indiferente, feita de pedra, com numerosos olhos quadrados e viscosos. Os seus passos, ficavam marcados, na rua enlameada. Ecoavam no ar pragas e injúrias, misturadas com exclamações roucas e sonolentas, que vinham ao seu encontro. Tornavam-se audíveis outros sons: o barulho ensurdecedor das máquinas, o grunhido do vapor. Negras e rebarbativas, as chaminés, altaneiras, alinhavam-se, dominando o bairro, como troncos.

Ao entardecer, quando o sol se punha, os raios de tons vermelhos refletiam-se nos vidros das casas. Da fábrica saíam então os operários, de rostos cansados e enegrecidos pelo fumo; homens esfomeados, de dentes alvos, inundando de novo as ruas, deixando ficar no ar o odor húmido das máquinas. O trabalho forçado acabara, o ânimo, a alegria, tinham voltado, notava-se nas suas vozes. Era grande a ânsia de voltar a casa, onde sabiam que o jantar e o repouso os esperava.

O dia tinha sido absorvente; deixaram na fábrica, nas máquinas, toda a força neles existente. Mais um dia passou, sem deixar rasto. Mais um passo dado, na vida de cada homem, que mais o aproxima do seu túmulo. E senta-se contente, com prazer, numa taberna cheia de fumo.

Dorme-se até às dez horas, nos dias santificados.

Os casados e «decentes», envergam as melhores vestes e vão à missa, criticando a juventude por ser indiferente à religião. Depois do ofício, comem e dormem até ao fim da tarde.

O trabalho consecutivo, durante anos, refletia-se neles, tirando-lhes o apetite, e assim, alguns, para poderem comer, necessitavam excitar o estômago, mercê de agudas queimaduras de álcool.

Ao fim da tarde passeavam com indolência pelas ruas. Aqueles que possuíam gabardines, ainda que o tempo estivesse bom, vestiam-nas; mesmo que fizesse sol, os que tinham chapéu, levavam-no.

Quando, na rua, se cruzavam, falavam da fábrica, das máquinas, criticavam os capatazes.

Nestes encontros casuais, falava-se apenas de assuntos relacionados com o trabalho. Era muito raro falar-se sobre qualquer outro assunto, ainda que pobre e sem interesse, para quebrar a monotonia daqueles dias cinzentos. Quando regressavam, os homens discutiam com as mulheres, e não poucas vezes batiam-lhes, sem poupar os punhos. A gente nova decidia ficar no café, ou organizava reuniões em casa uns dos outros, tocavam acordeão, cantavam canções obscenas, dançavam, contavam anedotas do mesmo tom, e bebiam. Era fácil embriagarem-se depois de um dia de árduo trabalho. Então provocavam discussões, lançavam-se uns contra os outros, rancorosos e irritados. Destas rixas, resultava muitas vezes alguns ficarem estropiados, outros perderem a vida.

Nos dias de descanso, os jovens regressavam tarde a casa, já noite avançada, muitos deles de fatos rotos, enlameados, cheios de pó e com o rosto a sangrar.

Outros sentiam-se vaidosos, porque saíram vencedores da rixa; outros ainda, chorando com raiva a humilhação sofrida, reentravam infelizes e ébrios, lastimosos e repugnantes. Acontecia que os pais, por vezes, os encontravam, a cair de bêbados, junto a uma taberna; levavam-nos para casa, onde abundavam as injúrias e as pancadas no corpo inerte do rapaz. Depois, levavam-no para a cama, cautelosamente, para o acordarem logo pela manhã, para que mal a sereia soasse, lá fosse ele para o trabalho.

Para os rapazes, as pancadas e as injúrias eram um castigo; diziam esses velhos, que quando foram novos, também se tinham embriagado e participado em zaragatas; também eles foram castigados pelos pais. Era a vida, diziam. Os anos repetiam-se, lentos e iguais; cada dia era preenchido pelo hábito de agir e pensar, igual, persistente e antigo. E jamais alguém experimentou o desejo de alterar fosse o que fosse. No bairro, de vez em quando, apareciam forasteiros que

ninguém sabia de onde vinham. Eram desconhecidos, e chamavam assim a atenção das gentes do bairro; despertavam depois a curiosidade, quando falavam dos locais onde tinham trabalhado; com o tempo, a atração da novidade apagava-se. Habitavam-se a vê-los e eles passavam despercebidos. Das narrações que ouviam, podiam concluir que a vida dos operários era sempre igual, onde quer que estivessem. Para quê, então, falar disso?

Alguns dos forasteiros, porém, contavam de quando em vez coisas diferentes que eram mesmo novidade. Não discutiam, ouviam calados, desconfiados, aquelas estranhas narrativas. A uns irritava-os surdamente, a outros provocava uma certa inquietação; noutros ainda notava-se a perturbação por uma vaga esperança, e bebiam ainda mais, para expulsarem esse sentimento inútil e penoso.

Os habitantes do bairro tratavam com uma certa rudeza e severidade, com uma repulsa instintiva, o estranho que apresentasse um ar mais extraordinário, como se temessem que ele perturbasse o monótono dia a dia, sempre obscuro, mas calmo.

Estavam de tal modo habituados a ser derrotados por uma força constante, que qualquer tentativa de melhoria de vida era considerada apenas um meio de tornar mais difícil a sua jornada.

Esquivavam-se em silêncio àqueles que lhes pretendiam dizer coisas novas.

Então alguns dos forasteiros prosseguiam caminho, outros ficavam, mantinham-se a trabalhar na fábrica, mas sem se misturarem com a massa operária, fazendo uma vida à parte...

E assim, o homem vivia cerca de cinquenta anos, e depois morria...

Assim vivia Miguel Vlassov, serralheiro, homem sisudo, cabeludo, de sorriso maldoso, olhos desconfiados e escondidos sob grossas sobrancelhas. Miguel era o melhor serralheiro da fábrica, o maior do bairro, o «Hércules», como lhe chamavam. Achavam-no mau, por ser grosseiro com os chefes; não passava um domingo que não batesse em alguém; todos o detestavam e temiam. Já haviam tentado bater-lhe, mas falharam. Vlassov, quando percebia que iam atacá-lo, agarrava uma tábua, uma pedra ou um ferro, e bem firme nas pernas afastadas, desafiava o adversário em silêncio. Tinha uma barba negra, enorme, que lhe cobria o rosto dos olhos ao pescoço, e as mãos muito peludas, que lhe emprestavam um aspeto horroroso. Os olhos, esses, eram tão temíveis, pequenos e penetrantes, que feriam as pessoas como se tivessem ponta de aço; o seu olhar fazia sentir uma força estranha brutal, inacessível ao temor, pronta a castigar impiedosamente.

— Desapareçam da minha frente, carcaças — gritava com voz surda. Os dentes amarelos brilhavam, entre a barba farfalhada que lhe cobria o rosto.

Os adversários, praguejando mas temendo-o, acabavam por se retirar.

De olhar agudo, brilhante, mau, gritava-lhes de novo:

— Carcaças! — continuava a desafiá-los, seguia-os e provocava-os. — Então! Ninguém quer morrer?

De facto, ninguém o desejava...

Homem de poucas falas, empregava com frequência a expressão «carcaça». Era assim que considerava os capatazes e a polícia; não excluindo a mulher:

— As minhas calças estão rotas; não viste, velha carcaça?

Certo dia, o filho já havia completado catorze anos, Vlassov sentiu ganas de lhe puxar o cabelo. Paulo empunhou um martelo, e disse-lhe apenas:

— Não te aproximes!...

— Porquê? — pergunta-lhe Vlassov, dirigindo-se a ele, qual sombra de bétula nova.

— Basta! — respondeu Paulo. — Não me tocarás...

E atirou o martelo.

O pai olhou-o, de mãos atrás das costas e com ar brincalhão, e exclamou:

— Maldita carcaça!

Virando-se para a mulher, disse-lhe:

— Não voltes a pedir-me dinheiro. É o Paulo quem to dará.

Ela arriscou:

— Então, vais gastá-lo todo na bebida?

— Isso não te diz respeito, carcaça. Arranjarei uma amante.

E durante cerca de dois anos, até ao dia em que morreu, nunca mais olhou o filho, nem lhe falou.

Tinha um cão, grande e peludo como ele. Diariamente o animal acompanhava-o à fábrica e esperava-o ao fim da tarde. Nos domingos, Vlassov andava de taberna em taberna. Fazia-o sem dizer palavra, como se procurasse alguém, olhando furtivamente as pessoas que por ele passavam. Tinha por companheiro o cão que, de cauda caída, o seguia durante o passeio. Depois, cansado e embriagado, voltava a casa, sentava-se à mesa, e ele e o cão comiam do mesmo prato.

Tratava o cão com indiferença. Não lhe batia, mas também não o acarinhava. Quando acabava de comer, se a mulher não retirasse logo da sua frente a louça, atirava com tudo para o chão. Apoiando-se à parede, com uma garrafa de aguardente à sua frente, de boca aberta e olhos fechados, saía-lhe da garganta uma canção rouca e sinistra. Os melancólicos e vulgares versos da canção tropeçavam nos bigodes, dos quais caíam migalhas de pão. Os grossos dedos alisavam a barba, enquanto cantavam. As palavras eram inaudíveis, dolentes; a ária fazia lembrar as melopeias dos lobos no inverno. Só cantava enquanto tinha aguardente, depois deitava-se em cima do banco, ou apoiava a cabeça sobre a mesa, ficando assim até que a sereia da fábrica o despertasse. O cão mantinha-se ao lado dele.

Morreu com uma hérnia. Ao longo de cinco dias, debateu-se no leito da agonia, as faces crispadas e as pálpebras cerradas, e os dentes

rangendo. Por vezes, dizia à mulher:

— Dá-me veneno... veneno dos ratos...

O médico receitou-lhe cataplasmas, mas afirmou ser indispensável uma operação, e que teriam de o levar ainda nesse dia para o hospital.

— Que vá para o inferno, carcaça! — disse Vlassov.

Quando o médico saiu, a mulher a chorar, tentou convencê-lo a submeter-se à intervenção cirúrgica. Teve como resposta uma ameaça:

— Eu que me cure, que bem mas pagas!

É manhã. A sereia toca, chamando os operários à fábrica, e Vlassov morre. No caixão, tinha a boca aberta, mas as sobrancelhas franzidas e irritadas. Acompanharam-no no funeral, a mulher, o filho, o cão, Danilo Vessovchikov, velho ladrão e bêbado que foi expulso da fábrica, alguns miseráveis do bairro. A mulher choramingou. O filho não verteu uma lágrima. Aqueles que o conheciam e se cruzavam com o cortejo fúnebre, paravam, persignavam-se e diziam uns para os outros:

— A Pelágia deve estar contente por ele ter morrido...

Havia quem corrigisse:

— Não morreu, estourou!

Cumpridas as cerimónias fúnebres, os acompanhantes deixaram o cemitério. Apenas o cão ficou, deitado sobre a areia húmida. Apareceu morto dias depois, sem se saber quem o matou.

Num domingo, quinze dias depois da morte do pai, Paulo chegou a casa embriagado. Entrou na sala cambaleante, deu um soco na mesa, como era hábito o pai fazer, e gritou:

— O jantar!

A mãe aproximou-se, sentou-se ao pé dele e, acariciando-o, atraiu a cabeça dele para o peito. Ele, tomando o ombro da mãe, como apoio, repeliu-a gritando:

— Vá, mãe, depressa!

— Meu bruto! — disse ela, com voz triste e acariciante, vencendo a resistência de Paulo.

— Quero fumar! Traz-me o cachimbo do pai — resmungou. A língua entaramelada movia-se-lhe com dificuldade.

Foi a primeira vez que se embriagou. O álcool tirou-lhe a força do corpo, mas não lhe tirou a lucidez, e no seu íntimo perguntava insistentemente: «Estou bêbado?... Estou bêbado?...»

A mãe afagava-o e isso perturbava-o. Viu tristeza nos olhos dela, e isso emocionou-o. Sentia vontade de chorar; para não o fazer, fingia-se mais embriagado do que na verdade estava.

A mãe afagava-lhe os cabelos, emaranhados e molhados de suor; e falava-lhe com ternura:

— Não o devias ter feito...

Sentiu náuseas. Depois de uma crise de vômitos violentos, a mãe levou-o para a cama, pondo-lhe uma toalha húmida sobre a testa pálida. Sentiu-se melhor, mas ainda via tudo a andar à roda; as pálpebras pesavam-lhe e sentia um sabor amargo na boca; sem parar de pensar por um só momento, de olhos entreabertos, olhava o rosto preocupado da mãe.

— É muito cedo para mim — dizia. — Os outros bebem e não lhes faz mal... mas o álcool agonia-me...

Como que muito ao longe, ouvia a voz meiga da mãe:

— De que vou eu viver, se começas a beber?

De olhos fechados, respondeu:

— Todos bebem!...

A mulher teve um suspiro. Aquilo era verdade. Sabia perfeitamente que o único refúgio de evasão para quem buscasse alegria, era a taberna. Mesmo assim, porém, disse-lhe ainda:

— Não voltes a beber. O teu pai bebeu por ti e por ele. E bastante sofri por isso. Podias ter pena da tua mãe...

Havia nestas palavras uma mistura de ternura e tristeza; e recordou então a vida silenciosa e monótona da mãe, sempre na expectativa das pancadas. Paulo notava agora que tinha abandonado um pouco a mãe, pois nos últimos tempos de vida do pai, ele pouco parava em casa, evitando assim que se encontrassem.

Começava a ficar mais lúcido; olhava a mãe atentamente.

Era esguia e um pouco curvada; o corpo, quebrado por uma lida constante e pelos maus tratos do marido, movia-se de um lado para o outro, sem fazer ruído, um pouco de esguelha, como que evitando chocar contra qualquer coisa. Tinha um rosto largo e oval, enrugado e um pouco inchado. Os olhos eram negros, tristes e inseguros, como os de quase todas as mulheres do bairro. Uma cicatriz profunda alterava a posição da sobrancelha direita, e a orelha desse lado parecia também mais alta do que a outra; dava sempre a impressão de estar atenta a qualquer ruído. Os seus cabelos, com manchas contrastantes, eram negros e espessos. Toda ela era ternura, tristeza e resignação...

Lágrimas deslizavam-lhe docemente pelo rosto.

— Não chores — disse-lhe Paulo com carinho. — Tenho sede.

— Vou buscar-te água gelada.

Ele já tinha adormecido quando Pelágia voltou.

Ficou parada por momentos a olhá-lo; as mãos tremiam-lhe e o gelo dentro do copo dançava de um lado para o outro. Pô-lo em cima da mesa e, sem fazer barulho, ajoelhou-se diante dos ícones. Com os gritos dos ébrios que passavam na rua, os vidros das janelas vibravam. Naquela noite de outono, um acordeão gemia, entre trevas e nevoeiro; gente que cantava a plenos pulmões; alguém injuriava com palavras obscenas; ouviam-se vozes inquietas de mulheres, numa mistura de ira e cansaço.

Em casa dos Vlassov a vida continuava, mais calma, mais

pacífica que anteriormente, um pouco diferente até da das outras casas. A habitação ficava situada no fim da rua principal, perto de uma calçada pequena mas íngreme, que terminava num pântano. A casa era pequena. A cozinha e um quartito pequeno, separado, por uma parede improvisada, onde dormia a mãe, ocupava um terço; depois havia uma sala quadrangular, com duas janelas; num canto, estava a cama de Paulo, no outro, uma mesa e dois bancos. Um cadeiras, uma cómoda para roupa, um relógio de parede e dois ícones num canto, ocupavam o resto do espaço.

Paulo, assim como todos os rapazes da sua idade, comprou um harmónio, uma camisa com peitilho engomado, uma gravata garrida, sapatos, uma bengala, e passou a viver com eles. Ia aos bailes, aprendeu a dançar a quadrilha e a polca. Aos domingos, só ia para casa quando estava embriagado e continuava a não suportar a vodka. No outro dia estava amarelo, abatido, doía-lhe a cabeça e tinha cólicas no estômago.

Um dia, a mãe perguntou-lhe:

— Então, divertiste-te muito ontem à noite?

Respondeu irritado:

— Aborreci-me terrivelmente. Vou passar a ir à pesca ou compro uma espingarda. É melhor.

Era zeloso no trabalho, sem faltas nem multas. Melancólico, de olhos azulados, grandes como os da mãe, que deixavam transparecer insatisfação. Não comprou a espingarda, nem foi à pesca, mas afastou-se lentamente da vida comum aos rapazes, ia raras vezes ao baile, e ao domingo, fosse aonde fosse, não se embriagava. A mãe, atenta, apercebeu-se do emaciamento progressivo do seu rosto tisonado. O olhar tornou-se mais grave e os lábios adquiriram uma estranha dureza.

Parecia possuído de uma fúria contida, ou atacado pela doença. Dantes os camaradas procuravam-no, mas agora, como era raro encontrar-se em casa, deixaram de o fazer. A mãe ficou feliz, quando viu que Paulo já não vivia como os outros rapazes, mas quando lhe notou a obsessão pela fuga à sombria corrente de vida comum, uma sensação de perigo invadiu-lhe o coração.

— Filho, sentes-te bem? — perguntou-lhe algumas vezes.

— Sinto, mãe! — respondia.

— Estás mais magro — suspirava ela.

Ele comprava livros que lia às escondidas, fechando-se depois em qualquer parte. Às vezes copiava um artigo num pedaço de papel, que depois escondia também.

Raramente falavam ou estavam juntos. De manhã tomava o pequeno-almoço em silêncio e saía para o trabalho; ao meio-dia vinha almoçar; à mesa falava com a mãe de coisas sem interesse, e saía de novo, até ao anoitecer. No fim de um dia de trabalho, tomava banho, jantava e entregava-se de novo à leitura. Aos domingos saía logo de manhã e voltava só à noite. Pelágia sabia que ele ia à cidade, que ia ao teatro, mas ninguém da cidade o vinha visitar. O filho parecia-lhe menos falador, notava que à medida que o tempo ia passando, ele empregava palavras novas, que ela não sabia o que queriam dizer, e que os modos grosseiros e brutais, frequentes nele anteriormente, iam desaparecendo. Havia alguns pormenores no novo comportamento do filho, que chamavam especialmente a atenção de Pelágia: deixou de se alindar, passou a ter mais cuidado com a higiene e apresentação das suas roupas, tornou-se mais ágil no andar, de aparência mais simples, mais afável; isso preocupava a mãe. Também o comportamento para com ela tinha sofrido modificação; aos domingos fazia a cama, por vezes varria o quarto e quase sempre a ajudava nas tarefas mais diversas.

Naquele bairro, ninguém procedia assim.

Um dia, levou para casa e pendurou na parede um quadro em que três personagens caminhavam com agilidade e entusiasmo, conversando.

— É Cristo ressuscitado a caminho de Emaús! — explicou Paulo.

Pelágia gostou do quadro, mas pensou: «Adoras Cristo, mas não vais à igreja!...»

Um camarada de Paulo, que era marceneiro, fizera-lhe uma bonita prateleira, onde ele arrumava os livros que continuavam a aumentar de número. O quarto tinha um aspeto agradável. Tratava-a por «senhora» e «a mãe», mas por vezes, subitamente, dizia-lhe

palavras afetuosas:

— Não fiques preocupada, mãe. Chego tarde esta noite.

Ela tinha a impressão de que havia algo de forte e sério, quando ouvia estas palavras, que lhe eram agradáveis.

A sua preocupação aumentava, e não encontrava paz no tempo que passava. Pressentia que alguma coisa de anormal iria passar-se, e isso deprimia-a. Não poucas vezes, ficava triste com o filho, e pensava: «As pessoas vivem, normalmente, como seres humanos que são. Mas Paulo é diferente. É inocente de mais para a sua idade.»

E interrogava-se: «Não terá nenhuma amiga jovem?»

Mas como poderia andar com uma rapariga, se para isso precisava de dinheiro e ele entregava o ordenado todo.

E vivendo assim uma vida estranha em silêncio, repleta de receios, preocupações, que não cessavam, se passavam semanas, meses, anos até.

Uma noite, depois de jantar, Paulo correu as cortinas das janelas, sentou-se num canto, a ler, com o candeeiro de petróleo, por cima da cabeça, suspenso na parede. Depois de lavar a louça, a mãe saiu da cozinha e, hesitante, aproximou-se dele. Ele ergueu a cabeça num jeito interrogador.

— Sou eu... Não é nada, filho — disse ela afastando-se rapidamente, de testa franzida e ar confuso. Por momentos ficou imóvel, no meio da cozinha, pensativa, preocupada; voltou para junto do filho, depois de lavar as mãos com cuidado. — Gostava de saber — murmurou — o que é que lêes com tanto interesse!

Ele guardou o livro.

— Queres sentar-te, mãe?

Direita, atenta a qualquer coisa de grave, sentou-se pesadamente a seu lado. Inexplicavelmente, com rudeza, sem a olhar, Paulo começou a falar em voz baixa.

— Leio livros proibidos. E são proibidos porque revelam a verdade sobre a vida dos operários... São impressos na clandestinidade, e se os encontram cá em casa levam-me para a prisão. E isto, só por eu querer saber a verdade. Compreendes?

A respiração dela tornou-se ofegante; estupefacta, fixou o filho. Pareceu-lhe diferente, estranho. A voz não era a mesma, mais baixa, mais cheia, mais melodiosa. O olhar estranho, sob as pestanas, perdia-se no vazio. Com os dedos grandes e magros, brincava com o pelo fino do seu bigode de adolescente. O receio, a preocupação pelo filho invadiram-na.

— Fazes isso porquê, Paulo? — murmurou.

Ele levantou a cabeça, deitou-lhe um olhar rápido e, tranquilamente, sem alterar a voz, respondeu:

— Quero saber a verdade.

Os olhos brilhavam obstinados, a voz era velada, mas firme. Para ela havia nas palavras do filho qualquer coisa de misterioso e terrível, e o coração de mãe dizia-lhe que Paulo se tinha entregue para sempre

a essa vontade de saber. Habituar-se ao longo da vida a aceitar os factos como inevitáveis, a submeter-se aos mesmos com resignação. Sem encontrar palavras para exprimir o desgosto e a angústia que lhe apertavam o coração, lentamente, as lágrimas deslizavam-lhe pela face.

— Não te quero ver chorar — disse o filho com meiguice, que para ela soou como se fosse a despedida. — Ora pensa... que vida é a nossa? Aos quarenta anos, podes por acaso dizer que viveste? Compreendo agora que o pai se vingava em ti, do pesar, da triste vida que tinha e que não sabia de onde lhe vinha; por isso te batia. A fábrica agora tem sete edifícios. Quando ele lá começou a trabalhar, há trinta anos, tinha apenas dois.

Escutava-o assombrada, com avidez. Os olhos do filho estavam brilhantes, belos e claros; ali, com o peito apoiado na mesa, mais próximo da mãe, quase a tocar-lhe o rosto banhado em lágrimas, era a primeira vez que contava o que havia compreendido. Com a fé existente na gente moça, com o calor do aluno que se orgulha dos seus conhecimentos, na veracidade dos quais crê piamente, falava de tudo o que era para si evidente. Ao falar, fazia-o mais para observar as próprias convicções do que para a mãe. Quando parava por lhe faltarem as palavras, via então um rosto aflito onde cintilavam dois olhos bondosos, marejados de lágrimas, cheios de terror e perplexidade. Sentiu pena da mãe e continuou a falar, mas desta vez dela mesma, da sua vida.

— Que alegrias tiveste? Sabes dizer-me o que houve de bom na tua vida?

Escutava e abanava a cabeça com tristeza; experimentava a sensação de algo novo e desconhecido, dor e alegria, e isso acariciava-lhe o coração martirizado. Ouvia pela primeira vez falar assim da sua vida, de si própria, e as palavras acordavam-lhe pensamentos vagos, há muito tempo adormecidos, que viviam lentamente a sensação de uma contida insatisfação de vida; reavivam-se os pensamentos e as impressões de uma mocidade há já muito vivida. Lembrou então os tempos de criança, as amigas, falou de tudo em pormenor, mas ela, assim como as outras, não sabia fazer mais nada senão lamentar-se.

A vida era difícil e espinhosa, e ninguém conseguia explicar porquê. Os olhos, o rosto, as palavras do filho e tudo o que elas exprimiam, emocionavam-na, enchiam-na de orgulho porque tinha um filho que a compreendia, lhe falava dos seus sofrimentos e a lamentava.

— Às mães, ninguém as lamenta.

Ela sabia-o. Aquilo que o filho lhe dizia da vida das mulheres era verdade, a triste verdade; sentia palpar-lhe no peito uma multidão de novas sensações, e a ternura, rara em si, aquecia-lhe o coração.

— Que pensas fazer, então?

— Primeiro aprender, depois ensinar os outros. Nós, os operários, devemos estudar. Temos de saber, precisamos entender porque é a vida tão difícil para nós.

Os olhos azuis de Paulo, sempre sérios e severos, brilhavam agora com ternura e afabilidade, e isso agradava à mãe. Os lábios de Pelágia entreabriam-se num leve sorriso de alegria, enquanto as lágrimas teimosas, ainda rolavam pela face rugosa. Dois sentimentos distintos dividiam-na: sentia-se orgulhosa do filho, que sabia distinguir os motivos de uma existência miserável, mas não podia esquecer que ele era jovem, que vivia como os camaradas, e havia resolvido lutar sozinho contra a rotina do dia a dia, em que ela e os outros viviam. Quis dizer-lhe:

— Meu pequenino, que podes tu fazer?

Mas o filho, subitamente, tinha-se revelado inteligente... embora um pouco estranho, e ela receava não o saber admirar devidamente.

Permanecia o sorriso nos lábios da mãe, a atenção no rosto, o amor nos olhos, e Paulo apercebeu-se disso; ficou convencido de lhe ter sabido mostrar a verdade, e o orgulho do rapaz, na persuasão da palavra, exaltou a fé em si mesmo. Falava umas vezes cheio de entusiasmo outras sarcástico, outras ainda, franzindo as sobrancelhas, deixando transparecer ódio na voz; e quando a mãe ouvia essa cruel entoação, abanava a cabeça, receosa, perguntando em voz baixa:

— É realmente assim, Paulo?

Ele, com voz firme, respondia:

— Claro!

Dizia à mãe que havia homens querendo o bem do povo, espalhando a verdade, e, por o fazerem, eram perseguidos como animais selvagens, encarcerados nas prisões, ou enviados para os trabalhos forçados, pelos inimigos da vida...

— Vi algumas dessas pessoas! — gritou com calor. — São as melhores do mundo.

Estas palavras excitavam o terror da mãe, que queria ainda perguntar: «É realmente assim?»

Mas não se atrevia e, sem forças, ouvia o relato de Paulo acerca das pessoas, para ela incompreensível, que tinham ensinado ao filho um modo de pensar e falar tão perigoso para ele.

— É já madrugada... Se te fosses deitar? — disse ela.

— Vou já — respondeu. Curvando-se, perguntou: — Entendeste tudo o que te disse?

— Compreendi! — murmurou. Lágrimas voltaram a bailar-lhe nos olhos, dizendo num soluço: — Tu vais perder-te !

— Conte-te tudo. Agora sabes o que faço e aonde vou. Peço-te, mãe, se me amas não me impeças!

— Querido filho — disse-lhe — talvez fosse preferível que não me tivesses dito nada.

Ele tomou entre as suas as mãos dela e apertou-as com carinho.

Sensibilizou-a o calor com que ele dissera a palavra «mãe», assim como aquele novo e estranho apertar de mãos.

— Não farei nada... para te contrariar — respondeu com a voz embargada. — Mas toma cuidado, toma cuidado.

Sem saber bem de que devia ele ter cuidado, disse-lhe ainda com tristeza:

— Estás cada dia mais magro...

E envolvendo-lhe o corpo robusto e bem proporcionado com um olhar quente e acariciador, acrescentou rapidamente e em voz baixa:

— Que Deus te proteja. Não te impedirei de fazeres o que quiseses. Mas uma coisa te vou pedir: tem cuidado ao falares com as pessoas; não confies; elas desprezam toda a gente, são ávidas, invejosas. São felizes quando fazem mal. Se vais dizer as verdades, julgar-te-ão, odiar-te-ão e deitar-te-ão a perder.

Encostado à porta, de pé, Paulo ouve as palavras amargas e sorri:

— Tens razão, as pessoas são más, na verdade. Mas quando eu vi que havia verdade na terra, comecei a vê-las melhores!...

Sorriu novamente.

— Nem sei como isso aconteceu. Quando era garoto, tinha medo de toda a gente... Depois cresci, comecei a odiar uns e outros; uns porque eram cobardes, nem eu sei porquê, porque os odiava. No entanto, agora vejo-os, julgo que os lamento. Quando me apercebi que eles não são responsáveis pela sua baixeza, sem dar conta, o meu coração enterneceu-se.

Calou-se por momentos, como se esperasse qualquer resposta vinda do interior, pensativo, prosseguindo:

— Aí está, como a verdade se revela.

A mãe levantou os olhos e murmurou:

— Ó meu Deus, como estás diferente e que medo eu tenho.

Quando Paulo se deitou e adormeceu, a mãe ergueu-se sem fazer barulho e foi para junto da cama dele. Paulo, de barriga para o ar, dormia, e o rosto branco, obstinado e severo, desenhava-se na almofada. Descalça, em camisa, de braços cruzados sobre o peito, ficou ali, olhando o filho, enquanto os seus lábios se moviam, em silêncio, e dos olhos brotavam lentamente, uma a uma, lágrimas pesadas e inquietas.

A vida, em silêncio, lá ia continuando para os dois. Voltaram a estar ora próximos, ora afastados.

Paulo, um dia feriado, a meio da semana, disse à mãe ao sair:

— Convidei pessoas da cidade para cá virem no sábado.

— Da cidade? — repetiu a mãe; e rompeu a chorar.

Paulo, aborrecido, perguntou-lhe:

— Vá, diz, porque choras?

Ela suspirou e limpou a cara ao avental.

— Não pude conter-me... desculpa.

— Tens receio?

— Tenho — confirmou.

Num tom de voz irritado, curvou-se e falou-lhe como a uma criança.

— É cheios de medo que todos vivemos. E aqueles que têm o poder nas mãos aproveitam-se disso e atemorizam-nos ainda mais.

A mãe gemeu:

— Não fiques zangado. Como queres que não tenha medo, se toda a minha vida o tive?

Mais calmo, ele respondeu:

— Perdoa-me. Não posso ser de outro modo.

Foi-se embora.

Andou nervosa durante três dias. Mas mais nervosa ficava ainda quando se lembrava que gente da cidade viria a sua casa; eram pessoas estranhas que ela temia. O filho aprendera com eles o caminho que agora seguia.

Na tarde de sábado, Paulo chegou a casa, tomou banho, trocou de roupa e voltou a sair, dizendo à mãe sem a olhar:

— Se chegarem primeiro, diz-lhes que não demoro. E não receies, peço-te.

Sentou-se num banco, sem forças. Paulo franziu a testa e perguntou-lhe:

— Talvez queiras... sair?

Ela ficou humilhada. Num gesto negativo abanou a cabeça.

— Não. Sair? Porquê?

Novembro chegava ao fim. O chão gelado estava coberto de uma camada de neve fina como pó, caída durante todo o dia, e que ela ouvia agora ceder sob o peso dos passos do filho. Nas vidraças, apresentavam-se as trevas espessas, estáticas, hostis, vigilantes. De olhos fixos na porta, mãos apoiadas no banco, sentada, ela espera.

Na escuridão, figuras sinistras, com trajos estranhos, convergem de todos os cantos da casa. Andavam como lobos, quebrados, olhando para todos os lados. E já alguém andava à volta da casa, apalpando a parede com as mãos.

Ouviu-se um assobio. Cortou o silêncio, fino fio de som, triste e harmonioso, soou hesitante no vazio das trevas. Ficou mais perto, procurava alguma coisa. Rapidamente, desapareceu debaixo da janela, como se se tivesse infiltrado na madeira.

Passos na entrada. A mãe estremeceu e, com os olhos esbugalhados, levantou-se.

A porta abriu-se. Primeiro ela viu uma cabeça coberta por um gorro grosso de peles, depois um corpo alto e forte deslizou lentamente, endireitou-se, levantou molemente o braço direito e, suspirando com ruído, saudou profundamente:

— Boas noites!

A mãe inclinou-se, sem falar.

— O Paulo não está?

O homem, sem pressa, despiu o casaco forrado, levantou o pé, sacudiu com o boné a neve acumulada na bota, fez o mesmo com a outra, arremessou-o depois para um canto, e, gíngando-se nas enormes pernas, entrou na sala. Aproximou-se de uma cadeira, observou-a como que querendo certificar-se da sua solidez, acabou por se sentar, tapando a boca com a mão, num bocejo. A cabeça tinha uma forma arredondada, rosto barbeado, uns grandes bigodes de pontas caídas. De olhos cinzentos, esbugalhados, pernas cruzadas, balouçando-se na cadeira, ao mesmo tempo que mirava o aposento, perguntou:

— E a choupana, é comprada ou alugada?

— Alugada — respondeu Pelágia, sentada em frente dele.

— Não é rica — disse.

— Espere pelo Paulo, não deve demorar — disse ela num murmúrio.

— É isso que faço! — retorquiu a grande personagem.

Encorajou-a a calma, a voz doce e a simplicidade daquele rosto. O homem olhou-a francamente, com ar amável. Havia algo de humor, que bem dispunha a seu respeito, naquela figura angulosa, curvada, de longas pernas e olhos cinzentos, de onde transparecia uma enorme alegria. Umas calças pretas, metidas dentro das botas, e uma blusa azul, completavam a sua indumentária.

A mãe apeteceu-lhe perguntar quem era, de onde vinha, há quanto tempo conhecia o filho, mas de repente ele deu um balanço de todo o corpo e perguntou:

— Quem lhe fez essa cicatriz na cabeça?

A voz era íntima e bailava-lhe nos olhos um sorriso amigo e claro. Contudo, Pelágia irritou-se com a pergunta. Fechou os lábios e depois de um curto silêncio ripostou com fria indiferença:

— Em que é que isso lhe diz respeito, meu caro senhor?

Virou-se para ela de frente.

— Vá, não fique zangada. Perguntei, porque a minha mãe adotiva tinha uma cicatriz igual. Fez-lha o companheiro, com um atizador. Era lavadeira e ele era sapateiro. Conheceu-o não sei onde, na altura em que me adotou. Um bêbado que a fez infeliz. Sovava-a que não queira saber. Eu tinha um medo terrível dele...

Ficou desconcertada com aquela franqueza, e pensou que se Paulo a tivesse ouvido, decerto teria ficado aborrecido pelo mau humor com que respondera ao companheiro. Sentindo-se culpada, sorriu:

— Não fiquei zangada, mas não esperava que me interrogasse... assim... de repente... Foi o meu marido que me deu este presente, Deus o tenha com ele. O senhor não é Tártaro?

As pernas longas tremeram-lhe e o rosto iluminou-se com um sorriso tão largo que as próprias orelhas se alongaram para a nuca. Depois, muito sério, respondeu:

— Não, ainda não.

Mas o modo como se exprime não parece de um russo! — explicou ela, sorrindo ao compreender a ironia dele.

Alegremente, abanando a cabeça, respondeu:

— É melhor que a de um russo. Sou um pequeno-russo, da cidade de Daniev.

— Está cá há muito tempo?

— Morei na cidade cerca de um ano; agora vim aqui para a fábrica. Estou cá há perto de um mês e conheci ótimas pessoas, o seu filho e outros... Quero ficar a viver aqui... — acrescentou, mordendo os bigodes.

Aquela referência ao filho agradou-lhe e ficou reconhecida. Quis compensá-lo.

— Quer tomar uma chávena de chá?

— Quero, mas vou esperar pelos outros. Quando eles chegarem, então a senhora fará as honras da casa.

Ficou nervosa e pensou: «Espero que sejam todos como ele.»

Ouviram-se de novo-passos no corredor; a porta abriu-se vivamente. A mãe pôs-se de pé. Surpreendida, viu entrar uma jovem pequena, com um rosto simples de aldeã e uma grossa trança de cabelos claros.

— Não cheguei atrasada?

— Não — confirmou o outro. — Veio a pé?

— Claro. A senhora é a mãe do Paulo? Boas noites: chamo-me Natacha.

— E o nome do pai?

— Vassilievna. E a senhora?

— Pelágia Nilovna.

— Muito bem. Agora já nos conhecemos...

— Já — anuiu a mãe, com um ligeiro suspiro, enquanto observava a rapariga, sorrindo.

O pequeno-russo ajudou-a a tirar o casaco.

— Está frio?

— Oh! Muito frio nos campos. O vento sopra.

A voz era melodiosa e clara. A boca pequena e carnuda. Toda ela era cheia e fresca. Depois de ter tirado o casaco, esfregou

vigorosamente as faces coradas com as mãos vermelhas de frio e entrou rapidamente para a sala, batendo com os tacões das botinas no soalho.

A mãe pensou: «Ela não tem botas de borracha.»

— Ah!... — exclamou a jovem, estremecendo. — Estou toda gelada...

— Vou buscar-lhe um chá bem quente — disse a mãe ao mesmo tempo que se punha de pé e se dirigia para a cozinha.

Teve a impressão de que conhecia a rapariga há muito tempo e que lhe «queria» como uma mãe, boa e amável. Sorrindo, prestou atenção à conversa dos jovens na sala.

— Você tem um ar muito feliz.

— Mais ou menos... — respondeu o interlocutor em voz baixa. — Ao ver os olhos meigos da viúva, pus-me a pensar se os da minha mãe serão iguais. Suponho que ela mendiga algures em Kiev, se embriaga com vodka e que os polícias lhe batem quando está bêbeda.

«Pobre homem», lamentou a mãe, suspirando. Natacha começou a falar apressadamente, com entusiasmo, mas baixo. Depois, ouviu-se de novo a voz melodiosa do pequeno-russo.

— É ainda muito nova, camarada, ainda não comeu muito pão, daquele que o diabo amassou. Pôr uma criança no mundo é difícil, educá-la é muito pior.

«Ora vejam», pensou a mãe; sentiu vontade de dizer palavras amáveis, mas a porta abriu-se para dar passagem a Nicolau Vessovchikov. Filho de um velho ladrão, ninguém o considerava no bairro. De caráter insociável, não convivia com outras pessoas, devido ao seu temperamento aborrecido, por isso todos versejavam a seu respeito. Admirada, Pelágia perguntou-lhe:

— Quem procura, Nicolau?

Limpou, com a mão muito grande, a cara gelada, de maçãs salientes e, sem saudar ninguém, perguntou surdamente:

— O Paulo está?

— Não.

Olhou para a sala e entrou.

— Boas noites, camaradas.

«Também ele», pensou Pelágia com hostilidade, surpreendendo-se ao ver Natacha cumprimentá-lo alegre e afetuosamente.

Chegaram, depois, dois rapazes muito novos, ainda adolescentes.

Um deles era conhecido de Pelágia: era Teo, sobrinho de um operário da fábrica, o velho Sizov. Tinha traços angulosos, testa alta e cabelos ondulados. O outro, de cabelos lisos e aspeto modesto, não o conhecia, mas tinha também um ar agradável. Por último, chegou Paulo, com mais dois camaradas, que ela conhecia e que eram operários na fábrica. O filho disse-lhe, gentilmente:

— Arranjaste o chá? Obrigado.

— Preferes aguardente? Posso ir comprá-la... — propôs ela, sem saber como exprimir um sentimento de gratidão que inconscientemente experimentava.

— Não, não é preciso — respondeu Paulo com gentileza.

Lembrou-se então de que talvez o filho tivesse exagerado, voluntariamente, a importância desta reunião para brincar com ela.

— Paulo, são estas as pessoas perigosas? — perguntou-lhe ao ouvido.

— Podes crer que são — respondeu Paulo ao mesmo tempo que entrava na sala.

— Bem! — disse ela, satisfeita. E para si: «É ainda uma criança.»

A água do samovar fervia e ela trouxe-o para a sala. Os convidados tinham-se sentado à volta da mesa. Natacha, com um livro na mão, tomou lugar numa das extremidades, próximo do candeeiro.

— Para compreender quais os motivos por que as pessoas vivem tão mal... — começou Natacha.

— E porque são em si mesmos tão maus — cortou o pequeno-russo.

— É preciso que se estude como começaram a viver...

— Olhem, meus filhos — murmurou a mãe quando servia o chá. Todos emudeceram.

— Que disseste, mãe? — interrogou Paulo, de testa enrugada.

— Eu? — Vendo que todos a olhavam, explicou atrapalhada: — Não sei, estava a falar sozinha.

Natacha desatou a rir, Paulo sorriu e o pequeno-russo disse:

— Obrigado pelo chá.

— Mas ainda não o bebeu e já me agradece! — replicou ela. Olhando o filho, acrescentou: — Incomodo-vos aqui?

Foi Natacha quem respondeu:

— Acaso a dona de casa incomoda os convidados?

E continuou, num tom acriançado e choroso:

— Dê-me depressa o chá, minha querida Pelágia. Estou a tremer... Tenho os pés gelados.

— Pronto, já está — disse a mãe, alegremente.

A rapariga sorveu num instante o chá, suspirou com grande ruído, pôs para trás a trança e começou a ler um livro de capa amarela. A mãe evitava fazer barulho com as chávenas, servia o chá e ficava atenta à voz melodiosa e clara da rapariga, acompanhada pela doce canção do samovar. Como num quadro maravilhoso, desenrolava-se a história dos homens da pré-história, que viviam nas cavernas, e matavam à pedrada os animais selvagens. Pelágia olhou várias vezes para o filho, como se esperasse que este lhe explicasse o que havia de proibido naquele conto, que mais parecia um conto

maravilhoso. Mas ao fim de pouco tempo já estava cansada da narrativa e pôs-se a observar os circunstantes. Paulo, ao lado de Natacha. Era o mais esbelto de todos. A rapariga, dobrada sobre o livro, puxava para trás, insistentemente, o cabelo que lhe caía para a frente. Abanando a cabeça, e em voz baixa, interrompeu algumas vezes a leitura, para fazer comentários meramente pessoais, enquanto os seus olhos corriam amigavelmente os rostos dos companheiros. O pequeno-russo apoiava o largo peito no canto da mesa e torcia os olhos, esforçando-se por ver as pontas dos bigodes. Vessovchikov, sentado na cadeira, de mãos sobre os joelhos, lembrava um manequim. De rosto bexigoso, sem sobrancelhas, de lábios finos, parecia uma máscara. De cobre brilhante, o samovar refletia os seus traços fisionómicos, que os seus olhos pequenos olhavam demoradamente. Parecia que nem respirava. O pequeno Teo, atento à leitura, movia os lábios como se, em silêncio, repetisse as palavras que acabava de ouvir, enquanto o seu camarada, curvado, de rosto apoiado nas mãos, cotovelos fixos nos joelhos, sorria com ar pensativo. Um dos rapazes que tinham chegado com Paulo era ruivo, de cabelo frisado e olhos verdes vivos. Parecia querer dizer qualquer coisa, porque se mexia impacientemente. O outro, de cabelos curtos, aloirados, alisava-os com a mão, de olhos postos no chão, não permitindo que se lhe visse o rosto. A sala tinha agora um ambiente agradável. A mãe sentia um bem-estar especial, inexperimentado até ali, e enquanto Natacha, volúvel, continuava a leitura, vinham-lhe à ideia os serões barulhentos do seu tempo de rapariga, as grosserias, o cheiro a álcool, e as piadas cínicas dos rapazes. O coração contraiu-se-lhe num sentimento de pena por si própria, ao invocar esses tempos. Apareceu-lhe ao pensamento o pedido de casamento do seu falecido marido. Num dos serões, tinha-a agarrado na obscuridade da entrada, apertara-a com todo o seu corpo contra a parede e, com voz surda e irritada, perguntara:

— Queres casar comigo?

Ela sentiu-se humilhada. Magoava-a, apertando-lhe o peito. Sentia no rosto o hálito quente e húmido da sua respiração. Quis libertar-se, fugir-lhe das mãos.

— Aonde vais? — disse-lhe ele. — Responde!

Abriu-se a porta do vestíbulo, ele deixou-a lentamente e disse:

— Mandar-te-ei pedir no domingo.

E fez o que disse:

Com os olhos fechados, Pelágia suspirou profundamente.

De repente, Vessovchikov disse, com voz insatisfeita:

— Não me interessa como viviam os homens antes, mas sim como devemos viver agora!

— Tens razão. Concorde contigo — disse o ruivo.

— Eu não estou de acordo — bradou Teo.

A discussão estalou, as exclamações brotaram como línguas de fogo numa pira. A mãe não percebia o motivo por que gritavam, tinham os rostos vermelhos da excitação, mas nenhum estava zangado, nem proferiram palavras obscenas, como era hábito nas discussões.

«Têm vergonha da rapariga», pensou a mãe.

Sentiu prazer em observar o ar grave de Natacha, que os olhava com atenção, como uma mãe faria com os filhos.

— Ouçam, camaradas! — falou a rapariga inesperadamente. Todos se calaram, olhando para ela. — Os que dizem que devemos saber tudo têm razão. A luz da verdade deve iluminar-nos; se queremos elucidar os que vivem na obscuridade, devemos estar aptos a responder a todas as perguntas honesta e fielmente. Devemos conhecer a verdade e a mentira...

O pequeno-russo ouvia e abanava a cabeça, seguindo o ritmo das palavras. Vessovchikov e o operário que fora com Paulo tinham outra opinião. A mãe não gostou deles, mas sem saber porquê.

Depois de Natacha falar, Paulo, tranquilamente, ergueu-se e perguntou:

— Será que nós só queremos comer até estarmos satisfeitos? Não! — respondeu com firmeza, olhando os outros três. — Devemos fazer ver àqueles que nos apertam a garganta, que nos tapam os olhos, que vemos tudo, que não somos estúpidos nem ignorantes, que não é apenas a comida que nos preocupa, mas sim viver com dignidade. Devemos mostrar aos nossos inimigos que, apesar de vivermos como

escravos, não tememos enfrentá-los pela inteligência e podemos até estar acima deles!

A mãe, ao ouvi-lo falar deste modo, vibrava de orgulho.

— Saciados há muitos, mas honestos não — disse o pequeno-russo. — Esta vida corrupta é um pântano sobre o qual devemos construir uma ponte que nos leve a um mundo onde reine o amor fraternal! É por isto que devemos lutar, camaradas!

— Quando é tempo de combater, não se arranjam as unhas! — ripostou surdamente Nicolau.

Já tinha dado a meia-noite quando terminou a reunião.

Primeiro, saíram Vessovchikov e o ruivo, e isso desagradou à mãe.

«Mas que pressa que eles têm», pensou com hostilidade, respondendo ao seu cumprimento de despedida.

— Nakhoda, quer vir comigo? — perguntou Natacha.

— Vou sim — respondeu o pequeno-russo.

A moça foi à cozinha vestir-se e a mãe, olhando-a, disse-lhe:

— As suas meias devem ser frias para este tempo. Quer que lhe faça umas de lã?

— Não, Pelágia, obrigado. As meias de lã picam — acrescentou, rindo.

— Posso fazer umas que não piquem.

Natacha olha-a com os olhos ligeiramente fechados e esse olhar fixo perturbou um pouco a mãe.

— Desculpe se fui tola... era com gosto.

A rapariga apertou-lhe a mão com ternura e disse:

— A senhora é muito boa.

— Boas noites! — despediu-se o pequeno-russo, olhando-a atentamente. Curvou-se para sair atrás de Natacha.

Paulo, de pé, no limiar da porta, sorria. A mãe perguntou-lhe:

— Porque ris?

— Por nada... Estou feliz.

— Bem vejo... sou uma velha tonta, mas sei ver o que está bem e o que está mal! — fez notar ela, humilhada.

— E tem razão! — anuiu ele. — Vá deitar-se, mãe, já são horas.

— Já vou.

Alegre, foi ainda levantar a mesa, transpirando mesmo um pouco com a agradável emoção que a invadia. O encontro tinha corrido muito bem, muito calmo, e isso deixou-a feliz.

— Gostei da tua ideia, Paulo. O pequeno-russo é muito simpático. E a rapariga... é muito inteligente!... Quem é?

— Ela é professora primária — respondeu bruscamente Paulo, passeando pela sala, de um lado para ao outro.

— É muito pobre!... E veste tão mal! Vai apanhar frio... E os pais dela, que fazem?

— Moram em Moscovo.

Parando em frente da mãe, Paulo continuou com hostilidade:

— O pai é dono de várias casas, negocea em ferro. É um homem rico. Natacha escolheu este caminho e ele pô-la fora de casa. Foi criada com todo o conforto, acarinhada por todos, e agora, vê lá, vai percorrer sozinha, a pé, mais de sete quilómetros.

Isto surpreendeu-a. Parada, calada, no meio da sala, olhava para o filho com a testa franzida de admiração. Depois perguntou:

— Vai ainda para a cidade?

— Vai.

— Ah!... E não tem medo?

— Não, não tem medo — disse Paulo, a sorrir.

— Porquê? Podia ter ficado aqui... Dormia ali na minha cama.

— Não interessava. Amanhã de manhã podia ser vista a sair daqui e não é conveniente.

A mãe aproximou-se da janela, pensativa, e falando baixo, disse:

— Não entendo o que há de perigoso, proibido nisto... não tem mal nenhum, pois não, Paulo?

Necessitava ouvir o filho confirmar as suas dúvidas, pois sentia-se insegura. Ele olhou-a nos olhos, calmamente.

— Não, não tem mal nenhum. No entanto é a prisão que nos espera a todos. É preciso que o saibas.

Com as mãos trémulas, a voz quebrada, disse:

— Talvez... se Deus vos ajudar, tudo venha a correr bem!

— Não — replicou ele, docemente — não te quero iludir, não

nos conseguiremos escapar.

Sorriu levemente ao dizer estas palavras.

— Vai-te deitar, mãe. Decerto estás cansada. Boas noites.

Quando ficou só, aproximou-se da janela, e ali ficou, contemplando a rua. A noite era escura e fria. O vento redemoinhava, varrendo a neve dos telhados das casas adormecidas, ia contra as paredes, sussurrando, caía na terra e empurrava ao longo das ruas nuvens brancas de flocos em pó.

— Jesus, tende piedade de nós — murmurou suavemente.

A certeza e a serenidade com que Paulo falara da perspectiva de infelicidade, fê-la ficar com os olhos marejados de lágrimas, comparando-se a uma ave noturna, só e desamparada.

A sua frente viu uma planície nua, coberta de neve, acompanhada de pequenos assobios; sopra um vento frio, branco, áspero, que avança em turbilhão. Uma minúscula mancha negra distancia-se no meio da planície. O vento dança, à volta das suas pernas, enche-lhe de ar as saias. Atira-lhe ao rosto pequenos e agudos cristais de neve. Os pés enterram-se-lhe na camada espessa e mole de neve que cobre o chão, dificultando-lhe o andar. Sente frio e medo. A rapariga está dobrada, como uma lâmina de erva, na planície revolta, no jogo endemoninhado do vento de outono. Do seu lado direito ergue-se sobre o pântano o muro sombrio da floresta, onde gemem as bétulas e os pinheiros compridos e nus.

O tremeluzir frágil das luzes da cidade aparece diante dela, distante, algures...

— Senhor, tende piedade de nós — repetiu num murmúrio, arrepiando-se de medo.

Os dias sucediam-se, uns após outros, e transformavam-se em semanas e meses. As reuniões de Paulo, com os camaradas, passaram a ter lugar em casa dele, ao sábado. Em cada assembleia era um degrau mais que se subia, de uma escadaria suave, que levava para bem longe, algures, e que lentamente elevava aqueles que a escalavam.

Outras figuras foram aparecendo. A sala dos Vlassov tornava-se pequena, estreita, abafava-se lá dentro. Natacha trazia sempre consigo uma fonte inesgotável de alegria e vivacidade, apesar de chegar à reunião transida, fatigada.

A mãe tinha-lhe tricotado as meias de lã, e ela lhas calçara nos pequenos pés. A rapariga primeiro riu, mas depois calou-se e, pensativa, murmurou:

— Tive uma ama que também era assim, extraordinariamente boa! É estranho, a gente do povo, que tem uma vida mais ingrata, difícil, que é tão humilhada, tem geralmente mais coração, é mais bondosa do que os outros.

Com a mão, indicou um lugar desconhecido, distante, muito distante.

— Como a menina! — disse a mãe. — Trocou os pais por tudo isto...

Não chegou a acabar o pensamento; suspirou, calou-se e olhou para Natacha. Sentia-se grata sem saber porquê, e continuava agachada no chão, à sua frente, enquanto ela, com a cabeça inclinada e um ar sonhador, sorria...

— Meus pais? — repetiu ela. — Não tem importância. Meu pai é tão grosseiro... o meu irmão também. Tenho uma irmã mais velha que não é feliz... Casou-se com um homem mais velho, rico, aborrecido, avaro. Tenho pena da mamã. Dela sim. É, assim como a senhora, uma mulher simples. É pequena, anda sempre a correr de um lado para o outro, e receia toda a gente, como se fosse um ratinho. Por vezes apetece-me vê-la.

— Pobre pequena — disse a mãe, abanando a cabeça

tristemente.

— Oh, não! Há momentos em que sinto uma grande felicidade.

O seu rosto ficou pálido e os olhos azuis brilharam. Pôs a mão sobre o ombro da mãe, e numa voz intensa, baixa, profunda, acrescentou:

— Se soubesse... se se apercebesse de como é importante aquilo que fazemos...

Um quase sentimento de inveja tocou o íntimo de Pelágia; levantou-se e disse tristemente:

— Estou demasiado velha para isso... e sou ignorante.

Por sua vez, Paulo falava cada dia com mais frequência, com mais calor, e estava também mais magro. Quando falava com Natacha, ou a olhava, o seu olhar era menos severo e a voz era mais quente, tornava-se simples. Esta era, pelo menos, a impressão que a mãe tinha.

«Que Deus o permita!», pensava ela. E sorria.

Quando, nas reuniões, as discussões se tomavam demasiado acaloradas e violentas, o pequeno-russo, levantando-se e balançando o corpo, lembrando o badalo de um sino, intervinha com voz sonora e sussurrante; havia nas suas palavras uma simplicidade e bondade tais, que acalmava e moderava os outros. Vessovchikov, sempre em desacordo, fazia pairar no ar uma atmosfera de tensão geral. Eram ele o ruivo, que se chamava Samoilov, que começavam todas as discussões. Tinham do seu lado Ivan Bukine, o da cabeça redonda, de sobrancelhas louras, que parecia ter saído da lixívia. Tiago Samov, muito asseado, falava pouco, sem gritar, com voz grave. Ele e Teo Mazine, o jovem da testa alta, estavam sempre de acordo com Paulo e o pequeno-russo.

Quando Natacha não podia sair da cidade, vinha em seu lugar Nicolau Ivanovitch. Tinha barba loura, e usava lunetas. Era natural de uma província muito distante, da qual possuía ainda uma pronúncia característica, de timbre aéreo, longínquo. Coisas simples como a vida, a família, os filhos, a polícia, o comércio, o custo dos géneros alimentícios, tudo aquilo que fizesse parte do dia a dia, era o seu tema preferido. Para ele havia, em todas as coisas, hipocrisia, desordem, uma estupidez não raras vezes cómica, mas prejudicial. Para Pelágia,

ele vinha de muito longe, onde a vida era fácil e honesta, enquanto aqui tudo lhe era estranho; ele não podia adaptar-se a esta vida, aceitá-la como necessária, e isso despertava nele um desejo firme, mas calmo, de reconstruir tudo segundo o seu ideal. O rosto era pálido. À volta dos olhos notavam-se rugas finas, a voz era suave e as mãos quentes. Quando cumprimentava Pelágia, apertava-lhe a mão toda, com dedos fortes, e isso aliviava e tranquilizava o coração da mãe.

Das pessoas que vinham da cidade, uma das mais frequentes era uma rapariga, corpulenta, bem feita, com olhos grandes, num rosto amarelado e magro. Chamava-se Sandrina.

Havia qualquer coisa de viril nos seus gestos e no modo de andar. Franzia as sobrancelhas negras, com ar irritado, mas quando falava as narinas delicadas tremiam no nariz direito.

Numa voz forte e rude, foi ela a primeira a dizer:

— Somos socialistas...

Calada, mas aterrorizada, a mãe não deixava de olhar a rapariga. Os socialistas mataram o czar, ouvira dizer um dia. Foi no tempo da sua juventude. Contou-se que os proprietários, para se vingarem do czar por ele ter posto em liberdade os escravos, juraram não cortar o cabelo enquanto não o matassem. E por isso chamavam-lhes socialistas. Não compreendia, portanto, porque é que o filho e os camaradas eram socialistas.

Quando eles se foram embora, perguntou:

— Paulo, é verdade que és socialista?

— Sou — respondeu, delicado e franco como sempre.

— Porquê?

Suspirou e, com os olhos postos no chão, continuou:

— Como é possível, Paulo? Já mataram um czar. São todos contra ele.

Ele andou um pouco, levou a mão à cara e respondeu, sorrindo:

— Nós não precisamos de o fazer.

Falou-lhe durante muito tempo, com voz pausada e calma.

A mãe olhava-o nos olhos e pensava: «Ele não prejudicará ninguém. Não conseguirá.»

A partir daí, ouvia cada vez com mais frequência essa horrível

palavra. A sua virulência foi-se perdendo aos poucos, assim como outros termos, para si incompreensíveis, se foram tornando familiares aos seus ouvidos. Mas não gostava de Sandrina; quando ela chegava, a mãe ficava receosa e pouco à vontade.

Uma noite, disse ao pequeno-russo, com um certo descontentamento:

— Que autoritária é a Sandrina! Está sempre a dar ordens: deves fazer isto, deves fazer aquilo...

André riu com vontade.

— Bom espírito de observação. A tua mãe acertou em cheio. Ouviste, Paulo?

E piscando os olhos, brincalhão, acrescentou para a mãe:

— É a nobreza!

Com secura, Paulo comentou:

— É boa rapariga.

— Justo — anuiu o pequeno-russo. — Contudo, não entendeu que é ela que deve, e somos nós que podemos e queremos.

Passaram a discutir um assunto que ela não percebia.

A mãe viu ainda que Sandrina era especialmente dura para Paulo, chegando até a ser violenta. Ele ficava calado e olhava-a com a mesma ternura com que olhava Natacha. Isso também não agradava à mãe. Por vezes, surgiam nos jovens excessos de alegria esfusante e comunicativa que surpreendiam Pelágia. Acontecia habitualmente, nas noites em que eram publicadas nos jornais notícias sobre os trabalhadores estrangeiros. Então, em todos os olhos havia um brilho de alegria, todos ficavam — coisa estranha — felizes como crianças: o seu riso era claro e alegre, trocavam-se palmadas amigáveis nas costas.

— Os operários alemães são uns tipos formidáveis! — gritava um deles, completamente doido de alegria.

— Vivam os operários italianos! — gritavam outros.

Quando mandavam essas saudações, para longe, para pessoas que não conheciam, nem sabiam a sua língua, pareciam convencidos de que o seu entusiasmo seria compreendido e ouvido por eles. O pequeno-russo, com os olhos brilhantes, cheio de um amor em que

enleava toda a gente, dizia:

— Como seria bom escrever-lhes, hem? Para que ficassem a saber que têm amigos na Rússia, que professam a mesma religião que eles, vivem para atingir os mesmos fins e se regozijam com as suas vitórias!

Todos falavam, demoradamente, de sorriso nos lábios e ar sonhador, dos franceses, ingleses, suecos, como de amigos íntimos, seres próximos, que estimavam, com quem dividiam as alegrias e lamentavam as penas.

Nascia, ali, entre eles, o sentimento de parentesco espiritual que os unia a todos os trabalhadores do mundo. Também a mãe experimentava esse sentimento, que os fazia vibrar em uníssono. Não o compreendia claramente, mas absorvia dele alegria e juventude, uma força hilariante e plena de esperanças.

— Como vocês são, apesar de tudo! — disse um dia, quando falava com o pequeno-russo. — São todos camaradas... os arménios... os judeus... os austríacos. Todas as pessoas vos entristecem e alegam.

— Por todos, diz bem, por todos — exclamou ele.

— Para nós, não há pátrias, nem cores, existem só camaradas ou inimigos. Para nós, todos os trabalhadores são camaradas. Todos os ricos, todos os que governam, são nossos inimigos. Quando se observa o mundo com atenção e se olha como nós, os operários, somos numerosos, que força há em nós, sentimo-nos tomados de uma alegria tão grande que ficamos com o coração em festa!... Acontece o mesmo com o francês ou o alemão, quando compreendem a vida, e o italiano alegra-se do mesmo modo. Somos todos filhos da mesma mãe e do mesmo pensamento indestrutível, o da fraternidade de todos os trabalhadores de todos os países. É ela que nos dá calor, é um sol no céu da justiça e esse céu está no coração do operário; seja ele o que for, não importa o nome, o socialista é nosso irmão em espírito, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos.

Esta crença de criança, mas irrefutável, fazia-se sentir cada vez com mais frequência no pequeno grupo, com uma força crescente. E quando a mãe se apercebia desse desbordamento de esperanças, sentia inconscientemente que na verdade qualquer coisa de grande e

radiante tinha nascido no mundo, como o sol que ela via agora no céu.

Cantavam muitas vezes; entoavam, alegremente e a plenos pulmões, canções conhecidas. Por vezes cantavam canções novas, de singular beleza, mas com notas tristes e estranhas. Como um hino religioso, as vozes tornavam-se baixas e graves. Empalideciam, exaltavam-se e brotava, das suas palavras sonoras, uma força enorme.

Pelágia ficava inquieta e perturbada, com uma dessas canções. Não ecoavam nela as tristes meditações de uma alma ferida, errante, solitária, nos caminhos escuros das incertezas dolorosas; nem os lamentos de uma alma vencida pelas dificuldades e pelo medo, sem caráter nem cor. Não era feita de gritos angustiados de um coração forte, obscuramente ávido de espaços, nem de gritos desafiadores do ambicioso pronto a esmagar, sem distinção, o bem ou o mal. Não havia também o cego rancor do ofendido, capaz de tudo destruir para se vingar, mas incapaz de criar. Nenhum eco do mundo antigo, do mundo dos escravos.

As palavras duras, a austeridade da canção, não tinham agradado à mãe. Estava presente, nesse canto, uma força superior às palavras e aos sons, força essa que os suplantava e despertava no coração o pressentimento de algo demasiado para o pensamento. Ela via isso nos rostos, nos olhos dos rapazes, sentia-o nos seus peitos; e, cedendo a essa misteriosa potência, ouvia-os sempre com redobrada atenção, com maior inquietação do que nas outras canções.

Embora a cantassem com mais suavidade do que as outras, esta ressoava mais forte e embriagava, como o ar de um dia de março, como o primeiro dia de primavera.

— Já vai sendo tempo de cantarmos isto na rua — dizia Vessovchikov, aborrecido.

Quando o pai uma vez foi preso por roubo, disse calmamente:

— Já podemos reunir em minha casa.

Quase todas as noites, um ou outro, depois de saírem da fábrica, iam a casa de Paulo. Liam juntos, transcreviam passagens dos livros. Andavam preocupados e não tinham tempo para se lavarem. Jantavam e tomavam chá, sem deixarem as brochuras, e os temas de conversa tornavam-se cada dia mais incompreensíveis para a mãe.

— Precisamos de um jornal — dizia Paulo muitas vezes.

Havia ânsia e agitação nas suas vidas. Era cada dia mais rápida a corrida de um livro para o outro, como as abelhas de flor em flor.

— Começam a falar de nós! — informou um dia Vessovchikov.
— Não tardará que nos apanhem...

— A caça é feita para o caçador! — ripostou o pequeno-russo.

Pelágia gostava cada vez mais dele. Parecia-lhe que uma mãozita de criança a acariciava quando ele lhe chamava «mãezinha». Se Paulo, aos domingos, estava ocupado, era ele quem partia a lenha. Um dia trouxe uma tábua, pegou na ferramenta, rápida e habilmente, substituiu um degrau podre na entrada da casa. Uma outra vez arranjou a vedação, que estava a cair aos bocados. Durante o trabalho assobiava belas árias melancólicas.

Um dia, Pelágia disse ao filho:

— E se déssemos alojamento ao pequeno-russo? Era melhor para vocês, poderiam estar juntos em vez de correrem um para casa do outro.

— Porque é que te hás de incomodar com isso? — perguntou Paulo, num encolher de ombros.

— Que ideia. Preocupações tive-as toda a vida, sem saber porquê. Posso tê-las com um amigo simpático.

— Faz o que quiseres. Se ele aceitar, fico contente... — respondeu Paulo.

E assim o pequeno-russo ficou a viver com eles.

A casinha, no fim do arrabalde, chamava a atenção das pessoas. Já as paredes tinham sido sondadas por olhares desconfiados. As asas do rumor público, de cores diferentes, voavam sobre ela. Tentava desvendar-se o mistério que ali se ocultava. À noite, espreitavam pela janela; por vezes batiam nos vidros, depois fugiam com pressa.

A mãe foi um dia abordada na rua por Beguntsov, o estalajadeiro; era um homem idoso, mas ainda elegante; usava frequentemente um lenço negro no pescoço avermelhado, e um colete malva que lhe cobria o peito. Tinha um nariz afilado e lúcido, usava óculos de tartaruga, e chamavam-lhe por isso «olhos de osso». Sem respirar, nem aguardar respostas, surpreendeu-a com uma avalanche de palavras crepitantes como madeira seca.

— Como está, Pelágia? E o Paulo? Não pensa casá-lo cedo, hem? O rapaz está na idade ideal para arranjar mulher. O casamento dos filhos é o sossego dos pais. Ter família é saudável, quer para o espírito, quer para o corpo; a pessoa conserva-se, sente-se melhor, como os pimentos em vinagre. Se fosse a si, casava-o. Neste tempo é preciso estar atento à existência de cada um. As pessoas dispuseram-se a viver ao sabor das suas ideias. Fazem-se erros condenáveis, a desordem penetrou nos espíritos. A juventude já não vai à igreja, foge dos lugares públicos, encontra-se às escondidas, comenta pelos cantos. Porque comentam, posso perguntar? Porque evitam a sociedade? Aquilo que um homem não tem coragem de dizer perante todos, na taberna, por exemplo, que significa? Mistérios. É na Santa Igreja Católica que têm lugar os mistérios. Todos os outros, que se fazem pelos cantos, provêm de uma confusão de espírito. Espero que continue bem de saúde.

Tirou o boné, dobrou o braço com agitação e foi-se embora, deixando a mãe perplexa.

Maria Kursunov, vizinha dos Vlassov, viúva de um ferreiro que vendia comestíveis à porta da fábrica, disse-lhe um dia, próximo do mercado.

— Vigia o teu filho, Pelágia!

— Porquê?

— Soam boatos — disse Maria, fazendo mistério. — Maus boatos, minha querida. Consta-se que anda a organizar uma espécie de comunidade, como a dos flagelantes. Chamam-se seitas, creio. Vão chicotear-se uns aos outros, como eles.

— Não digas palermices, Maria.

— Deves criticar quem as faz, não quem as diz — replicou ela.

A mãe contou tudo isto ao filho, que como resposta encolheu os ombros; por seu lado, o pequeno-russo riu com vontade.

— Também as raparigas estão furiosas convosco — prosseguiu ela. — Vocês são um bom partido. São bons trabalhadores, não bebem e não olham para elas. Falam das raparigas que cá vêm. Dizem que são da vida.

— Claro! — exclamou Paulo, tristemente.

— Num charco, tudo cheira mal — suspirou o outro. — E se a senhora explicasse a essas tolas o que é o casamento, para ver se perdem a pressa de arranjar quem lhes parta as costas...

— Ó meu amigo, elas sabem isso muito bem. Não sabem que mais hão de fazer.

— Não compreendem, se assim fosse procurariam outro caminho — sublinhou Paulo.

A mãe viu no seu rosto um ar severo.

— Pois bem, ensinem-nas. Porque não convidam as menos tolas?

— Isso é impossível! — replicou Paulo com secura.

— Porque não experimentamos? — inquiriu o pequeno-russo.

Paulo ficou calado por momentos.

— Tudo se iniciará por passeios a pares, depois uns casar-se-ão e tudo acabará.

A mãe refletia em silêncio. A hostilidade monacal de Paulo inquietava-a. Apercebia-se de que todos, mesmo os mais velhos, como o pequeno-russo, seguiam os seus conselhos, mas que o temiam e não o amavam por ser assim severo.

Uma noite ela foi-se deitar. Paulo e o pequeno-russo ainda ficaram a ler; prestou atenção à conversa deles, tentando ouvi-la

através da fina madeira que a separava da sala.

— Sabes que a Natacha me agrada? — disse inesperadamente o pequeno-russo.

— Sei.

Paulo demorou a responder. A mãe ouviu o camarada do filho levantar-se e pôr-se a andar de um lado para o outro. Os pés nus arrastavam-se pelo chão. Assobiou uma ária triste e recomeçou a falar.

— Achas que ela já percebeu?

Paulo ficou calado.

— Que achas? — perguntou em voz baixa o pequeno-russo.

— Já percebeu, sim, e é por isso que não quer trabalhar connosco.

O pequeno-russo recomeçou a andar, parou de assobiar e perguntou:

— E se eu falasse com ela?

— E que lhe vais dizer?

— Que... enfim... — começou em voz baixa.

— Para quê dizer-lhe? — cortou Paulo.

O pequeno-russo parou. A mãe teve a impressão de que ele sorria.

— Creio que quando se ama uma rapariga, se me permites, é preciso dizer-lho, caso contrário nada se conseguirá.

Paulo fechou o livro.

— E que esperas obter daí?

Fez-se silêncio por momentos.

— Não entendo o que queres dizer — replicou o outro.

— É preciso que se saiba claramente o que se pretende, André.
— Lentamente, Paulo recomeçou. — Admitamos que também ela te ama. Não creio, mas vamos supô-lo. Casam-se. Um casamento interessante: uma intelectual com um operário. Teriam filhos, naturalmente, e és tu sozinho a trabalhar... e bastante. A vossa vida será então um equilíbrio constante entre a miséria, os filhos, o aluguer... E sereis então inúteis na causa.

Pairou o silêncio. Depois Paulo, mais suavemente, recomeçou:

— Aconselho-te a que desistas dessa ideia, André. E não a

incomodes.

Silêncio. O relógio engrenou o seu bater no decorrer dos segundos.

O pequeno-russo disse:

— Parte do coração ama. A outra parte odeia. Chamar-se-á isso coração?

OuvIU-se o folhear das páginas. Decerto, Paulo tinha voltado à leitura. A mãe continuou deitada, de olhos fechados, evitando fazer qualquer ruído. Sentia uma infinita piedade pelo pequeno-russo, mas ainda mais pelo filho.

«Meu querido», pensava ela.

De súbito, André perguntou:

— Pensas então que devo calar-me?

— É mais honesto — respondeu calmamente Paulo.

— Bem. Será o caminho a seguir — disse o pequeno-russo. Um minuto depois, acrescentou: — Será duro para ti, Paulo, quando tu também...

— Já é muito duro, para mim.

Uma forte ventania rasou pelas paredes da casa. No relógio continuava a corrida, a fuga do tempo.

— Não devemos brincar com estas coisas — ouviu-se dizer o pequeno-russo.

A mãe, tapando o rosto com o travesseiro, começou a chorar baixinho.

No outro dia, de manhã, André pareceu-lhe mais magro e mais amável ainda. Paulo, como habitualmente, estava magro, hIrto, calado. Até esse dia ela tratava o pequeno-russo por André Onissimovitch, mas nesse dia, instintivamente, disse-lhe:

— Tem de mandar arranjar essas botas, meu caro André... Ou então vai sentir frio nos pés.

— Com o próximo salário irei comprar umas novas — respondeu.

Desatando a rir, pousou-lhe a grande mão no ombro e perguntou-lhe:

— Quem sabe se não será a senhora a minha verdadeira mãe?

Simplesmente, ainda que não queira dizer perante as outras pessoas, não me acha muito bonito, hem?

Ela, como resposta, bateu-lhe amigavelmente na mão. Apeteceu-lhe dizer muitas palavras carinhosas, mas tinha o coração oprimido de piedade e a língua recusava-se a obedecer-lhe.

No bairro dizia-se que os socialistas difundiam por todo o lado folhetos escritos a tinta azul. Eles denunciavam energicamente os acontecimentos na fábrica, relatavam as greves dos operários em São Petersburgo e no Sul, e incitavam os operários a unirem-se e lutarem pelos seus interesses.

As pessoas de meia-idade, que estavam bem pagas, diziam:

— Provocadores. Devíamos partir-lhes a cara.

E levavam os folhetos à direção. Os jovens liam as publicações com entusiasmo.

— É a pura verdade!

A grande maioria, cansada do trabalho e sempre indiferente, respondia com preguiça:

— Ainda que se experimentasse, não resultaria nada de bom.

Mas havia interesse da parte das pessoas, e se acaso uma semana as folhas não saíam, diziam uns para os outros:

— Se calhar desistiram.

Na segunda-feira os folhetos voltavam a sair e os comentários repetiam-se secamente. Viam-se, na fábrica e na estalagem, caras desconhecidas. Interrogavam, observavam e logo chamavam a atenção de todos, uns porque eram muito prudentes, outros por demasiada sociabilidade.

A mãe sabia que toda essa excitação era motivada pelo filho. As pessoas rodeavam-no e ela temia pelo seu futuro ao mesmo tempo que se orgulhava dele.

Maria Kursunov, uma noite, bateu à janela, e quando a mãe abriu, disse-lhe apressadamente:

— Agarra-te, Pelágia, porque os teus meninos vão deixar de rir. Virão esta noite passar busca à tua casa, à de Teo Mazine e à de Vessovchikov.

Os lábios grossos de Maria batiam atabalhoadamente um no outro, do nariz carnudo saía uma aspiração ruidosa, piscava os olhos e olhava de um lado para o outro, atenta ao aparecimento de alguém na

rua.

— Eu não te vi, não sei nada nem te disse nada, percebes?
E desapareceu.

A mãe fechou a janela e, lentamente, sentou-se numa cadeira. Mas consciente do perigo que se aproximava do filho, pôs-se rapidamente de pé. Vestiu-se num segundo, pôs na cabeça um xaile, que apertou contra si, e foi a correr a casa de Teo Mazine, que tinha adoecido e não fora trabalhar. Quando entrou, ele estava sentado próximo de uma janela a ler. Agitava com a mão esquerda a outra mão e afastava o polegar. Ao tomar conhecimento, Teo levantou-se rapidamente, muito pálido.

— Bem, então é agora... — gaguejou.

— Que temos de fazer? — perguntou Pelágia, secando com a mão trémula o suor da fronte.

— Tenha calma, não tenha medo — respondeu Teo, alisando com a mão válida os cabelos ondulados.

— Parece-me que está com medo — gritou Pelágia.

— Eu?

Corou bruscamente e sorriu, embaraçado.

— Sim, que diabo!... É necessário avisar Paulo. Vou mandar alguém avisá-lo imediatamente. Vá para casa, não vai haver problemas. Eles não vão sovar-nos, que diabo.

Já em casa, a mãe fez um monte de todos os livros e, apertando-os contra o peito, andou durante muito tempo por toda a casa, olhando para o forno, para debaixo do fogão, e até para um barril de água. Esperava que Paulo fosse diretamente para casa logo que saísse da fábrica, mas isso não aconteceu. Cansada, acabou por se sentar num banco, na cozinha, espalhou os livros a seus pés, cobrindo-os com as saias, e ficou assim sem se mexer até chegarem o filho e o pequeno-russo.

— Então, já sabem? — perguntou sem se erguer.

— Já — confirmou Paulo a sorrir. — Tens medo?

— Claro que tenho, tenho tanto medo...

— Não devemos ter medo. Não serve de nada — disse o outro.

— Não preparaste o samovar? — notou Paulo.

A mãe levantou-se e, apontando para os livros, disse, embaraçada:

— Foram eles que tiveram a culpa...

O filho e o camarada desataram a rir e com isso renasceu-lhe a coragem. Paulo agarrou em alguns livros e foi escondê-los fora, enquanto André acendia o samovar.

— Não se assuste, mãezinha. É uma vergonha as mulheres entregarem-se a semelhantes parvoíces. Virão uns indivíduos possantes, com um sabre pendurado ao lado, esporas nas botas, e revolverão tudo. Espreitam para debaixo das camas e do fogão. Se há cave, descem, se há porão, sobem. As teias de aranha batem-lhes no focinho e desistem. Isto não os diverte, sentem-se envergonhados, é por isso que têm aquele ar carrancudo e se enfurecem. É uma profissão suja e eles não o ignoram. Numa busca que me foram fazer a casa, remexeram tudo de alto a baixo e partiram como chegaram. Numa outra, tive de os acompanhar, meteram-me na prisão, durante quatro meses... Uma boa porção de tempo. Levam as pessoas. É-se escoltado, quando se atravessa a rua, e fazem-nos perguntas sem fim. Não têm nada de esperteza. Raciocinam como tambores; depois dos interrogatórios mandam-nos outra vez para a prisão. É assim que nos tratam; devem justificar aquilo que ganham. Depois põem-nos de novo em liberdade e pronto.

— Você tem um modo de se exprimir, meu caro André — exclamou Pelágia.

Ajoelhado em frente do samovar, ele soprava com força para acender as brasas. Levantou o rosto vermelho pelo esforço e perguntou:

— Como falo?

— Como se nunca tivesse sido humilhado.

Ergueu-se e, meneando a cabeça a sorrir, disse:

— A senhora conhece alguém na terra que não tenha sido humilhado? Vexaram-me tanto que hoje já não ligo. Se as pessoas não podem proceder de outro modo, que podemos nós fazer? Os vexames impedem o trabalho. E parar é perder tempo. É a vida. Por vezes ficava zangado com as pessoas, depois refleti e concluí que não valia a

pena. Todos nós tememos ser batidos pelo vizinho, é por essa razão que nos antecipamos sempre. É assim a vida, mãezinha.

As palavras brotavam calmamente, lentamente, e atenuavam a expectativa provocada pela busca. O seu corpo desengonçado parecia ter mais flexibilidade, e os olhos salientes e claros sorriam.

Num suspiro, a mãe disse com ardor:

— Que Deus lhe dê felicidade, meu caro André.

O pequeno-russo, com um só passo, aproximou-se do samovar, agachou-se e murmurou:

— Se me der felicidade não a recusarei, mas não serei eu a pedir-lha.

Paulo voltou do pátio.

— Não vão encontrar nada! — disse com firmeza, limpando em seguida o fato. Depois, e enquanto limpava as mãos, foi dizendo: — Mãe, se eles se apercebem que tens receio pensarão: «Se ela tem medo é porque há qualquer coisa!» Vê bem, nós não queremos nada de mal; nós estamos do lado da verdade; é por ela que trabalharemos toda a vida. É esse o nosso crime. Há razão para se ter medo?

— Serei forte, Paulo — prometeu, continuando: — Se ao menos não demorassem...

Mas não foram lá nessa noite. Pela manhã, adivinhando que se iriam rir dela, Pelágia foi a primeira a rir de si própria:

— Eu tinha medo... de ter medo!...

Só quase um mês depois daquele alarme é que eles apareceram. Estava lá Nicolau Vessovchikov, que com Paulo e o pequeno-russo falava do jornal. Era perto da meia-noite. A mãe já estava deitada, quase a adormecer, e ouvia vagamente as suas vozes baixas e atentas. De repente, André levantou-se, saiu da cozinha, na ponta dos pés, e fechou a porta atrás de si, com a chave. De súbito, esta abriu-se e o pequeno-russo disse, baixo mas claro:

— Ouve-se o ruído das esporas.

A mãe, num salto, levantou-se da cama e, toda a tremer, apanhou as roupas. Paulo, à porta, falou suavemente:

— Fique na cama... a mãe está doente.

Ouviu-se barulho no vestíbulo. Paulo empurrou a porta com a mão e perguntou:

— Quem anda aí?

Veloz como um relâmpago, uma figura alta desenhou-se no limiar; foi seguida por outra. Os polícias apertavam Paulo contra a parede, pondo-o entre eles; com voz aguda e trocista, um disse:

— Não era quem esperavas, hem?

Foi o oficial que falou, alto e magro, com um bigode negro e ralo. Fediakine, o polícia do bairro, aproximou-se do quarto da mãe. Fazendo continência, apontou para Pelágia e, com a fúria estampada no olhar, disse:

— Esta é a mãe dele, Excelência.

Em seguida, levando o braço na direção de Paulo, acrescentou:

— Esse é ele.

— Paulo Vlassov? — perguntou o oficial, franzindo a testa.

Paulo confirmou com a cabeça. O oficial, acariciando o bigode, continuou:

— Venho fazer uma busca à tua casa... Levanta-te, mulher. Quem está aí?

Olhou para o quarto e foi lá.

— Como se chamam?

Dois homens, que serviriam de testemunhas, entraram: um era o velho fundidor, Tveriakov, o outro era o seu inquilino, o motorista Rybine, de barba e cabelos negros, um homem honesto, que cumprimentou com voz forte e sonora:

— Boas noites, Pelágia.

Tentando ganhar ânimo enquanto se vestia, ela ia dizendo:

— Mas que modos são estes? Vir de noite... com as pessoas deitadas... entrar pela casa dentro...

O quarto, que era pequeno, tornava-se ainda mais pequeno com toda aquela gente. No ar pairava um cheiro a graxa. Riskine, o comissário do bairro, e dois polícias andavam de um lado para o outro, tiravam os livros da prateleira e punham-nos em cima da mesa, à frente do oficial. Dois outros tocavam com os nós dos dedos nas paredes e espreitavam para debaixo dos móveis; outro subiu acima do fogão. O pequeno-russo e Vessovchikov continuavam a um canto, encostados um ao outro. O rosto bexigoso de Nicolau estava agora coberto de manchas vermelhas, os olhos pequenos estavam fixos no rosto do oficial. André entreteinha-se a morder o bigode; quando a mãe entrou, baixou a cabeça e sorriu amigavelmente.

Esforçando-se por esconder o terror, Pelágia andou, não de lado, como habitualmente fazia, mas com o corpo hirto, o que lhe dava um ar importante e patusco. Andava sem ruído e os cílios tremiam-lhe.

O oficial agarrava habilmente os livros com os dedos esguios das mãos brancas, folheava-os com um gesto seco, depois punha-os de parte. De vez em quando, um ou outro livro caía molemente no chão. Ninguém falava; os polícias, transpirados, respiravam ruidosamente; as esporas das botas tilintavam, uma voz soava de vez em quando:

— Aqui, já viram?

Pelágia foi pôr-se ao lado de Paulo, encostada ao tabique. Assim, como ele, ficou de braços cruzados sobre o peito e olhou para o oficial. Tinha as pernas a tremer e os olhos enevoados.

A voz de Vessovchikov soou cortante:

— Para que é que mandam os livros para o chão?

A mãe estremeceu. Tveriakov contraiu a cabeça, como se tivesse levado uma pancada na nuca. Rybine tossiu e olhou Nicolau

atentamente.

O oficial franziu a testa e parou o seu olhar, uns segundos, no rosto manchado e imóvel. Vessovchikov abriu os olhos de tal modo que dava a impressão de estar possuído de uma grande dor e prestes a soltar um grito impotente.

— Soldado — disse novamente Vessovchikov — apanha os livros.

Os polícias riram-se para ele, depois olharam para o oficial que, levantando a cabeça e envolvendo com um olhar perscrutador a fraca figura de Nicolau, disse:

— Bem... bem... apanhem-nos...

Um dos polícias dobrou-se e, olhando de relance para Vessovchikov, começou a levantar os livros, com as folhas a machucadas.

— Ele não devia ter dito nada — disse baixinho a mãe ao filho.

Este encolheu os ombros. O pequeno-russo baixou a cabeça.

— Quem é que lê a Bíblia?

— Eu — respondeu Paulo.

— E estes livros de quem são?

— São meus — disse ainda.

— Bom — disse o oficial, recostando-se na cadeira.

Os dedos estalaram nas mãos finas, estendeu as pernas sob a mesa, alisou o bigode e interrogou Vessovchikov:

— És tu o André Nakhodka?

— Sou — respondeu Nicolau, adiantando-se.

O pequeno-russo estendeu a mão, segurou-o pelo ombro e fê-lo parar:

— Ele não percebeu. Eu é que sou o André.

O oficial levantou a mão e, em tom ameaçador, disse para Vessovchikov:

— Tu tem cuidado.

E começou a folhear papéis.

Na rua, os olhos indiferentes da noite clara, cheia de luar, espreitavam pela janela. Alguém andava perto de casa. A neve gemia.

— Tu, Nakhodka, já alguma vez foste interrogado por motivos

políticos? — perguntou o oficial.

— Fui. Em Rostov e em Sorotov. Porém, os polícias de lá não me tratavam por tu.

O oficial fechou o olho direito, esfregou-o e, a mostrar os dentes, continuou:

— Então você não conhece os criminosos que distribuem na fábrica os panfletos proibidos, hem?

O pequeno-russo dançou ligeiramente sobre as pernas e, sorrindo, tentava dizer qualquer coisa quando a voz irritante de Nicolau se fez ouvir de novo:

— É a primeira vez que vemos criminosos...

Fez-se silêncio e por momentos todos se quedaram.

A cicatriz da mãe ficou mais pálida e a sobrançelha direita ergueu-se para a testa. A barba preta de Rybine, estranhamente, começou a tremer e ele alisava-a com os dedos, de cabeça baixa.

— Levem esse animal lá para fora! — gritou o oficial.

Nicolau, agarrado pelos agentes, pelos braços, foi levado sem cuidado para a cozinha. Lá, colando firmemente os pés ao chão, gritou:

— Calma aí... quero-me vestir!

O comissário da polícia voltou ao quarto.

— Revolvemos tudo. Não encontramos nada.

— Claro! — exclamou o oficial. — Temos aqui um homem experiente.

A mãe ouvia aquela voz fluida, premente e cortante, olhava temerosa o seu rosto pálido e via nesse homem um inimigo cruel, um coração cheio do desprezo de um aristocrata pelo povo. Tinha conhecido muita gente daquela espécie e quase se tinha esquecido de que eles existiam.

«São estes que nós preocupamos», pensou.

— Senhor André Onissimov Nakhodka, filho de pai incógnito, considere-se preso.

— De que sou acusado? — perguntou o pequeno-russo, calmamente.

— Saberá mais tarde o motivo — respondeu o oficial com uma

delicadeza afetada. E dirigindo-se à mãe, perguntou: — Sabes ler?

— Não — foi Paulo quem respondeu.

— Não foi a ti que perguntei! — disse ele asperamente. Depois:
— Vamos, responde, velha.

Um ódio instintivo contra aquele homem invadiu o coração da mãe, que se levantou num ápice, a tremer dos pés à cabeça, como se estivesse toda encharcada; a cicatriz ficou roxa e a sobancelha desceu ao nível normal.

— Não grite — disse ela, apontando com o braço para o oficial.
— É muito novo ainda. Não conhece o sofrimento.

— Acalma-te, mãe — travou Paulo.

— Espera, Paulo — repetiu ela, aproximando-se da mesa. —
Porque os prende?

— Não é da sua conta, cale-se! — berrou o oficial, levantando-se.
— Tragam o Vessovchikov.

Para ler um papel, aproximou-o bastante da cara.

Levaram Nicolau para o quarto.

— Tire o boné! — gritou o oficial, deixando de ler.

Aproximando-se de Pelágia e empurrando-a ligeiramente pelo ombro, Ryikine disse:

— Não te zangues, Pelágia.

— Como queres que me descubra, se tenho as mãos presas? —
perguntou Nicolau, interrompendo a leitura do auto.

O oficial atirou o papel para cima da mesa.

— Assinem.

A mãe viu os presentes assinarem o auto; já tinha acalmado um pouco mais o coração desfalecido; lágrimas de humilhação e impotência afloraram-lhe aos olhos.

Tinha chorado essas lágrimas durante vinte anos de casada, mas quase conseguira esquecer o sofrimento dos últimos anos. O oficial olhou-a com desdém.

— É muito cedo para chorar. Tenha cuidado, pois não terá
lágrimas que lhe cheguem.

Colérica, respondeu:

— As mães têm lágrimas suficientes para tudo... para tudo. E se

as têm, elas sabem-no, com certeza.

O oficial meteu os papéis numa pasta nova, com um fecho brilhante, e ordenou:

— Em frente, marche!

— Até breve, André. Até sempre Nicolau! — disse Paulo, em voz baixa, calorosa, tomando na sua as mãos dos camaradas.

— Sim, realmente, até breve — comentou com ironia o oficial.

Vessovchikov respirava com dificuldade; o pescoço grosso estava congestionado, os olhos raiavam de raiva. O pequeno-russo sorria, meneava a cabeça e falava com a mãe, que o benzeu, fazendo-lhe o sinal da cruz, e disse:

— Deus não esquece os justos...

Por fim, o bando de capotes cinzentos saiu, fazendo tilintar as esporas das botas, desaparecendo.

Rybine, que foi o último a sair, envolveu Paulo num olhar perscrutador e disse, pensativo:

— Bem... adeus.

Saiu sem pressa, a tossir. De mãos atrás das costas, Paulo andou de um lado para o outro, desviando-se dos livros e roupas que estavam espalhados pelo chão, com ar sombrio.

— Viste como as coisas se passam?

Considerando com indecisão o quarto desarrumado, a mãe murmurou, angustiada:

— Nicolau foi tão mal educado... Porquê?

— Com certeza teve medo! — disse Paulo, suavemente.

— Vieram, prenderam, levaram-nos — murmurou ela, num gesto impotente. Paulo ficou calado.

O coração acalmou-se; porém, não conseguia desviar o pensamento daquela realidade que não podia conceber.

— Aquele rapazola riu-se de nós... intimida-nos...

— Já chega, mãe — cortou de súbito Paulo, decidido. — Anda, vamos pôr tudo isto no lugar.

Pronunciou «mãe» como quando se sentia mais próximo dela. Olhou-a nos olhos e perguntou, baixinho:

— Vexaram-te?

— Sim... foi duro. Seria preferível terem-me levado também.

A mãe teve a impressão de que ele tinha os olhos marejados de lágrimas.

Tentando consolá-lo, sentindo confusamente a sua dor, disse, suspirando:

— Não vais ter de esperar... levar-te-ão também.

— Eu sei.

Depois de um curto silêncio, acrescentou, tristemente:

— Vês como és duro, filho? Se tu ao menos me consolasses! Mas não, eu digo-te coisas horríveis e tu dizes-me outras ainda piores.

Ele olhou-a, aproximou-se e disse ternamente:

— Não sei como fazer. Tens de te acostumar.

Ela suspirou e calou-se, voltou a falar, evitando um arrepio de medo.

— E se calhar torturam as pessoas, ferem os corpos, partem os ossos. Quando penso nisso... meu querido filho, é horrível!

— Torturam a alma... com as suas mãos sujas, fazem muito pior.

No outro dia, soube-se que Bukine, Somov e outros cinco foram presos. À noite, Teo Mazine entrou como um relâmpago. Também tinham passado busca à sua casa e, contente, sentia-se um herói.

— Tiveste medo, Teo? — inquiriu a mãe.

Ficou pálido. O rosto contraiu-se, as narinas tremeram.

— Receei que o oficial me sovasse. Era um tipo gordo, de barba negra, mãos peludas, e usava uns óculos grandes no nariz, como se não tivesse olhos. O tipo gritava, batia os pés. «Vai apodrecer na prisão», dizia ele. Nunca ninguém me bateu, nem o meu pai, nem a minha mãe... Não tenho mais irmãos e os meus pais gostavam de mim.

Fechou os olhos por momentos, contraiu os lábios, alisou os cabelos num gesto rápido de mãos e disse, olhando para Paulo com olhar avermelhado:

— Se alguém um dia me bater, esfaqueá-lo-ei, partir-lhe-ei os dentes... O melhor será ele acabar comigo logo de princípio.

— Tu és fraco, muito magro — comentou a mãe. — Como vais bater-te?

— Vai ver que posso — disse entre dentes.

Quando ele se foi embora, Pelágia disse ao filho:

— Será batido primeiro que os outros.

Houve silêncio.

Minutos mais tarde, a porta da cozinha abriu-se lentamente, para dar passagem a Rybine.

— Boas noites — saudou sorridente. — Sou eu de novo. Ontem trouxeram-me, hoje venho de livre vontade.

Apertou calorosamente a mão de Paulo, apoiando depois a sua mão no ombro de Pelágia.

— Ofereces-me chá?

Paulo olhou atento aquele rosto largo, bronzeado, com a barba farta, negra, e os olhos escuros. Havia calma e gravidade no seu olhar.

A mãe, na cozinha, preparava o samovar. Rybine, sentado, acariciava a barba e, de cotovelos apoiados na mesa, observava Paulo:

— Então é assim — disse como se recomeçasse um assunto interrompido. — Devo falar-te abertamente, sinceramente. Observei-te durante longo tempo. Somos quase vizinhos. Vi que recebias muita gente, sem embriaguez nem escândalos. Isto para começar. Se as pessoas provocam escândalo, começam a ser notadas, não é? Bom. Eu penso que os outros também se apercebem de que eu vivo afastado.

O seu tom era grave mas fluente. Alisava a barba com as mãos, e não desviava o olhar de Paulo.

— Começaram a falar de ti. Os meus patrões chamam-te herético porque não vais à igreja. Eu também não. A seguir surgiram essas folhas. A ideia foi tua?

— Foi.

— Tu, como? — exclamou surpresa a mãe ao sair da cozinha. — Não foste só tu.

Paulo sorriu; Rybine imitou-o.

— Bem — disse ele.

A mãe, aborrecida por não terem ligado ao que dissera, voltou para a cozinha.

— As folhas foram uma boa ideia. Sacodem as pessoas. Já foram dezanove, não?

— Sim, são dezanove.

— Li-as todas. Bom, há coisas que não se compreendem, que não são precisas... Sim, por vezes um homem quando fala muito, diz palavras que não servem para nada.

Rybine sorriu; os dentes eram brancos e sólidos.

— Depois foi a busca... Foi isso, acima de tudo, que me dispôs bem. Tu e o pequeno-russo portaram...

Faltando-lhe o termo que queria, olhou para a janela, batendo com os dedos no tampo da mesa.

— Vocês mostraram firmeza, foi como se dissessem: «Excelência, cumpra a sua missão, nós cumprimos a nossa.» O pequeno-russo é um ótimo rapaz. Ouço-o sempre, quando fala na fábrica, e penso: «A este não pilham, só será vencido pela morte. Tem garra.» Confias em mim, Paulo?

— Confio — respondeu com um gesto afirmativo.

— Bom. Estás a ver. Já tenho quarenta anos. Vivi vinte vezes mais que tu. Sou mais velho que tu duas vezes. Durante mais de três anos fui soldado, casei duas vezes. A primeira morreu, da segunda separei-me. Vivi no Cáucaso, conheci os *dukhobross*. Meu rapaz, eles creem que são donos da vida. Mas não.

A mãe ouvia, sedenta, as palavras firmes. Era bom ver um homem maduro vir a casa do filho e falar-lhe como se estivesse a confessar-se. Mas sentia que Paulo tratava o visitante com exagerada indiferença, e para afastar essa impressão perguntou a Rybine:

— Miguel, queres comer alguma coisa?

— Não, obrigado, já jantei... Assim, Paulo, tu pensas que a vida não segue como é devido?

Paulo pôs-se de pé e começou a andar de um lado para o outro, de mãos atrás das costas.

— Não, ela vai bem. Está a ver, foi através dela que você veio até mim, com o coração aberto. A pouco e pouco, ela vai unindo aqueles que trabalham uma vida inteira. Acredito que um dia nos unirá a todos. Para nós é injusta, dura, mas é ela quem nos abre os olhos, que nos mostra o seu sabor amargo, e ela própria que diz ao homem como deve abreviar a sua marcha.

— É justo — cortou Rybine. — É preciso renovar o homem. Se está sujo, dá-se-lhe banho, vestem-se-lhe roupas limpas... E isso não custa nada, não é verdade?... Mas como lavá-los interiormente? É esta a questão.

Paulo começou a falar calorosa e energicamente das autoridades, da fábrica, da maneira como os operários estrangeiros defendem os seus interesses. Rybine, por vezes, pontuava o que ouvia, batendo com os dedos na mesa. Mas uma vez disse:

— É isso mesmo.

Num dado momento, riu levemente e disse com suavidade:

— És jovem, não conheces bem as pessoas!

Paulo, parado à sua frente, replicou gravemente:

— Não vamos discutir juventude ou velhice! Analisemos de preferência quais as ideias mais justas.

— Então, segundo o teu critério, estamos enganados até mesmo

acerca de Deus! De acordo. Penso que a nossa religião não é a verdadeira.

A mãe interferiu nessa altura. Sempre que Paulo falava de Deus ou de tudo o que ela associava à fé e lhe era caro e sagrado, procurava o olhar do filho, para lhe pedir tacitamente que não lhe ferisse o coração com afirmações incrédulas e brutais. Mas, com otimismo, ela acreditava sentir fé e isso sossegava-a: «Como poderei compreender os seus sentimentos?», perguntava a si mesma. Supunha que seria aborrecido para Rybine, homem de idade avançada, ouvir os discursos de Paulo. Mas quando o visitante lhe fez claramente aquela pergunta, não se conteve e disse rápida mas voluntariosamente:

— No que diz respeito a Nosso Senhor, vocês deviam ter mais cuidado. Vocês... bem, vocês fazem como querem.

Retomou a respiração e continuou com mais energia:

— Mas se vocês recusam Deus, em que se poderá apoiar uma pobre mulher como eu?

Os olhos inundaram-se-lhe de lágrimas. Lavava a louça e as mãos tremiam-lhe:

— A mãe não compreende — disse Paulo, ternamente.

— Perdoa, Pelágia — acrescentou Rybine com voz profunda e significativa, enquanto sorria para Paulo. — Esqueci-me de que és muito velha para te tirarem as verrugas.

Paulo continuou:

— Eu não estava a falar do Deus bom e misericordioso em que a mãe crê, mas daquele que os popes usam para nos ameaçar, como se fosse um cacete, um Deus em nome do qual se teima em forçar toda a gente a submeter-se à cruel vontade de alguns.

— Sem dúvida, é isso mesmo! — exclamou Rybine, dando murros na mesa. — Até Deus eles nos mudaram; dirigem contra nós tudo o que têm entre mãos. Lembras-te, Pelágia? Deus criou o homem à Sua imagem e semelhança. Por isso Ele é parecido com o homem e este é Seu semelhante. Porém, nós não é com Deus que nos parecemos, mas com selvagens. Na igreja, mostram-nos um boneco... É necessário transformar Deus, purificá-lo! Vestiram-No de mentiras e calúnias, mutilaram-Lhe o rosto para nos matarem a alma.

As palavras saíam baixinho, mas cada uma delas caía sobre a cabeça da mãe como uma violenta pancada que a fazia estremecer. E o rosto largo, emoldurado numa lutuosa barba negra, despertava-lhe receio. Tornara-se-lhe insuportável o olhar sombrio, e um medo doloroso oprimia-lhe o coração.

— Não... antes quero ir-me embora! — disse ela, abanando a cabeça. — Ouvir isso... é superior às minhas forças.

— Estás a ver, Paulo. A base de tudo não é a cabeça, mas sim o coração. Mais nada crescerá no cérebro do homem.

— Nada mais do que a razão poderá libertar o homem — assegurou Paulo.

— A razão não dá força! — afirmou teimosamente o velho. — O coração dá a força, mas não a cabeça.

A mãe já se tinha arranjado e deitado, sem fazer as orações. Sentia frio, estava pouco à vontade. Rybine, que de princípio lhe parecera sensato, despertara-lhe agora hostilidade.

«Herético! Propagandista de desordem!», meditava ouvindo-lhe a voz. «Era preciso vir cá, aquele também.»

Mas ele continuava seguro e tranquilo.

— Um lugar sagrado não deve ficar vazio. A nossa alma é um ponto doloroso, é o lugar onde Deus habita. Se Ele deixa esse lugar, ficará aí uma ferida. É preciso originar uma fé nova. É necessário idealizar um Cristo que seja amigo dos homens.

— Mas Cristo foi amigo dos homens — exclamou Paulo.

— Cristo não era firme na Sua vontade. «Afasta de mim esse cálice», dizia ele. Reconhecia César. Deus não pode aceitar o poder de um homem sobre os outros homens. É Ele todo o poder. Ele não divide a sua alma. Ele não diz: isto é divino, aquilo é humano... Mas Cristo admitia o comércio, aceitava o casamento e injuriou a figueira, o que não é justo; se era estéril, acaso a culpa era sua? Se a alma não tem bons frutos, não é Ele o culpado? Acaso fui eu que plantei nela o mal? Então?

Como se estivessem excitados pelo jogo, a voz dos dois homens não deixava de se ouvir. O soalho cedia sob os pés do rapaz que passeava na sala. Quando falava, a sua voz sobrepunha-se a qualquer

outro som. Se Rybine replicava, tranquila e gravemente, havia como resposta o tique-taque do relógio e o estalar do gelo que arranhava com garras agudas as paredes da casa.

— Vou dizer-te as coisas como as penso: comparo Deus ao fogo. É assim. Deus habita no coração. Foi dito: Deus é o verbo... e o verbo é o espírito...

— A razão — insistiu Paulo, obstinado.

— Seja! Mas isso diz que Deus está no coração e na razão, mas não na igreja! A igreja é o túmulo de Deus...

Quando Rybine se foi embora, já a mãe tinha adormecido. O motorista ia agora lá a casa com frequência, e se algum dos camaradas lá estava punha-se a um canto, limitando-se a dizer de vez em quando:

— É isso mesmo!

Um dia percorreu com o olhar todos os presentes e disse, aborrecido:

— É preciso falar-se do que existe. Mas não se pode conhecer aquilo que virá. Quando o povo for libertado, ele próprio decidirá o que deve fazer. Já lhe impuseram muitas coisas que ele não queria; chega! Que seja ele mesmo a observar. Talvez se aperceba de que tudo é dirigido contra ele. O Deus das igrejas, por exemplo. Vocês devem dar-lhe os livros para a mão, ele decidirá. É isso que eu penso.

Mas se, quando chegava, Paulo estava só, então os dois discutiam, infinita mas claramente. A mãe escutava, preocupada, e seguia com o olhar, muito atenta, tentando entender o que diziam. Às vezes parecia-lhe que o mujique, de costas largas e barba negra, e o seu filho, bem constituído e rijo, ficavam cegos. Andavam de um lado para o outro, em busca de saída. Agarravam e agitavam tudo, com mãos fortes mas sem habilidade; mudavam o sítio às coisas, deixavam-nas cair e depois pisavam-nas. Afloravam isto, apalpavam aquilo, abandonavam em seguida, sem perderem a crença e a esperança. Habitara-se a ouvir uma quantidade de palavras terríveis pela sua franqueza e audácia; porém, hoje já não soavam, tão terríveis como da primeira vez. Entretanto aprendera a defender-se. E às vezes, nas palavras que rejeitavam Deus, ela sentia ainda uma firme fé n'Ele. E então sorria com indulgência. E ainda que continuasse a não gostar de

Rybine, já não tinha para ele o seu ar indiferente.

Uma vez por semana, Pelágia ia à prisão levar livros e roupas ao pequeno-russo. Um dia foi-lhe permitido vê-lo; ao chegar a casa contou, enternecida:

— É o mesmo como se estivesse cá em casa. É agradável para todos, toda a gente gosta dele. É difícil e penoso para ele, mas não o demonstra.

— É assim que se tem de fazer — notou Rybine. — Todos nós estamos dentro da tristeza, como da nossa pele... Respiramos com ela, é como uma peça de roupa. Não há de que se orgulhar. Nem todos no mundo têm os olhos fechados, mas há quem os feche por querer. Quando se é estúpido, tem de se ter paciência.

A casota cinzenta dos Vlassov chamava cada vez mais a atenção do bairro. No interesse que lhe dedicavam havia muita falta de confiança, preocupação e frieza consciente. Mas, lentamente, ia nascendo também uma curiosidade mais confiante. Por vezes, aparecia um ou outro desconhecido que mirava tudo com circunspeção, dizendo depois a Paulo: «Muito bem, rapaz, tu que lêes os livros e conheces as leis, diz-me lá o que é isto!...» E narrava qualquer injustiça da polícia, ou da administração da fábrica. Nos casos mais difíceis, Paulo mandava o homem a um advogado seu conhecido, na cidade. Nos outros, ele mesmo explicava como era.

Aos poucos, nascia em todos um sentimento de respeito por esse jovem honesto que abordava todos os assuntos com audácia e simplicidade, via e ouvia tudo com atenção, aprofundava teimosamente o intrínseco de cada problema individual, e achava sempre o fio comum e infinito que unia as pessoas, por milhares de laços atrozes. Valorizou-se ainda mais na opinião pública depois da história do «copeque para o pântano».

Existia, nuns terrenos anexos à fábrica, cercando-a quase completamente, um pântano enorme onde se plantavam pinheiros e bétulas. Do pântano, no verão, saíam vapores espessos, amarelados, e nuvens de mosquitos que se espalhavam pelo bairro, originando febres. Este era pertença da fábrica e o novo diretor, querendo usufruir dele, projetou secá-lo e ao mesmo tempo extrair-lhe a turfa. Isto, explicou ele aos operários, sanearia o local, e as condições da sua existência melhorariam com certeza.

Por esta razão foi ordenado que se descontasse nos salários um copeque por rublo, para iniciação do projeto.

Foi infinita a emoção entre os operários. A nova contribuição não abrangia os outros empregados, e isso enfurecia-os de sobremaneira.

A decisão do diretor foi afixada a um sábado. Paulo não estava lá, porque tinha adoecido. Ignorava portanto tudo isto. No domingo,

depois da missa, Sizov, um velho robusto ainda, e Makotine, um homem alto e irascível, foram visitá-lo e contar-lhe o que se passara.

— Nós, os mais velhos — disse Sizov — organizamo-nos e discutimos juntos o assunto. Os outros camaradas pediram-nos para virmos falar contigo. Tu és um indivíduo esclarecido; queremos saber se há alguma lei que autorize o diretor a combater os mosquitos com o nosso dinheiro.

— Recordas-te? — disse Makotine, rolando os olhos enrugados. — Há quatro anos conseguiram da mesma maneira três mil e oitocentos rublos, para se construírem cabinas de banho. Onde é que elas estão? Nem banho nem dinheiro.

Paulo esclareceu-os da injustiça desse imposto e mostrou o lucro fabuloso que a fábrica obteria com aquele empreendimento. Depois da explicação, os dois homens saíram de rostos fechados. A mãe acompanhou-os à porta; ao voltar, sorridente, disse:

— Estás a ver, Paulo? Também os velhos vêm a tua casa fazer provisão de inteligência.

Sem dar resposta, ele sentou-se à mesa e pôs-se a escrever. Minutos depois disse:

— Mãe, peço-te um favor. Vai à cidade e entrega-me este papel...

— É perigoso?

— Nessa morada é impresso o nosso jornal. É absolutamente necessário que o próximo número denuncie o caso do imposto...

— Está bem, está bem. Vou imediatamente.

Era o primeiro trabalho que o filho lhe dava. Ficou feliz por ver que ele lhe falava abertamente do que se passava.

— Eu compreendo isso, Paulo — disse enquanto se vestia.

— É quase um roubo... Como se chamam o homem?... Igor Ivanovitch?

Chegou tarde, já noite, cansada mas feliz.

— Falei com a Sandrina — disse-lhe. — Manda-te cumprimentos. E esse Igor é tão simpático, está sempre a gracejar.

— Alegra-me que simpatizes com eles — respondeu Paulo.

— Que gente tão simples, Paulo! É bom quando as pessoas são assim. E todos eles te estimam...

Na segunda-feira ainda não foi trabalhar. Doía-lhe a cabeça. Ao meio-dia, Teo Mazine esteve lá; excitado e feliz, anunciou:

— Vem daí. Toda a fábrica está levantada. Pediram-me para te dizer que vás. Sizov e Makotine dizem que tu podes explicar tudo melhor que outro qualquer. Se tu visses como aquilo está!...

Paulo, em silêncio, vestiu-se.

— As mulheres também se organizaram. Vai dar molho.

— Também vou. O que é que eles preparam? Vou para lá.

— Vai — disse Paulo.

A mãe desfalecia de emoção e pressentia que algo de grave ia acontecer. Havia uma mancha enorme de mulheres à porta da fábrica, que gritavam e discutiam. Quando os três conseguiram chegar ao pátio, viram-se de repente no meio da excitação. A mãe pôde ver que todas as cabeças estavam voltadas para o mesmo lado: o compartimento das forjas. Lá, de pé, em cima de um monte de ferralha, destacando-se no fundo de um aglomerado de tijolos vermelhos, via-se Sizov, gesticulando, Makotine e Vialov, e mais cinco ou seis operários dos mais influentes e de idade mais avançada.

— Chegou o Vlassov! — gritou alguém.

— Vlassov! — ouvia-se de todos os lados.

Algures, mas perto, soou a voz de Rybine:

— Silêncio.

— Não é pelo valor de um copeque que devemos resistir, mas sim pela justiça. Não é o nosso copeque que eles querem, ele não tem mais valor do que o dos outros, mas é mais pesado. Contém mais sangue humano do que o rublo do diretor. Aí é que está. E nós não ligamos ao copeque, mas ao sangue da razão. É isso.

— Tens razão. Bravo, Rybine.

— É assim mesmo, Rybine.

— Aí está Vlassov.

As vozes fundiam-se num turbilhão de sons tumultuosos, abafando o barulho surdo das máquinas e o ruído das condutas. As pessoas apareciam de todos os lados, apressadamente. Agitavam-se e excitavam-se mutuamente através das palavras calorosas e mordentes. A fúria contida, adormecida nos peitos cansados, acordava agora,

procurava a fuga. A ira voava, gloriosa, alargando cada vez mais as asas sombrias, alava-as e fazia-as chocar umas nas outras, animava-as de uma raiva ardente. Sobre aquela massa de gente pairava uma nuvem de escória e poeira que semeava lágrimas negras nos rostos morenos; os olhos brilhavam, os dentes luziam.

Paulo, ao lado de Sivoz e Makotine, lançou o seu apelo:

— Camaradas!

A mãe viu o rosto empalidecer e os lábios tremerem; inconscientemente, abriu caminho para a frente, rompendo as multidões.

Diziam-lhe com ironia: «Aonde queres ir?» Empurravam-na, mas isso não a detinha. Só, afastando as pessoas com os ombros e os cotovelos, ia-se aproximando do filho, impelida pelo desejo de se colocar a seu lado.

Quando Paulo lançou aquele apelo, sentiu que o espasmo da alegria de combater lhe apertava a garganta; invadiu-o o desejo de atirar às pessoas o coração gasto pelo sonho ardente de justiça e verdade.

— Camaradas! — repetiu, absorvendo nessa palavra energia e entusiasmo. — As igrejas e as fábricas somos nós que as construímos. As cadeiras são forjadas por nós. Também somos nós que cunhamos o dinheiro. Assim, nós somos a força viva que dá a todos o pão e as alegrias, desde o berço ao túmulo.

— É isso! — exclamou Rybine.

— Em todo o mundo, nós somos os primeiros no trabalho e os últimos na vida. Há alguém que se preocupe connosco? Quem é que nos estima? Alguém nos considera como homens? Ninguém.

— Ninguém — ouviu-se de uma voz, que fez eco.

Voltando a ficar senhor de si, continuou a falar com mais calma e simplicidade. Aos poucos a multidão aproximava-se dele, agrupava-se, formando um só corpo, com múltiplas cabeças, centenas de olhos atentos fixavam-no e sugavam-lhe as palavras.

— Não teremos melhor sorte enquanto não nos sentirmos camaradas, enquanto não formarmos uma família de amigos, ligados estreitamente pelo desejo de lutar pelos nossos direitos.

— Fala do imposto — gritavam vozes grosseiras do lado da mãe.

— Deixem falar — ouvia-se de outro lado.

Os rostos negros e severos pareciam desconfiados. Só alguns olhavam Paulo, graves e meditativos.

— Ele é socialista, não é estúpido — disse alguém.

— Pelo menos não tem medo! — comentou um rapagão zarolho, dando uma palmada no ombro da mãe.

— Já é tempo, camaradas, de nos apercebermos de que ninguém nos ajudará, se não nos ajudarmos a nós mesmos. Um por todos, todos por um. Eis a lei pela qual devemos optar, se quisermos vencer o adversário.

— Ele tem razão, rapazes — gritou Makotine.

E, com um gesto largo, agitou o punho no ar.

— Devemos chamar aqui o diretor — prosseguiu Paulo.

Parecia que um vulcão tinha estalado sobre aquela gente. Todos oscilavam e dezenas de vozes gritavam em uníssono:

— O diretor! O diretor!

— Mandam-se-lhe delegados.

Pelágia tinha chegado à primeira fila. De baixo, olhava o filho, orgulhosa. Paulo estava ali, rodeado pelos operários mais velhos, mais estimados. Todos o ouviam e aprovavam. Era para ela um prazer ver que ele não perdia a compostura, que não injuriava como os outros.

Como granizo num telhado de zinco, choviam as exclamações intermitentes, as obscenidades, as invetivas. Lá em cima, Paulo observava a multidão, com os olhos muito abertos, como se procurasse nela qualquer coisa.

— Delegados!

— Sizov!

— Vlassov!

— Rybine! Ele tem dentes duros.

Repentinamente, ouviram-se exclamações mais surdas.

— Aí vem ele.

— O diretor!

A multidão dividiu-se, passando por ela um homem alto, de barba pontiaguda, rosto comprido.

— Com licença! — dizia, ao mesmo tempo que afastava as pessoas com um pequeno gesto de mão, sem contudo as tocar. Os olhos tremiam-lhe e com o olhar investigador de um experiente manejador de seres humanos, perscrutava os rostos dos operários. Estes tiravam o boné à sua frente, curvavam-se, enquanto ele continuava, sem corresponder a essa manifestação de respeito, espalhando o silêncio e a emoção no meio daquela gente onde já se adivinhava, sob o sorriso confuso e o tom abafado das exclamações, um arrependimento de crianças por terem feito maldades.

Passou pela mãe, olhando-a de relance, severamente, e parou à frente do monte de ferralha. Do alto, houve alguém que lhe estendeu a mão, mas não lhe tocou. Num movimento enérgico e elástico, colocou-se na frente de Paulo e Sizov.

— Que quer dizer esta reunião? Por que deixaram o trabalho?

Reinou o silêncio por momentos. As cabeças bailavam, quais espigas. Sizov gesticulou, como se fosse agitar o boné no ar, mas encolheu os ombros e pregou os olhos no chão.

— Respondam! — ordenou o diretor.

Paulo pôs-se ao lado dele e disse firmemente, apontando para Sizov e Rybine:

— Os nossos camaradas incumbiram-nos de exigir que o senhor cancele a decisão de descontar um copeque...

— Porquê? — inquiriu sem o olhar.

— Porque consideramos esse imposto injusto — disse Paulo.

— Parece-me então que veem, no meu projeto de secar o pântano, um processo de os explorar e não um meio de melhorar a vossa existência. É isso?

— É isso mesmo — respondeu Paulo.

— E você também? — perguntou o diretor a Rybine.

— Todos temos a mesma opinião — respondeu ele.

— E você, meu valente? — disse, virando-se para Sizov.

— Eu também lhe peço que não nos tire o nosso copeque.

Baixando de novo a cabeça, Sizov sorriu indeciso.

O diretor percorreu com o olhar aquela massa de gente e encolheu os ombros. Olhou de repente para Paulo, e com olhar

perscrutador disse-lhe:

— Você é um homem culto, creio. Também não entende a utilidade deste empreendimento?

— Se for a fábrica a pagar as despesas todos compreenderão.

— A fábrica não vive de filantropia — disse ele. — Ordeno que voltem imediatamente aos vossos lugares.

Desceu, apalpando o ferro com os pés, sem olhar para ninguém.

Um rumor de insatisfação invadiu a multidão.

— O quê? — interrogou o diretor, estacando.

Todos emudeceram. Apenas uma voz se fez ouvir, muito ao longe:

— Trabalha tu.

— Se daqui por um quarto de hora não estiverem todos nos seus postos, ser-vos-á aplicada uma multa — acrescentou ele, martelando as palavras.

Retomou o caminho por entre as pessoas; atrás dele ficou um murmúrio abafado e, à medida que se afastava, o rumor ia aumentando.

— Valeu a pena falar com ele.

— Eis a importância que dão aos nossos direitos. Estamos arranjados.

— E agora, advogado, que vamos fazer?

— Tu falaste bem. Mas ele esteve aqui e não se resolveu nada.

— Que é que se faz agora, Vlassov?

Os apelos tornavam-se cada vez mais insistentes. Paulo declarou:

— O que eu proponho, camaradas, é que se abandone o trabalho até que eles renunciem ao nosso copeque.

A excitação atingiu o paroxismo.

— Julgas-nos idiotas?

— A greve?

— Por um copeque, fazer greve? Ora, ora.

— E então? Façamos a greve.

— Despediam-nos a todos.

— E onde arranjarão quem nos substitua?

— Não hão de faltar.

— Só se for algum Judas.

Paulo desceu e ficou junto da mãe. À volta deles havia um zumbido de vozes. Discutiam uns com os outros, excitados e aos gritos.

— Não irás conseguir a greve — observou Rybine quando se aproximou de Paulo. — O povo é forte no trabalho, mas fraco para isto. Talvez um trezentos homens alinhem, mais não. É impossível levantar-se um monte de estrume só com um ancinho...

Paulo mantinha-se calado. Olhava o rosto negro da multidão e perdia-se nele, atento a qualquer coisa. Havia ansiedade no seu coração. Tinha a sensação de que as suas palavras se evaporaram sem deixar marca nesses homens, como se fossem gotas de água dispersas, caindo em terra onde há muito havia seca.

No regresso a casa sentia tristeza e cansaço. Seguiam-no a mãe e Sizov. Rybine ia ao lado; a voz dele soava-lhe aos ouvidos como um zunido.

— Não há dúvida que falas bem, mas as tuas palavras não lhes chegam ao coração. É aí que está o problema. E a faísca deve ser lançada no íntimo. Nunca convencerás as pessoas pela razão. O sapato é muito fino, apertado para o seu pé.

Sizov dizia para a mãe:

— Para nós, velhos, chegou a altura de irmos para o cemitério! O povo que agora se levanta é um povo novo. Como é que nós vivíamos? Rastejávamos de joelhos e saudávamos até ao chão. Atualmente não sei se estes recuperaram a vontade própria, ou se mentem a si mesmos, ainda mais que nós, no entanto a verdade é que não são os mesmos; e tu vê-los. Falam com o diretor de igual para igual!... Adeus, Paulo, até outro dia. É bom que tomes a defesa das pessoas, rapaz. Com a ajuda de Deus, talvez encontres o caminho que te leve até lá. Oxalá aconteça!

Despediu-se e foi-se embora.

— Vai tu para o cemitério! — refletiu Rybine. — Agora estes indivíduos já não são homens, são como o betume, que só é bom para

tapar buracos. Reparaste, Paulo? Aqueles que gritaram para te elegerem delegado foram os que te chamaram socialista, cabeça esquentada. Mostraram-se como são. Vão expulsá-los da fábrica, é o que dizem, e que é muito bem feito.

— Do ponto de vista deles, eles estão certos.

— Os lobos estão dentro da razão quando se mordem entre si...

Rybina tinha um aspeto sombrio e a voz tremia-lhe, o que não era hábito.

— As palavras isoladas não têm valor para ninguém; é preciso sofrer e ensopá-las de sangue.

Paulo continuou triste, cansado e muito preocupado durante toda a tarde; os olhos cheios de brilho, pareciam procurar qualquer coisa. A mãe apercebeu-se e perguntou-lhe, aflita:

— Que tens tu, Paulo querido?

— Dores de cabeça — respondeu, pensativo.

— Vai-te deitar. Eu chamo o médico.

Olhou-a e disse apressadamente:

— Não, mãe, não é preciso.

Falou depois num murmúrio:

— Sou muito novo, faltam-me forças, é só isso... Não confiaram em mim... não me seguiram... quer dizer que não lhes soube transmitir a verdade!... É penoso e humilhante.

Tentando consolá-lo, ela disse, vendo-lhe um ar apagado:

— Tem esperança, não compreenderam hoje; mas amanhã já compreenderão.

— Deviam perceber...

— Decerto... ora vê... eu mesma sou capaz de te compreender... de entender a tua verdade...

Paulo foi para junto da janela.

— Mas tu, mãe, és extraordinária!

Voltou-lhe as costas. As palavras do filho fizeram-na estremecer, levando a mão ao coração; com ela foi cautelosamente a carícia de Paulo. Pela noite fora, enquanto ela dormia e ele lia na cama, os polícias voltaram, e começaram a procurar raivosamente, por todos os lados, desde o pátio ao sótão. O oficial, assim como da primeira

vez, mostrou-se irônico, ferino, notava-se nele um prazer mesquinho de espezinhar os sentimentos alheios, tentando sempre atingi-los no coração. Sentada a um canto, a mãe estava calada, não desviando o olhar do filho. Ele fazia um esforço enorme para não denunciar a emoção, e quando o oficial ria os dedos agitavam-se-lhe estranhamente, só com grande dificuldade conseguia não responder ao polícia; era doloroso suportar-lhe as chalaças. No entanto, ela tinha hoje menos receio do que da primeira busca; mas sentia que odiava mais essas visitas noturnas, vestidas de cinzento, com esporas nas botas, e isso amedrontava-a.

Paulo conseguiu dizer-lhe:

— Vão-me levar.

Ela, de cabeça baixa, respondeu no mesmo modo:

— Compreendo!

Sim, não era difícil de compreender, levavam-no para a prisão porque falava aos operários. Mas todos concordaram com ele e todos o deviam defender... com certeza que o libertariam em breve...

Apetecia-lhe apertá-lo nos braços e chorar; porém, o polícia olhava-os insistentemente. Os lábios tremiam-lhe e o bigode também.

Pelágia teve a impressão de que o homem esperava ver choro, lamentos, preces. Chamando a si todas as forças, manteve apertada na sua a mão do filho e, lentamente, muito baixinho, disse-lhe:

— Até sempre, meu Paulo. Tens tudo o que te faz falta?

— Tenho, não fiques preocupada.

— Que Deus te proteja...

Quando o levaram, sentada num banco, de olhos fechados, chorava baixinho.

De costas, encostada à parede, como fazia o marido, com o corpo contraído, conscientemente humilhada pela sua impotência, de cabeça baixa, chorou durante muito tempo, vertendo no gemido monocórdico dos soluços toda a dor de um coração ferido. Aparecia à sua frente, qual mancha parada, um rosto pálido de bigodes finos, cujos olhos cheios de rugas exprimiam prazer. No peito sentia uma mistura de exasperação e ira contra aqueles que tiravam um filho à mãe, só porque ele queria conhecer a verdade.

A noite era fria, a chuva batia nos vidros. Na obscuridade, parecia que sombras cinzentas de longos braços e grandes caras vermelhas, sem olhos, rondavam a casa. Movimentavam-se e as esporas tilintavam levemente.

— Se pelo menos me tivessem levado também...

A sereia apitou, imperiosa, para a chamada ao trabalho.

O som era baixo, surdo, inseguro. A porta abriu-se e Rybine entrou; ao mesmo tempo que limpava com a mão as gotas de chuva caídas na barba, perguntou:

— Levaram-no?

— Sim. Malditos sejam! — disse, suspirando.

— É assim mesmo! — respondeu, irónico. — Em minha casa revolveram tudo. Remexeram de alto a baixo, gritaram. Mas não me faltaram ao respeito... Com que então levaram-no... compreendo! O diretor fez sinal ao polícia, ele compreendeu e hop! Um homem a menos. Eles são camaradas. Uns esfolam o povo, outros seguram-no pelos cornos...

— Vocês deviam fazer alguma coisa pelo Paulo — observou a mãe, levantando-se. — O que ele fez foi para o bem de todos.

— E quem é que deve fazer alguma coisa?

— Todos vocês!

— Esperas isso? Não, não deves esperar que tal aconteça.

Saiu, andando pesadamente, como sempre. As palavras foram duras e sem esperança, aumentando assim o desgosto da mãe.

— E se o sovassem? Se o torturassem?...

Imaginou o corpo do filho, espancado, dilacerado, ensanguentado, e o terror esmagava-lhe o peito, como se argila molhada estivesse sobre ele. Doíam-lhe os olhos. Não acendeu o forno nem preparou a refeição ou o chá. Já noite, comeu um pedaço de pão. Ao deitar-se, sentiu-se só, nua, como nunca se sentira. Habitudara-se, no decorrer dos últimos anos, à espera constante de algo importante e feliz. A sua volta, os rapazes movimentavam-se, barulhentos, cheios de vida, e ela tinha sempre presente a imagem do filho, de rosto sério, o criador dessa vida inquieta mas boa. Mas ele não estava ali, não havia mais nada.

O dia foi longo. Seguiu-o uma noite de insónia e um dia mais lento ainda. Esperava alguém, mas ninguém apareceu. Caiu a tarde, chegou a noite. Do céu tombava uma chuva glacial, que deslizava pelas paredes. O vento soprava na chaminé. Mexia qualquer coisa sob o soalho. A água saía da chaleira, a monotonia das notas acompanhava de um modo estranho o bater do relógio. A casa parecia que hesitava ligeiramente, indiferente a tudo o que a rodeava, crispada na angústia.

Uma, duas pancadas na janela...

Habitou-se a este sinal, conhecia-o; mas desta vez estremeceu de alegria. Confusa, cheia de esperança, saiu da cama, pôs um xaile nas costas e abriu.

Entrou Samoilov, seguido de outra pessoa que ocultava o rosto, na gola subida do capote. O cabelo puxado para a frente tapava-lhe os olhos.

— Acordámo-la? — perguntou Samoilov, sem a saudar; ao contrário do que era hábito, estava sombrio, preocupado.

— Não, não estava a dormir — respondeu, ardendo na expectativa, fixando o visitante.

O companheiro de Samoilov, com um suspiro rouco, tirou o chapéu, estendeu à mãe uma mão comprida de dedos curtos e, cordialmente, como a uma velha amiga, saudou:

— Boas noites, Pelágia! Reconhece-me?

— É você, Igor Ivanovitch! — exclamou com súbita alegria.

— Em carne e osso — respondeu, curvando a cabeça de cabelos compridos, como um menino pope.

O rosto redondo iluminava-se com um bom sorriso. Os olhos pequenos e acinzentados, afetuosos e calorosos, fitavam a mãe. O pescoço era pequeno e arredondado, e os braços curtos, que faziam lembrar um samovar. A cara luzia, respirava com dificuldade e uma espécie de ralo rouco saía-lhe da garganta.

— Entrem para a sala. Vou-me vestir num segundo — propôs a

mãe.

— Precisamos falar consigo — disse o primeiro, inquieto.

Igor Ivanovitch, ao entrar na sala, falou:

— Nicolau Ivanovitch esteve em minha casa, saiu esta manhã da prisão.

— Ele foi preso?

— Sim. Durante dois meses e onze dias. Viu o Paulo e o pequeno-russo. Mandam-lhe saudades, e o seu filho pede que não se preocupe, pede ainda para dizer que na vida que ele seguiu, a prisão serve para descansar; assim o quiseram as nossas simpáticas autoridades. Agora vamos ao assunto. Quantas pessoas foram presas ontem, sabe?

— Não. Então, além do Paulo, prenderam outros?

— Ele foi o quadragésimo nono — contou tranquilamente Igor.
— Estamos à espera de que a polícia leve mais alguns na rede. Este amigo, por exemplo.

— Sim, também não devo escapar — concordou Samoilov, sombriamente.

Pelágia respirava agora com mais facilidade.

«Ele não está só», pensou.

De regresso à sala, trazia um sorriso encorajador.

— Talvez não o detenham mais tempo, pois que prenderam tantos.

— Tem razão — anuiu Ivanovitch. — E se nos organizarmos para lhes baralhar o jogo, acabarão por não entender nada. O caso é este: se os nossos folhetos deixarem neste momento de serem publicados na fábrica, a polícia tirará partido disso contra Paulo e os camaradas presos.

— Como pode ser assim? — perguntou a mãe, aflita.

— É muito fácil — esclareceu Igor, suavemente. — Por vezes, a polícia também pensa bem. Veja isto: quando Paulo andava em liberdade, havia folhetos e brochuras: Paulo foi preso e estes deixaram de aparecer. Conclusão: era ele quem os distribuía, não é? Se aí chegar, a polícia começará a interrogá-lo a sério, terão prazer nisso, em ferrar os dentes em alguém, até ficar só poeira.

— Compreendo, compreendo — disse a mãe, angustiada. — Meu Deus, que podemos fazer?

Samoilov ergueu a voz.

— Aqueles crápulas prenderam-nos a quase todos... Agora temos de prosseguir como antes, não só pela nossa causa, mas também pelos camaradas.

— Ora não há ninguém que faça o trabalho — disse Igor, sorrindo. — Temos uma ótima literatura, eu mesmo a fiz... Mas não vejo como vamos introduzi-la na fábrica. E esse o problema.

— Eles, agora, revistam toda a gente à entrada.

A mãe adivinhou que queriam algo dela e apressou-se a dizer:

— O que é preciso fazer? E como?

Samoilov perguntou:

— Conhece bem a Maria Kursunova?

— Conheço. Porquê?

— Fale com ela. Pode fazê-los passar.

A mãe negou com a mão.

— Oh, não. É tagarela. Todos ficariam a saber... que os papéis saíam de nossa casa. Não, não.

De repente, teve uma ideia audaciosa e disse:

— Deem-mos. Entreguem-mos. Vou pedir à Maria que me contrate como ajudante. Se quero comer, é preciso que trabalhe. Verdade? Posso ir levar as refeições à fábrica. Vão ver que consigo o que quero.

Com as mãos no peito, garantiu que tudo correria bem, ninguém notaria e concluiu, triunfante:

— verão que embora Paulo não esteja lá, a mão dele toca-nos mesmo da prisão.

Ficaram entusiasmados. Igor esfregava as mãos de contente.

— Espantoso, Pelágia. É simplesmente extraordinário. Se soubesse como é bom!

— Se atingirmos o nosso objetivo, serei tão feliz na prisão como num sofá — disse Samoilov, esfregando também as mãos.

— Paulo tem um tesouro nesta mãe! — notou Igor com voz rouca.

Ela sorriu. Compreendeu que se os folhetos continuassem a circular na fábrica, os diretores concluiriam que não era Paulo quem os distribuía. Sentindo-se apta a desempenhar essa tarefa, ficou radiante.

— Quando visitar Paulo — disse Samoilov a Igor — diga-lhe que ele tem uma mãe extraordinária.

— hei de vê-lo em breve — confirmou o outro, sorridente.

— Diga-lhe que farei tudo o que for preciso. Não se preocupe.

— E se não o prendem? — disse Igor, apontando o camarada.

— Paciência. Pior é.

Os dois homens desataram à gargalhada. Ela, compreendendo o que dissera, riu também, num riso contido, numa mistura de confusão e malícia.

— São muitos os problemas pessoais, para que possa pensar nos outros — murmurou, com os olhos postos no chão.

— É natural — exclamou Igor. — E ainda sobre o Paulo, não se preocupe nem fique triste. Vai sair da prisão melhor que antes. Lá repousam e cultivam-se. Nós cá fora não temos tempo. No meu caso, estive lá três vezes, sem prazer, é evidente, mas foi-me útil para o coração e para o espírito.

— Você respira com dificuldade — notou ela, amigavelmente.

— Há motivos especiais para isso — exclamou, apontando um dedo para o ar. — Portanto, Pelágia, já nos entendemos. Amanhã trataremos do material... e o processo de aniquilar as trevas seculares recomençará a sua marcha. Viva a liberdade da palavra e o coração das mães! E por agora, até breve.

— Até breve — cumprimentou Samoilov, num aperto de mão caloroso. — Para mim é diferente, nada disto posso dizer à minha mãe.

— Vai ver mais tarde que todas o compreenderão — disse ela para o animar.

Depois de eles saírem, ajoelhou-se no quarto e ficou a rezar, enquanto a chuva caía lá fora. Rezava sem falar. Num só pensamento unia todos aqueles que Paulo tinha trazido à sua vida. Via-os andar entre ela e as imagens sagradas; eram tão simples, tão próximos uns

dos outros e tão sós.

No outro dia, muito cedo, foi a casa de Maria Kursunova. Esta, toda suja de gordura, barulhenta como sempre, recebeu-a com simpatia.

— Aborreces-te? — perguntou, batendo amigavelmente com a mão engordurada nas costas de Pelágia. — Não te rales. Levaram-no; ora, não tem importância. Não há mal nisso. Noutro tempo prendiam-se as pessoas por roubarem, agora prendem-se por dizerem a verdade. O Paulo foi, talvez, longe de mais, mas tentou defender-nos e isso todos compreendem, não te preocupes. Não o dizem, mas aqueles que são honestos sabem-no bem. Já era para ter ido a tua casa, mas como vês não tenho tempo. Faço a comida, olho pelo negócio... E hei de morrer. São os meus apaixonados que me comem, os sacripantas. Devoram, devoram, como traças num cobertor. Junto dez rublos, aparece-me um desses heréticos e leva-mos em dois tempos. Ser mulher é bem infeliz. Que porca de vida a desta terra. Viver sozinha é penoso, e a dois... é um problema.

— Vim pedir-te que me contrates para tua ajudante — disse Pelágia, cortando aquela série de desabafos.

— Que estás a dizer? — interrogou Maria.

Quando Pelágia acabou, a outra abanou a cabeça num gesto afirmativo.

— Isso talvez se consiga. Lembras-te das vezes que me acolheste, nas iras do meu marido? Bem, agora serei eu a ajudar-te nas dificuldades. Todos nós te devemos ajudar, porque o teu filho sofre por uma causa que nos é comum. Todos sabem que ele é bom, e por isso o lamentam. Mas eu penso que as prisões feitas não trarão benefícios à administração. Sabes o que está a acontecer na fábrica? A coisa não lhes corre bem, minha amiga. Os diretores dizem uns para os outros: «Pisámos o homem nos calcanhares, e assim não irá longe.» Os resultados saltam à vista. Castigaram dez, enfureceram centenas.

As duas mulheres estavam de acordo. No dia seguinte, à hora da refeição, Pelágia levou para a fábrica a comida que Maria preparara, enquanto esta foi para o mercado, vender.

Os operários repararam logo na nova cantineira. Alguns aproximavam-se e diziam, encorajando-a:

— Arranjaste trabalho, Pelágia.

Animavam-na, diziam-lhe que Paulo dentro de pouco tempo seria posto em liberdade, outros afligiam-na com as lamentações, alguns ainda praguejavam contra a direção e a polícia, a fúria encontrava nela um eco profundo. Havia também aqueles que a olhavam com maldade, e Isaías Garbov disse-lhe entre dentes:

— Se fosse eu o governador, mandava enforcar o teu filho. Isso ensinava-o a não desviar o povo do caminho.

Um frio mortal percorreu-lhe todo o corpo ao ouvir esta ameaça odiosa. Não deu resposta, limitou-se a olhar por instantes o rosto enrugado e sardento, baixando os olhos.

Havia agitação na fábrica. Os operários formavam pequenos grupos e discutiam entre si, em voz baixa. Os contramestres, inquietos, andavam de um lado para o outro. Ouviam-se pragas, obscenidades furiosas.

Perto de Pelágia, passou Samoilov, ladeado por dois polícias; ia com uma mão no bolso, a outra alisava o cabelo.

Seguia-o uma centena de operários, alvejando-os com ironias e injúrias.

— Vais passear? — gritou alguém.

— Honra aos operários — disse outro. — Já são escoltados... — E continuou com uma forte palavra.

— Está visto que prender ladrões dá mais trabalho — berrou furioso um homem forte e zarolho. — Agora pegam-se as pessoas sérias...

— Ainda se fosse durante a noite... — ouviu-se no meio da multidão. — Já não têm vergonha, os patifes, em pleno dia...

Os polícias andavam apressada e sombriamente; fingiam não ver nem ouvir as exclamações à sua volta. Três operários investiram contra a polícia, ameaçando-a com uma barra de ferro, gritando:

— Vocês gostam de caçar, mas acautelem-se.

Samoilov, quando se cruzou com Pelágia, sorriu e disse:

— Pegaram-me.

Cumprimentou-o em silêncio, comovida pelo espetáculo da juventude honesta que não se embriaga e é conduzida à prisão com um sorriso nos lábios. Nascia nela um infinito amor maternal.

No regresso da fábrica foi a casa de Maria, onde ficou toda a tarde a ajudá-la nas lides domésticas e a ouvi-la tagarelar. Já era tarde quando regressou ao lar, achando-o frio, vazio, inamistoso.

Andou como que perdida de um lado para o outro, sem saber para onde ir ou que fazer.

A noite chegava e Igor nunca mais aparecia com os folhetos, como ficara combinado; começava a ficar inquieta.

Por detrás da vidraça, os pesados flocos cinzentos da neve de outono continuavam a sua dança. Colavam-se aos vidros, deslizavam sem barulho e fundiam-se, deixando um rasto húmido.

Bateram à porta. Com vivacidade, correu a abrir e viu entrar Sandrina. Há muito tempo que não a via e o seu volume anormal despertou-lhe imediatamente a atenção.

— Boas noites! — disse, feliz por saber que já não passava a noite sozinha.

— Há bastante tempo que não nos víamos. Foi para fora?

— Estive presa — respondeu, sorrindo — com Nicolau Ivanovitch. Lembra-se dele?

— Como o haveria de esquecer? Igor disse-me ontem que ele já tinha saído, mas de si ninguém me disse nada... que estava...

— Bah!... Que importa falar disso?... Preciso de mudar de roupa enquanto esperamos pelo Igor — disse a rapariga, olhando em redor.

— Está encharcada, não?

— Tenho comigo os folhetos e os manifestos...

— Dê-mos... dê-mos — exclamou a mãe, alegremente.

Num gesto rápido a rapariga despiu o casaco, e caíram-lhe do corpo, como folhas de uma árvore, os papéis que trazia. A mãe ria, apanhando-os.

— Estava intrigada por a ver gorda dessa maneira. Pensei:

«decerto casou e está à espera de bebé...», e no fim de contas era isto. Veio a pé?

— Vim — confirmou Sandrina.

Continuava esbelta e magra.

Pelágia reparou então que ela tinha o rosto magro e umas grandes olheiras...

— Ainda agora saiu, Sandrina, devia estar a descansar — notou a mãe, suspirando e abanando a cabeça. — E em vez disso...

— Tem de ser... E o Paulo, como está? Não se enervou muito?

Ia falando mas não a olhava; de cabeça inclinada, ia alisando o cabelo e as mãos tremiam-lhe.

— Creio que vai bem. Decerto suportará...

— É sadio e forte, não é? — perguntou a jovem, baixinho.

— Nunca esteve doente... Mas agora vejo que está a tremer. Vou preparar-lhe um chá quente com compota de framboesas. Num instante.

— Era apetecível. Mas não vale a pena estar com esse trabalho. Ou então deixe-me ser eu a prepará-lo.

— Cansada como está? — disse a mãe, com ar reprovador, tratando do samovar.

Sandrina foi atrás dela para a cozinha e, com a mão sobre a cabeça, recomeçou a conversa anterior:

— Além disso, a prisão esgota. O diabo da inação. Não há nada pior. Sabe-se que existem montes de coisas para fazer e... tem de se estar ali enjaulado, como um animal.

— Quem vos irá recompensar de tudo isso?

E, com um suspiro, a mãe respondeu a si própria:

— Só Deus. Crê n'Ele, não é verdade?

— Não — replicou a outra.

— Não acredito — retorquiu a mãe num tom inesperadamente alegre.

Limpou as mãos sujas de carvão ao avental e, com ardente convicção, continuou:

— Vocês não compreendem a vossa fé. Como é possível viver essa vida sem fé em Deus?

Ressoaram passos na entrada, ouviu-se uma voz. A mulher tremeu e a jovem deu um salto e segredou:

— Não abra. Se for a polícia, a senhora não me conhece. Entrei aqui por engano. Desmaiei e despiu-me para eu respirar melhor... e encontrou os papéis... entendeu?

— Minha filha, para que é isso? — falou a mãe, ternamente.

— Espere — pediu Sandrina — parece-me Igor...

Era ele, ensopado e vergado de cansaço.

— Ah! Ah! Que rico samovar — exclamou. — É o melhor que há no mundo, Pelágia. Já chegaste, camarada?

A cozinha encheu-se do timbre rouco da sua voz; tirava o casaco sem pressa, falando sem cessar.

— Então, mãezinha, aqui temos uma menina muito simpática para as autoridades. Um carcereiro faltou-lhe ao respeito; ela disse-lhe que se ele não pedisse desculpa não comeria até morrer de fome. Esteve oito dias sem comer, para ele ceder. Foi mesmo à tira, para não sair com os pés para a frente. Nada mal, hem? E à minha barriga, que diz?

Conversando, com os braços curtos apoiados no grande ventre, entrou para o quarto, fechando a porta atrás de si.

— Como pôde passar oito dias sem comer? — admirou-se Pelágia.

— Não havia outra hipótese. Ele tinha de pedir desculpa — disse a pequena, movendo ligeiramente as espáduas.

Aquela mistura de calma e austera teimosia fez nascer na mãe um sentimento de reprovação.

«É então isso...», pensou. E perguntou novamente:

— E se tivesse morrido?

— Que podia eu fazer? — disse baixinho. — Mas obriguei-o a pedir desculpa. Não se deve perdoar um insulto.

— Sim... sim — disse a mãe lentamente — mas a nós, mulheres, ofendem-nos toda a vida.

— Descarreguei a minha encomenda — anunciou Igor ao abrir a porta. — O samovar já está pronto? Com licença, vou buscá-lo.

Pegou no samovar e continuou:

— O digníssimo senhor meu pai não bebia menos de vinte copos de chá diariamente, e graças a eles viveu neste baixo mundo sessenta e três anos tranquilos, sem doenças. Pesava cento e vinte e seis quilos e era sacristão na aldeia de Voskressenki...

— É filho do tio João? — perguntou Pelágia.

— Sou. Mas... como adivinhou?

— Eu também nasci em Voskressenki...

— É minha conterrânea. De que família?

— Sua vizinha. Pertença aos Sereguine.

— É filha do coxo. Conheci-o muito bem. Puxou-me as orelhas não sei quantas vezes.

Riam os dois, em frente um do outro, sob o fogo cruzado de perguntas e respostas. Sandrina, que estava a fazer o chá, olhava-os e sorria. O toque dos copos despertou a mãe para os seus deveres.

— Oh, perdoem-me; quando começo a falar esqueço-me. É bom encontrar-se alguém da nossa terra!

— Eu é que peço desculpa por agir como se estivesse em minha casa. Mas já são onze horas e ainda tenho muito para andar.

— Para onde vai? Para a cidade? — admirou-se a mãe.

— Sim.

— Mas porquê? É tão tarde e está a chover... está fatigada... Porque não dorme cá? Igor pode ficar aqui, nós dormimos na cozinha.

— Não posso ficar. Tenho de me ir embora — disse simplesmente.

— É preciso — continuou Igor. — É necessário que ela saia daqui. Aqui conhecem-na. Seria muito mau se a vissem sair amanhã de manhã.

— E ela vai assim... sozinha?

— Vai — confirmou Igor, sorrindo.

Sandrina bebeu o chá, comeu um pedaço de pão de centeio e, pensativa, olhava fixamente a mãe.

— Mas como podem ir sozinhas? E a Natacha também? Eu não ia. Tinha medo.

A mãe olhou-os primeiro um, o outro depois, e disse baixinho:

— Vocês são tão... duros.

Quando acabou o chá, a rapariga, sem dizer nada, apertou a mão do rapaz e foi à cozinha, seguida pela mãe.

— Se vir o Paulo, peço-lhe que o cumprimente por mim.

Estava a abrir a porta quando bruscamente se voltou e perguntou a meia-voz:

— Posso dar-lhe um beijo?

Calorosamente, a mãe abraçou-a e beijou-a sem dizer nada.

— Obrigada — disse Sandrina com ternura; saudou depois com a cabeça e saiu.

Já no quarto, a mulher olhou angustiada para a janela. Nas trevas, fundiam-se flocos de neve, que caíam lentos e pesados.

— Ainda se recorda dos Prozorov? — indagou Igor.

Sentado, com os pés muito afastados, soprava o chá com grande ruído. O rosto avermelhado estava coberto de suor e satisfeito.

— Sim, recordo-me — respondeu, juntando-se a ele.

Olhou para o homem, tristemente, sentou-se e, num tom compreensivo, disse:

— Coitadinha da Sandrina. Como é que ela lá irá chegar?

— Decerto chegará fatigada — anuiu ele. — A prisão foi uma experiência dura para ela. Dantes era mais rija... especialmente porque não foi educada de maneira rude... Penso que terá alguma doença pulmonar.

— Que tipo de família é a dela? — quis saber a mãe.

— É filha de um latifundiário. O pai é um crápula, como ela lhe chama. Já sabe que eles se querem casar?

— Quem?

— Ela e o Paulo. Mas não conseguem... quando ela está em liberdade está o Paulo preso, e vice-versa.

— Não, não sabia — respondeu a mãe, depois de um curto silêncio. — Paulo nunca fala de si mesmo. — Teve ainda mais pena da rapariga e, com um olhar amistoso, disse para o hóspede: — Podia tê-la acompanhado.

— Eu? Não era possível. Tenho aqui um monte de coisas para fazer e terei de andar durante todo o dia... trabalho pouco agradável, com a minha asma.

— É boa rapariga — murmurou num tom impercetível, pensando no que Igor lhe tinha dito. Sentiu-se humilhada por ter sabido do caso por um estranho e não pelo filho; premia os lábios e enrugava a testa.

— É verdade — concordou Igor. — Noto que a lamenta. Para quê? Não terá piedade que chegue, se começar a lamentar os revolucionários. Para dizer a verdade, a nossa vida é dura. Há muito pouco tempo um camarada meu voltou do exílio. Quando chegou a Nijni-Novgorod, a mulher e o filho aguardavam-no em Smolensko. Chegado aí... já eles tinham sido detidos em Moscovo. Agora foi a mulher para a Sibéria. Eu também tive uma mulher, uma companheira extraordinária. Cinco anos desta vida levaram-na para o cemitério...

Bebeu de uma só vez o copo de chá e continuou a falar. Falou dos seus períodos de prisão e de exílio, descreveu as infelicidades em série, as sovas na cadeia, a fome na Sibéria. A mãe escutava e observava-o, estupefacta, com a calma e simplicidade com que ele narrava a sua vida, cheia de sofrimentos, perseguições e humilhações...

— Mas... mudemos de assunto.

A voz alterou-se. O rosto tornou-se grave. Começou por lhe perguntar como é que ela pensava introduzir os folhetos na fábrica. Pelágia ficou espantada ao notar o conhecimento exato de todos os pormenores. Terminado o plano, voltaram a falar da terra. Igor ironizava. Pelágia subia a corrente dos anos passados; comparava-os com estranheza a um pântano plantado de torrões iguais, com pequenas faias de estremecimentos nervosos, com minúsculos pinheiros e bétulas brancas, entre montinhos de terra.

As bétulas medravam lentamente e cinco ou seis anos depois caíam, apodrecidas. A mãe, oprimida por uma piedade intolerável, evocava esse quadro. A sua frente havia a miragem de uma rapariga de rosto severo e obstinado. Andava sobre os flocos húmidos da neve, extenuada, só. E o filho continuava preso. Quem sabe se ainda não dormia... Talvez pensasse... Mas, decerto, não pensava nela... na mãe; havia alguém que estava ainda mais próximo dele...

Como uma mancha de pensamentos multicolores e de formas inconstantes, pensamentos dolorosos desfilavam por ela, oprimindo-

lhe o coração.

— Está fatigada, mãezinha. Vamo-nos deitar — propôs Igor.

Disseram as boas noites e ela foi para a cozinha, andando de um lado para o outro, cautelosamente, arrastando consigo a sua penosa amargura.

Pela manhã, quando tomavam o pequeno-almoço, o rapaz perguntou:

— Se a apanharem e lhe perguntarem onde arranjou as brochuras heréticas, que lhes vai dizer?

— O que vou dizer não importa.

— Bem, mas sobre isso eles não estão de acordo — retorquiu Igor. — Estão exatamente convencidos de que é da conta deles. E bombardeá-la-ão de perguntas, longa e insistentemente.

— Não lhes direi nada.

— Então será presa.

— Pouco me importa. Pelo menos serei útil nalguma coisa, graças a Deus — disse, suspirando. — Quem é que precisa de mim? Ninguém. E agora não fazem torturas... ao que... parece...

— Hum!... — disse Igor, depois de a ter observado demoradamente. — Não torturam. Mas uma mulher forte como a senhora deve-se poupar.

— Olha quem fala! — respondeu a mãe, sorrindo amargamente.

Ficou calado. Saiu do quarto e foi-se juntar a ela.

— É difícil, sinto que tudo isto é penoso para si.

— É duro para todos — replicou Pelágia, com um gesto de mão. — Talvez se torne mais fácil para os que compreendem... Mas, a pouco e pouco, também eu entendo melhor o que pretendem as pessoas honestas que lutam.

— Se entende isso, significa que todos precisam de si... todos — sublinhou Igor, gravemente.

Olhou-o de soslaio e sorriu em silêncio.

Ao meio-dia, tranquila e ágil, cobriu o peito de panfletos; fê-lo com tanta perfeição que Igor deu um estalo com a língua e, satisfeito, gritou:

— *Sehr gut!*, como diz um bom alemão ao beber uma caneca de

cerveja. A literatura não a transformou, Pelágia; continua uma mulher estupenda, de uma certa idade, alta e forte. Oxalá que os inumeráveis deuses a protejam na sua empresa.

Curvada sob o peso do fardo, meia hora depois, tranquila e serena, chegava à porta da fábrica. Guardavam-na dois polícias, furiosos com as chalaças dos operários; revistavam sem delicadeza todos os que por lá passavam, injuriando-os e sendo injuriados. Um guarda estava de lado, com um outro homem canejo, rosto avermelhado e olhar fugidio. Passando o tabuleiro de um lado para o outro, estava atenta a todos os seus movimentos; tinha a impressão de que ele era bufo.

Um rapaz de cabelos frisados, chapéu na nuca, berrou quando o revistavam:

— Vocês devem procurar é nas cabeças, seus palermas, não é nas algibeiras.

Um dos guardas replicou:

— Na cabeça, além de piolhos, não tens mais nada.

— Catem-mos então, já que não sabem fazer outra coisa.

O espião mirou-a por breves instantes e cuspiu.

— E se me deixassem passar... —disse a mãe. — Não veem que estou carregada; já não posso mais.

— Bem, segue — gritou, colérico, o guarda — não precisas de falar tanto.

Chegada ao destino, pôs tudo no chão, olhou em redor e secou o rosto transpirado.

Os irmãos Gussev, serralheiros, surgiram ao mesmo tempo. Aproximaram-se e Vassili, o mais velho, perguntou em voz alta e sobranceiras franzidas:

— Tem croquetes?

— Só os poderei trazer amanhã — respondeu ela.

Esta frase era a senha. O rosto dos dois homens encheu-se de alegria. Não conseguindo dominar-se, o mais novo exclamou:

— Ah, és uma mulher estupenda...

Vassili agachou-se, espreitou para o interior dos recipientes, enquanto um pacote de panfletos corria para debaixo do saco.

— João, hoje não vamos a casa, comemos cá — disse para que o ouvissem, enquanto, com modos lentos, ia escondendo papéis nos canos das botas. — Vamos ajudar a nova cantineira.

— De acordo — respondeu o outro, rindo à gargalhada.

A mãe continuava atenta ao que se passava em redor e gritava de tempos a tempos:

— Sopa... iscas quentinhas...

Sacando veladamente as brochuras, um pacote seguido de outro, passava-os aos operários amigos. Por cada embrulho distribuído, imaginava a cara do oficial que lhe prendera o filho, e dizia de si para si, com uma alegria sinistra:

— Apanha para os teus bigodes, patife.

Na entrega do seguinte, prosseguia, satisfeita:

— Toma mais este.

Quando os operários, de prato na mão, se aproximavam, João Gussev ria com grande alarido e Pelágia parava a distribuição. Servia a sopa de couves e o resto da comida. Durante isto, os Gussev reinavam:

— Viva a Pelágia!

— A necessidade a tudo obriga — comentou um motorista com ar sombrio... — Deixaram-te sem aquele que te sustentava... Canalhas... Olha, quero três croquetes de iscas... E não te rales... o pior há de passar.

— Reconheço as tuas palavras reconfortantes — respondeu a sorrir.

O homem afastou-se, resmungando:

— Estas palavras amigáveis saem-me caras.

E voltou a ouvir-se a mãe apregoar:

— Sopa quente... iscas... sopa quente...

Prometia a si mesma que narraria ao filho esta primeira etapa. Tornava-se constante a miragem do oficial, perplexo e mau, na sua mente. Os bigodes negros tremiam, denunciando descontentamento; sob o lábio superior, contraído por um ricto de ira, luzia o marfim dos dentes muito certos.

A alegria jorrava nela, como uma fonte no coração da mãe. Os

olhos enrugavam-se-lhe de malícia e, divulgando à vontade a mercadoria, falava consigo mesma:

— Agarra mais este... e este ainda.

Quando à noite tomava o chá, ouviu sob a janela o som de cascos de cavalos, no chão lamacento, e uma voz conhecida. Num salto apenas, chegou à porta; passos atravessavam apressadamente o vestíbulo; a vista enevoou-se-lhe, e apoiando-se à ombreira da porta, abriu-a com o pé.

— Boas noites, Pelágia — cumprimentou a voz tão conhecida, enquanto as mãos grandes e secas lhe tocavam os ombros.

Invadiu-a a decepção e amargura, misturadas com a alegria de voltar a ver André. Os dois sentimentos explodiam, fundiam-se num só, profundo e ardente, que a fez levantar-se e atirar-se para os braços do rapaz.

Ele, tremendo, apertou-a; a mãe, silenciosa, chorava. Acariciando-lhe os cabelos, disse-lhe com voz melodiosa:

— Não chore, mãezinha, não enfraqueça o coração. Garanto-lhe que o libertarão em breve. Não têm provas contra ele, todos os rapazes se calam como se fossem peixes...

Enlaçando a mãe, levou-a para a sala. Apertada por ele, secou as lágrimas, num gesto rápido, que fez lembrar um esquilo. Com grande avidez de escutar o que André tinha para lhe contar, ficou como que suspensa dos seus lábios.

— O Paulo pediu-me que a beijasse por ele; está tão bem quanto é possível estar. Na prisão há falta de espaço. Foram presas, aqui e na cidade, mais de cem pessoas; estão apinhados, três e quatro na mesma cela. Não se pode dizer nada contra a direção da cadeia; não são maus e estão fartos daquilo tudo. A polícia intoxicou-os com trabalho. De qualquer maneira não são muito duros; dizem sempre: «Tenham paciência, não nos tragam sarilhos.» E assim tudo correrá bem. Trocam-se impressões, livros e comida. A prisão não é má de todo, é uma casa muito antiga e pouco asseada, mas mesmo assim não é nada má e não nos chateamos muito. Os presos por delito comum são ótimas pessoas e ajudam-nos bastante. Saíram comigo Rukhine e mais quatro. Paulo deve sair dentro de pouco tempo, é quase certo. O

Vessovchikov é que deve ficar mais tempo. Estão furiosos com ele. Grita contra todos, sem parar. Os policiais já não o suportam. Acabará por ser espancado ou levado a tribunal. Paulo tentou tudo para o acalmar: «Não lhes ligue, Nicolau. Se lhes gritas, eles ainda ficam piores.» Mas ele respondia: «hei de abatê-los como se fossem coelhos.» O Paulo mantém-se firme e sereno. Não se preocupe, será libertado em breve...

— Em breve — repetiu, como se fosse um eco, mais tranquila e sorridente. — Sim, acredito que ele saia dentro em pouco.

— Ora se assim é, está tudo correto. Agora, por favor, dê-me um chá e fale-me de si.

Olhava-a sorridente, muito próximo, tão bom rapaz, e nos olhos redondos brilhava uma luz afetuosa um pouco triste.

— Gosto muito de si, André — disse a mãe, suspirando profundamente, atenta ao rosto magro, cómico, com alguns pelos nascidos aqui e além.

— Chega-me que goste um pouco. Sei que gosta de mim, tem um coração grande, onde alberga toda a gente — afirmou o pequeno-russo, balouçando-se na cadeira.

— Não, não é bem assim, quero-lhe a si especialmente — insistiu. — Se a sua mãe ainda fosse viva, decerto se orgulharia de ter um filho como você...

— Tenho uma mãe viva, sim... aí algures... — disse baixinho.

— Quer saber o que fiz hoje? — perguntou ela, falando entusiasticamente, gaguejando, a alegria embelezando-a um pouco.

Disse como tinha feito entrar os panfletos na fábrica.

A princípio ele franziu a testa, espantado. Depois desatou a rir, batendo os pés no chão e a mão na cabeça, gritando alegremente:

— Oh! Oh! Mas não é brincadeira nenhuma. É trabalho a sério. Aposto que o Paulo vai ficar feliz, quando souber. Muito bem, Pelágia, ótimo. Ele e os outros de certeza que vão delirar.

Dava estalos com os dedos, de admiração, assobiava e dançava na cadeira. A alegria era contagiante, acordava nela um eco potente.

— Meu bom André — recomeçou ela, como se o coração se abrisse e dele brotasse, como de uma fonte constante, palavras que

diziam da alegria calma que a possuía. — Refleti sobre a minha vida. Meu Deus, para que vivo?... Tareia... trabalho... Não via ninguém a não ser o meu marido, não conhecia outra coisa senão o medo. Nem me apercebi de como Paulo crescia. Amimei-o, quando o pai era vivo? Nem sequer me lembro. Todas as minhas preocupações, todos os pensamentos, ficavam com a inquietação constante de alimentar aquele animal selvagem. Só pensava em servi-lo a tempo, que estivesse contente e cheio, para que não se enfurecesse, não me espancasse e me poupasse pelo menos uma vez. Lembro-me de que nunca me poupou. Sovava-me sempre. Quase diria que não era por mim, mas por todos os que desprezava. Durante vinte anos foi esta a minha vida. E não sei nada de como vivi antes do casamento. Por vezes, vêm-me à cabeça algumas coisas, depois é como se cegasse e não lembro mais nada. Igor Ivanovitch, que é da minha aldeia, ontem esteve aí. Falámos acerca disto, daquilo, e eu... recordo as casas, as pessoas; mas como viviam, o que diziam, o que aconteceu... já não lembro... Ah! Lembro-me dos incêndios... dois incêndios. Tudo saiu de mim. A minha alma está cerrada como uma casa desabitada, cega e surda...

Recobrou o ânimo e, sedenta, respirou o ar como peixe fora de água. Dobrou-se ligeiramente e depois prosseguiu:

— Após a morte do meu marido, apeguei-me ao filho... mas ele começou nessa altura a ter vida própria. Vi isso, então, com maus olhos. Cheguei até a lamentá-lo. Se ele caísse, como viveria eu sozinha? Não imagina a angústia, as preocupações que senti; partia-se-me o coração quando pensava no que lhe poderia acontecer...

Calou-se e fez um gesto suave com a cabeça, continuando gravemente:

— O amor sentido por nós, mulheres, não é completamente puro. Amamos o que precisamos amar. Repare, quando penso em si, penso na tristeza que sente pela sua mãe, na necessidade que tem dela. E todos aqueles que se sacrificam pelo povo, que são presos ou exilados na Sibéria, que morrem... Essas raparigas que percorrem quilómetros durante a noite, sozinhas, pisando lama, neve, sob chuva, para chegarem aqui. Quem as impulsiona? Quem as obriga? Amam. Ei-lo, o

amor puro, pensam. Sentem fé. Mas eu não sei amar dessa maneira. Amo o que me pertence, o que me toca.

— Também pode amar como essas raparigas — disse o pequeno-russo, esfregando num só gesto a cabeça, a cara e os olhos, energicamente, como costumava fazer. — Todos amam o que lhes é próximo. A senhora pode amar muito, com o seu grande coração maternal.

— Se Deus o permitir — sussurrou baixinho. — Sinto que gosto de viver assim. Gosto muito de si. Talvez até mais do que do Paulo. Ele é fechado, metido em si mesmo... Pensa casar com a Sandrina e nunca me disse nada, a mim, que sou sua mãe.

— Isso não é bem assim. Eu sei que não é verdade. Eles amam-se, correto. Mas no que diz respeito ao casamento, isso não. Ela não se importa, mas ele não quer.

— Porquê? — exclamou ela, enquanto o olhar triste fixava André. — As pessoas dizem não a si próprias.

— Paulo é um indivíduo raro — murmurou ele. — Tem uma natureza de ferro...

— E agora está na prisão — disse ela novamente. — É aflitivo, assustador mas, desta vez, de outra maneira. A vida já não é a mesma, o medo também não. Preocupa-se com todos. Também o meu coração é outro; a alma abriu os olhos, observa, sente tristeza e alegria. Compreendo poucas coisas, e é muito duro para mim que vocês não creiam em Deus. Enfim, é a vida, não há nada a fazer. No entanto vejo que vocês são todos bons, que se dedicaram a uma vida de sacrifício pelo povo, cheia de espinhos; pela verdade. Compreendi a vossa verdade: enquanto os ricos existirem não haverá justiça, alegria, nada. O povo nunca terá nada. Olhe, vivo no novo meio e, por vezes, à noite invoco a minha vida anterior, as possibilidades recalçadas aos pés... tenho piedade de mim mesma, é amargo. Mas, com tudo isto, a vida, hoje, parece-me um pouco melhor. Vejo-me sempre, cada vez mais...

O pequeno-russo pôs-se de pé. Andava de um lado para o outro, tentando levantar o mais possível os pés do chão.

— O que acabo de ouvir é maravilhoso. Muito bem dito... Conheci em Kertch um judeu, rapaz novo, que escrevia em verso; um

dia escreveu isto: «A força da verdade ressuscitará os inocentes que foram mortos.» Ele próprio foi morto pela polícia, em Kertch. Bom, mas isso não importa. Ele conhecia a verdade. Semeou-a entre os homens. Também você, Pelágia, é uma pessoa inocente condenada à morte.

— Agora começo a falar — continuou a mãe. — Falo, escuto-me e não acredito naquilo que ouço. Durante todos estes anos tive apenas um objetivo: seguir ao lado da vida, afastada, passar despercebida, querendo acima de tudo que ninguém me tocasse... Hoje penso em toda a gente. Não entendo totalmente os vossos problemas, mas estão todos tão próximos de mim. Lamento-vos e estimo-vos. Principalmente a si, meu caro amigo.

Ele foi para o pé dela e sussurrou:

— Obrigado.

Tomou-lhe a mão entre as suas, apertou-a, acariciou-a e virou-se rapidamente.

Cansada pela emoção, sem pressa, a mãe começou a lavar a louça. Agora estava calada e um sentimento de coragem queimava-lhe suavemente o coração.

André disse:

— Olhe, mãezinha, um dia destes podia encorajar um pouco o Vessovtchikov. O pai dele está preso, é um velho desprezível. Se o Nicolau o vê da janela, injuria-o. Isso não é correto. Nicolau é bom, gosta de cães, ratos, de todos os seres, mas não das pessoas. Tanto se pode corromper um homem! A mãe, ninguém sabe dela. O pai é um ladrão bêbado...

Quando se deitou, a mãe benzeu-o, sem que ele se apercebesse; já estava deitada há quase meia hora, quando ela docemente perguntou:

— Já está a dormir, André?

— Não... Porquê?

— Nada... Boas noites.

— Obrigado, mãezinha, obrigado — disse ele, reconhecido.

Pelágia, no dia seguinte, voltou à fábrica; quando chegou à porta, os guardas, grosseiramente, fizeram-na parar. Ordenaram-lhe que pusesse as marmitas no chão e observaram-na minuciosamente.

— Vocês, assim, fazem com que os almoços arrefeçam — notou ela enquanto lhe apalpavam a saia, sem pejo.

— Cala a boca — replicou um deles, irritado.

O outro, afastando-a ligeiramente pelo ombro, comentou, convicto:

— Eu digo que os atiram por cima do muro!

Sizov foi o primeiro a abordá-la.

— Já sabes o que se diz por aí?

— Não. O que é?

— Voltaram a aparecer os folhetos. Deixaram-nos em todo o lado. Foi-lhes muito útil fazerem buscas, prisões; para quê? Mazine, o meu sobrinho, foi preso... E agora? Prenderam o teu filho; agora está demonstrado que não eram eles.

Acariciando a barba com a mão, disse para Pelágia, enquanto se afastava:

— Passa lá por casa... sozinha, hum. A gente chateia-se...

Ela ficou reconhecida. Apregoava a mercadoria e, atenta, vigiava o movimento anormal que reinava na fábrica. Os operários estavam excitados, agrupavam-se, separando-se em seguida, iam de uma oficina para outra. Na atmosfera carregada de escórias, sentia-se passar uma baforada de força, audácia. De todos os lados vinham gritos de encorajamento e ironia. Os mais velhos contentavam-se em sorrir. Os capatazes andavam sem cessar, preocupados. Alguns polícias corriam. Os operários, quando os viam, deixavam de falar, olhando os seus rostos duros e furiosos.

Os homens pareciam outros. A silhueta esguia do mais velho dos Gussev via-se em todos os lados. O irmão, rindo à gargalhada, seguia-o qual sombra. Vavilov, o marceneiro, e Isaías, o apontador, cruzaram-se com a mãe, sem pressa. Este, um indivíduo baixo e magro, de

cabeça levantada e inclinada para o lado esquerdo, para olhar o marceneiro de cara túrgida e rosto impassível, dialogava com vivacidade e a barba agitava-se-lhe.

— Olhe isto, Ivan Ivanovitch; riem, estão satisfeitos, muito embora saibam que este caso está relacionado com a ruína do Estado, como nos explicou o senhor diretor. Aqui, Ivanovitch, não é preciso mondar o campo, mas sim lavá-lo...

Vavilov andava com as mãos atrás das costas. Tinha os olhos crispados.

— Digam o que quiserem, filhos de uma cadela — disse em bom som — mas que não se lembrem de mim.

Vassili Gussev foi para o pé da mãe.

— Hoje venho outra vez comer da tua comida. Não há dúvida de que é mesmo boa.

Depois, piscando o olho e em voz baixa, continuou:

— Acertou em cheio, Pelágia, muito bem.

Fez um aceno amigável. Gostava de ver aquele rapagão, o mais chocarreiro do bairro, falar-lhe ao ouvido, tratando-a pelo nome. A excitação, que se tornou comum a todos, deixou-a feliz e dizia para si:

— Decerto que se não fosse eu...

Três operários passaram ali próximo e um deles, baixo, comentou:

— Já não encontrei nenhum.

— Era bom que os lessem em voz alta. Eu não sei ler. Mas vejo bem que eles foram sovados pelas costas.

O terceiro olhou em redor, propondo:

— Vamos à fundição...

— Isto começa a dar resultado — segredou Gussev, piscando de novo os olhos.

Pelágia voltou para casa, feliz.

— Eles têm pena de não saberem ler... — comentou com André.
— Eu, quando era nova, aprendi, mas depois esqueci...

— É preciso que volte a saber.

— Já com esta idade? Para que todos se riam?

No mesmo instante André pegou num livro que tirou da estante

e, indicando uma letra, perguntou:

— Como se chama esta letra?

— É um R — respondeu, rindo.

— E esta aqui?

— Essa é um A.

Estava pouco à vontade e envergonhada. Parecia que os olhos de André riam e troçavam dela, e evitava olhá-lo. Porém, a voz dele era calma e doce, e o rosto sério.

— O André pensa realmente ensinar-me a ler? — quis saber com ar contrafeito.

— Porque não? Pois se já soube ler, agora recorda-se facilmente. Há um provérbio que diz: «Não há milagre, tanto pior; há milagre, tanto melhor.»

— Há outro que diz: «Burro velho não toma andadura.»

— Há, sim. Provérbios não faltam: «Quanto menos se sabe, melhor se dorme», por exemplo. Que verdade existe neste? É o estômago que pensa em provérbios, ele entrança um açaimo para a lama, para a ter mais segura... E esta letra, como se chama?

De olhar atento e testa enrugada, esforçava-se por lembrar as letras já esquecidas e alheava-se de tudo o resto.

Mas os olhos cansaram-se rapidamente. Primeiro apareceram lágrimas de lassidão, mais prementes depois as de desgosto.

— Aprendo as primeiras letras — disse, começando a chorar. — Aprendo a ler com quarenta anos...

— Não vale a pena chorar — animou o pequeno-russo, falando-lhe baixo e carinhosamente. — A sua vida não podia ter sido outra, e agora está a ver, pode entender como a vida é difícil para alguns. Há milhares de pessoas que podiam ter uma vida melhor do que a que existe cá em casa, e vivem como animais. E ainda por cima se gabam... Onde está a utilidade na vida dessas pessoas?... Hoje trabalham e comem, amanhã fazem a mesma coisa e isto repete-se dia após dia, ao longo das suas vidas. Trabalhar e comer. Enquanto isto, põem no mundo crianças, que nos primeiros tempos os deixam felizes, mas depois, quando também elas já comem muito, os pais zangam-se e maltratam-nas; mais depressa, cresçam depressa, parasitas, comilões, é

preciso que trabalhem! Não se importariam de fazer das crianças animais domésticos, mas estas começam a labutar para a sua própria barriga e iniciam por sua vez uma vida miserável, que arrastam como corrente de um condenado às galés. Homens a valer são aqueles que conseguem partir as cadeias que amarram a razão humana. Também a Pelágia, com as suas possibilidades, se meteu ao caminho.

— Não fale de mim — disse. — Que posso fazer?

— Tanto. É como a chuva... uma gota alimenta um grão. E quando souber ler...

Começou a rir, levantou-se e pôs-se a passear na sala.

— Sim, com certeza que vai aprender a ler... E quando o Paulo voltar, hem!?

— Ó André, quando se é jovem não há nada complicado. Mas a idade enriquece-nos de desgostos, fracos de forças, e a cabeça já não tem utilidade para nada...

Quando caiu a noite, o pequeno-russo saiu; Pelágia acendeu a luz e sentou-se próximo da mesa, para tricotar. Porém, pouco tempo depois, levantou-se e, indecisa, foi até à cozinha, fechou a porta à chave e, com a testa enrugada, preocupada, voltou para o quarto. Correu as cortinas, tirou um livro da estante e sentou-se novamente à mesa. Olhou à volta da sala e debruçou-se sobre o livro. Os lábios começaram a mover-se. Quando ouvia qualquer ruído, vindo da rua, fechava o livro, nervosa, e punha-se à escuta... E voltava, ora de olhos fechados, ora abertos, a murmurar:

— Nossa terra, terra...

Tocaram à porta. Precipitadamente, levantou-se, atirou o livro para a estante e, com ansiedade, perguntou:

— Quem é?

— Sou eu...

Era Rybine, que entrou alisando a barba, comentando:

— Dantes não era preciso perguntares quem era quando batiam à porta... Estás só? Julgava que o pequeno-russo cá estava... Vi-o hoje. A prisão não desencoraja um homem.

Sentou-se.

— Ora bem. Vamos lá falar um bocado...

Havia nele um ar de gravidade e mistério que a impressionou.

— Não há nada que não custe dinheiro — começou ele, com voz forte. — Nada se faz por nada. Nem nascer nem morrer. E as brochuras e os panfletos não são de graça. De onde vem o dinheiro, quem os paga? Tu sabes?

— Eu não — disse Pelágia, com lentidão, antevendo um problema.

— É isso. Eu também não sei. Segundo: quem escreve tudo isso?

— Sábios, certamente.

— Uns valores importantes. Ora aí está — disse Rybine, ao mesmo tempo que o rosto barbudo ficava vermelho. — Os papéis são então feitos e divulgados por uns senhores importantes. E nesses livros

são escritas coisas contra os senhores. Agora gostava que me explicasses qual a vantagem que eles têm em pôr o povo contra eles. Hem?

A mãe fechou e abriu os olhos, assombrada.

— O que é que estás a pensar?

— Hum! — duvidou o velho, mexendo-se pesadamente na cadeira como um urso. — Ora vê. Eu também fico arrepiado quando penso nisso.

— Soubeste alguma coisa?

— Isto é tudo uma aldrabice. Sinto que é aldrabice. Não sei de nada. Mas tenho a certeza de que se trata de uma burla. E eu preciso de saber a verdade. E compreendê-la. Não seguirei esses senhores. Quando precisam de mim atiram-me para a frente, para que os meus ossos lhes sirvam de ponte, para chegarem mais longe...

As palavras sombrias de Rybine tinham como que ligado o coração da mãe.

— Meu Deus — exclamou, angustiada. — Como é possível que o Paulo não tenha compreendido? E os outros que...

E então, pela sua mente, desfilaram os rostos sérios, cheios de honestidade, de Igor, Nicolau, de Sandrina, Natacha... e emocionou-se.

— Não, não — repetiu negativamente com um gesto de cabeça. — Não posso acreditar. Eles seguem a sua consciência.

— E estás a falar de quem?

— De todos, de todos os que vi, sem exceção.

— Não é para esses que deves olhar, mas sim para os que estão acima deles — notou o homem, pondo os olhos no chão. — Os que cá estiveram, os que nós vimos, talvez nem eles saibam de nada. Creem, é o que é preciso. Mas talvez por detrás deles estejam outros que procuram apenas o seu bem-estar, as suas vantagens. Um homem não contraria os seus interesses sem motivo.

E com a teimosa obstinação de camponês continuou:

— Nada de bom temos a esperar dos senhores.

— E então, que pensas fazer? — perguntou a mãe, assaltada pela dúvida.

— Eu? — Rybine olhou-a com atenção, não dizendo nada por

instantes, e repetiu: — Não devemos dar as mãos a esses senhores. É esse o problema.

Ficou novamente calado, aborrecido.

— Tinha interesse em me ligar aos teus rapazes para trabalhar com eles. Para isso tenho qualidades, pois sei o que devo dizer às pessoas. Mas agora, que concluí tudo isto, vou-me embora. Não posso ter confiança. Tenho de ir.

Com a cabeça baixa, refletia.

— Vou sozinho pelas aldeias, pelas choupanas. Levantarei o povo. É preciso que o povo participe nisto. Se lhe explicarmos, ele encontrará o caminho. Pois irei explicar-lhe: não há outra alternativa a não ser ele, não há outra razão a não ser a sua. Assim é que é.

A mãe teve pena dele, e receio também. Nunca tinha simpatizado muito com ele, mas agora, de repente, ele estava ali muito próximo. Disse-lhe com meiguice:

— Prender-te-ão.

Olhou-a e, tranquilamente, respondeu:

— Prendem-me e depois terão de me pôr em liberdade. Recomeçarei.

— Serão os próprios camponeses que te levarão à cadeia; atar-te-ão as mãos.

— Se me puserem na cadeia, sairei. Partirei novamente. E no que diz respeito aos camponeses, atar-me-ão as mãos, uma, duas vezes, mas acabarão por compreender que não me devem prender, mas sim ouvir. Dir-lhes-ei: «Não me acreditem, chega que me escutem!» E se me ouvirem, crer-me-ão.

Falava devagar, como se apalpassse cada uma das palavras antes de as pronunciar.

— Aqui, nestes últimos tempos, comi verdades maduras. Compreendi muita coisa.

— Desse modo cairás, Miguel — disse Pelágia, abanando a cabeça com tristeza.

Os olhos pretos e profundos fixavam-na como se esperassem resposta. O corpo vigoroso tinha-se curvado ligeiramente para a frente, apoiava as mãos na cadeira e o rosto moreno estava pálido,

emoldurado pela barba negra.

— Sabes o que Cristo disse do grão de trigo? «É preciso que morra, para que ressuscite uma nova espiga.» Tenho tempo, ainda, até à minha morte. Sou muito matreiro.

Moveu-se na cadeira e, sem pressa, levantou-se.

— Bem, vou até à taberna, encontrarei lá companhia. O pequeno-russo nunca mais chega. Já voltou ao trabalho?

— Já — respondeu a mãe, a sorrir.

— Ainda bem que assim é. Diz-lhe o que te disse...

Foram para a cozinha e, devagar, trocaram algumas palavras sem se olharem.

— Então adeus.

— Adeus. Quando te demites?

— Já o fiz.

— E quando te vais embora?

— Amanhã cedo. Adeus.

Rybine curvou-se e atravessou a entrada, sem vontade, desajeitadamente. A mãe manteve-se no limiar, dando atenção aos passos pesados e às dúvidas que lhe ficaram no coração. Depois, em silêncio, voltou ao quarto, levantou a cortina e espreitou pela janela. Do outro lado, as trevas espessas estavam imóveis.

«Vivo de noite», disse para si.

Tinha pena daquele aldeão de espírito refletido; era tão grande e forte...

André voltou, animado e contente.

Quando Pelágia acabou de contar a conversa que Rybine tivera com ela, exclamou:

— Pois sim, que vá pelas aldeias apregoar a verdade e acordar o povo. Connosco não se sente à vontade. Desenvolveram-se-lhe na cabeça as ideias de aldeão e não tem lugar para as nossas.

— No que ele disse, sobre os ricos, talvez haja qualquer coisa — disse ela prudentemente. — Desde que eles não nos enganem...

— O que ele disse preocupa-a? — perguntou, rindo, o pequeno-russo. — Ah, o dinheiro, mãezinha, se nós o tivéssemos. Mas vivemos com o dinheiro dos outros. Nicolau Ivanovitch ganha setenta e cinco

rublos mensais: entrega-nos cinquenta. Os outros seguem-lhe o exemplo. Há estudantes que passam fome para nos mandarem com frequência algum dinheiro. Junto centavo a centavo. Senhores, há-os de todas as raças, claro. Uns são falsos, outros deixam-se arrastar. Os que se aproveitam no meio deles, juntam-se a nós.

Esfregando as mãos, continuou com ímpeto.

— A nossa vitória não é ainda para amanhã, mas enquanto aguardamos, vamos organizar uma grande festa no primeiro de maio. Vai ser divertido.

Aos poucos, e depois de ouvir o rapaz, Pelágia foi-se libertando da preocupação em que Rybine a tinha deixado.

O pequeno-russo, com grandes passadas, atravessava o quarto de um para o outro lado, levando a mão à cabeça, com o olhar parado no chão.

— Por vezes, sinto no meu coração uma vida... extraordinária... Tenho a impressão de que, onde quer que esteja, encontro camaradas que ardem num fogo semelhante; são todos alegres, bons, prestáveis... Entendemo-nos sem falar... Há harmonia, e cada peito entoia uma canção. Essas canções correm como regatos e unem-se num só rio, que corre largo e livre, indo direito ao mar, o mar das alegrias claras da nova vida.

A mulher tentava não fazer barulho para não o incomodar, interromper. Prestava-lhe sempre mais atenção que aos outros. Havia mais simplicidade no que dizia, e as palavras chegavam com maior profundidade ao seu coração. Paulo nunca dizia o que pensava do futuro. Ao contrário dele, para André o futuro era parte de si mesmo. Nas suas tiradas, ela adivinhava como que um conto maravilhoso; o da grande festa de todos os homens, que viriam para a terra. Esse conto iluminava, perante ela, o sentido da vida e ação conduzidas pelo filho e pelos camaradas.

— E quando voltamos à realidade — continuou o pequeno-russo — e olhamos em redor, tudo é frio, enlameado, as pessoas estão fatigadas, furiosas...

Continuou, com profunda tristeza.

— Tem de se desconfiar do homem, é preciso receá-lo, e até

mesmo... odiá-lo; é humilhante mas é necessário. O homem está dividido. Seria bom que apenas se amasse. Mas como poderá ser? Como perdoar àqueles que caem sobre nós, como animais selvagens, que não admitem em nós uma alma viva e nos massacram, socando a nossa cara de homens? Perdoar, não. É impossível. Não falo por mim, eu conseguiria suportar todos os ultrajes, se fosse apenas o meu caso. Mas não quero ceder nada aos que usam a força. Não quero que aprendam, nas minhas costas, a bater nos outros.

Com frieza no olhar, inclinou a cabeça obstinadamente e disse, com maior convicção:

— Não devo perdoar qualquer erro, mesmo que ele não me atinja pessoalmente. Não estou sozinho na Terra. Suponhamos que me deixo hoje ultrajar, sem responder ao ultraje, e que até me rio disso, que não me magoa... Mais tarde o ofensor que, em mim, experimentou as suas forças, fá-lo-á com outro. É esse o motivo pelo qual devemos dividir as pessoas. O coração deverá ser firme, para podermos dizer: estes são meus irmãos, aqueles não... E justo, conquanto não seja uma situação que me dê prazer.

A mãe, sem querer, pensou no oficial e em Sandrina.

— Como se pode fazer pão com trigo que não está semeado?

— É esse o problema — disse André.

— Sim.

A imagem do marido, pesado e rabugento, como uma grande pedra coberta de musgo, passou-lhe pela mente. Pensou no que seria o pequeno-russo casado com Natacha e no Paulo com Sandrina.

— E esses hábitos, vêm de onde? — recomeçou André, com exaltação. — Está tão à vista que acaba por ser visível. Deve-se apenas ao facto de as pessoas serem diferentes. Mas sendo assim, vamos pô-las todas ao mesmo nível. Dividamos igualmente tudo o que foi criado pela razão, tudo o que foi fabricado pelas mãos. Vamos libertar-nos da escravidão do receio e da inveja, das correias da sua ambição e da estupidez...

O pequeno-russo falava assim, assiduamente.

André reentrara na fábrica e, assim como Paulo, entregava todo o salário a Pelágia, que o aceitava tão simplesmente como ao filho.

Por vezes, com ar brincalhão, propunha:

— E se fôssemos ler um bocadinho?

Recusava-se, gracejando, mas, obstinada, sentia-se vexada com o riso de André e punha-se a pensar: «Faço-o rir, não vale a pena.»

Apesar disso, perguntava-lhe cada vez com mais insistência o significado desta ou daquela palavra, para ela desconhecida. Não o olhava quando fazia perguntas. A voz tinha um timbre que insinuava indiferença. André apercebeu-se, então, de que ela lia às escondidas, porque a intimidava; deixou então de lhe sugerir as lições. Pouco tempo depois, ela disse-lhe:

— Tenho a vista fraca, André. Preciso de óculos.

— Vamos no domingo à cidade e eu levo-a ao médico. Depois terá os óculos.

Já por três vezes tinha pedido permissão para ver o filho. Como resposta, obtivera uma recusa amável do chefe da polícia, um velho de cabelos ruivos e grisalhos, faces escarlates e um nariz grande.

— Daqui por uma semana, minha senhora, antes não é possível. Talvez dentro de uma semana, agora não.

Era gordo e anafado; ela comparava-o a uma ameixa madura que tinha ficado tempo de mais na prateleira e começava já a ter a penugem do bolor. Palitava os dentes brancos e pequenos com um palito de madeira curto e amarelado. Os olhos verdes, redondos, sorriam, afetuosos; a voz era amável, amigável.

— É bem educado — disse a mãe ao pequeno-russo. — Está sempre a sorrir.

— Claro que sim. São todos amáveis, sorridentes. Dão-lhes uma ordem: «Este é um homem inteligente e honesto; é perigoso para nós, enforcuem-no.» Sorriem, enforcam o paciente e continuam a sorrir.

Aquele tipo que passou a busca na nossa casa era mais simples, dava logo a perceber que é um canalha.

— Não são seres humanos, mas sim martelos para martelar as pessoas, até que elas fiquem surdas. Meros instrumentos. Tentam moldar-nos, a nós, gente do povo, para melhor nos utilizarem. Eles próprios já são feitos à vontade daqueles que nos dirigem; podem executar qualquer trabalho que lhes ordenem, sem pensarem, sem quererem saber qual o fim a atingir.

Por fim, concederam-lhe a autorização. No domingo, chegou à sala de espera da prisão e sentou-se a um canto modestamente. A sala era estreita e suja, de escasso pé-direito; outras pessoas esperavam a hora da visita. Não era, com certeza, a primeira vez que lá iam, pois já se conheciam; estabelecia-se entre elas uma conversa murmurada, monótona, repleta de lamentações e bisbilhotices, como teias de aranha.

— Já sabe? — inquiriu uma mulher gorda, de rosto seco, com um saco sobre as pernas. — Esta manhã, na primeira missa, o padre ia

arrancando uma orelha a um dos meninos do coro...

Um homem já idoso, reformado militar, envergando o uniforme, tossiu com grande ruído e replicou:

— Esses meninos do coro... são uns rabinos.

Outro homem, já calvo, com ar bonacheirão, de pequenas pernas e grandes braços, de queixo proeminente, passeava na sala de um lado para o outro, com grandes passadas, atarefadamente. Com voz preocupada, dizia frequentemente:

— A vida está cada vez mais cara, é por isso que as pessoas estão piores que nunca. A carne de boi, de segunda, já custa vinte e oito copeques o quilo; o pão custa agora dois e meio...

De vez em quando viam entrar prisioneiros, vestidos com uniforme cinzento, trazendo nos pés pesadas galochas de couro. Ao encararem com a semiobscuridade da sala, piscavam os olhos. Um deles tinha cadeias nos pés. Em tudo se sentia uma calma estranha, tão simples que desagradava. Poderia dizer-se que aquelas pessoas se tinham habituado, ao longo do tempo, àquela atmosfera, que se lhes tornava familiar. Uns sentavam-se despreocupadamente, outros de guarda, preguiçosamente, outros ainda, pontuais e resignados, lá estavam na hora da visita.

No coração da mãe havia impaciência que a fazia vibrar. Mirava tudo em redor, perplexa, admirada com aquela simplicidade incômoda.

A seu lado estava uma mulher idosa, com o rosto cheio de rugas, mas com juventude no olhar. Esticando o pescoço comprido, dava atenção a todas as conversas, olhando as pessoas com um bizarro ar provocador.

— Quem é que está aqui que lhe pertença? — quis saber Pelágia.

— É o meu filho. É estudante — respondeu com pressa, em voz alta. — E a senhora?

— É o meu filho também. É operário.

— Como é que ele se chama?

— Vlassov.

— Não conheço. Há quanto tempo está aqui?

— Já há mais de seis semanas.

— O meu já passa de dez meses.

A Pelágia pareceu que havia na voz da interlocutora um sentimento indefinido, quase orgulho.

— Sim, sim — dizia bruscamente o velhinho careca. — As pessoas já não têm paciência. Toda a gente se enfurece, grita, as coisas aumentam de preço. E os seres humanos, por conseguinte, valorizam-se cada vez menos. Não se ouvem vozes amigas.

— É realmente verdade — dizia o militar. — Que desordem. Era bem preciso que alguém ordenasse finalmente: «Silêncio.» É o que faz falta, uma voz firme...

A conversa generalizou-se, animadora. Cada um exprimia a sua opinião e todos falavam em voz baixa. Ela pressentia em todos algo que lhe era estranho. Em casa dela conversava-se de outra maneira, numa linguagem mais simples, compreensível, clara.

Um carcereiro, gordo, de cara quadrada, barbudo, ruivo, gritou o seu nome, olhou-a de alto a baixo e afastou-se, coxeando, depois de dizer:

— Segue-me.

Seguiu-o. Apetecia-lhe empurrá-lo pelas costas para que andasse mais depressa. Paulo estava no meio de uma salinha, de pé, e a sorrir estendeu-lhe as mãos. A mãe apertou-as e desatou a rir; as pálpebras tremiam, e como não encontrava palavras, disse apenas, docemente:

— Bons dias... bons dias...

— Tem calma, mãe.

Apertou-lhe as mãos com mais força.

— Isso não é nada.

— Separem-se de maneira a haver distância entre vocês — disse o guarda, a suspirar. A seguir bocejou.

Paulo quis saber como estava de saúde, como ia a casa... Ela esperava outras perguntas. Buscou-as nos olhos do filho, mas não as encontrou. Estava calmo, como era habitual. Só um pouco mais pálido e os olhos pareciam maiores.

— A Sandrina manda-te cumprimentos.

As pálpebras tremeram, os traços do rosto tornaram-se mais suaves e sorriu. Uma angústia aguda tocou o coração da mãe.

— Libertar-te-ão em breve? — recomeçou, vexada e furiosa. — Porque te prenderam? Por causa das folhas? Mas elas voltaram a circular.

Nos olhos de Paulo houve um clarão de alegria.

— Reapareceram? — perguntou.

— Não se pode falar nessas coisas — informou o guarda com ar bonacheirão. — Só assuntos de família.

— Isto não são conversas de família? — respondeu ela.

— Não quero saber nada disso. Sei apenas que é proibido — repetiu o guarda, indiferente.

— Mãe, fala-me da família — disse Paulo.

Ela sentia nascer um sentimento de valor juvenil.

— Eu levo tudo isso à fábrica...

Calou-se e continuou depois, a sorrir:

— Sopa, sêmola, tudo o que a Maria cozinha, e ainda outros alimentos...

Paulo entendeu. Teve uma incontida vontade de rir. Puxou para trás os cabelos e disse com voz meiga, que a mãe conhecia:

— É bom que tenhas algo em que ocupar o tempo, assim aborreces-te menos.

— E quando os folhetos voltaram a reaparecer, passaram a revistar-me também — disse com ar zombeteiro.

— Outra vez — comentou o guarda, que já se estava a aborrecer. — Tiram a liberdade a um homem para que não saiba nada e tu, tu não obedeces. Tens de aceitar que não é permitido.

— Bem, não voltes a falar disso, mamã — disse Paulo. — O Mateus Ivanovitch é um bom tipo, não o devemos irritar. Entendemo-nos bem os dois. Hoje está aqui por acaso. Habitualmente é o subdiretor que assiste aos encontros.

— Terminou a visita — informou o guarda, depois de olhar para o relógio.

Paulo, energicamente, apertou e beijou a mãe; comovida por aquele gesto, feliz, ela pôs-se a chorar.

— Afastem-se — ordenou o guarda que, ao reconduzi-la, murmurou: — Não chores... vão libertá-lo. Soltam-nos todos. Já não

há espaço aqui...

Quando chegou a casa, feliz e contente, contou ao pequeno-russo.

— Contei-lhe diretamente. Ele compreendeu. — Suspirou. — Entendeu. Se assim não fosse não me tinha beijado. Nunca o fizera.

— Ah! É mesmo dele... — disse André, rindo. — Todos procuramos qualquer coisa, mas uma mãe... é sempre carícias que deseja.

— Oh! André... — falou com súbito espanto. — As pessoas vão lá como se fosse um hábito. Tiraram-lhes os filhos, enfiaram-nos na prisão e a elas nada as modifica; chegam, sentam-se, esperam, falam... hem? Se até as pessoas cultas se acostumam tão bem... que se pode dizer do pobre do povo?

— É natural — respondeu ele, a sorrir. — Apesar de tudo, para elas, a lei é mais suave do que para nós. Assim, quando ela lhes dá uma bofetada, eles respondem com uma careta, mas não muito feia. Ser batido com o seu próprio cacete dói menos...

Uma noite, a mãe estava sentada a tricotar peúgas e o pequeno-russo lia, para ela ouvir, a história da revolta dos escravos; bateram à porta com violência.

André foi abrir e Vessovchikov entrou com um embrulho debaixo do braço. O boné puxado para trás, e cheio de lama até aos joelhos.

— Ia a passar... Vi luz na janela. Entrei para cumprimentar. Vim agora mesmo da prisão — explicou com bizarria. Agarrou a mão de Pelágia e apertou-a com energia. — Paulo manda-lhe cumprimentos.

Depois, com hesitação, sentou-se numa cadeira e o seu olhar sombrio e desconfiado percorreu o quarto.

A mãe não gostava muito de Vessovchikov; havia na cabeça angulosa e nos olhos pequenos qualquer coisa que desde sempre a tinha assustado. Mas agora estava contente e, sorrindo, disse com vivacidade:

— Emagreceste. Faz-lhe chá, André...

— Vou arranjar o samovar — respondeu já na cozinha.

— Como está o Paulo? Puseram outros em liberdade, ou foste só tu que saíste?

Nicolau, com os olhos no chão, respondeu:

— O Paulo ainda lá ficou. Ele tem calma. Só me libertaram a mim...

Levantou a cabeça, olhou a mãe e continuou, sem pressa:

— Eu disse-lhes: «Já estou cansado. Libertem-me ou mato alguém e mato-me em seguida.» Logo a seguir libertaram-me.

— Ah! — admirou-se Pelágia, afastando-se.

Pestanejou involuntariamente quando o seu olhar se cruzou com os olhos dele, pequenos e estreitos.

— E o Teo Mazine? Escreve poemas?

— Escreve. Não consigo entender — disse ele, abanando a cabeça. — Ele é um canário ou quê? Meteram-no na gaiola e ele canta. Só há uma coisa que eu sei. E que não me apetece ir para casa.

— Decerto. Que vais encontrar em tua casa? — perguntou ela,

pensativa. — Não está lá ninguém, o fogão está apagado, está tudo gelado...

Ele calou-se por momentos, de olhos enrugados. Tirou um maço de cigarros do bolso; lentamente, pôs-se a fumar. Com o olhar seguiu a mancha de fumo cinzenta, que se desfez em frente do rosto, e começou a rir amargamente, qual ganir de cão.

— Raios! Gelado deve estar. Deve haver pelo soalho baratas geladas. E os ratos também devem ter rebentado com o frio... Deixa-me ficar aqui esta noite... Não te importas? — perguntou à mãe, surdamente, sem a olhar.

— Não, não me importo, claro que podes ficar — respondeu ela, alegremente.

Sentia-se pouco à vontade com ele, incomodada.

— Vivemos numa época em que os filhos se envergonham dos pais...

— O quê? — perguntou a mãe, estremecendo.

Ele olhou-a, fechou os olhos e o seu rosto tornou-se repentinamente o de um cego.

— Os filhos começam a envergonhar-se dos pais — repetiu, com um suspiro. — Não digo por ti... O Paulo nunca se sentirá envergonhado de ti... Sou eu que me envergonho do meu pai. E nunca mais voltarei para casa. Saí em liberdade vigiada... Se assim não fosse, iria para a Sibéria... Lá ajudaria a libertar os deportados, preparar-lhes-ia a fuga...

A mãe, com toda a sensibilidade, percebeu que o rapaz sofria, mas o seu sofrimento não lhe inspirava piedade.

— Sim, se assim é, o melhor é saíres daqui — disse ela para não o ferir, calando-se em seguida.

André voltou da cozinha e riu-se.

— Que estás tu para aí a dizer?

A mãe pôs-se de pé.

— É preciso arranjar alguma coisa para comer...

Vessovchikov olhou atentamente o pequeno-russo e disse, inesperadamente:

— Penso que há pessoas que é preciso matar.

— Oh, oh! E por que motivo?

— Para que desapareçam...

O pequeno-russo, grande e seco, de pé no meio da sala, dançava em cima das pernas e observava Nicolau do alto do seu corpo, de mãos nas algibeiras; Vessovchikov estava estendido na cadeira, envolvido numa nuvem de fumo, e o seu rosto acinzentado estava cheio de manchas vermelhas.

— hei de cortar as goelas ao Isaías Gorbov, verás.

— E porquê, pode saber-se?

— Para nunca mais espiar nem denunciar. Foi ele que fez do meu pai aquilo que ele é. E agora está a contar com ele para se alistar como informador — disse, olhando André com um olhar enevoado e mau.

— Ora repara — exclamou o outro. — Quem é que te responsabiliza por essas coisas? Só os imbecis.

— Os imbecis ou os inteligentes, tanto faz, ou quase — replicou firmemente. — Vê, por exemplo, tu és um rapaz inteligente e o Paulo também... E vocês, por acaso, veem-me como ao Teo Mazine, ou ao Samoilov, ou como vocês são um para o outro? Não vale a pena mentires, não acreditarei em ti... Afastam-me, dão-me um lugar à parte.

— Meu caro Nicolau, tu estás doente — comentou com gravidade e simpatia o pequeno-russo, tomando lugar a seu lado.

— Doente... vocês também estão doentes... só que os vossos dói-dóis são mais nobres, aos vossos olhos, do que os meus. Digo-te que todos nós somos patifes uns para os outros. Que queres responder-me tu, hem?

O olhar agudo parou em André, com dentes trocistas, ficou a aguardar resposta. O rosto comprido estava impassível. Só os lábios grossos se mexiam a tremer, como se tivessem sido queimados por um líquido a ferver.

— Não te vou responder nada — disse o pequeno-russo. O sorriso triste e quente dos seus olhos azulados acariciava o olhar de Vessovchikov. — Sei, por experiência, que discutir com um homem, cujo coração sangra, só é útil para o enfurecer. Sei-o bem, irmão.

Repito para mim que cada um de nós andou com os pés nus sobre estilhaços de vidro — continuou André. — Que cada um de nós, nas suas horas amargas, aspirou o mesmo fogo que tu agora mesmo...

— Não debes dizer-me nada — disse Nicolau, devagar — a minha alma uiva como um lobo.

— Não posso nem quero. Só sei que isso passará. Talvez não passe totalmente, mas passará.

Riu e deu uma palmada amigável nas costas de Nicolau.

— Isso, meu irmão, é uma doença de crianças, parecida com o sarampo. Todos sofremos disso. Os que são fortes sofrem menos, os fracos sofrem mais. Ela procura as pessoas como nós, quando já se encontrou o que se pretende mas não se compreende a vida nem se descortina o lugar a ocupar nela. Julgas-te o único dessa espécie, como um fruto, um bom pepino onde todos querem morder. Mais tarde, algum tempo depois, descobres que o que há de bom em ti existe nos outros também, que até nem são maus, e isso alivia-te. Ficas então quase envergonhado... por teres subido ao campanário, para lá do alto tocares a campainha, a tua campainha, que se não ouve, nem mesmo quando não bate o sino grande dos dias festivos. Depois vês que a tua campainha, embora pequena, torna maior o coro geral, ao passo que, tocando sós, os velhos sinos afogam-se no seu tumulto, como moscas na manteiga. Estás a ver o que te quero dizer?

— Talvez te compreenda! — Nicolau abanou a cabeça. — Porém, não acredito em ti.

O pequeno-russo começou a rir; num salto, pôs-se de pé e, ruidosamente, andava sem parar.

— Muito bem, também eu não acreditava. Entendes, meu estúpido?

— Estúpido, porquê? — perguntou Nicolau, esforçando-se por sorrir.

— É o que tu pareces.

De repente, Vessovchikov desatou a rir, com um riso sonoro e de boca aberta.

— Que raio te deu? — perguntou André, surpreendido, parando em frente dele.

— Bem, diria cá para comigo que quem te provocasse seria um grande palerma.

— Provocar-me como?

O pequeno-russo encolheu os ombros.

— Não sei — respondeu Nicolau, com ar brincalhão, a mostrar os dentes. — Só pretendia dizer que uma pessoa que te insulte deve ficar depois cheia de remorsos.

— Ah! Era aí que tu querias chegar! — disse André, a rir.

A mãe, da cozinha, chamou-o e ele saiu.

Quando ficou só, Vessovchikov olhou em redor, esticou a perna calçada com uma bota pesada, observou-a, baixou-se e apalpou o grosso tornozelo. Em seguida elevou a mão ao nível do rosto, mirou atentamente a palma da mesma e depois o dorso. Era grossa, coberta de pelos alourados. Agitou-a no ar, levantou-se.

André voltou com o samovar. Nicolau via-se ao espelho.

— Há muito tempo que não me via ao espelho. Tenho uma cara feia.

— E isso aflige-te? — perguntou curiosamente André, fitando-o.

— Sandrina costuma dizer que o rosto é o espelho da alma — disse Nicolau, lentamente.

— Mas isso não corresponde à verdade... Por exemplo, o nariz dela é adunco, as maçãs parecem tesouras, e a alma é uma estrela.

O outro olhou-o a sorrir.

Sentaram-se, pegou numa batata grande, com um gesto rápido, salgou um pedaço de pão e começou a comer tranquilamente, lentamente, como um boi.

— E as coisas por aqui como vão? — quis saber, com a boca cheia.

André, alegremente, contou-lhe como a propaganda se desenvolvia na fábrica; ficou de novo com ar sombrio e afirmou surdamente:

— Tudo isso demora muito. Leva muito tempo. É preciso andar mais depressa...

A mãe olhou-o, sentiu de novo uma leve animosidade por ele.

— Não podemos chicotear a vida, como a um cavalo, para que

ande mais depressa — disse André.

Vessovchikov abanava a cabeça, obstinado.

— Demasiado tempo. Não tenho calma. Que se pode fazer?

Afastou os braços, num gesto impotente, mirou o pequeno-russo e calou-se, ficando a aguardar resposta.

— Todos devemos aprender, e ensinar depois aos outros, essa é a nossa missão — respondeu o outro, pregando os olhos no solo.

— E quando é a revolta?

— Levaremos mais tarefa do que da outra vez, bem sei — sorriu o pequeno-russo. — Mas a data para a batalha ainda não a posso saber. Primeiro é preciso armar a cabeça, depois então armaremos as mãos. É o que penso...

Nicolau pôs-se de novo a comer. A mãe observava-lhe o rosto, de relance, tentando encontrar nele qualquer coisa que a bem dispusesse a seu respeito, com a figura maciça, talhada a golpes de goiva. Mas se encontrava o olhar penetrante daqueles olhos pequenos, pestanejava com receio.

André estava excitado, falava e ria, e de repente interrompia-se e assobiava.

A mulher adivinhava a sua perturbação; porém, Nicolau continuava calado, sentado, e se o pequeno-russo lhe fazia alguma pergunta, respondia com brevidade e uma visível repugnância.

Ela e André cedo se sentiram apertados e nada à vontade, na pequena sala, olhando de vez em quando, furtivamente, o visitante.

Por fim, ele levantou-se:

— Acho que me vou deitar... estive sempre fechado lá em baixo; quando me apanhei à solta fartei-me de andar, agora sinto-me cansado.

Foi para a cozinha; o barulho dos seus movimentos fez-se ouvir durante algum tempo. De repente não se ouviu nada, foi como se estivesse morto. A mãe, que o tinha ouvido com atenção, sussurrou a André:

— Que coisas terríveis ele pensa.

— Tem um feitio difícil — comentou, movendo a cabeça. — Mas aquilo há de passar-lhe. Também já fui assim. Quando as ideias não

nascem claras no coração, a escória amontoa-se no seu seio. Deixemos isso. Vá descansar, que eu ainda fico a ler um bocado.

Foi para o quarto, onde a cama se encontrava oculta por uma cortina de chita, e André, sentado à mesa, ouviu durante algum tempo o murmúrio quente das suas preces e suspiros. Passava as páginas dos livros rapidamente, num gesto febril, limpava o suor da testa, cofiava o bigode com os grandes dedos, mexia os pés. O relógio batia as horas, o vento gemia nas janelas.

A voz da mãe, num sussurro, fez-se ouvir:

— Ó Senhor, tantas pessoas no mundo... e cada uma se lamenta a seu modo. Onde estão as pessoas que vivem com alegria?

— Já existem algumas, já existem. Dentro de pouco tempo serão numerosas; sim, numerosas — respondeu o pequeno-russo como se fosse um eco.

A vida passava rapidamente, com os seus dias de rostos diferentes, claros ou sombrios. Em cada um deles havia algo novo que já não preocupava a mãe; tornava-se frequente virem desconhecidos lá a casa, à noite; falavam com André a meia-voz, inquietos. Partiam mais tarde, gola do casaco subida, o chapéu para a frente, sobre os olhos, sem fazerem ruído nas trevas para não chamarem a atenção. Adivinhava-se que cada um deles amordaçava a excitação, que todos ansiavam cantar e rir, mas sempre atarefados não dispunham de tempo para isso. Uns eram graves e irónicos, outros alegres transbordando a força da juventude, outros ainda pensativos e serenos... A mãe via neles qualquer coisa de obstinação, de segurança em si próprios. Embora cada um tivesse características pessoais, para a mãe, eles fundiam-se num só rosto magro, animado por uma calma resolução, um rosto claro, de olhos escuros, um olhar profundo, acariciante e severo, o olhar de Cristo a caminho de Emaús.

Ela enumerava-os e imaginava-os uma multidão que rodeava Paulo, que entre eles passava despercebido aos seus inimigos.

Uma tarde, uma jovem de cabelo aos caracóis, alegre, veio da cidade. Trazia uma encomenda para André. Ao partir, despediu-se de Pelágia com brilho alegre nos olhos:

— Até depois, camarada.

— Até depois — respondeu a mãe, contendo o riso.

Depois de a ter levado à porta, foi à janela para ver, sorrindo, a sua «camarada» afastar-se pela rua, com passos pequenos, fresca como uma flor na primavera, leve como uma borboleta.

— Camarada — repetiu a mãe para si, e quando a visitante já tinha desaparecido. — Ah! minha querida, oxalá Deus te dê um bom camarada para toda a vida.

Reparava frequentemente que todos os que vinham da cidade tinham algo de crianças, e sorria indulgente; mas o que a sensibilizava e lhe despertava uma admiração interessada, era a fé que todos demonstravam e ela sentia cada dia com maior profundidade e

clareza.

Os projetos de vitória comoviam-na e entristeciam-na. Quando os ouvia, uma vaga tristeza fazia-a suspirar. Mas, acima de tudo, sensibilizava-a a simplicidade e o belo e generoso esquecimento de si mesmos.

Já entendia as discussões, quando estas eram sobre a vida. Segundo ela, eles tinham descoberto a verdadeira fonte de infelicidade dos homens e habituara-se a aplaudir as suas opiniões. No íntimo, porém, não acreditava que eles pudessem transformar a vida segundo as suas ideias, nem que a força de que eram possuidores fosse suficiente para inflamar toda a classe operária. Todos pretendem hoje matar a fome, ninguém pensa em adiar a sua refeição, ainda que seja para o dia seguinte, se puder comer no mesmo dia. Poucos seriam os que se proporiam percorrer esse caminho longo e difícil; nem todos veriam que por esse caminho se chegaria ao maravilhoso reinado da fraternidade universal. Esse o motivo pelo qual aqueles jovens cheios de entusiasmo, apesar da barba e do aspeto não poucas vezes cansado, eram, aos seus olhos, crianças.

«Meus pobres pequenos!», pensava, ao mesmo tempo que abanava a cabeça.

Assim, eles viviam uma vida boa, séria e inteligente. Conversavam sobre o bem, e, ansiosos de ensinar aos outros o que tinham aprendido, faziam-no sem se recusar. Ela sabia que, apesar dos perigos que se corria, se podia amar uma existência assim; e sem querer lembrava o seu passado. Era como um caminho enevoadado, que se prolongava estreito e melancólico. Inconscientemente, sentia-se tranquila por ser útil nesta sua nova existência. Nunca se tinha sentido necessária para o que quer que fosse, e apercebia-se agora com clareza de que muitos precisavam dela. Este sentimento, descoberto em si, era-lhe agradável, fazia-a erguer a cabeça.

Pontualmente, levava os folhetos à fábrica, ficando deste modo com a sensação do dever cumprido. O rosto tornou-se familiar aos guardas, que já não lhe davam atenção. Foi revistada várias vezes durante o dia em que as folhas reapareceram. Quando não levava nada, excitava as suspeitas dos bufos e dos guardas. Faziam-na parar e

apalpavam-na. Fingia-se humilhada, discutia com eles, troçava por não encontrarem nada, afastando-se em seguida, vaidosa do seu à vontade. Começava a gostar deste jogo.

Não readmitiram Vessovchikov na fábrica. Um comerciante de madeiras lá do bairro admitiu-o. Transportava para os clientes madeiras, tábuas, lenha para o fogão. A mãe via-o passar, quase todos os dias. As pernas tremiam-lhe sob o peso, arqueadas contra o solo. Os dois cavalos negros estavam velhos, ossudos, de cabeça a abanar, tristes, fatigados, os olhos doces a pestanejarem de esgotamento. A seguiu-os, alongava-se, oscilando ao ritmo dos solavancos, uma prancha comprida e húmida ou um monte de tábuas, cujas extremidades batiam umas contra as outras. Nicolau, ao lado, sem segurar as rédeas, esfarrapado, enlameado, tendo nos pés umas botas pesadas, o chapéu na nuca, rígido e sem jeito, como uma cepa saída da terra. Abanava a cabeça e seguia com os olhos postos no chão. Os cavalos, cegos, iam contra as viaturas e pessoas que vinham em sentido contrário. Pragas cheias de fúria, como varapaus, esvoaçavam em seu redor; gritos de cólera cortavam o ar. Ele, de cabeça baixa, calado, assobiava de maneira aguda, ensurdecadora, ou com voz surda murmurava, dirigindo-se aos cavalos.

— Toma! Apara essa!

Nicolau, sempre que se reunia com os camaradas em casa de André, durante uma ou duas horas, para lerem as brochuras ou a última edição de um jornal estrangeiro, ficava a ouvir, sentado a um canto, sempre calado. Acabada a leitura, os jovens discutiam demoradamente; porém, Vessovchikov nunca participava nas discussões. Era o último a sair e quando ficava a sós com André, perguntava:

— Quem é o maior culpado?

— É aquele que foi o primeiro a dizer: «É meu.» Um homem que morreu há milhares de anos, com quem não vale a pena zangarmo-nos — respondeu André, num jeito brincalhão, mas com olhar inquieto.

— Mas... os ricos. E os que os mantêm?

O pequeno-russo, com a cabeça entre as mãos, corpo dobrado, falava longamente, com simplicidade, sobre a vida e os homens.

Contudo, concluía-se das suas palavras que toda a gente, na generalidade, tinha culpas, o que era desagradável para Nicolau.

Com um aceno negativo da cabeça, os lábios grossos colados energicamente, dizia com desconfiança que não concordava. Quando se ia embora, levava consigo descontentamento. Uma vez exclamou:

— Não. Estão aí os responsáveis, eles existem, garanto-te eu... É necessário que a charrua passe por todos os campos, a fundo, como num terreno de erva daninha, sem dó.

— Foi exatamente isso que o apontador Isaías disse uma vez quando falava de ti — fez notar a mãe.

Depois de um curto silêncio, Vessovchikov perguntou:

— Isaías?

— É ele esse malandro. Espia toda a gente, faz perguntas e passou a andar al pela rua a espreitar pelas janelas...

— Anda a espreitar — repetiu Nicolau.

A mãe não lhe podia ver a cara, pois já se tinha deitado, mas percebeu que falara mais do que devia, porque o pequeno-russo replicou com vivacidade conciliadora:

— Não lighes, deixa-o lá olhar. De resto, ele tem muito tempo livre, anda a veraneiar...

— Não, espera — pediu Nicolau, sombrio. — É ele o responsável.

— Responsável de quê? — ripostou André. — De ser estúpido?

Sem responder, Nicolau saiu.

André andou pelo quarto durante algum tempo, com passos lentos e fatigados, arrastando as pernas longas e secas, como patas de aranha. Descalçara as botas, como era hábito, evitando assim perturbar o sono da mãe. Porém, ela ainda não tinha adormecido.

— Receio o Nicolau — disse ela, inquieta, depois de este sair.

— Sim — respondeu André, arrastando as palavras — é um indivíduo irritável. É bom que não lhe fale mais do Isaías. Esse tipo é de facto um informador.

— Não admira; o compadre dele é polícia.

— Nicolau é bem capaz de lhe dar uma sova — começou, alarmado. — Repare nos sentimentos que os senhores oficiais da nossa sociedade despertam no simples soldado. Quando as pessoas do tipo

do Nicolau se consciencializarem dos seus vexames, o que é que acontecerá? O sangue que brotar chegará às nuvens e a terra ficará encharcada de espuma vermelha, qual espuma de sabão...

— É horrível — disse a mãe, tristemente.

— Eles não escouceariam se as moscas não os picassem — respondeu André um pouco depois. — E, contudo, cada gota de sangue deles foi de antemão lavada pela torrente de lágrimas do povo...

Riu e prosseguiu:

— Acredito que seja justo... mas não é animador.

Quando, a um domingo, a mãe voltava da mercearia, ao abrir a porta, uma alegria repentina inundou-a como chuva quente de verão. Ouvira a voz forte de Paulo, que vinha do quarto.

— Ei-la que chegou — gritou André.

Reparou que o filho se voltara para trás num ápice a fim de a olhar, e que o rosto se iluminava, comovido, prometendo enormes alegrias.

— Até que enfim, voltaste... — murmurou ela.

Ficou doida de surpresa e teve de se sentar. Ele curvou-se para a mãe; havia no canto dos seus olhos pequenas lágrimas claras e brilhantes, o rosto estava pálido, os lábios tremiam-lhe. Durante uns segundos não conseguiu articular palavra; ela olhava-o também, em silêncio.

O pequeno-russo, a assobiar, de cabeça baixa, passou por eles e saiu.

— Obrigado, mãe — falou Paulo, baixinho e profundamente. Apertou-lhe a mão com os dedos trémulos: — Obrigado, querida mãe.

Convulsionada de felicidade pela expressão do rosto do filho e pela entoação da voz, afagou-lhe os cabelos e, contendo as violentas pulsações do coração, disse baixo:

— Deus te abençoe. Que me agradeces?

— Obrigado por nos teres auxiliado na nossa grande causa. Quando um homem pode dizer que a mãe lhe é muito querida pelo espírito, possui uma rara felicidade.

Fascinada, silenciosa, com o coração aberto, absorvia as palavras. Tinha o filho ali à frente, expressivo, muito perto.

— Mamã, eu sabia que muitas coisas te magoavam, eram penosas para ti. Pensava... que nunca te reconciliarias connosco, não optarias pelas nossas ideias, mas que suportarias sem te manifestares como sempre o fizeste. Era duro...

— O André ajudou-me a compreender muita coisa.

— Sim, ele falou-me disso — respondeu a rir.

— E o Igor também. Sabes que ele é da minha aldeia? O André até me queria ensinar a ler...

— E tu, com vergonha... começaste a ler às escondidas sozinha!

— Ah, ele andou-me a espreitar — disse, confusa.

Depois, excitada por tanta alegria, sugeriu:

— Vamos chamá-lo. Saiu de propósito para não nos incomodar. Ele... não tem mãe.

— André! — chamou Paulo ao mesmo tempo que abria a porta.
— Onde estás?

— Estou aqui. Vou partir lenha.

— Deixa isso. Vem cá.

Demorou a chegar; quando entrou na cozinha, como se fosse o dono da casa, disse:

— Tem de se dizer ao Nicolau para trazer lenha; já há pouca. Mãe, já viu como está o nosso Paulo? As autoridades, em vez de castigarem os revoltados, alimentam-nos...

Pelágia riu. Com o coração docemente eufórico, sentia-se tonta de felicidade. Contudo, um sentimento egoísta de prudência fazia-a ansiar que o filho entrasse novamente na calma que lhe era habitual. Achava que era demasiada felicidade para ela e queria que essa alegria, a primeira grande alegria da sua vida, se alojasse eternamente no seu coração, viva e forte como tinha chegado. Receando a diminuição dessa felicidade, tinha pressa em a esconder.

— Paulo, vamos pôr a mesa? — propôs ela, atarefada. — Com certeza que ainda não comeste.

— Não. Disseram-me ontem que ia ser posto em liberdade, e hoje não tinha fome nem sede. A primeira pessoa daqui, que eu vi, foi o velho Sizov. Logo que me viu, atravessou a rua para me falar — contou Paulo. — Disse-lhe: «É bom que agora tenha cuidado comigo; sou um tipo perigoso e vigiado pela polícia.» Respondeu-me: «Que importância tem isso?» E logo a seguir perguntou-me: «Então, Teo Mazine, o meu sobrinho portou-se bem na prisão?» «Que é, para si, portar-se bem?», perguntei-lhe. «Quero dizer, se ele não falou de mais quando era interrogado.» Quando lhe disse que Teo é inteligente e honesto, acariciou a barba e, orgulhoso, disse-me: «Na família dos

Sizov nunca houve uma ovelha ronha.»

— O velhote não é nenhum parvo — comentou André, movendo a cabeça. — Conversámos muita vez um com o outro; é um bom homem. Soltarão o Teo?

— Creio que sim. Terão de os libertar a todos. Não há provas contra eles, a não ser as denúncias do Isaías. O que é que ele poderá ter dito?

A mãe ia e vinha. Observava o filho. André, de mãos atrás das costas, de pé, encostado à janela, ouvia o relato do outro, que passeava na sala. Deixara crescer a barba, que se encaracolava, formando anéis pequenos, negros e sedosos, adoçando-lhe o rosto tisonado.

— Vamos para a mesa! — chamou a mãe, servindo a refeição.

Enquanto comiam, André conduziu o tema para Rybine. Depois de ouvir a narrativa, Paulo exclamou, com pena:

— Se eu cá estivesse não o tinha deixado partir. Que leva com ele? Ideias mal definidas e um enorme sentimento de revolta.

— Sim, tens razão — anuiu o pequeno-russo, a sorrir. — Mas quando um homem chegou aos quarenta anos, farto de lutar com os ursos dentro de si próprio, não é fácil modificá-lo.

Nasceu uma discussão em que, como sempre, muitos termos eram incompreensíveis para a mãe. O jantar acabou e eles ainda ficaram a bombardear-se, encarniçadamente, com uma saraivada de palavras difíceis. Por vezes, falavam com simplicidade.

— Devemos ir pela nossa mão, sem nos afastarmos sequer um passo — disse Paulo, firmemente.

— E se embatermos no caminho com milhares de homens, que nos receberão como adversários...

A mãe ouvia. Apercebia-se de que Paulo não simpatizava com os camponeses, enquanto André os defendia e se esforçava por provar que era preciso ensinar-lhes a conhecer o bem. Entendia-se melhor com André, e quanto a si era ele que tinha razão, mas sempre que ele dava réplica ao filho, ela, impaciente, punha o ouvido à escuta, ansiosa por saber se o outro o humilhara. Porém, as discussões eram sempre acaloradas mas nenhum ficava zangado.

Pelágia, de vez em quando, perguntava ao filho:

— Mas, então, achas que de facto é assim?

Ele, com um sorriso, respondia:

— Claro que sim.

— Peço-lhe, meu caro senhor... — dizia André, com amabilidade sarcástica. — O senhor comeu muito mas não mastigou bem. Ficou-lhe um bocado atravessado na garganta. É conveniente gargarejar.

— Não te armes em palhaço — aconselhava Paulo.

— Ora essa! Estou tão sério como num enterro.

A mãe sorria suavemente e abanava a cabeça...

A primavera está próxima. A neve funde-se, pondo a descoberto as imundícies e as escórias que tinha dissimulado sob a sua brancura. Dia após dia, a lama tomava uma maior agressividade aparente, o bairro parecia todo vestido de sujos andrajos. Enquanto dia, os tetos pingavam, as paredes das casas fumegavam; quando caía o crepúsculo, formavam-se por todo o lado estalactites de gelo, de um branco sujo. O sol via-se cada vez com mais frequência. Hesitantes, os regatos iniciavam o seu murmúrio e corriam para o pântano.

As pessoas faziam os preparativos para comemorar o primeiro de maio.

Os panfletos, espalhados pela fábrica e pelos subúrbios, tinham o fim de explicar o significado dessa festa, e até os jovens, que não se tinham deixado influenciar com a propaganda, comentavam ao lê-los:

— É preciso organizar a coisa.

Vessovchikov dizia sempre:

— Já era mais que tempo. Chega de reinar às escondidas.

Teo Mazine entusiasmava-se. Emagrecera muito e o nervosismo que existia nas suas palavras fazia lembrar uma cotovia presa na gaiola. Tiago Samov tornou-se companheiro assíduo. Jovem taciturno, mais enérgico do que o habitual nos rapazes da sua idade, estava a trabalhar na cidade. Samoilov, que ficara mais ruivo desde a sua estadia na prisão, Basílio Gussev, Bukhine, Dragunov e outros, manifestavam a necessidade de se abastecerem de armas; porém, Paulo, André Somov e ainda outros discordavam.

Igor chegou, cansado e a arquejar como era hábito. Dizia a brincar:

— A modificação da ordem existente é uma grande obra, camaradas; contudo, para que possa evoluir com mais rapidez, é preciso que eu compre umas botas novas.

E exibia o calçado com o cabedal roto e encharcado.

— As solas também sofrem de uma doença incurável e todos os dias molho os pés. Não pretendo emigrar para debaixo da terra sem

primeiro abjurar este velho mundo pública e francamente. Aqui está porque recuso a proposta do camarada Samoilov, de uma manifestação armada, e proponho que seja eu a armar-me com um bom par de botas; estou convencido de que isso será mais útil para a vitória do socialismo do que a mais interessante partida de cabeças...

Usando da mesma linguagem afetada, descreveu como o povo de outros países tentara a melhoria de existência. A mãe gostava de o ouvir discursar; provocava-lhe uma impressão estranha. Dizia ele que os inimigos mais astutos, os que iludiam o povo, mais cruel e frequentemente, eram homens pequenos, barrigudos de pele avermelhada, cúpidos e sem escrúpulos, sagazes e impiedosos. Se os czares, que então governavam, lhes dificultavam a vida, revoltavam contra eles o povo, e quando este se sublevava e conseguia arrancar o poder das mãos dos imperadores, os homenzinhos tiravam-lho astutamente e mandavam os trabalhadores novamente para a sua toca. Se eles tentavam entrar em discussão, massacravam-nos às centenas e aos milhares.

Um dia, ela encheu-se de coragem e contou-lhe tudo o que imaginava quando o ouvia; sorrindo, confusa, perguntou:

— É isto que se passa, Igor Ivanovitch?

A rir, girando os olhos pequenos, retomou o fôlego, friccionou o peito e disse:

— Sim; realmente é isso. A senhora apanhou o touro da história pelos cornos. Nesse cenário há enfeites, alguns ornamentos para disfarçar, mas as coisas são as mesmas. São precisamente esses homenzinhos cheios de banhas os maiores pecadores e os mais venenosos insetos que picam e mordem o povo. Há quem, assim como os franceses, lhes chame burgueses. Lembre-se disso, eles mordem, sugam-nos o sangue...

— São os ricos? — perguntou a mãe.

— Precisamente. Repare: se à comida de um bebé formos adicionando uma pequena porção de cobre, isso vai impedir-lhe o seu normal desenvolvimento; ficará anão. E se o homem sofre intoxicação com ouro, então é a alma que não cresce; fica lívida e cinzenta, qual bola de borracha que custa cinco copeques...

Uma vez, quando Paulo falava de Igor, disse:

— Sabes, André? Aqueles que mais gracejam são os que mais sofrem...

O interlocutor não falou durante uns momentos; por fim, disse:

— Se assim fosse toda a Rússia morreria de riso.

Natacha voltou a aparecer. Também tinha estado presa, mas noutra cidade. O facto não a tinha modificado.

Quando ela estava, o pequeno-russo ficava mais alegre, brincava, metia-se com todos, com malícia mas sem maldade, e punha-se a rir. Se ela não estava, assobiava com tristeza as suas canções sem fim e andava muito tempo de um lado para o outro, no quarto, arrastando os pés.

Sandrina aparecia mais vezes, sempre melancólica, com pressa, e dia após dia, ficava mais branca, dura.

Paulo acompanhou a rapariga à porta, e a mãe ouviu-os falar.

— O Paulo vai ser porta-bandeira? — perguntou ela, baixinho.

— Vou.

— Está decidido?

— Sim, está. É o meu dever.

— A prisão... novamente?

Paulo ficou em silêncio.

— Não seria capaz de...

Hesitante, calou-se.

— O quê?

— Passar esta tarefa a outro...

— Não — disse ele em voz alta.

— Peço-lhe que volte a pensar nisso... Você é muito influente. As pessoas gostam de si. Você, e Nakdka, é aqui um dos dirigentes. Têm tanta coisa a fazer em liberdade! É conveniente que reflita. Por isto será exilado para longe e por longo tempo.

A mãe julgou perceber na voz da rapariga a presença dos sentimentos que ela bem conhecia: angústia e medo.

— Não, já está decidido — repetiu Paulo. — Nada me fará recuar.

— Ainda que fosse eu a pedir-lhe?

Num tom particularmente severo, ele apressou-se a responder:

— Não deve dizer isso. Em que pensa? Não deve pensar assim.

— Sou um ser humano — respondeu, baixinho.

— Sim, uma pessoa estupenda — disse o rapaz, docemente, num tom diferente, como se tivesse dificuldade em respirar. — Uma pessoa que me é querida. É por isso... é por essa razão que não deve falar assim...

— Adeus! — disse a jovem.

Pelo barulho dos tacões, a mãe compreendeu que ela se tinha ido embora bruscamente, quase a correr. Paulo foi atrás dela.

No peito, um aperto de terror opressivo, insuportável. Não tinha entrado em toda a conversa, mas pressentia que a aguardava um desgosto.

— O que é que ele quer fazer?

Paulo veio com André; este falava-lhe abanando a cabeça.

— E que vamos fazer com o maldito do Isaías?

— Acho que devemos aconselhá-lo a que renuncie ao trabalho de informador — disse o outro, aborrecido.

— Paulo, o que é que vais fazer? — perguntou-lhe a mãe, de cabeça baixa.

— Quando? Agora?

— No primeiro... primeiro de maio.

— Ah, bem! — disse ele em voz baixa. — Serei o porta-bandeira. Irei com ela à frente de todos... O que quer dizer que é muito possível que me prendam outra vez...

Os olhos da mulher tornaram-se ardentes, a boca secou, deixando-lhe um sabor desagradável. Paulo tomou-lhe a mão e acariciou-a.

— É preciso. Espero que o compreendas.

— Eu não tenho nada a dizer.

Lentamente, ergueu a cabeça. Mas quando o seu olhar se cruzou com o olhar brilhante e obstinado do filho, ela pôs o seu novamente no chão.

Ele deixou-lhe a mão, suspirou e recomeçou a falar quase num murmúrio:

— Não devias estar desgostosa, mas sim alegre. Quando é que virão a existir mães que mandem, sorridentes, os filhos mesmo para a morte?...

— Upa, upa! — exclamou o pequeno-russo. — Aí está Sua Excelência a toda a velocidade.

— Que foi que eu disse? — falou a mãe. — Não te proíbo nada. Se tenho pena de ti, isso é um assunto que só diz respeito ao meu coração de mãe.

Virou-lhe as costas. Ouviu dele palavras duras, golpeantes.

— Há sentimentos que impedem um homem de viver...

Isto sobressaltou-a e, receando que ele dissesse algo que a magoasse mais, disse com vivacidade:

— Não digas isso, Paulo. Eu compreendo que não podes fazer outra coisa... pelos camaradas...

— Não — retorquiu ele. — Faço-o por mim.

André estacou à entrada da porta; era mais alto que a porta, onde ficava como se fosse um quadro emoldurado. Curvava os joelhos com bizzarria, um ombro apoiava-o contra um dos prumos, atirando para a frente o pescoço, a cabeça e o outro ombro.

— Não era má ideia se acabasse com essa tagarelice, meu caro senhor — disse André, pousando em Paulo os olhos injetados.

Parecia um lagarto na fenda de uma pedra.

Pelágia queria chorar, mas não queria que o filho visse e, inesperadamente, murmurou:

— Oh, valha-me Deus, lá me esqueci...

E foi para o vestíbulo. Então, com a cabeça num ângulo da parede, deixou que as lágrimas corressem livremente. Chorava suavemente, em silêncio, enfraquecendo, como se com as lágrimas se perdesse sangue do coração. A porta ficara entreaberta, o que permitia ouvir os ruídos surdos da discussão.

— Com que então divertes-te a massacrar-te a ti próprio? — dizia o pequeno-russo.

— Não tens o direito de falar dessa maneira — berrou Paulo.

— Achas que eu seria bom camarada se me calasse perante as tuas cabriolas estúpidas? Por que disseste isso? Acaso o sabes, pelo

menos?

— É preciso que se diga com firmeza o que se tem a dizer, quer seja sim ou não.

— À tua mãe?

— A toda a gente. Não quero amor ou amizade que me retenha às pessoas, que me retenha...

— És um herói. Assoa o ranho. Porque não dizes isso à Sandrina? É a ela que deves dizer...

— Já lho disse...

— Deste modo? Não acredito em ti. Falaste-lhe doce e ternamente. Não ouvi, mas sei. Mas com a tua mãe libertaste a valentia. Toma atenção, meu animal, porque o teu heroísmo não vale um copeque.

Pelágia limpou apressadamente as lágrimas do rosto. Temia que André ofendesse Paulo. Apressou-se a abrir a porta e, ao entrar na cozinha, disse, tremendo de medo e de desgosto:

— Está tanto frio. Nem parece primavera.

Tirando os utensílios de cozinha de um lado para o outro, continuou a falar em voz alta, tentando dominar as vozes mais baixas dos rapazes.

— Está tudo alterado, as pessoas irritam-se, o tempo arrefece. Nesta época, já o calor aparecia, o céu ficava limpo e havia sol com fartura.

Fez-se silêncio no quarto. Ela deixou de mexer na cozinha, à espera não sabia de quê.

— Ouviste? — perguntou o pequeno-russo, baixinho. — Que diabo, é preciso compreender. Ela tem um coração mais rico do que o teu...

— Vocês não querem chá? — perguntou lá de dentro, com voz trémula. Sem dar tempo a que lhe respondessem, continuou, para ocultar o tremor que a invadia:

— Não sei o que tenho, estou gelada.

Lentamente, Paulo aproximou-se dela; com um sorriso nos lábios, culpado, olhou-a furtivamente:

— Perdoa-me, mãe — pediu a meia-voz. — Afinal ainda sou um

rapazinho, um tolo.

— Não me repreendas — rogou ela, atraindo a cabeça de Paulo para o seu peito. — Não fales em nada. Faz o que quiseres. Mas não voltes a falar-me com palavras desagradáveis. A tua vida pertence-te. Então uma mãe já não pode ter pena? Não. Tenho pena de todos. Vocês são todos muito queridos para mim e bem o merecem. Se não for eu, quem mais terá ternura por vocês? Tu vais, outros te seguirão, deixando tudo, partindo... meu querido Paulo...

Sentia que no seu coração um pensamento grande e caloroso lhe dava asas, a inspirava. Sentia uma mistura de alegria, sofrimento e angústia, mas não encontrava palavras e, atormentada por não se saber exprimir, agitava as mãos e olhava para o filho com os olhos queimados por uma dor intensa.

— Falo-te verdade, mãe. Perdoa-me. Eu compreendo-te — segredou Paulo, de cabeça baixa. Envolheu-a num olhar rápido; sorriu, confuso e alegre: — Jamais esquecerei isto, palavra de honra.

Ela afastou-se dele; com o olhar procurou André e disse-lhe num tom implorante mas afetuoso:

— Meu bom André, não o repreenda. Claro, você é mais velho...

O pequeno-russo, que estava de costas, assim ficou, mas comentou com certa comicidade:

— Uh, uh! Persegui-lo-ei. Sová-lo-ei, se for preciso.

Dirigiu-se a ele, estendendo-lhe a mão:

— Meu caro, meu caro André...

Este voltou-se, baixou a cabeça como se fosse um touro, e passou ao lado dela, de mãos atrás das costas, dirigindo-se à cozinha, fazendo ouvir de novo a sua voz ironicamente amarga:

— Vai-te embora, Paulo. Vai-te ou mordo-te a cabeça... Não falo a sério, Pelágia, não acredite em mim... Vou arranjar o samovar. Oh, que porcaria de carvão este... está húmido, é mesmo uma porcaria.

Calou-se. A mãe foi à cozinha e deparou com ele sentado no chão a acender o samovar. Sem desviar o olhar do que estava a fazer, recomeçou:

— Não tema... não lhe vou bater. Sou manso como um cordeiro. Tu não ouves isto, ó herói. Gosto muito dele. Não gosto é daquele

colete novo, está a ver, e ele gosta tanto dele que até empina a barriga, empurrando toda a gente: «Olhem, olhem, eu tenho um colete bonito.» É verdade que é bonito... mas para quê empurrar as pessoas? Já estamos muito apertados sem isso.

Paulo riu.

— Vais refilar ainda durante muito tempo? Uma descompostura devia ser suficiente.

O pequeno-russo continuou sentado no chão. Tinha posto o samovar entre as pernas e observava-o. A mãe, encostada à porta, de pé, fixava os olhos tristes na nuca arredondada e no pescoço comprido de André. Ele recostou-se para trás, apoiando as mãos no chão. Olhava Paulo e a mãe, piscando os olhos avermelhados:

— Vocês são boas pessoas. É verdade que sim.

Paulo curvou-se e pegou-lhe no braço.

— Não me empurres, não vês que caio?

— Porquê essa falta de à vontade? — observou a mãe.

— Porque é que não se abraçam forte, com muita força?

— Queres? — perguntou Paulo.

— Porque não? — respondeu o outro enquanto se punha de pé.

Abraçaram-se, imobilizados. Por momentos, os dois corpos formaram uma só alma, que ardia numa amizade ardente.

No rosto da mãe, lágrimas que não eram como tantas outras vezes de amargura, deslizavam suavemente. Confusa, secou-as.

— As mulheres são choronas. Tanto podem chorar de alegria como de desgosto.

Com um gesto leve, o pequeno-russo afastou Paulo, secando os olhos também.

— Acabou. Já chega de brincadeira... Maldito carvão. Sobrei tanto para o acender que tenho os olhos cheios de...

Paulo foi para a janela e sentou-se, com os olhos postos no chão.

— Não nos devemos envergonhar destas lágrimas — disse, suavemente.

Pelágia sentou-se ao lado dele. Uma sensação de coragem, tépida e doce, inundava-lhe o coração. Estava triste, mas também calma e feliz.

— Deixe-se ficar aí, mãezinha. Eu arrumo a louça — disse André, indo para o quarto. — Descanse... já se atormentou o suficiente.

Quando já não era possível vê-lo, a sua voz tornou-se mais sonora, calmante.

— É muito bom sentirmo-nos assim, vivendo realmente como homens.

— É — suspirou Paulo, olhando a mãe.

— Tudo se modificou — disse ela. — O desgosto é outro, a alegria também...

— É assim que deve ser — retorquiu o primeiro. — É porque há um coração novo a crescer, mãezinha. É a vida que cresce... Aparece um homem que acende o fogão da razão e grita, apela: «Eh, lá! Gente de todo o mundo, formem uma só família.» E ao chamamento, respondem todos os corações, dando o seu melhor, fundindo-se num só grande e forte, sonoro como um sino de prata.

Pelágia cerrou os lábios energicamente, evitando que tremessem, fechou os olhos para conter as lágrimas.

Paulo levantou a mão, com o fim de dizer algo, mas a mãe baixou-lha, sussurrando:

— Deixa-o continuar...

— Sabe uma coisa? — perguntou André, já perto da porta. — Ainda há muita dor à espera dos homens, ainda se perderá muito sangue; porém, tudo isso, todo o meu sofrimento e sangue, serão um pequeno resgate para o que já tenho no coração, no cérebro... Sou possuidor de uma alegria que nada nem ninguém poderá aniquilar, que me dá coragem e força suficientes para suportar e resistir a tudo. E essa alegria é a força. Já sou tão rico como uma estrela luminosa...

Acabaram o chá e ficaram sentados à mesa, conversando animadamente sobre a vida dos homens e o futuro, até cerca da meia-noite.

Quando um pensamento lhe aparecia claro, Pelágia relacionava-o com uma recordação do passado, sempre pesada, triste, grotesca, e servia-se dela para alicerçar esse pensamento.

No meio da corrente quente da discussão entre eles, o seu receio tinha fundido, sentia-se naquele momento como no dia em que o pai

lhe dissera, duramente:

— De nada serve fazeres caretas. Há um imbecil que quer casar contigo, não o deixes fugir. Todas as raparigas se casam, todas as mulheres têm filhos, todos os filhos dão desgostos aos pais. E tu, não és um ser humano?

À sua frente tinha-se deparado nessa altura o caminho inevitável que se alargava sem perspectiva em redor de um lugar deserto e sombrio. A necessidade fatal de percorrer esse caminho tinha-lhe enchido o coração de uma calma cega e resignada. Estava agora mais uma vez a passar por essa situação. Perante o pressentimento de nova infelicidade, dizia para si, não sabendo a quem:

— Tomem, levem.

Isso contribuía para o alívio da dor que lhe vibrava no peito como uma corda tensa. No seu íntimo, perturbada pela ansiedade da expectativa, ardia a chama de uma esperança frágil mas viva. A esperança que não lhe tirariam, não lhe poderiam arrancar. Alguma coisa ficava.

Paulo e André saíram de manhã muito cedo. Maria Kursunov bateu energicamente à janela e chamou, apressada:

— Pelágia, assassinaram o Isaías, vem ver...

Num estremecimento, o nome do assassino passou-lhe pela mente como um relâmpago.

— Quem foi? — perguntou subitamente, pondo um xaile por cima dos ombros.

— Quem quer que tenha sido, não ficou à espera. Fez a coisa e pôs-se a cavar — respondeu Maria.

Pelo caminho, comentou:

— Vão recomeçar as buscas, vão procurar o assassino. Graças a Deus que os teus rapazes passaram a noite em casa, posso ser testemunha. Perto da meia-noite passei à tua porta, espreitei pela janela e vi-te sentada com eles à roda da mesa...

— Que dizes, Maria? Como é que os poderiam acusar?

— Mas quem é que o teria morto? De certeza absoluta que foram os vossos — afirmou a outra, convicta. — Todos sabemos que ele vos andava a espiar...

Pelágia parou, deixou de respirar e pôs a mão no peito.

— Que tens? Não receies. Teve o que merecia. Apressa o passo antes que o levem.

A imagem pesada de Vessovchikov fazia titubear Pelágia. Estupefacta, pensava: «Disse que o fazia e fez mesmo.»

Próximo do muro da fábrica, no lugar onde existira uma casa que há pouco tempo tinha ardido, um mar de gente zumbia como um enxame de abelhas, pisando os destroços calcinados; havia cinza espalhada pelo ar. Muitas mulheres, empregados de pensão, um número superior de crianças, mercadores, detetives, e Petline o polícia, um homem alto, idoso, de barba prateada, com medalhas no peito.

Isaías estava estendido no chão; tinha as costas apoiadas numa tábuia escurecida pelo fogo e a cabeça descoberta sobre o ombro

direito. A mão do mesmo lado tinha-a na algibeira das calças e os dedos da esquerda cravados na terra.

A mãe viu-lhe o rosto. Os olhos, sem brilho, fixavam o boné, colocado sobre as pernas molemente estendidas, a boca entreaberta num jeito de espanto, a barba ruiva eriçada de um dos lados. O corpo magro, com a cabeça pequena e as feições ossudas, manchadas, tinha-se tornado mais pequeno, comprimido pela morte. Pelágia persignou-se, suspirando. Ele repugnava-lhe quando era vivo; contudo, agora morto, inspirava-lhe piedade.

— Não tem sinais de sangue — ouviu-se dizer a meia-voz. — Foi decerto morto à pancada...

Alguém disse em voz alta, com maldade:

— Calaram o bico a um denunciante...

O polícia sobressaltou-se e, afastando com as mãos o ajuntamento de mulheres, perguntou com ar ameaçador:

— Quem é que disse isso?

As pessoas dispersaram-se sob o seu impulso. Alguns debandaram logo com vivacidade. Alguém riu, maldosamente.

A mãe, pensando, voltou para casa.

— Não há quem o lamente.

A sombra assassina de Nicolau erguia-se diante dela. Os olhos pequenos tinham um brilho frio, cruel e a mão direita dançava como se tivesse sofrido uma entorse...

Paulo e André regressaram a casa para comer; ela, acolhendo-os, perguntou logo:

— Então... já prenderam alguém por causa do Isaías?

— Não ouvi dizer nada — replicou o pequeno-russo.

Notou que eles estavam acabrunhados.

— Não se fala do Nicolau? — perguntou então em voz baixa.

O filho olhou-a com severidade e, sublinhando bem as palavras, respondeu:

— Não se fala em nada. Tão pouco se pensa nele. Não está cá. Foi ontem ao fim do dia para o rio e ainda não voltou. Pedi notícias dele...

— Abençoado seja Deus — disse Pelágia com um suspiro. —

Louvado seja Deus.

André olhou-a, baixou a cabeça e falou:

— Ele ficou lá estendido... parece surpreso.

— Ninguém o lamenta — continuou ela, pensativa. — Ninguém teve para ele uma palavra amiga. Está tão pequeno que mal se vê. Como um pedaço de qualquer coisa que se partiu, caiu ali no chão...

Enquanto comia, Paulo pousou a colher inesperadamente e exclamou:

— Não compreendo isto.

— O quê? — quis saber o outro.

— Que se mate um animal apenas porque é preciso para comer. É repugnante. Matar um animal feroz, uma ave de rapina... é aceitável. Mas matar um miserável como este... Como é possível que se levante a mão para fazer uma coisa destas?

André encolheu os ombros e começou:

— Ele não era menos nocivo que um animal feroz. Nós matamos um mosquito que suga um pouco do nosso sangue.

— Sim, com certeza. O que quero dizer... é que, para mim, isto é repugnante.

— Que podemos fazer? — disse André, com um novo encolher de ombros.

Houve silêncio durante muito tempo.

— Tu não eras capaz de matar um indivíduo destes? — perguntou Paulo, pensativo.

— Pelos camaradas, pela nossa causa... sou capaz de tudo. E matarei ainda que seja um filho meu...

— Oh! André! — murmurou a mãe, quase sem voz.

Ele sorriu.

— Não é possível agir de outro modo. É assim que é a vida.

Obedecendo a um impulso interior, arrebatado subitamente pela excitação, pôs-se de pé, agitou os braços:

— Que podemos fazer? Temos de odiar primeiro o homem para que, pouco tempo depois, o possamos admirar sem reserva. É preciso aniquilar aquele que impede a corrida da vida, o que negocia outro ser para alcançar repouso ou honrarias. Se na vida dos bons aparece

um Judas que espera a hora de os trair, então também eu serei como ele se não o matar. Não me assiste por acaso esse direito? E os «senhores», terão o direito de dispor dos soldados e carrascos, de internatos e prisões, de trabalhos forçados e de tudo o que é infame, para garantir a sua estabilidade e bem-estar? E se alguma vez for obrigado a tirar-lhes a matraca das mãos, que hei de fazer? Não posso recusar. Pois irei usá-la. Eles liquidam-nos às dezenas e às centenas... Isso permite-me levantar o braço e deixá-lo cair sobre a cabeça do inimigo, daquele que de mim estiver mais próximo e mais nocivo seja para a obra de toda a minha vida... É assim a vida. A minha luta é contra ela. Não a quero assim. Sei que o sangue dos meus inimigos não cria nada, não é fértil. A verdade cresce quando o nosso sangue rega a terra como chuva miudinha. Enquanto o sangue deles é pobre, desaparece sem deixar marca. Não ignoro isso... Mas tomarei as responsabilidades do crime, matarei se vir que é preciso. Só falo por mim... essa morte morrerá comigo. De maneira nenhuma irá manchar o futuro, não sujará ninguém, ninguém a não ser eu.

Andava de um lado para o outro, agitando as mãos, levando-as ao rosto como se estivesse ferido, gesticulando como se atirasse algo para longe dele. Muito triste e inquieta, a mãe escutava-o, pressentia que alguma coisa se partira dentro dele e que sofria. Já não tinha aqueles pensamentos sombrios e receosos quando se lembrava da morte do Isaías. Se não fora Vessovchikov, também não fora nenhum dos camaradas de Paulo o autor do crime — pensava ela. De cabeça baixa, o filho sorria ao pequeno-russo, que continuava a falar com energia e obstinação.

— Quando se começa é preciso lutar-se até contra si próprio. É necessário sacrificar tudo, inclusive o coração. Dedicar a vida à causa, dar-se, morrer por ela, é fácil... Sacrifica mais, sacrifica também aquilo que te é mais querido na vida; então verás crescer em ti vigorosamente o que de melhor em ti existe: a tua verdade.

Ficou parado no meio do quarto. Empalidecera e tinha os olhos semicerrados. Com uma promessa solene, ergueu a mão e prosseguiu:

— Acredito que chegará o dia em que os homens se admirarão mutuamente e que cada um será uma estrela perante o outro. Existirão

na terra homens livres, grandes para a sua liberdade. Cada um deles seguirá de peito nu, isento de ódio, e ignorará a maldade. A vida perderá o sentido de vida, passará a ser o culto do homem, a sua imagem subirá mais alto; para aqueles que vivem em liberdade, todos os cumes são acessíveis. Viveremos livres e com verdade pela beleza, e hão de ser estimados os melhores, aqueles que melhor abracem o mundo no coração, os que amarem com mais profundidade; esses serão os mais livres, é neles que coexistirá a maior beleza. Grandes serão os homens que viverem essa vida...

Calou-se. Endireitou o corpo e disse com voz vinda do mais profundo do seu ser:

— E por essa vida estou disposto a dar tudo!

Estremeceu. Dos olhos, uma após outra, corriam-lhe lágrimas graves, pesadas. Paulo levantou a cabeça e olhou-o. Empalidecera também, os olhos esbugalharam-se. A mãe levantou-se da cadeira; sentia nascer nela uma angústia obscura.

— Que tens, André? — perguntou Paulo, a medo.

O pequeno-russo sobressaltou-se, esticou o corpo como uma corda e, olhando a mãe, disse:

— Eu sei... eu sei...

Ela aproximou-se dele vivamente, tomou-lhe as mãos. O rapaz pretendeu libertar-se, mas a mãe apertava-lhas com força e murmurou calorosamente:

— Meu pequeno, tem calma... meu querido André...

— Esperem — disse ele, surdamente. — Vou contar-vos como as coisas se passaram.

— Não vale a pena — disse-lhe ela, secando-lhe as lágrimas. — Não é preciso...

Lentamente, Paulo aproximou-se; os olhos estavam húmidos, mas sorria.

— A mãe receia que tenhas sido tu...

— Não tenho medo. Não creio nisso. Ainda que o tivesse visto, não acreditaria.

— Esperem — pediu o pequeno-russo sem os olhar, abanando a cabeça e tentando libertar a mão. — Não, não fui eu... mas poderia tê-

lo evitado.

— Não digas mais nada — pediu Paulo.

Apertando uma das mãos do pequeno-russo na sua, pondo-lhe a outra sobre o ombro, como que tentando fazer parar o frémito que lhe agitava o corpo, André, com a cabeça inclinada, continuou a falar em voz baixa, entrecortada:

— Eu não o queria, tu sabes que não, Paulo. Foi isto que sucedeu: tu foste para a frente e eu fiquei à esquina com o Dragunov... O Isaías apareceu da outra rua... Parou, não muito longe de nós, e a olhar-nos. Ria-se... O Dragunov disse-me: «Estás a ver? Espia-me todas as noites. hei de matá-lo.» Depois foi-se embora; pensei que tinha ido para casa... O Isaías veio para o pé de mim...

Suspirou profundamente.

— Nunca me senti tão humilhado como com aquele cachorro.

Calada, a mãe puxava-lhe os braços para a mesa; por fim, consegui que ele se sentasse numa cadeira, sentando-se também a seu lado. Paulo continuou de pé, em frente deles, puxando a barba com certa melancolia.

— Ele disse-me que nos conhecia a todos, que a polícia andava em cima de nós e que iríamos todos para a gaiola antes do primeiro de maio. Calei-me, ri-me, mas fiquei a ferver interiormente. Disse-me em seguida que eu era inteligente, devia deixar este caminho, devia antes...

Calou-se, secou o rosto: tinha agora um brilho frio no olhar.

— Compreendo — disse Paulo.

— Eu devia entrar, de preferência, ao serviço da lei, disse ele...

Esticou o braço e sacudiu o punho.

— «Ao serviço da lei»; maldita seja a sua alma — murmurou entre dentes. — Preferia que me tivesse dado um par de bofetadas... ter-me-ia doído menos... e a ele também, com certeza. Perdi a paciência quando ele me atirou ao coração a sua saliva infeta.

Febrilmente, libertou-se da mão de Paulo. Surdamente, prosseguiu:

— Dei-lhe um murro na cara e fui-me embora... Ouvi Dragunov, atrás de mim, dizer suavemente: «Apanhaste-lo bem.» Ele, decerto,

tinha ficado à esquina...

Depois de um minuto em silêncio, continuou:

— Não me virei... contudo senti... ouvi um baque... Saí dali calmamente, como se tivesse tropeçado num sapo. Estava a trabalhar quando ouvi gritar: «Assassinaram o Isaías...» Não acreditei. Porém, doía-me a mão... não consigo mexê-la bem... não é que esteja magoada, não; mas... é como se tivesse mirrado...

Olhou obliquamente para a mão.

— Talvez não consiga lavar esta mancha infeta durante toda a minha vida.

— O que interessa é a pureza do teu coração, meu pequeno — disse a mãe, tranquilamente.

— Eu não me culpo... não — afirmou André. — Porém, repugna-me. Não precisava disto.

— Não te entendo muito bem — disse Paulo, com um encolher de ombros. — Não foste tu que o mataste, ainda que...

— Sabes que se mata e não o evitas...

— De todo em todo, não consigo entender — repetiu Paulo.

Depois de refletir um pouco, acrescentou:

— Melhor, posso compreender, mas não posso... sentir.

Ecoou o uivo da sereia. O pequeno-russo inclinou a cabeça para o ombro, para melhor ouvir o mugido imperativo, e disse, tremendo:

— Não vou à fábrica.

— Eu também não — concordou o outro.

— Vou aos banhos — declarou André a sorrir.

Arranjou-se rapidamente e saiu com ar tristonho.

A mãe seguiu-o com compaixão no olhar.

— Diz o que entenderes, Paulo. Eu sei que é pecado matar um homem. Contudo, penso que ninguém é culpado. Eu tinha pena do Isaías, ao vê-lo assim pequeno como um pulgão... Quando o vi, lembrei-me que ele tinha dito que faria com que te enforcassem... e já não me enfureci com ele nem me alegrei de o ver morto. Sem me aperceber, a piedade apoderara-se de mim... e agora... nem compaixão eu sinto...

Calou-se, pensou por momentos e observou, sorrindo de

admiração:

— Meu Deus! Compreendes o que quero dizer?

Ele parecia que não a tinha escutado. Com a cabeça baixa, passeava sem pressa pelo quarto, pensativo e sombrio.

— É assim a vida — comentou ele. — Vês como os homens se põem uns contra os outros? Com razão ou sem ela, é-se obrigado a lutar. E com quem? Com um homem tão limitado de direitos como nós, mais infeliz porque é estúpido. Para nós, a polícia e os bufos são inimigos, e no entanto também eles são pessoas; fazem-nos suar sangue e água; a eles também e não os consideram homens. E exatamente igual. Assim puseram os homens uns contra os outros, taparam-lhe os olhos pela estupidez e pelo medo, ataram-lhe os pés e as mãos; fazem-nos trabalhar, esmagam-nos e instigam-nos uns contra os outros. Fizeram deles espingardas, cacetes, pedras, e dizem: «É o Estado.»

Foi para o pé dela.

— É um crime, mãe. Um assassinio atroz de milhares de homens, o assassinio das almas... Estás a ver? Matam a alma. Vês a diferença entre nós e eles? Se um de nós soca um homem, sente-se envergonhado, isso repugna-o, deixa-o a sofrer, causa-lhe nojo. Os outros matam milhares de pessoas, sem dó, calmamente, sem um frémito, matam com prazer. E aniquilam só para ficarem com o dinheiro, pedaço insignificante de papel, todas essas miseráveis bagatelas que lhes dão o poder sobre o homem. Pensa... não é para proteção própria, para defesa, que eles aniquilam o povo, mutilam as almas; não fazem isso por si mesmos, mas por amor dos seus bens. Não se defendem do interior, mas do exterior...

Tomou as mãos da mãe, curvou-se, apertando-as.

— Se conseguires sentir esta abominação, esta infame podridão, compreenderás a nossa verdade, verás como é grande e bela.

A mãe ergueu-se, comovida, ardendo nela o desejo de fundir o coração com o do filho numa só chama.

— Espera, Paulo, espera — murmurou ela, ofegante. — Eu sinto-o... espera.

Fazia-se barulho na estrada. Paulo e a mãe ficaram sobressaltados. Abriu-se a porta, passando por ela Rybine, com andar pesado; entrou no aposento.

— Cá estou eu — disse a sorrir, levantando a cabeça. — Sou eu, podem cumprimentar-me e fazerem as honras da mesa.

Trazia vestida uma pequena peliça de carneiro, manchada de alcatrão, e calçava sapatos. Um par de luvas pendia-lhe do cinto e tinha um gorro de pele na cabeça.

— Como estão de saúde? Então já te puseram em liberdade, Paulo? Como vais, Pelágia?

O sorriso era sincero e deixava ver os dentes brancos. A voz era agora mais suave, e via-se menos o rosto coberto pela barba.

Contente por o voltar a ver, a mãe aproximou-se dele, apertou-lhe a mão escura e disse, aspirando o forte e são odor a alcatrão que ele trazia consigo:

— És tu? Estou contente por te ver.

Paulo, a sorrir, observou Rybine.

— Estás um belo mujique.

Lentamente, o velho tirou a peliça.

— Sem dúvida, voltei a ser mujique. Vocês seguem no sentido de serem um pouco «senhores», e eu volto para trás... é só isto.

Passou para a sala enquanto arranjava a blusa de cetim, e olhou em redor.

— Parece que não há mais móveis, mas o número de livros aumentou. Como vai o trabalho?

Sentado, de pernas afastadas, apoiou a palma das mãos nos joelhos e ficou à espera de resposta, esquadrinhando Paulo com o olhar inquisidor dos seus olhos pretos e com sorriso brincalhão.

— O trabalho não vai mal de todo — respondeu Paulo.

— Lavra-se e planta-se, sem se envaidecer disso, evidentemente, e far-se-á uma das colheitas? — inquiriu, ironizando, Rybine.

— E a tua vida, Miguel, como vai? — perguntou Paulo, pondo-se

à frente dele.

— Vai indo. Parei em Eguildievo; conheces Eguildievo? Um bonito burgo. Fraca gente, duas feiras por ano e mais de dois mil habitantes. Não há terras, alugam-nas, o solo não presta. Empreguei-me numa dessas sanguessugas que há por ali como moscas em cima de cadáveres. Extraí-se o alcatrão, faz-se o carvão. Pagam-me quatro vezes menos do que aqui e dou cabo das costas duas vezes mais. Somos sete indivíduos a trabalhar em casa desses unhas de fome. São todos daquela região, excetuando-me, e todos sabem ler. Um deles, Efime, é um apaixonado, Santo Deus.

— E então falas com eles? — quis saber Paulo, animado.

— Com certeza que sim. Levei os vossos folhetos todos; são trinta e quatro. Mas prefiro usar a minha Bíblia; posso encontrar nela tudo o que quiser; um livro espesso, autorizado pela igreja, que o imprimiu; pode-se crer nele.

Piscou o olho e sorriu.

— Só que não é muito. Vim a tua casa buscar livros. Somos dois. Trouxe Efime comigo. Transportávamos alcatrão, desviámos caminho para te virmos ver. Vais dar-me uma provisão antes que ele chegue. Não precisa de saber tudo.

A mãe olhou-o e pareceu-lhe que ele, além de ter tirado a peliça, tirara algo mais. Já não tinha o mesmo ar grave, mas o olhar era mais manhoso, menos aberto.

— Mamã — pediu Paulo — arranja-nos uns livros. Eles sabem o que te hão de dar. Diz-lhes que é para as aldeias.

— Está bem — respondeu. — Irei logo que o samovar estiver pronto.

— Pelágia, agora também te ocupas destas coisas? — perguntou Rybine, a rir. — Bom, lá na aldeia há muitos amadores de livros. O professor começa a gostar; dizem que é boa pessoa, não obstante ter sido educado num seminário. Há ainda uma professora a uns sete ou oito quilómetros dali. Mas não querem usar os livros proibidos. Como são pagos pelo governo, têm medo... Preciso de um desses livros proibidos, um que ligue bem, para lho enfiar como quem não quer a coisa... Se a polícia ou o pope virem o livro, julgarão que é o professor

que faz a propaganda. Eu, por enquanto, sou desconhecido, não estou incluído no assunto.

Risonho, mostrando os dentes, via-se que estava satisfeito com a sua malícia.

— Vejam só, parece um urso e é uma raposa — pensava a mãe.

— Então, você pensa — inquiriu Paulo — que poderão prender os professores se suspeitarem que eles distribuem livros proibidos?

— Claro... E depois?

— Mas foi você que deu os livros, e não eles... É a si que compete ir para a cadeia.

— Olha, que grande esperto! — ripostou o velho, rindo e batendo com a mão no joelho. — Quem é que se vai lembrar que um pobre mujique como eu se interessa por semelhantes assuntos? Onde é que isso já se viu? Os livros são coisas dos senhores; então, serão eles que responderão por isso...

A mãe tinha a impressão de que Paulo não compreendia Rybine; via-o enrugar a testa, enfurecer-se. Interveio, então, com um gesto suave e conciliador.

— Miguel Ivanovitch encarrega-se dessas coisas; porém, outros serão castigados por ele.

— Isso mesmo — anuiu ele, acariciando a barba. — Para já.

— Mamã — perguntou secamente Paulo — se um de nós, por exemplo, o André, atuasse em meu nome, e que por isso eu fosse preso, o que é que dirias?

A mãe estremeceu, desconcertada, olhou para o filho e foi dizendo ao mesmo tempo que acenava a cabeça num gesto negativo:

— Como se poderia proceder desse modo com um camarada?

— Ah! Ah! — disse Rybine, arrastando a voz. — Começo a compreender-te, Paulo.

Piscou os olhos com malícia para Pelágia e continuou:

— É realmente um assunto delicado.

Com ar sentencioso, voltou-se para o rapaz:

— Estás ainda muito verde, meu rapaz. Nas coisas ilegais não pode haver questões de honra. Raciocina um pouco: primeiro, é preso o rapaz em casa de quem se encontra o livro, e não os professores;

segundo, nos livros autorizados que lhes dão há as mesmas coisas que nos proibidos, só que as palavras não são as mesmas e têm menos verdade. Significa então que eles querem atingir o mesmo fim que eu, com a diferença de que eles seguem um caminho tortuoso, enquanto eu vou pela estrada a direito. O grau de culpabilidade é o mesmo, não é? Temos ainda que eu, meu caro, não tenho nada a fazer com eles; o peão não serve de companhia ao cavaleiro. Decerto que eu não faria isso contra um aldeão. Porém, um é filho de um pope; a outra é filha de um proprietário importante. Desconheço a razão pela qual necessitam de sublevar o povo. Não conheço o pensamento das pessoas instruídas, sou um mujique. Aquilo que eu faço, compreendo; mas o que eles querem não me interessa. Durante mil anos, os grandes representaram o papel de senhores e esfolaram o camponês. Mas de repente... ei-los que acordam e pensam abrir os olhos ao mujique. Eu, rapaz, já não creio em contos de fadas, e se vires bem, tudo isso se assemelha a um. Se no inverno atravesso um campo e algo se movimenta à minha frente, pergunto o que será. Um lobo, uma raposa ou um cão? Não posso ver. Está longe de mais.

A mãe, com olhar rápido, observou no filho um ar triste.

Nos olhos de Rybine havia um brilho sombrio, fitando Paulo.

— Não tenho tempo para elogios. A vida não brinca... Um canil não é o mesmo que um aprisco. Cada matilha age à sua maneira.

— Há «senhores» que se sacrificam pelo povo, que sofrem uma vida inteira nas prisões — disse a mãe, lembrando rostos familiares.

— O negócio para esses é diferente. Se o mujique enriquece, aproxima-se dos senhores, e se é o senhor que empobrece, aproxima-se ele do primeiro. A alma tornou-se pura obrigatoriamente, porque a bolsa está vazia. Lembras-te? Disseste-me tu uma vez, Paulo, que o pensamento ocorre segundo a vida que se leva. Assim, se o operário diz sim, o patrão deve dizer não. Porém, se o empregado diz não, o patrão, apesar da sua condição de «senhor», inevitavelmente dirá sim. Pois bem, o patrão e o mujique têm naturezas diferentes. Quando o último come à sua vontade, o primeiro não dorme de noite. É evidente que cada condição tem os seus patifes, e não concordo com a defesa de todos os mujiques...

Levantou-se, negro e possante. O rosto tornou-se mais sombrio. Como se batesse os dentes, a barba tremia. Prosseguiu em voz baixa:

— Pulei de fábrica em fábrica, durante cinco anos; desacostumei-me da aldeia. Voltei, vi o que se passava e disse para comigo: não posso viver assim. Entendes? Não posso. Há humilhações aqui, de que vocês não se apercebem. Mas lá pelas aldeias o homem é perseguido pela fome, não tem esperança de vir a ter pão suficiente. As almas foram devoradas pela fome, produzindo seres que em nada se assemelham a seres humanos; não vivem; apodrecem numa miséria inacreditável... Ali, nas cercanias, as autoridades fazem guardas, espiam como corvos, não vá alguém ficar com um pedaço a mais. Se o descobrem, tiram-lho e o desgraçado ainda leva no lombo.

Rybine, apoiando as mãos na mesa, olhou à sua volta e dobrou-se para Paulo.

— Senti mesmo vômitos quando vi de perto aquela vida. Cheguei a crer que não a iria conseguir suportar. Contudo, dominei-me; dizia a mim próprio que não devia ser garoto. Ficarei aqui, não lhes vou dar pão, mas causarei estragos... ah, sim, causarei. O meu rancor será usado contra aqueles que prejudicam as pessoas. No meu peito está espetada a humilhação e vibra como uma faca...

A fronte estava coberta de suor. Sem pressa, aproximou-se de Paulo, pousou a mão sobre o ombro dele; estava trémula.

— Ajuda-me. Dá-me livros que não permitam que o homem descanse depois de os ler. É necessário meter-lhe um espinho dentro da cabeça, um espinho que pique bem. Fala com os teus amigos da cidade, diz-lhes que não escrevam só para a gente da cidade, mas que o façam também para os camponeses. Que nos preparem um petisco saboroso, e ele revolverá as aldeias e levará os nossos mujiques a lutarem até à morte.

Com voz abafada, isolando as palavras, levantou um braço e continuou:

— Curar a morte com a morte, é o que é. Quer dizer que é preciso morrer para ressuscitar. Pois que morram milhares para que ressuscitem milhões em todo o mundo. E assim. Não é difícil morrer... Se os homens ressuscitassem, se eles se levantassem...

A mãe trouxe o samovar, dirigindo o olhar em diagonal a Rybine, que a deprimia com as palavras brutais e violentas que proferia. Havia algo naquele homem que a fazia lembrar o marido.

— Sim, sim, é preciso — disse Paulo. — Deem-nos elementos. Faremos um jornal.

A mãe olhou para o filho, sorriu, vestiu-se e saiu sem dizer nada.

— Podes fazê-lo. Daremos tudo o que for preciso. Escrevam coisas fáceis para que também os carneiros as possam compreender — exclamou Rybine.

A porta do vestíbulo abriu-se. Alguém entrou.

— É o Efime — disse o velho, depois de ir ver. — Vem para aqui, Efime... Este é o Paulo. Já falámos dele.

A frente deste estava um rapaz robusto, de cara larga, cabelos louros, olhos cinzentos, vestindo uma samarra de pele de carneiro, com o boné na mão.

— Olá — disse roucamente.

Alisou os cabelos rebeldes, ao mesmo tempo que apertava a mão de Paulo.

Deu uma vista de olhos pelo quarto e, lentamente, com passos furtivos, dirigiu-se para a estante carregada de livros.

— Já deu com eles — comentou Rybine, num piscar de olhos dirigido a Paulo.

Efime voltou-se, olhou-o e ficou a observar os livros, dizendo:

— Ótimo, a si não falta literatura. E falta tempo para ler, certamente. Na aldeia temos mais tempo para isso...

— E menos vontade! — disse Paulo.

— Porquê? Pelo contrário — respondeu o rapaz, coçando o queixo. — As pessoas começam a pôr a cabeça a funcionar. O que é «Geologia»?

Paulo explicou-lhe.

— Não precisamos disso — disse Efime, enquanto punha o livro no lugar.

— Não tem interesse para o mujique saber como se formou a Terra, como foi distribuída, como os grandes a arrebataram de debaixo dos pés do povo. Que rode ou fique parada, não importa,

podes até prendê-la com uma corda; é preciso apenas que ela dê comer, que alimente o seu mundo.

Efime leu:

— História da Escravidão. — E perguntou: — É de nós que fala?

— Aqui tem um que fala da servidão — disse Paulo, dando-lhe um outro para a mão.

Ele agarrou-o, rodou-o nas mãos, depois pô-lo em cima da mesa e, calmamente, disse:

— São coisas do passado.

— Vocês têm terra arrendada?

— Nós? Temos sim. Somos três irmãos e quatro hectares. A areia é boa para arear metais, mas para o trigo não presta.

Calou-se por momentos, prosseguindo em seguida:

— Libertei-me da terra. Para que é que serve? Não serve para alimentar. Não alimenta suficientemente os que a trabalham, mas atalhes as mãos. Alugo os meus braços como operário agrícola há quatro anos. Vou para o serviço militar em outubro. O tio Miguel disse-me: «Não vás.» Diz ele que agora mandam os soldados combater contra o povo. Porém, eu penso ir. Já no tempo de Stepan Razine e no de Pugatchev a tropa combatia o povo. É a altura de pôr fim a isso. Que diz? — perguntou, olhando fixamente para Paulo.

— Sim, é altura — concordou este a sorrir. — Só que não é fácil. É preciso saber como se deve falar aos soldados e o que se lhes deve dizer...

— Pois aprenderemos e tudo resultará bem — disse Efime.

— Se forem apanhados serão fuzilados — disse Paulo, por fim, olhando curiosamente para o interlocutor.

— Sim, não irão ter contemplanções — condescendeu calmamente o rapaz, voltando a examinar os livros.

— Bebe o teu chá, Efime. Temos de nos ir embora daqui a pouco — disse Rybine.

— Vou já... «Revolução» significa revolta?

André regressou, vermelho, cansado e aborrecido. Sem dizer nada, apertou a mão do rapaz, foi sentar-se ao lado de Rybine e depois de o considerar por um momento desatou a rir.

— Não tens um aspeto muito feliz — afirmou Rybine, batendo-lhe com a mão no joelho.

— Assim assim — respondeu o pequeno-russo.

— Também é operário? — inquiriu Efime, designando André com um movimento de cabeça.

— Também — disse André. — Porquê?

— São os primeiros operários fabris que ele conhece — elucidou o velho. — Para ele são pessoas diferentes.

— Diferentes em quê? — quis saber Paulo.

— Os vossos ossos são salientes. Os do mujique têm forma arredondada...

— O mujique é mais firme em cima das pernas — concluiu Rybine. — Sente o solo sob os pés; embora a terra não seja dele, sente-a; é a terra. O operário de fábrica é como um pássaro: não tem pátria nem lar. Hoje está aqui, amanhã noutro sítio... Nem uma mulher o prende... Uma discussão entre eles... adeus minha linda... mochila às costas e aí vai ele em busca de melhor pouso, algures. Ao contrário dele, o mujique tenta progredir na terra sem ir para outro lado... Ah, a tua mãe voltou.

Efime chegou-se ao pé de Paulo e perguntou-lhe:

— Pode-me emprestar um livro?

— Com todo o gosto — respondeu Paulo.

Um clarão de avidez iluminou os olhos do rapaz, que disse com vivacidade:

— Eu devolvo-lho. Os nossos amigos carregam alcatrão aqui perto; mandá-lo-ei por eles.

Rybine vestira o casaco e apertara o cinto.

— Vamos lá, temos de nos despedir.

— Agora já tenho que ler — exclamou Efime, empunhando os livros.

Quando eles se foram embora, Paulo perguntou ao amigo:

— Viste estes diabos?...

— Vi... — respondeu num jeito lento o pequeno-russo. — Parecem-se com nuvens...

— Falam de Rybine? — cortou a mãe. — É como se nunca

tivesse trabalhado na fábrica. É novamente um autêntico mujique. E é terrível.

— Não estavas cá e foi pena — disse Paulo a André, que se sentara próximo da mesa, observando o copo de chá com ar sombrio. — Poderias ver as manobras de um coração. Rybine envaidece-se com ideias tão nebulosas que fiquei marado, sufocado... Nem lhe consegui dar resposta. Vi que não confia nas pessoas e as estima muito pouco... A mãe tem razão quando diz que é terrível a força que um homem tem dentro dele.

— Reparei nele — falou o pequeno-russo, sombriamente.

— Intoxicaram os homens. Quando eles se levantarem... Destruirão todos os obstáculos, um seguido de outro. Necessitam da terra toda nua... arrasarão tudo o que a reveste.

Via-se que o seu pensamento não estava presente, falava devagar. A mãe disse-lhe com precaução:

— Devias reagir um pouco, meu caro André.

— Não tenha pressa, mãe, espere — replicou com ternura.

Entusiasmando-se, inesperadamente, batendo com a mão na mesa, repetiu:

— É verdade, Paulo, o camponês despirá toda a terra se se levanta. Queimará tudo, como após a peste, a fim de fazer desaparecer nas cinzas toda a marca das suas humilhações.

— Em seguida, levantar-se-á na nossa estrada — acrescentou Paulo, docemente.

— Cabe-nos a nós não o permitir. O nosso papel, Paulo, é o de o conter. Mais perto deles estamos nós... Acreditarão em nós, seguir-nos-ão.

— Já te disse que Rybine propôs que editássemos um jornal para eles?

— É isso que vamos fazer.

— Sinto-me envergonhado — disse Paulo, a rir — de não ter discutido com ele.

O pequeno-russo comentou tranquilamente:

— Oportunidades não faltarão. Toca a tua flauta: os que não têm os pés bem firmes na terra bailarão ao som da tua música. Rybine tem

razão: nós não sentimos a terra sob os pés, mas também não a devemos sentir porque estamos destinados a pô-la em movimento. Agitá-la-emos uma primeira vez e as pessoas soltar-se-ão; voltaremos a agitá-la e as pessoas irão soltar-se de novo.

Pelágia riu.

— Para ti, André, não há nada complicado.

— E então? — respondeu ele. — É simples; simples como a vida.

Instantes depois informou:

— Vou dar um giro pelos campos, passear...

— A seguir ao banho? Está vento. Vai-te cortar a pele — fez notar a mãe.

— É precisamente do que necessito.

— Toma cuidado; vais ter frio — disse Paulo, suavemente. — Era preferível ires para a cama.

— Não. Quero sair.

Vestiu-se e saiu sem dizer nada.

— Tem a tristeza dentro dele — comentou a mãe, suspirando.

— Sabes — disse Paulo — acho que fizeste bem em o tratar por tu depois daquela história.

Ela olhou, admirada.

— Mas foi sem querer. Ficou tão próximo de mim e... não sei como explicar.

— Tens um coração generoso, mãe — disse baixinho.

— Se eu pudesse ajudar-te, a todos vocês, mesmo um pouco só que fosse... Se eu soubesse...

— Não receies. Tu saberás.

— Eis o que sei bem: não tenho medo.

— Bom, mamã, não vamos falar disso. Quero que saibas... que te estou muito, muito reconhecido.

Foi para a cozinha para não o inquietar com as lágrimas.

O pequeno-russo voltou tarde, cansado, e deitou-se imediatamente, dizendo:

— Estou certo de que fiz pelo menos dez quilómetros.

— Fez-te bem? — quis saber Paulo.

— Vou dormir. Não me incomodes.

Calou-se e adormeceu que nem uma pedra.

Pouco tempo depois chegou Nicolau, sujo e contrariado como era hábito.

— Não ouviste dizer quem matou o malandro do Isaías? — perguntou, coxeando sem jeito no quarto.

— Não — respondeu Paulo, sem dizer mais nada.

— Apareceu alguém a quem isso não enojou. E estava eu a preparar-me para o estrangular. Este trabalho era para mim, a tarefa convinha-me.

— Não digas disparates, Nicolau — disse o outro, amigavelmente.

— É verdade — interveio a mãe. — Tens bom coração e não paras de refilar. Porquê?

Sentia-se satisfeita por ver o rapaz naquele momento. Até o rosto bexigoso lhe parecia agradável.

— Não sirvo senão para coisas deste tipo — disse num encolher de ombros. — Farto-me de pensar: «Onde está o meu lugar?» Não vejo nada para mim. É necessário falar com as pessoas e eu não sei. Observo tudo, todas as patifarias que fazem aos homens, mas não sei descrevê-las. A minha alma é muda.

Aproximou-se de Paulo, arranhando a mesa com o dedo, falou como se fosse uma criança, fazendo queixas, não se parecendo em nada com o Nicolau das outras vezes:

— Amigos, deem-me um trabalho duro, seja no que for. Não posso viver assim sem fazer nada. Vocês estão cheios de trabalho até ao pescoço... e eu sem nada. Carrego traves, pranchas. Não é possível viver-se para isso. Deem-me um trabalho útil.

Paulo pegou-lhe nas mãos, atraiu-o para si.

— Dar-te-emos que fazer.

Porém, por detrás do tabique, ouviu-se a voz de André:

— Vessovchikov, vou ensinar-te os caracteres da imprensa e serás o nosso compositor. Queres?

Este aproximou-se do tabique.

— Se me ensinares, oferecer-te-ei uma faca...

— Vai para o inferno com a tua faca — gritou o pequeno-russo,

desatando a rir.

— Uma faca boa — insistiu Nicolau.

Paulo pôs-se a rir também. Vessovchikov parou e perguntou:

— Vocês riem-se de mim?

— Decerto — confirmou o pequeno-russo, saltando da cama. — Olhem, que dizem a um passeio pelos campos? Está uma noite cheia de luar. Vamos?

— Concordo — disse Paulo.

— Também vou — respondeu Nicolau. — Gosto de ti quando ris, André.

— E eu de ti quando fazes ofertas.

Ao mesmo tempo que se vestia na cozinha, a mãe disse-lhe num jeito de repreensão:

— Veste algo que te agasalhe melhor.

Saíram os três e ela foi à janela para os ver; em seguida olhou para os ícones e disse em voz baixa:

— Senhor... ajuda-os.

Os dias corriam velozes uns atrás dos outros, não dando tempo à mãe de pensar no Primeiro de maio. Apenas à noite, quando cansada da agitação do dia e das emoções sentidas ia para a cama, o coração apertava-se-lhe ternamente.

— Que esse dia chegue o mais rápido possível...

Ao romper da manhã, a sereia da fábrica apitava; apressadamente, Paulo e André bebiam o chá, comiam qualquer coisa e lá iam deixando um número sem fim de afazeres destinados à mãe. Durante o dia, ela girava em constante movimento, preparando a refeição, uma espécie de geleia para a impressão das proclamações e cola para os cartazes. Apareciam pessoas que ela não conhecia, que partiam depois de lhe deixarem bilhetes para o filho e de lhe transmitirem a sua exaltação.

As proclamações que incitavam os operários a comemorar o Primeiro de maio eram coladas quase todas as noites nos tapumes; colavam-nas até nas portas da esquadra da polícia. Distribuía-m-nas todos os dias na fábrica. Pela manhã, os polícias andavam num vaivém pelo bairro, descolavam e raspavam, injuriando, as folhas cor de violeta; no entanto, à hora do almoço, elas voltavam a voar pelas ruas, giravam sob os pés dos transeuntes. Vieram da cidade polícias vestidos à civil; parados às esquinas, vigiavam os operários que iam comer, alegres e entusiasmados, ou os que já estavam de volta à fábrica.

Todos se sentiam felizes por verem a polícia impotente; até mesmo os mais maduros comentavam uns para os outros de sorriso nos lábios:

— Não conseguem nada, hem!

Formavam-se por todo o lado pequenos grupos que discutiam acalorados os apelos perturbadores. A vida efervescia; aquela primavera era para todos a mais interessante; trazia a cada um algo de novo: a uns, mais um motivo para se irritarem contra os sediciosos, e os destruírem com invetivas; aos outros, uma preocupação

perturbante, uma esperança; a outros ainda, ao menor número, a alegria aguda e a consciência de serem a força a despertar nas pessoas.

Paulo e o companheiro quase não conseguiam dormir. Chegavam a casa pouco antes do toque da sereia, cansados, roucos, pálidos. A mãe sabia que eles organizavam reuniões na floresta, perto do pântano; sabia também que, à noite, destacamentos da polícia montada rondavam o bairro e que os informadores espiavam, abordando e apalpando os operários que andavam sozinhos, a fim de dispersar as atenções, e que prendiam, por vezes, um ou outro. Sabia ainda que André e o filho corriam esse risco, chegando quase a desejá-lo, pois parecia-lhe que isso seria o melhor para eles.

Fez-se um silêncio estranho em redor do assassinio de Isaías. A polícia local fizera interrogatórios a esse respeito a uma dezena de pessoas em especial, durante dois dias, depois desinteressara-se do assunto.

Maria Korsunov, numa conversa com a mãe, pô-la ao corrente do que dizia a polícia, com quem mantinha boas relações, assim como toda a gente:

— Como seria possível encontrar o culpado? Durante essa manhã, cerca de cem pessoas viram o assassinado e pelo menos noventa dessas mesmas pessoas teriam vontade de lhe dar uma boa sova. Ele chateou bem o próximo durante os últimos sete anos...

O pequeno-russo modificava-se a olhos vistos. As faces emagreceram, as pálpebras, pesadas, caíam sobre os olhos injetados, semicerrando-os. Uma ruga fina ia-lhe dos lábios até às narinas. Falava menos das coisas, dos gostos e dos factos do dia a dia, mas entusiasmava-se com mais frequência, entusiasmo esse que ganhava ouvintes. Celebrava o futuro, a festa magnífica do triunfo da liberdade e da razão.

Quando a morte do Isaías parecia esquecida, disse, um dia, sorrindo com desdém e tristeza:

— Os nossos inimigos não gostam do povo, mas também não gostam mais daqueles de que se servem como de cães para nos encurralar. Não é o fiel Judas que eles lamentam, mas as suas moedas...

— Não voltemos a falar disso — pediu Paulo, com firmeza.

A mãe acrescentou a meia-voz:

— Esbarraram num tronco podre e ele desfez-se em pó.

— É justo, mas não é consolador — disse o outro em resposta, aborrecido.

Frequentemente, repetia estas palavras, que ganhavam na sua boca um sentido particular, que enleava todas as coisas, amargo e cáustico...

Chegou finalmente o Primeiro de maio, esse tão esperado dia.

A sereia tocou, como de costume, dominadora e imperiosa. A mãe, que não fechara os olhos durante a noite, pulou da cama, acendeu o samovar preparado no dia anterior, e ia como habitualmente bater à porta do filho e de André. Reconsiderou, e deixando cair o braço, sentou-se próximo da janela, apoiando a face na mão, como se sentisse dores de dentes.

No céu, de um azul pálido, corria apressadamente um bando de nuvens leves, brancas e rosadas, que se assemelhavam a pássaros grandes, fugindo assustados com o surdo mugido do apito. Pelágia observava as nuvens e estava atenta aos movimentos do coração. A cabeça pesava-lhe e os olhos, avermelhados pela insónia, estavam secos. Reinava uma calma estranha no peito, as pulsações eram regulares e pensava em coisas do dia a dia...

Um raio de sol, alegre e divertido, entrou pela vidraça. Estendeu a mão e quando ele lhe pousou, luminoso, nos dedos, com a outra acariciou-o, sorrindo pensativa. Em seguida levantou-se, tirou o cano do samovar, tentando não fazer barulho, lavou-se e pôs-se a rezar, benzendo-se com fervor, movendo os lábios em silêncio. O rosto iluminava-se, ao passo que, sob a cicatriz, a sobrancelha se erguia levemente, voltando a cair de repente.

A sereia chamou pela segunda vez, agora menos forte, mais insegura, trémula, densa e lenta; a mãe pareceu que era mais longa do que habitualmente.

O pequeno-russo perguntou do aposento, com voz clara:

— Paulo, não ouves?

Um deles arrastou os pés descalços no soalho; bocejou com

delícia.

— O samovar está pronto — disse a mãe.

— Vamo-nos levantar — respondeu Paulo, jovialmente.

— Já brilha o sol — comentou André — e as nuvens escondem-se. Hoje as nuvens estão a mais.

Entrou na cozinha, despenteado, ainda ensonado, mas contente.

— Bons dias; dormiu bem?

Ela aproximou-se do rapaz e disse em segredo:

— Não saias de ao pé dele; não, André?

— Claro que não — cochichou o outro. — Estamos juntos. Andaremos sempre juntos, descanse.

— Que estão vocês a conspirar? — perguntou Paulo.

— Nada.

— A mãe está a dizer para me lavar em condições. As raparigas irão olhar-nos — respondeu André, saindo para se vestir.

— Em pé, condenados da terra — cantou Paulo.

As nuvens desapareciam empurradas pelo vento, deixando assim que o dia se tornasse mais claro. A mãe pôs a mesa; meneava a cabeça, pensando como tudo era estranho. Os dois rapazes brincavam, sorriam no começo da manhã; contudo, quem poderia saber como se encontrariam ao meio-dia?

Ela mesma se sentia calma, quase alegre.

Demoraram-se à mesa, tentando abreviar a espera. Paulo, como era hábito, movia lenta e minuciosamente a colher para dissolver o açúcar no copo, salpicava de sal, com cuidado, a côdea de pão, o seu pedaço preferido. O pequeno-russo mexia os pés debaixo da mesa; nunca era capaz de os pôr comodamente na primeira tentativa; e olhando um raio de sol que corria ao longo do teto e da parede, contava:

— Quando eu era garoto, aí com uns dez anos, um dia senti vontade de apanhar o Sol num copo. Agarrei num, corri para a parede com grandes passos e... zás! Golpeei a mão e ainda levei tarefa. Depois vim para o pátio, vi-o numa poça, corri, pisei-o, pisei-o... Fiquei enlameado dos pés à cabeça... e sovaram-me ainda com mais força. Então, fulo, pus-me a gritar ao Sol: «Não me doeu, ruivo, não me

doeu, diabo ruivo...» Passei então o dia a deitar-lhe a língua de fora... Consolava-me.

— Porque é que ele te parecia ruivo? — perguntou Paulo.

— Em frente de nós morava um ferreiro com cara rubicunda e barba ruiva. Era um mujique alegre e bom. Não sei porquê, achava o Sol parecido com ele.

Sem se conseguir conter, Pelágia disse:

— Fariam melhor se conversassem sobre o que vão fazer.

— Falar do que está já decidido só servirá para complicar as coisas — cortou André docemente. — No caso de sermos apanhados, o Nicolau virá dizer o que há a fazer.

— Bem — suspirou ela.

— Talvez devêssemos ir para a rua — sugeriu Paulo, pensativo.

— Não, é melhor ficares em casa, enquanto esperas — aconselhou André. — De nada serve fazer-te notar pela polícia. Ela já te conhece muito bem.

Teo Mazine apareceu, feliz, de faces coradas. A emoção e alegria de que transbordava dissiparam o aborrecimento da espera.

— Já começou... as pessoas movimentam-se... Vêm para a rua... Os rostos são decididos... Vessovchikov, Basílio, Gussev e Samoilov estão desde muito cedo à porta da fábrica a falar aos rapazes. Há uma boa série deles que voltou para casa. Vamos lá. Já é tempo. São horas.

— Eu vou — disse Paulo, decidido.

— Vocês vão ver — afirmou Teo — não tardará que a fábrica esteja levantada.

Logo a seguir, desatou a correr.

— Arde como um círio ao vento — disse a mãe, docemente.

Ergueu-se e foi-se vestir.

— Mãe, aonde vais?

— Vou com vocês.

André olhou para Paulo, de relance, alisando os bigodes. Com passos rápidos, Paulo dirigiu-se para a cozinha.

— Mamã, não te direi nada... E tu... não me dirás nada. Entendes?

— Está bem, meu filho, está bem... Que Deus vos proteja —

murmurou.

Quando, já na rua, ouviu o rumor das vozes, preocupada, ardendo de expectativa, vendo por toda a parte, às portas e janelas, grupos de pessoas que, curiosas, seguiam Paulo e André com o olhar, uma mancha nevoenta, que dançava, alterando as cores, umas vezes cinzento-turvo, outras verde-transparente, surgia-lhe nos olhos.

Cumprimentavam os jovens e nessa saudação havia algo de particular. A mãe apanhava no ar bocados de frases em voz baixa:

— Eis os capitães.

— Nós não sabemos o que é isso de capitães...

— Bom, não disse nada de mal.

Algures, uma voz furiosa berrou:

— Se a polícia os caça... estão perdidos.

— São favas contadas.

De uma janela, num grito exasperado, uma mulher gritou:

— Perdes a cabeça. Pensas que és ainda uma criança, não?

Ao passarem em frente da casa de um tal Zossinov, que ficara sem os membros inferiores, num desastre na fábrica, e recebia dela uma pensão, gritou, pondo a cabeça fora da janela:

— Eh! Paulo! Vais fazer com que te torçam o pescoço com as tuas histórias, grande tratante! Não tenhas dúvidas.

A mãe estremeceu, estacou. O grito acordara nela uma cólera aguda. Fixou o olhar na cara grande e inchada do doente, que meteu a cabeça para dentro, injuriando. Correu um pouco para se juntar ao filho, tentando não se deixar ficar para trás.

Paulo e André pareciam não ver nada nem ouvirem as exclamações que os acompanhavam. Seguiam calmamente, sem pressa. Mironov, um homem de idade madura, modesto e considerado por todos devido à vida sóbria e pura que levava, fê-los parar.

— Você hoje não trabalha, Danilo Ivanovitch? — quis saber Paulo.

— A minha mulher está quase a ter bebé. E depois... há agitação no ar — explicou Mironov, observando atentamente os dois rapazes.

— E vocês... consta-se que pretendem fazer escândalo na Direção, partir os vidros...

— Julga que estamos embriagados? — perguntou Paulo.

— Iremos apenas pela rua, com bandeiras, e cantaremos algumas canções — informou André. — Ouça-as; elas falam da nossa fé.

— Conheço-as — disse o homem, pensativo. — Li os vossos folhetos. E tu, Pelágia, vais também com os rebeldes? — exclamou com um sorriso no olhar inteligente.

— É necessário andar com a verdade, até quando se está perto da cova.

— Ora toma! São capazes de terem razão os que dizem que levas os folhetos proibidos para a fábrica.

— E quem diz isso? — quis saber Paulo.

— Bem sabes como as coisas são... diz-se. Bem, até depois, não façam asneiras.

Suavemente, a mãe ria-se; sentia-se galanteada por falarem dela; Paulo, sorrindo, comentou:

— Ainda te prendem, mãezinha.

O Sol subia, juntando o seu calor à frescura viva do dia primaveril. As nuvens vogavam lentas, as sombras tornavam-se mais finas, transparentes: deslocavam-se molemente pela calçada e pelos telhados, enlaçavam as pessoas, davam a sensação de que purificavam o bairro, limpando a lama e a poeira das paredes, e o aborrecimento dos rostos. A alegria espalhava-se; sonoras, as vozes abafavam o eco distante do barulho das máquinas.

De novo, de todos os lados, dos pátios, das janelas, saltavam palavras que voavam até aos ouvidos da mãe, inquietas e maldosas ou resolutas e alegres. Pelágia sentia o desejo de replicar, explicar, agradecer, misturar-se à vida estranhamente colorida desse dia.

Numa esquina da rua principal, numa ruela estreita, uma multidão de cerca de uma centena de pessoas ali reunidas ouvia a voz de Nicolau, que era como um trovão:

— Chupam-nos o sangue como quem espreme groselhas.

As expressões sem jeito caíam sobre a cabeça das pessoas.

— Isso é um facto! — responderam algumas vozes que se

fundiram num ruído confuso.

— Ele está a tentar — disse o pequeno-russo. — Vamos dar-lhe uma ajuda.

Baixou-se, e sem dar tempo a Paulo de o evitar, enfiou o longo corpo flexível por entre a multidão, como um saca-rolhas. A voz dele, sonora e hilariante, fez-se ouvir:

— Camaradas! Dizem que existem na terra várias espécies de gentes: Judeus, Alemães, Ingleses e Tártaros. Porém, eu não creio nisso. Há somente dois povos, duas raças inconciliáveis: os ricos e os pobres. Os homens cobrem-se de modos diferentes, é diferente também a linguagem. Contudo, quando se vê como os ricos franceses, ingleses ou alemães, lidam com os trabalhadores, apercebemo-nos de que todos são carrascos para o operário, qual espinha que lhes ficasse atravessada na garganta.

Alguém, entre a multidão, desatou a rir:

— Se se olha para o outro lado, vê-se que o operário francês, assim como o turco ou o tártaro, tem a mesma vida de cão que nós, os operários russos.

A sua volta, a multidão crescia sem parar. As pessoas, umas após outras, insinuavam-se na ruela, erguiam-se nas pontas dos pés, esticavam o pescoço, aproximavam-se em silêncio.

André passou a falar em voz mais alta.

— Os operários, no estrangeiro, já entenderam esta verdade simples, e hoje, neste dia cheio de luz do Primeiro de maio...

— Vem aí a polícia — gritou alguém.

Quatro polícias montados viraram a esquina da rua estreita, dirigiram-se para a multidão e, agitando os chicotes, gritaram:

— Circulem! Circulem!

Os rostos ficaram sombrios; as pessoas, à frente dos cavalos, afastavam-se contrariadas. Algumas subiram para cima dos muros.

— Colocaram porcos sobre os cavalos e agora eles grunhem — berrou uma voz sonora, provocante.

O pequeno-russo estava só no meio da rua; dois cavalos, agitando a cabeça, investiram contra ele. Afastou-se; a mãe agarrou-o pelo braço e levou-o, a resmungar:

— Prometeste não deixar o Paulo e és tu quem se expõe às pancadas.

— Perdoe-me, mãezinha — pediu a sorrir.

Uma lassidão, misturada de angústia e de fraqueza, apoderou-se de Pelágia. Sentia-se inchar, fazia-lhe andar a cabeça à roda. O luto e a felicidade trocavam-se de um modo estranho no seu coração. Ansiava que a sereia do meio-dia soasse o mais breve possível.

Atingiram por fim a praça da igreja; no adro da mesma comprimiam-se, uns sentados outros de pé, aproximadamente quinhentos jovens e garotos, animados e alegres. A massa de gente ondulava, as pessoas erguiam a cabeça, olhando para todos os lados com impaciência. Notava-se um jeito de exaltação: uns pareciam desnorteados, outros audaciosos. Por vezes, ecoavam vozes frágeis e breves de mulheres. Os homens, enfadados, afastavam-se delas, não poucas vezes rebentava um palavrão com voz surda. Um ruído impercetível, de palavras hostis, envolvia a multidão.

— Mitri — chamava uma voz de mulher — toma cuidado...

— Deixa-me em paz.

Fez-se ouvir a voz pausada e grave de Sizov, persuasivo:

— Não, não devemos deixar sós os mais novos. São mais sensatos, mais aventureiros do que nós. Quem agiu na história do copeque do pântano? Eles. É preciso que não se esqueça isso. Só eles foram presos por causa disso... mas toda a gente teve proveito.

O apelo sombrio da sereia abafou o ruído das conversas. Um tremor percorreu aquela massa de gente; os que estavam sentados ergueram-se, num segundo todos ficaram ligados, numa expectativa vigilante; a grande maioria dos rostos empalideceu.

— Camaradas!

A voz de Paulo ouvia-se firme e sonora. Uma névoa seca queimou os olhos da mãe que, reunindo de um só golpe toda a energia nela existente, se colocou ao lado do filho. Todos se viraram para Paulo, rodearam-no como limalha de ferro atraída pelo íman. A mãe admirava o filho, apenas via nele os olhos altivos, corajosos, ardentes...

— Camaradas! Resolvemos declarar abertamente quem somos,

içamos hoje a nossa bandeira, a bandeira da razão, da verdade, da liberdade.

Um mastro branco e comprido apareceu no ar, inclinou-se, cortou a multidão, no meio da qual desapareceu, para segundos depois se erguer desfraldando, como um pássaro escarlate, a grande bandeira do povo operário.

Paulo levantou o braço, o mastro oscilou; então, dezenas de mãos apoiaram a madeira branca e lisa; entre elas estava a mão da mãe.

— Viva o povo trabalhador! — bradou ele.

Centenas de vozes responderam, em uníssono.

— Viva o Partido Operário Social-Democrata, o nosso partido, camaradas, a nossa pátria espiritual!

A multidão estava efervescente; os que conheciam o significado da bandeira cortavam caminho até ela. Mazine, Samoilov e os dois Gussev colocaram-se ao lado de Paulo.

De cabeça baixa, Nicolau Vessovchikov afastava as pessoas; outros, desconhecidos da mãe, empurravam-na com o fim de se aproximarem.

— Vivam os operários de todo o mundo! — gritou Paulo.

E com uma força e alegria sempre crescentes, mil vozes lhe responderam, fazendo eco, eco esse que sacudia a alma.

A mãe agarrou a mão de Nicolau e a de outra pessoa. As lágrimas sufocavam-na, mas ela não chorava; as pernas tremiam-lhe. Balbuciou:

— Meus filhos...

Um sorriso aberto inundou o rosto de Nicolau; fitava a bandeira e gritava não se sabe o quê, erguendo as mãos para ela. Inesperadamente, baixou-as, abraçou a mãe pelo pescoço, beijou-a e desatou a rir.

— Camaradas! — iniciou o pequeno-russo, cobrindo com a sua voz sonora e cantante o rumor da multidão. — A nossa procissão rumo agora em nome de um Deus novo, do Deus da luz e da verdade, do Deus da razão e do bem. O objetivo está muito distante de nós, as coroas de espinhos estão muito perto. Aqueles que não creem na força

da verdade não têm confiança em si próprios, não têm coragem para defender a razão até à morte, e temem os sofrimentos, afastam-se. Chamamos os que acreditam na nossa vitória; os que não entendem o nosso objetivo não nos sigam, pois só o desgosto os espera. Formem alas, camaradas. Viva a festa dos homens livres! Viva o Primeiro de maio!

A massa de gente tornou-se mais compacta. Paulo agitou a bandeira, que, abrindo-se e flutuando, brilhava sob o sol, num franco sorriso vermelho.

— De pé, condenados da terra — trauteou Teo Mazine, com voz sonora.

Dezenas de vozes prosseguiram como uma vaga, doce, possante...

— De pé, vítimas da fome...

Com um sorriso nos lábios, a mãe seguia atrás de Teo; sobre a sua cabeça, olhava o filho e a bandeira. Em redor, rostos felizes, olhos de todas as cores... Paulo e André estavam na primeira fila. Escutava-lhes as vozes: a de André, suave e velada, unia-se amigavelmente à do primeiro, cheia e mais baixa.

É a luta final...

Agrupemo-nos, e amanhã...

Todos corriam, bradando, ao encontro da bandeira vermelha, misturando-se com a multidão, seguindo com ela. Os gritos extinguíam-se nos sons do canto, desse canto que em casa entoava mais baixo do que os outros e que na rua corria como um rio igual e sem desvios, de uma potência terrível.

Esse canto encorajava os homens a seguir a longa estrada que conduzia ao futuro, falava também e com lealdade das duras provas do caminho. Na sua forte chama tranquila fundiam as sombrias escórias do passado, e a pesada grilheta dos sentimentos habituais e o temor dos novos reduziam-se a cinzas.

Uma figura desconhecida, assustada e alegre ao mesmo tempo, dançava ao ritmo da marcha, ao lado da mãe, e uma voz entrecortada de soluços chamava:

— Mitri, onde vais?

Sem parar, Pelágia respondeu:

— Deixe-o ir, não receie. Eu também tinha medo; o meu está na primeira fila; é o meu filho quem leva a bandeira.

— Malandros! Onde vão? Estão soldados lá em baixo...

Apertando repentinamente o braço de Pelágia, com a sua mão ossuda, a mulher alta e magra gritou:

— Como eles cantam! E o Mitri vai também a cantar...

— Não se preocupe — sussurrou a mãe. — É uma coisa santa. Pense que Cristo não existiria se não tivessem morrido pessoas por amor d'Ele.

Este pensamento saíra-lhe subitamente do espírito e impressionara-a pela sua verdade deslumbrante e simples. Olhou o rosto da mulher que lhe apertava o braço, e sorriu espantada:

— Não haveria Cristo se não tivessem morrido pessoas por Ele, Nosso Senhor.

Sizov surgiu a seu lado. Tirou o boné, acenou-o ao ritmo da canção.

— Plenos de audácia, hem? Descobriram um canto formidável, Pelágia. Não receiam nada — continuou. — Mas o Paulo está na sepultura.

O coração da mãe começou a bater violentamente e deixou-se ultrapassar. Empurraram-na para o lado e ela ficou encaixada contra um muro, enquanto uma espessa vaga humana corria diante de si. Pôde ver que a multidão era numerosa e isso alegrou-a.

De pé, condenados da terra!...

Dir-se-ia que um enorme clarim cantava no ar, cantava e reanimava os homens; despertava nuns a combatividade, noutros uma alegria confusa, o pressentimento de um acontecimento novo, uma curiosidade ardente; aqui, ele fazia nascer um luar de esperança, ali, libertava a áspera torrente da cólera acumulada durante anos.

Todos os olhares estavam fixos na frente, no sítio onde se balançava e flutuava a bandeira vermelha.

— Já iniciaram a caminhada — exclamou uma voz entusiasmada. — Bravo, rapazes.

E o homem, experimentando sem dúvida um sentimento demasiado forte para palavras banais, começou a praguejar energicamente. Mas o ódio cego e sombrio do escravo assobiava como uma serpente, torcia-se em palavras raivosas, alarmado com luz que o descobria.

— Heréticos! — berrou alguém com voz quebrada, assomando a uma janela, mostrando um punho ameaçador. E um grito penetrante, obsessivo, alvejou os ouvidos da mãe: — Contra o Imperador? Contra Sua Majestade, o Czar? A revolta?...

Figuras desnorreadas passavam velozes a seu lado. Homens e mulheres pulavam, corriam; a massa de gente deslizava como lava sombria, impulsionada pelo canto cujos acentos potentes pareciam tudo subverter e desembaraçar diante de si. Via a bandeira vermelha ao longe; não distinguia o filho, mas tinha a visão do rosto com a fronte bronzeada e o olhar escaldando na chama ardente da fé.

Estava agora nas últimas filas da multidão, no meio das pessoas que andavam sem pressas, que olhavam em frente, indiferentes, com a curiosidade do espectador que já antevê o final da peça a que assiste. Seguiam e falavam em voz baixa, com conhecimento de causa.

— Há uma companhia próximo da escola e outra na fábrica...

— Já chegou o governador.

— De certeza?

— Vi-o eu mesmo.

Alguém atirou uns palavrões alegres e disse:

— De todo o modo, comecem a recear-nos. Enviam-nos a tropa e o governador...

— Meus queridos filhos! — eram palavras constantes no coração da mãe.

Contudo, as que ouvia em seu redor, eram frias e sem vida. Apressava o passo para se afastar dos seus companheiros de acaso. Foi fácil passar-lhes à frente na marcha lenta e preguiçosa.

De repente, a cabeça do cortejo pareceu ter chocado contra um obstáculo qualquer. Sem parar, o longo corpo vacilou e foi percorrido

por um rumor inquieto. O canto estremeceu para continuar mais rápido, mais forte. Novamente a densa vaga de som diminuiu, andou para trás.

As vozes emudeceram uma após outra: ouviram-se exclamações de todos os lados para incentivar o coro, dar-lhe a mesma plenitude, impulsioná-lo:

De pé, condenados da Terra...

De pé, vítimas da fome...

Porém, não existia neste apelo a mesma máscula segurança, e sentia-se fremir a ansiedade.

A mãe não via nada, ignorava o que se passava na primeira fila, desviava a multidão, forçava passagem bruscamente; as pessoas refluíam sobre ela, baixavam-se cabeças, franziam-se sobrancelhas, assobiava-se zombeteiramente. Ela observava os rostos, angustiada, com olhar suplicante, interrogava, apelava.

Ecoou de novo a voz de Paulo, e ouviu-se então:

— Camaradas! Os soldados são gente como nós. Não nos irão atacar. Por que o fariam? Por sermos portadores da verdade, necessária a todos? Também precisam dessa verdade, não a compreendem ainda mas não tardará a que se levantem igualmente a nosso lado, a marcharem já não sob a bandeira da pilhagem e do assassínio, mas sob a nossa, a bandeira da liberdade. Para que eles entendam mais cedo a nossa verdade, devemos continuar em frente. Avante, camaradas! Sempre em frente!

A voz de Paulo era firme, as palavras ecoavam decididas e claras, mas as pessoas dispersavam-se. Uma seguida de outras, iam-se embora, pela esquerda, pela direita, para as casas, deslizando ao longo das paredes e dos muros. O cortejo tinha agora a forma de uma cunha, de que Paulo era a ponta; sobre a cabeça dele brilhava, vermelha, a bandeira do povo operário. A multidão assemelhava-se a um pássaro negro que abria as asas muito grandes, mantendo-se atento, pronto a levantar voo.

A mãe distinguiu, então, ao fundo da rua, um bloqueio de homens sem cara, uniformes a barrarem o acesso à praça. A lâmina fina e acerada da baioneta lançava um brilho gélido do ombro de cada um deles. Vindo desse muro, imóvel, parecia soprar um vento gelado, dirigido aos operários e que atingia o coração da mãe.

Penetrou na multidão, a fim de se unir aos que conhecia. Estavam à frente, junto da bandeira, e fundiam-se com os desconhecidos, como que para se apoiarem neles. Ficou apertada contra um homem alto, sem barba, cego de um olho, que virou bruscamente a cabeça para a ver.

— Que queres? Quem és? — perguntou ele.

— Sou a mãe do Paulo Vlassov — respondeu.

As pernas tremiam-lhe e o lábio inferior baixou-se involuntariamente.

— Ah! — exclamou o homem.

— Camaradas — recomeçou Paulo — a vida inteira está à nossa frente... Não temos outro caminho.

Seguiu-se um silêncio vigilante. A bandeira ergueu-se, hesitou, flutuou calmamente sobre as cabeças, avançou decidida para a frente, para a muralha cinzenta dos soldados. A mãe estremeceu, cerrou os olhos, soltou um gemido. Paulo, André, Samoilov e Teo destacaram-se sozinhos da multidão.

A voz clara de Teo Mazine vibrou, lenta:

— Vocês caíram vítimas... — cantou ele.

— Na luta final... — responderam em uníssono duas vozes, mais baixas, surdas, como dois suspiros pesados.

As pessoas recomeçaram a marcha, batendo o solo em cadência. E um novo canto se elevou, com acentos resolutos e arrebatadores.

— Vocês deram tudo por ela... — modulou a voz vibrante e límpida de Mazine.

— Pela liberdade — ecoaram os camaradas em coro.

— Ah, ah! — berrou alguém com maldade. — Vocês começam a

cantar o ofício dos mortos, hem, filhos da mãe.

— Deem-lhes uma surra — bradou uma voz enraivecida.

A mãe apertou as duas mãos contra o peito. Olhou à volta e viu que a multidão que primeiro enchia a rua de uma massa compacta, se mantinha no lugar, hesitante, e via sobressaírem dela os homens da bandeira. Apenas uma dezena de pessoas os seguiram. A cada passo em frente, alguém pulava para o lado, como se o solo estivesse a arder, como se queimasse as solas.

— A injustiça cairá — profetizou o canto nos lábios de Mazine.

— E o povo levantar-se-á — respondeu-lhe um coro de vozes seguras e ameaçadoras.

Mas por entre a harmonia do canto, outras palavras frias ecoaram:

— Atenção...

Um grito atroz retiniu:

— Apontar baionetas!

As baionetas desenharam uma curva no ar e apontaram na direção da bandeira, irónicas e vis.

— Em frente... marche!

— Aí vêm eles — disse o zarolho, metendo as mãos nos bolsos e afastando-se com passos rápidos.

A mãe olhava tudo com o olhar parado.

A onda cinzenta de soldados levantou-se e, abrindo caminho a toda a largura da rua, atirou-se para a frente com um movimento regular de autómato, projetando diante de si o ancinho armado de brilhantes dentes de aço. A mãe, com grandes passadas, aproximou-se do filho; viu André dar também um grande passo, para se pôr à frente dele, para o proteger com o seu longo corpo.

— Para o meu lado, camarada — gritou Paulo, rudemente.

André cantava, com as mãos atrás das costas e cabeça erguida. Paulo empurrou-o com o ombro e gritou de novo:

— Põe-te a meu lado. Não tens o direito. A bandeira deve ir à frente.

— Dispersam ou não? — bradou um oficial magrizela, com voz ácida, acenando o sabre desembainhado.

Marchava, levantando os pés, sem dobrar os joelhos, e batia o chão de modo provocante; o brilho das botas feria o olhar da mãe.

Ao lado do oficial, um pouco atrás, vinha com andar pesado um homem sem barba, de grande estatura e um bigode grisalho, espesso: envergava um capote cinzento, comprido, debruado a vermelho; bandas amarelas ornavam-lhe as calças largas. Tinha, assim como André, as mãos atrás das costas. Erguia as sobranceiras espessas e cinzentas e olhava para o Paulo.

O olhar da mãe via mais do que o que podia alcançar. Um grito ficava-lhe preso no coração, prestes a rebentar, a soltar-se em cada suspiro. Esse grito sufocava-a; porém, ela continha-o, apertando o peito com as duas mãos. Acotovelava por todos os lados, tropeçava mas continuava a avançar, sem pensar, quase inconsciente. Sentia que atrás dela o número de pessoas diminuía sem parar, a vaga gelada vinha ao seu encontro e dividia-as.

Os jovens da bandeira vermelha e a cadeia densa dos homens cinzentos diminuía a distância entre si; distinguia-se nitidamente o rosto dos soldados, que pareciam atingir a largura toda da rua, monstruosamente achatada numa estreita faixa amarelo-sujo. Os olhos de cores diferentes fixavam-se de igual modo, e as pontas finas das baionetas reluziam com cintilante crueldade. Apontadas contra o peito, isolavam da multidão as pessoas mesmo sem as tocar e esmigalhavam-nas.

A mãe ouvia atrás de si o bater dos tacões daqueles que fugiam. Algumas vozes, preocupadas, abafadas, gritaram:

— Dispersem, rapazes!

— Foge, Vlassov!

— Para trás, Paulo!

— Atira-me a bandeira, Paulo — pediu Vessovchikov, sombriamente. — Dá-ma que eu escondo-a.

Apanhou o mastro com a mão; a bandeira oscilou:

— Larga! — gritou Paulo.

Nicolau retirou a mão como se se tivesse queimado. O canto acabara. Os jovens estacaram, rodeando Paulo num círculo, mas ele conseguiu transpô-lo. Repentinamente, houve um silêncio completo;

parecia que uma nuvem invisível, transparente, descera e envolvera os manifestantes.

Debaixo da bandeira mantinha-se um grupo de uns vinte homens, que continuavam firmes.

A mãe receou por eles; sentia uma vontade vaga de lhes dizer algo...

— Tenente, saque-lhes essa... essa coisa — falou com voz monocórdica o homem de grande estatura.

Esticando o braço, apontava para a bandeira.

O oficial correu para Paulo, agarrou o mastro, e ordenou com voz aguda:

— Larga-a!

— Tira as mãos! — gritou Paulo fortemente.

A bandeira oscilou, rubra, no ar, dobrando-se ora para a direita ora para a esquerda, ergueu-se de novo. O oficial deu um pulo para trás e estatelou-se no chão. Vessovchikov passou diante da mãe com uma velocidade que ela não lhe conhecia, tendo ainda diante dele o braço com o punho cerrado.

— Prendam-nos — grunhiu o velho, batendo com o pé.

Alguns soldados atiraram-se para a frente. Um deles usou a coronha; a bandeira agitou-se, desaparecendo no meio do grupo dos soldados cinzentos.

— Eh! — gemeu alguém, com tristeza.

A mãe soltou um grito, um uivo de animal. Mas a voz poderosa de Paulo respondeu-lhe por entre os soldados:

— Até à vista, mãe. Até sempre, querida mãe!...

— Está vivo. Pensou em mim.

Dois pensamentos que lhe caíram no pensamento.

— Até à vista, querida mãezinha...

Levantou-se na ponta dos pés, acenando os braços, tentando vê-los. Sobre as cabeças dos soldados, distinguiu a silhueta de André. Sorria-lhe e saudava-a.

— Meus queridos filhos... André... Paulo — gritou ela.

— Até à vista, camaradas!

Um eco que se multiplicava respondeu-lhes. Vinha das janelas,

dos telhados...

Tocaram-lhe no peito. Pôde ver através da névoa que lhe vedava os olhos; à sua frente, o oficial pequeno, com o rosto comprimido e vermelho, gritava:

— Desaparece, velha!

Fitou-o. Viu a seus pés o mastro da bandeira partido em dois. Um dos bocados tinha ainda um pedaço de pano vermelho. Dobrou-se e apanhou-o. O homem arrancou-lho das mãos, atirou-o para o lado e berrou, batendo o pé:

— Desaparece, já te disse!

Do meio dos soldados, rompeu e cresceu um canto:

De pé, condenados da Terra...

Tudo girou, tremeu, desequilibrou. O ar vibrava, quais fios telegráficos. O oficial grunhiu e saltou, furioso:

— Ajudante Krainov, faça com que se calem.

Cambaleando, a mãe aproximou-se novamente do bocado de pau que o oficial deitara fora e voltou a apanhá-lo.

— Tapem-lhes a boca!

O canto enrolou-se, entrecortado, rompeu-se e acabou. Agarraram a mãe pelos ombros, obrigando-a a dar meia volta, empurraram-na pelas costas...

— Vai-te embora, sai daqui...

— Evacuem a rua — ordenou o oficial.

A poucos passos, a mãe viu de novo uma multidão compacta. As pessoas rugiam, refileavam, assobiavam e recuando lentamente para o fundo da rua, dividiam-se pelos quintais dos vizinhos.

— Vai-te embora, demónio! — gritou-lhe ao ouvido um soldado ainda novo, de bigodes, aproximando-se dela e empurrando-a para o passeio.

Obedeceu, apoiando-se com o bocado do mastro, os joelhos pouco firmes. Evitando cair, amparava-se com a outra mão às paredes

e às vedações. As pessoas caminhavam atrás dela, ao lado, à frente; os soldados continuavam, bradando:

— Vamos, vamos...

Passaram-lhe à frente. Parou e olhou em redor. Ao fim da rua, os soldados em cadeia, formavam um obstáculo ao acesso à praça, que estava deserta. As silhuetas cinzentas continuavam a marcha lenta contra a multidão...

Queria voltar para trás, inconscientemente prosseguia em frente. Quando se aproximou de uma ruela estreita, deserta, foi por ela.

Voltou a parar. Suspirou com profundidade, escutou com atenção. Não sabia bem onde, lá em baixo, sussurravam vozes.

Ainda apoiada no mastro, recomeçou a andar, mexendo as sobranceiras. De repente, a fronte ficou húmida de suor, os lábios moveram-se, a mão agitou-se, uma labareda de palavras até ali contidas rompeu do coração e acenderam nela o desejo ardente de as gritar.

A ruela virava repentinamente à direita. Ela viu um número grande de pessoas. Distinguia-se uma voz forte:

— Não se enfrentam as baionetas por rapaziada.

— Vocês reparam? Os soldados vinham contra eles e eles não se moveram... Não temeram, os nossos rapazes...

— O Paulo Vlassov é um valente!

— E o pequeno-russo!

— De mãos atrás das costas, sorrindo, o animal...

— Meus amigos, boa gente... — gritou a mãe, cortando caminho entre eles.

Deixaram-na passar com deferência. Houve um comentário trocista:

— Vejam, ela tem a bandeira. Trá-la na mão.

— Bico calado! — disse uma voz, severamente.

Num gesto só, a mãe abriu amplamente os braços.

— Escutem-me, por amor de Deus! Vocês são dos nossos... Vocês têm todos bom coração... Abram os olhos, olhem em volta sem receio... O que se passou? Os nossos filhos, os filhos do nosso sangue, levantam-se por todo o lado... pela justiça... por nós todos. Por vocês,

pelos vossos filhos, eles sacrificaram-se ao caminho da cruz... Procuram os dias cheios de luz, anseiam uma outra vida assente na verdade e na justiça... Querem o bem de todos...

Sentia o coração dilacerado, o peito oprimido, a garganta seca e febril. No seu íntimo, brotavam as palavras de um amor intenso e enorme, que abraçava tudo e todos, palavras que lhe queimavam a boca e saíam uma após outra mais facilmente.

Notava que a escutavam, todos emudeceram. Apercebia-se de que eles meditavam no que ouviam, congestionados à sua volta. Aumentava nela o desejo, de que começava a ter consciência, de os empurrar lá para baixo, para o pé do filho e de André, para junto dos que haviam abandonado nas mãos dos soldados, dos que deixaram sós.

Percorrendo com o olhar os rostos tristes e atentos, prosseguiu com força e suavidade:

— Os nossos filhos são pelo mundo, pela alegria, pela verdade, pelo amor de todos e de Cristo. Seguem contra tudo o que é mau, contra os que nos enganam, os que nos exploram, mantendo-nos prisioneiros, metem-nos nas cadeias ou esmagam-nos. Meus amigos, é por todo o povo que a nossa mocidade se levantou; é pelo mundo inteiro, por todos os operários, que eles marcham... Não os deixem sós... não os recusem, não deixem os vossos filhos prosseguirem absolutamente isolados. Tenham pena de vós mesmos. Creiam no coração dos vossos filhos: eles fizeram acontecer a verdade, é por ela que caem. Creiam neles.

A voz quebrou-se, cambaleante, sem forças; alguém a amparou sob os braços.

— É a voz de Deus que ouvimos — comentou um deles, emocionado. — A voz de Deus, boa gente; escutem-na...

Um outro lamentava-a:

— Ela mata-se... coitada...

— Ela não se mata... esbofeteia-nos, porque somos imbecis... Façam por compreender.

Uma voz aguda, palpitante, fez-se ouvir:

— Cristãos, o meu Mitri, essa alma pura, que fez? Avançou com

os camaradas, os seus estimados camaradas.

— Ela tem razão... Porque deixamos os nossos rapazes? Que fizeram eles de mal?

— Volta para casa, Pelágia. Vai, anda. Estás furiosa — disse Sizov.

Empalidecera, a barba tremia-lhe, estava todo despenteado. Inesperadamente, franziu as sobrancelhas, percorreu com olhar severo a multidão e disse com nitidez:

— O meu filho, Mateus, ficou esmagado na fábrica, como sabem. Contudo, se estivesse vivo, eu mesmo o teria enviado para aquele grupo, para junto deles... Iria dizer-lhe: «Vai, também, é uma causa justa, cumpre o teu dever.»

Calou-se. Emudeceram todos, calados, arrependidos, animados por um sentimento novo que já não os intimidava. Sizov ergueu um braço e acenou-o, prossequindo:

— É um dos velhos que vos fala. Vocês conhecem-me. Trabalho aqui há trinta e nove anos, nasci há cinquenta e três. O meu sobrinho, um rapaz honesto, inteligente, foi hoje uma vez mais levado por eles. Ia também à frente, ao lado do Vlassov, junto da bandeira.

Abanou os braços, dobrou-se sobre si mesmo, agarrou a mão da mãe.

— Esta mulher diz a verdade. Os nossos filhos desejam viver na honra, dentro da razão. E nós... nós que fizemos? Abandonámo-los, sim, fugimos... Vai agora, Pelágia.

— Meus bons amigos — disse ela, olhando-os com os olhos inundados de lágrimas — a vida é feita para os filhos, a terra é feita para eles...

— Vai-te embora, Pelágia. Olha, toma o mastro — disse Sizov, dando-lhe o pedaço de madeira.

Olhavam-na com respeito e tristeza; um murmúrio de simpatia ia com ela. Sizov, em silêncio, abriu-lhe passagem; as pessoas afastavam-se silenciosas e, obedecendo a uma força desconhecida, acompanhavam-na sem pressa, falando com frases curtas e a meia voz.

A porta de casa voltou-se, e ainda apoiada no que restava do mastro, cumprimentou-os e disse suavemente e reconhecida:

— Obrigada a todos.

E recordando uma vez mais o pensamento que lhe ocorrera, segundo lhe parecia no seu coração, disse:

— Nosso Senhor Jesus Cristo não existiria se as pessoas não tivessem morrido pela Sua glória.

A multidão contemplava-a em silêncio.

Inclinou-se de novo, e entrou em casa seguida de Sizov.

As pessoas permaneceram ali, comentando entre si, em voz baixa.

Em seguida, lentamente, começaram a dispersar.

SEGUNDA PARTE

O dia continuou, flutuando numa bruma salpicada de lembranças, numa lassidão pesada, que oprimia o peito e a alma. A figura cinzenta do pequeno oficial pulava aos olhos da mãe, o rosto de Paulo iluminava-se e André sorria.

Passeava no quarto de um lado para o outro, sentava-se à janela, olhava para a rua e andava de novo, de sobrolhos carregados. Trémula, olhava em redor, procurava, com a cabeça vazia, nem sabia o quê. Bebeu água sem saciar a sede; não conseguia apagar no peito a fogueira intensa de angústia e humilhação que nela ardia. O dia tinha sido dividido em duas partes: a primeira tinha sentido e conteúdo; na segunda tudo se tinha afundado; um abismo desesperado se abria perante ela, e uma pergunta sem resposta impunha-se, atroz.

— Que fazer, agora?

Mais tarde chegou Maria Korsunov. Gesticulou, gritou, chorou, irritou-se, bateu com o pé, prometeu um monte de coisas, ameaçou não se sabe quem. Contudo, a mãe ficou indiferente.

— Ah, ah! — dizia Maria. — Isto picou as pessoas, viste? A fábrica levantou-se, levantou-se completamente.

— Sim, sim! — respondia Pelágia, abanando a cabeça. Fixamente, revia o que agora já pertencia ao passado, o que abalara com ela, Paulo e André. Não podia chorar; o coração, contraído, não tinha mais lágrimas; os lábios secaram e na boca não tinha saliva. As mãos tremiam, pequenos arrepios gelavam-lhe as costas.

À noite chegaram os polícias. Acolheu-os sem surpresa nem medo. Fizeram grande alarido ao entrar; pareciam alegres, satisfeitos. O oficial de testa amarela disse com ar de chacota:

— Como vai? É a terceira vez que nos vemos, hem?

Não respondeu e humedeceu os lábios, passando por eles a língua. O oficial mostrava-se pedante, arrogante, e a mãe concluiu que ele gostava de se ouvir a si mesmo. Porém, as palavras não a atingiam, não a perturbavam. Reagiu apenas quando ouviu dizer:

— Tu mesma és culpada por não teres sabido incutir no teu filho

o respeito de Deus e do Czar.

Em pé, junto da porta, respondeu:

— Tem razão, os nossos filhos são os nossos juízes. Eles nos condenarão, com toda a justiça, por os termos abandonado nesse caminho...

— Que dizes? — berrou o oficial. — Fala mais alto.

— Digo que os nossos juízes são os nossos filhos — repetiu.

Então ele praguejou, rápido e irritado, mas não alvejara a mãe.

Requereram Maria Korsunov como testemunha. Esta, ao lado da mãe, sem a olhar, respondia, inclinando-se profundamente, com voz monótona, a qualquer pergunta do oficial:

— Não sei, Excelência. Sou uma mulher sem estudos, ocupo-me do meu negócio tanto quanto a minha estupidez o permite. Não sei nada, absolutamente...

— Está bem, cala-te — ordenou o homem.

Ela inclinava-se e escarnecia-o pelas costas. Depois segredava a Pelágia:

— Toma, apanha lá essa.

Ordenaram-lhe que revistasse a mãe. Os olhos dela pestanejaram e esbugalharam-se para ver o oficial, e respondeu temerosa:

— Não sei como hei de fazer, Excelência.

Bateu o pé, desatou aos gritos. Ela baixou os olhos e disse carinhosamente:

— Vá lá, Pelágia, desabotoa-te.

Apalpou e revistou as roupas; ruborizada, murmurou:

— Que grandes cachorros, hem!

— Que estás tu para aí a resmungar? — gritou o oficial, com severidade, fitando o canto onde ela desempenhava as suas funções.

— É uma conversa de mulheres, Excelência — deu como resposta Maria, intimidada.

Quando o oficial ordenou à mãe que assinasse o auto, com mão inábil, em letra de imprensa, brilhante e grossa, ela escreveu: «Pelágia Vlassov, viúva de um operário.»

— Que foi que escreveste? Por que fizeste isto? — quis saber, indignado, o oficial, num esgar de desprezo. Em seguida escarneceu:

— Selvagens...

Partiram. A mãe ficou em frente da janela, com os braços cruzados sobre o peito, o olhar parado em algo distante, sem ver nada, de sobranceiras erguidas e os lábios comprimidos; permaneceu assim durante um longo período de tempo. Comprimia os dentes com uma força tal que não tardaram em doer. O candeeiro não tinha petróleo, a luz morria, crepitante. Apagou-o, ficando na obscuridade. Havia nela uma angústia que lhe dificultava o pulsar do coração. Manteve-se assim algum tempo, com as pernas e os braços cheios de lassidão. Sentiu Maria parar à janela e perguntar com voz onde se adivinhava a presença do vinho:

— Dormes, Pelágia? Nobre mártir, descansa.

Deitou-se sobre a cama, vestida, e sem perda de tempo, como se tivesse rolado num turbilhão, adormeceu num sono profundo.

Sonhou com o cômodo de areia amarela, do outro lado do pântano, na direção da cidade. No alto do declive, por onde se ia para o sítio onde se buscava a areia, estava Paulo que, com a voz de André, cantava com suavidade:

De pé, condenados da Terra...

Pelágia passava junto do montinho e olhava para o filho, com a mão na testa. Nitidamente, a silhueta de Paulo destacava-se do azul do céu. Envergonhava-se de se aproximar dele, pois estava grávida. E nos braços trazia outro bebé. Prosseguiu o seu caminho. Crianças jogavam à bola no campo; um grupo enorme de garotada, e a bola era vermelha. O bebé que ela transportava estendeu os braços para a miudagem e desatou a chorar, ruidosamente. Ela deu-lhe mama e voltou para casa. Entretanto, os soldados ocuparam o montinho e apontavam para ele as baionetas. Apressou-se então a ir para uma igreja que havia no campo, branca, muito linda, como que formada de nuvens e exageradamente alta. Decorria ali um enterro; o caixão era enorme e aparafusado, de cor negra. Porém, o padre e o sacristão iam pela igreja e cantavam:

— Cristo ressuscitou de entre os mortos...

O sacristão agitou o turíbulo do incenso, cumprimentou-a e sorriu. Parecia-se com Samoilov: tinha o cabelo ruivo e um rosto alegre como ele. Do alto da cúpula caíam raios de sol, largos como toalhas. Dos lados do coro as crianças cantavam:

— Cristo ressuscitou de entre os mortos...

— Prendam-nos — gritou inesperadamente o padre, estacando no meio da igreja.

O fato religioso desapareceu, no rosto surgiram uns bigodes severos, cor de sal e pimenta. Todos se puseram a debandar, mesmo o sacristão, que lançou o turíbulo para um canto e se pôs em fuga, cobrindo a cabeça com as mãos como fizera o pequeno-russo. A mãe deixou cair o bebê aos pés dos fiéis; eles evitavam-no na corrida e olhavam o pequeno corpo nu, temeroso, enquanto a mãe lhes dizia, sorrindo:

— Não abandonem o menino. Peguem-lhe...

— Cristo ressuscitou de entre os mortos — cantava o pequeno-russo, rindo, de mãos atrás das costas.

Agachou-se, pegou no bebê e pô-lo numa carroça de tábuas, seguindo ao lado desta Nicolau, que dizia:

— Deram-me um trabalho rude...

A rua estava enlameada; as pessoas surgiam às janelas, e gritavam, gesticulavam e assobiavam. O dia brilhava cheio de luz, um sol quente aquecia o ar, não havia uma única sombra.

— Cante. É a vida — dizia para a mãe o pequeno-russo.

Ele cantava, abafando todos os outros sons com a voz. A mãe seguia-o; sem esperar, deu um passo em falso, caiu num poço sem fundo, e o abismo gritava à medida que ela se aproximava...

Acordou sobressaltada e a tremer. Mais parecia que uma mão rugosa e pesada se tinha apoderado do seu coração e o apertava num jogo cruel. A sereia da fábrica chamava, obstinada; reconheceu nela o segundo sinal. Reinava a desordem no quarto, os livros estavam no chão, a monte, o soalho estava sujo dos passos dos polícias que revolveram tudo.

Levantou-se e pôs-se a arrumar as coisas nos devidos lugares, sem se lavar nem rezar. Na cozinha ainda estava o pedaço do mastro

com o trapo de tecido vermelho. Pegou nele mal humorada e tentou atirá-lo para a fornalha; arrependeu-se e com um suspiro dobrou-o e guardou-o cuidadosamente na algibeira. Partiu o bocado de madeira e atirou-o para a caixa da lenha. Em seguida lavou a janela e o soalho, arranjou-se e sentou-se numa cadeira, perguntando-se de novo angustiada, como na véspera:

— Que fazer agora?

Lembrou-se então de que não tinha feito ainda as orações e manteve-se em pé, diante dos ícones. Voltou a sentar-se. Não havia nada dentro do seu coração.

Sentia uma calma estranha. Dava a sensação de que aquelas pessoas, que no dia anterior gritavam nas ruas, se escondiam hoje em casa e meditavam na jornada extraordinária.

Voltou então aos tempos da sua mocidade, lembrando-se de uma cena ocorrida: no velho parque dos senhores Zaussailov existia um lago enorme, completamente coberto de nenúfares. Ao passar por ali, num dia acinzentado de outono, reparara num barco que lá havia. O lago estava escuro, calmo, e o barco literalmente parado nas águas negras com a sua melancólica cabeleira de folhas amarelecidas. Um desgosto misterioso, uma tristeza profunda, emanavam daquele barco sem remador nem remos, inerte na água opaca, entre as folhas mortas. Pelágia retivera-se ali, durante longo tempo, perguntando-se quem teria empurrado o barco para longe da margem, e porquê. Nessa noite, soube-se que a mulher do intendente do palácio se afogara no lago. Era uma mulher pequena, de andar apressado e cabelo negro sempre em desalinho.

A mãe passou a mão pelos olhos, e no seu pensamento introduziu-se a lembrança dos acontecimentos do dia anterior. Tomaram-na e ficou longo tempo estática, fixando a chávena do chá frio. Sentiu então vontade de ver alguém, simples e inteligente, para lhe perguntar uma quantidade de coisas.

Como que para satisfazer o seu desejo, Nicolau apareceu mais tarde. Porém, ao vê-lo, tomou-a uma preocupação e sem responder ao cumprimento do rapaz disse em voz baixa:

— Ó meu caro Nicolau, você não devia ter vindo aqui. É

imprudente. Se o virem, prendem-no.

Ele apertou-lhe a mão energicamente, ajustou os óculos e, inclinando o rosto para o dela, informou-a com palavras breves:

— Ficou combinado entre mim, o Paulo e o André, que se eles fossem presos eu a viria buscar no dia seguinte para a levar para a cidade e instalá-la lá.

A voz era afetuosa e preocupada; perguntou:

— Já vieram passar busca?

— Vieram. Procuraram por toda a parte e em mim. Aquela gente não tem pudor nem consciência.

— Qual o motivo por que haveriam de ter? — disse Nicolau, num encolher de ombros.

Em seguida explicou-lhe os motivos pelos quais ela deveria ir residir para a cidade.

Escutava com simpatia aquela voz cheia de solicitude, fitando-o com um sorriso pálido, e embora não entendesse muito bem a explicação, surpreendia-se com a profunda confiança que ele lhe inspirava.

— Pois se o Paulo quer, e se isso não o aborrece...

— Não se incomode com isso. Vivo só, e a minha irmã visita-me de tempos a tempos.

— Quero ganhar a minha vida — disse ela.

— Se o desejar, tentaremos arranjar-lhe uma ocupação.

Para Pelágia, a ideia de trabalho estava indissoluvelmente ligada ao tipo de atividade do filho, de André e dos camaradas deles. Foi junto de Nicolau e perguntou-lhe, olhando-o nos olhos:

— Dar-me-ão que fazer?

— A casa é pequena, bem vê, é uma casa de celibatário...

— Não é desse trabalho que estou a falar — disse ela, docemente.

Suspirou, aborrecida por o rapaz não a ter compreendido. Mas ele, a sorrir, com os seus olhos míopes, disse, meditando:

— Se conseguir saber de Paulo, quando o vir, o endereço daqueles camponeses que queriam um jornal...

— Encontrá-los-ei e farei tudo o que me disser. A quem ocorrerá

pensar que transporte papéis proibidos? A fábrica levei tantos, só Deus sabe quantos...

Sentiu um desejo súbito de partir para qualquer lado, estradas, florestas e aldeias, de sacola ao ombro e cajado na mão.

— Entregue-me essa tarefa, peça-lhe, meu caro amigo. Irei aonde quiser. Em todos os lugares descobrirei o caminho. Caminharei no inverno e no verão... até à sepultura, qual peregrino. Não é invejável a minha sorte?

Mas invadiu-a a angústia quando evocou no pensamento a sua situação, errando pelos caminhos, sem casa, mendigando esmolas em nome de Deus, à porta das choupanas.

Vessovchikov tomou-lhe a mão, acariciando-a com os dedos quentes. Em seguida, olhando o relógio, disse:

— Voltaremos a falar nisso.

— Meu bom amigo — proferiu ela — os nossos filhos, que ocupam o lugar mais querido no nosso coração, sacrificam a liberdade e a vida, sofrem sem se lamentarem por eles mesmos, e eu, que sou mãe, que não farei eu?

Nicolau ficou amarelo e disse em voz baixa, observando-a com atenção acariciadora:

— Sabe, ouço pela primeira vez palavras como essas...

— Que posso fazer? — perguntou ela, abanando a cabeça tristemente, deixando tombar os braços impotentes. — Se eu conseguisse exprimir o que vai no meu coração de mãe...

Pôs-se de pé, impelida por uma força que lhe aumentava no peito com um afluxo de palavras indignadas.

— Muita gente choraria... mesmo aqueles mais malvados... os seres inconscientes...

Nicolau levantou-se também e olhou o relógio uma vez mais.

— Portanto estamos de acordo... Vai morar para minha casa. Concordou em silêncio.

— Aguardá-la-ei. O mais cedo possível. — E disse ainda, num jeito amigável: — Não descansarei enquanto não a vir lá.

Observou-o com admiração. Qual o interesse que ela lhe poderia despertar? Ele estava à sua frente, de olhos fixos no chão, um sorriso

de embaraço nos lábios, curvado, míope, modestamente vestido de negro. Tudo o que trazia parecia ter-lhe sido emprestado...

— Tem dinheiro? — inquiriu ele, tímido.

— Não!...

Rapidamente, tirou a carteira do bolso. Abriu-a e deu-lha.

— Por favor, tire o dinheiro de que precisar...

A mãe sorriu involuntariamente e observou:

— Tudo se alterou. O dinheiro não tem importância para si?... As pessoas corrompem-se por ele. Contudo, para si não tem grande valor. Diria mesmo que o guarda apenas com o fim de ajudar os outros...

Nicolau riu sem nada dizer.

— O dinheiro é bem incómodo e desagradável. É sempre tão antipático dá-lo como recebê-lo.

Pegou-lhe na mão, apertou-a com força e repetiu:

— Vai aparecer dentro de pouco tempo, hem?

E lá se foi embora, tranquilo como sempre.

Quando voltou para dentro a mãe pensou: «É muito bom... mas não nos lamentou.»

E não conseguiu apurar se isso lhe era desagradável, ou se apenas a tinha admirado.

Lá foi rumo à cidade no quarto dia após a visita. Quando o carro que a levava com as suas duas malas saiu do arrabalde para enveredar pelos campos, voltou-se, sentiu então de repente que deixava para sempre aquele lugar onde decorrera o período mais triste e penoso da sua vida, mas que outra vida começara, repleta de novos desgostos, novas alegrias, que absorvia os dias com rapidez.

Parecida com uma grande aranha vermelho-escuro, a fábrica estendia-se no solo negro de fuligem, elevando bem alto, perto do céu, as chaminés. Em redor dela estreitavam-se as casas dos operários, de um só piso. De cor acinzentada, achatadas, apertavam-se, compactas, à beira do pântano, duas janelas opacas. No alto erguia-se a igreja, vermelho-escuro como a fábrica.

Suspirou, desabotoou a blusa que lhe apertava a garganta.

— Anda! — gritava o cocheiro, batendo com as rédeas nas costas do cavalo.

Não se podia definir bem a idade do animal, de pelo raso e pouco brilho, de olhos incolores. O homem coxeava de uma perna, andava ao lado da viatura e notava-se que o fim da viagem lhe era indiferente.

— Anda! — repetia com neutralidade, esticando comicadamente as pernas caneladas, calçadas com umas botas pesadas pela lama seca.

Pelágia olhou em redor. Os campos estavam nus como a sua alma...

O cavalo meneava a cabeça num lamento, atolando pesadamente os cascos na areia profunda, aquecida pelo Sol e que rangia. A carroça, mal oleada e vacilante, rangia de igual modo, e todos esses ruídos ficavam para trás da viajante, como a poeira... Nicolau Ivanovitch residia no fim da cidade, numa rua deserta, num pavilhão verde ligado a uma casa triste, de dois andares, a cair de velha. Em frente havia um jardim pequeno, denso, e os ramos dos lilases, das acácias, as folhas prateadas das bétulas novas, lançavam reflexos agradáveis pelas janelas dos três compartimentos da casa. Os quartos eram

sossegados, limpos; sombras rendadas tremiam no chão, mudas. Nas paredes, havia inúmeras prateleiras cheias de livros, tendo por baixo retratos de personagens de rosto severo.

— Irá sentir-se bem aqui? — perguntou Nicolau, levando-a a um quarto pequeno, com uma janela para o jardim e outra para o pátio onde nascia uma erva espessa. Também aqui, não faltavam as prateleiras cheias de livros.

— Prefiro a cozinha — disse ela. — Tem muita luz e está limpa...

Pareceu-lhe que Nicolau estava pouco à vontade. Porém, quando Nicolau a tentou convencer, confuso e embaraçado, a desistir da cozinha e viu que o tinha conseguido, recuperou de imediato a sua boa disposição habitual.

Reinava nos três quartos uma atmosfera especial, respirava-se um ar leve e agradável; contudo, a voz saía mais baixa. Não apetecia falar alto nem perturbar a pacífica meditação das personagens que observavam do alto das paredes com ar concentrado.

— É necessário regar as flores — aconselhou a mãe, depois de ter mexido na terra dos vasos das janelas.

— Claro, claro — disse o anfitrião, sentindo-se culpado. — Sabe? Gosto muito de flores; porém, não disponho de tempo para as tratar...

Pelágia pôde ver que, mesmo em sua casa, Ivanovitch andava com um certo ar de precaução, distante, quase que estranho a tudo o que o rodeava. Aproximava da cara os objetos que queria examinar, ajustava as lentes com os dedos finos da mão direita, piscava os olhos e fixava o olhar numa interrogação muda sobre aquilo que lhe interessava. Não poucas vezes, pegava num objeto, levava-o junto do rosto e examinava-o atentamente. Dir-se-ia que também ele era recém-chegado, e assim tudo na casa lhe era estranho. Vendo-o distraído, daquele modo, cedo a mãe se sentiu à vontade. Acompanhava Nicolau, fixando o lugar das coisas, e fazia-lhe perguntas acerca da sua maneira de viver. Ele respondia-lhe, pedindo desculpa de não proceder de outra maneira, mas que não sabia como devia agir.

Pelágia tratou das flores e arrumou com discrição os cadernos de música espalhados sobre o piano. Em seguida reparou no samovar.

— Tem de ser limpo — notou ela.

Ele passou os dedos pelo metal empoeirado, aproximou-o dos olhos, observando-o gravemente. A mãe sorriu, indulgente.

Depois de se ter deitado, a mãe rememorou o dia, ergueu a cabeça e, surpreendida, olhou à sua volta. Era a primeira vez que compartilhava um teto com um desconhecido e isso não a preocupava. Pensou em Nicolau com solicitude, sentiu então desejos de tudo fazer para o ajudar o melhor possível, a fim de pôr na sua vida um pouco de calor e afeto. Sensibilizara-a a falta de jeito engraçada do seu hospedeiro, pelo afastamento de tudo o que era prático, pela expressão misturada de infantilidade e inteligência que havia no seu olhar. O seu pensamento pulou em seguida para o filho. Reviveu de novo todo o Primeiro de maio, que lhe surgia agora embrulhado em novas ressonâncias, avivado de um novo significado. E o desgosto daquele dia era de um tipo especial como o próprio dia; não vergava a cabeça para o chão como um soco que esmaga, que entontece, mas torturava o coração com picadelas sem fim, provocando uma ira calma, que fazia endireitar as costas dobradas.

«As crianças vão pelo mundo», meditava ela, chegando-lhe aos ouvidos os ruídos desconhecidos da cidade, que se ouviam através da janela aberta, agitando a folhagem do jardim. Vinham de longe, cansados, já fracos, para morrerem no quarto, suavemente.

No outro dia, ainda cedo, areou o samovar, acendeu-o, arrumou a louça sem fazer barulho. Em seguida sentou-se na cozinha, aguardando que Nicolau acordasse. Ouviu-o tossir e imaginou-o a segurar os óculos com uma mão, protegendo a garganta com a outra. Depois de responder ao cumprimento matinal, trouxe o samovar para o aposento enquanto ele se arranjava, molhando o soalho, deixando cair o sabão, a escova de dentes, e refilando consigo mesmo.

Enquanto almoçavam, Nicolau contou:

— Tenho uma tarefa triste nos serviços administrativos da província. Examino como os nossos camponeses se arruinam.

Sorriu com ar culpado.

— Esses pobres diabos, enfraquecidos por uma fome crónica, morrem antes de tempo. Os filhos nascem enfezados, tombam como moscas no outono. Não ignoramos as causas desta calamidade,

observamos como convém as razões e recebemos depois o nosso ordenado. E tudo o que fazemos, falando com franqueza...

— E o que é você, Nicolau? Estudante?

— Não, sou professor. O meu pai é dirigente de uma fábrica em Viatka e eu fiz-me professor. Mas dediquei-me a distribuir livros pelos aldeões e puseram-me na cadeia. Mais tarde, empreguei-me numa livraria, voltei a ser imprudente e fui preso de novo. Em seguida mandaram-me para Arcangel... Surgiram problemas com o governador, remeteram-me então para uma barraca, na margem do Mar Branco, onde fiquei cinco anos.

A voz ecoava na sala, calma e cheia de sol. A mãe já tinha ouvido histórias semelhantes e nunca compreendera porque é que os amigos de Paulo as contavam tão calmamente, como se se tratasse de coisas inevitáveis.

— A minha irmã vem cá hoje — informou ele.

— É casada?

— Viúva. O marido foi exilado para a Sibéria. Conseguiu fugir para o estrangeiro, onde morreu tuberculoso há dois anos...

— Você é mais novo ou mais velho que ela?

— É mais velha que eu seis anos. Devo-lhe muito. Ouvirá depois como ela toca. O piano é dela, como aliás são quase todas as coisas que aqui estão. Só os livros são todos meus.

— Onde é que ela vive?

— Em todo o lado — respondeu a sorrir. — Onde houver necessidade de uma pessoa aventureira, ela lá está.

— Ocupa-se também da causa?

— Com certeza.

Ele foi para o trabalho e a mãe ficou a pensar na «causa» a que tantos homens se entregavam dia após dia, obstinados e serenos. Sentia-se perante eles como diante de uma montanha durante a noite.

Cerca do meio-dia, chegou uma senhora vestida de preto, alta e esbelta. A mãe abriu-lhe a porta e a visitante, pondo a mala amarela no chão, cumprimentou-a, apertando-lhe a mão com vivacidade.

— É a mãe do Paulo, não é?

— Sim, sou — respondeu, sentindo-se tímida perante a elegância

do fato da recém-chegada.

— Exatamente como a imaginava. O meu irmão escreveu-me dizendo que a senhora viria viver para cá — disse enquanto tirava o chapéu, mirando-se ao espelho. — O Paulo e eu somos amigos há muito tempo. Ele falava-me de si muitas vezes.

A voz era rouca; falava devagar; porém, os movimentos eram vivos e decididos. Os olhos de cor cinzenta sorriam, jovem e francamente. Nas têmporas notavam-se pequenas rugas que sulcavam a pele, e sobre as orelhas minúsculas, mechas de cabelos grisalhos brilhavam como prata.

Fixou a visitante e perguntou-lhe:

— Qual é o seu nome?

— Sofia.

A mãe examinava-a com atenção. Notava nela algo de imoderado, precipitado, audacioso de mais.

Ao falar, fazia-o com segurança.

— O essencial é que não os retenham muito tempo na prisão, que procedam ao julgamento rapidamente. Logo que Paulo passe ao exílio, faremos com que se evada. E indispensável aqui.

Sem acreditar, a mãe olhava para Sofia, que buscava com o olhar um lugar onde deitar o cigarro, acabando por o enterrar num dos vasos da janela.

— Isso vai prejudicar as flores — disse a mãe.

— Perdoe-me — pediu Sofia. — O Nicolau costuma dizer-me isso também. — E retirando a ponta do cigarro, deitou-o para a rua.

A mãe ficou confusa, olhou-a nos olhos e disse:

— Desculpe-me, não me compete dar conselhos. Falei sem refletir.

— E por que não, se sou negligente? — respondeu Sofia, encolhendo os ombros. — Ah, reparo que fez café. Obrigada. Só uma chávena? Porquê? Não quer tomar?

De repente, tomou-a pelos ombros, atraiu-a a si e perguntou, espantada:

— Acaso isso a constrange?

Pelágia, a sorrir, respondeu:

— Como assim, se quase que a repreendo?

E sem esconder a sua surpresa, continuou como se se interrogasse:

— Cheguei ontem a vossa casa, procedo como se estivesse na minha, não receio nada, digo o que quero...

— É assim mesmo que deve ser — disse prontamente a outra mulher.

— Não sei o que se passa comigo, não me reconheço — prosseguiu a mãe. — Antigamente faziam-se rodeios à volta das pessoas antes de se lhes falar com o coração aberto. Agora... abre-se o coração imediatamente e dizem-se coisas em que antes nem sequer tínhamos pensado...

Sofia acendeu outro cigarro. Nos olhos cinzentos havia ternura quando olhava a mãe.

— Disse-me que pensam organizar a fuga de Paulo, não foi? Mas depois, como é que ele irá viver? — Tinha feito, por fim, a pergunta que tanto a atormentava.

— É uma brincadeira de crianças — respondeu a outra, voltando a servir o café. — Viverá como vivem dezenas de evadidos... Olhe, acabo de acompanhar um, um homem muito útil também. Cabiam-lhe cinco anos de exílio... estive lá apenas três meses e meio.

A mãe olhou-a atentamente, meneando a cabeça, e a sorrir disse:

— Ah, foi esse Primeiro de maio que me perturbou completamente. Não estou à vontade, é como se percorresse dois caminhos ao mesmo tempo: ora me parece que entendo tudo, ora me sinto como se não compreendesse nada. Pretendo dizer-lhe que olho para si, vejo que é uma senhora e se ocupa com esta causa... Conhece o Paulo e estima-o; agradeço-lhe por isso...

— Pois, mas é à senhora que devemos dizer: obrigada — disse Sofia, rindo.

— A mim, porquê? Não fui eu que lhe ensinei tudo o que sabe — respondeu a mãe, suspirando.

Sofia pôs o cigarro no pires, agitou a cabeça, os cabelos caíram em mechas sobre as costas e saiu ao mesmo tempo que dizia:

— Bom, está na hora de me despir e de tirar todo este esplendor.

Nicolau regressou já ao fim da tarde. Jantaram e Sofia, durante a refeição, narrou, rindo, como tinha encontrado e escondido o fugitivo. Ela receava os espões e via-os por toda a parte, e o camarada evadido era um tipo estranho. Algo no tom da voz dela fez lembrar à mãe a gabarolice de um operário que terminou uma tarefa de certo modo difícil, e fica satisfeito.

Sofia envergara agora um vestido fresco, amplo, cinzento-prateado. Dava a impressão de que era mais alta, os olhos escuros e os gestos mais calmos.

— Sofia — disse Nicolau, depois do jantar — vamos ter um novo trabalho para ti. Não ignoras que empreendemos a criação de um jornal para o campo; contudo, perdemos o contacto, devido às últimas prisões. Só Pelágia poderá tentar encontrar o homem que se encarregará da difusão. Vai com ela. É urgente não perder tempo.

— Ótimo! — disse Sofia, fumando o seu cigarro. — Mãos à obra, Pelágia!

— Claro, porque não?

— Fica muito longe?

— Talvez uns oitenta quilómetros.

— Está certo. Mas agora vou tocar um pouco. Suporta a música, Pelágia?

— Não me pergunte... proceda como se eu cá não estivesse — disse a mãe, tomando lugar a um canto do divã.

Reparava que os irmãos, embora disfarçassem, agiam sempre de modo a não a deixar fora do âmbito das conversas deles.

— Queres ouvir, Nicolau? É Grieg. Trouxe-o hoje... Fecha as janelas.

Abriu o caderno e passou suavemente as mãos pelas teclas do piano. As cordas vibraram sonoras, macias e densas. Primeiro um profundo suspiro, em seguida uma nota cheia de som e riqueza, juntando-se a outras que a seguiram. Sob os dedos da mão direita, gritos estranhamente translúcidos ganharam amplitude e voaram

inquieta; os sons rolaram, claros, bateram as asas como pássaros assustados no fundo sombrio das notas surdas.

A princípio, esta música não disse nada à mãe. Em toda aquela quantidade de sons ela notava apenas uma cacofonia. O ouvido dela não estava educado de maneira a distinguir a melodia na vibração complexa da multidão de notas. Meio adormecida, olhava Nicolau, sentado na outra ponta do divã, com as pernas dobradas sob o corpo. Observava o perfil severo de Sofia, e a cabeça loura coberta com uma espessa cabeleira. Um raio quente iluminou o cabelo e um ombro; depois, caindo sobre o teclado, navegou nos dedos da pianista e enlaçou-os. A música enchia agora completamente a sala e o coração acordava com a melodia, sem que ela se apercebesse.

Inesperadamente, na obscuridade do passado surgiu a recordação de uma humilhação há muito tempo esquecida, e que ressuscitava agora nitidamente cruel.

Uma noite, o marido regressara tarde, absolutamente bêbado. Agarrara-a pelo braço, atirando-a para debaixo da cama, aos pontapés, dizendo:

— Desaparece, nojenta, estou cansado de ti.

Tentando escapar às pancadas, agarrara o filho, que tinha então dois anos e, ajoelhada, defendia-se com o pequeno corpo, usando-o como escudo.

Paulo chorava, debatia-se, amedrontado, quente e nu.

— Desaparece! — berrava o marido.

Deu um pulo e correu à cozinha, pôs uma coisa qualquer sobre os ombros, enrolou o garoto num xaile e, sem gritos, sem se lamentar, em camisa e descalça, foi para a rua. Era maio, a noite era fresca e fria, a poeira pegava-se-lhe aos pés, acumulando-se entre os dedos. O bebé continuava a chorar e esperneava. Descobriu o seio, comprimiu o filho contra o peito e, expulsa pelo medo, vagueou, embalando-o, cantando baixinho:

— Ó-ó-ó... Ó-ó-ó...

O dia estava quase a nascer. Teve medo e vergonha quando pensou que a poderiam encontrar assim, seminua. Correu então para a beira do pântano e sentou-se na terra, debaixo de um apertado grupo

de faias negras. Manteve-se ali muito tempo, enlaçada pela noite, com os olhos esbugalhados fixos nas trevas, cantando a medo para adormecer o filho, com o coração humilhado.

— Ó-ó-ó... Ó-ó-ó...

Sem esperar, um pássaro negro e discreto mexeu-se sobre a sua cabeça, tomou fôlego e voou para bem longe dali. Ela acordou e pôs-se de pé. Tremendo de frio, voltou para casa, onde a aguardava o terror da tarefa e dos novos ultrajes.

Um último acorde sonoro, frio e indiferente, gemeu e perdeu-se no ar.

Virando-se, Sofia perguntou ao irmão:

— Gostaste?

— Oh, sim! — respondeu, estremecendo como se tivesse despertado em sobressalto.

No peito da mãe, o eco das evocações do passado cantava e tremia. Um pensamento predominou: «Há assim pessoas que vivem em boa harmonia. Sem pragas, sem beberem aguardente, não brigam por tudo e por nada... como é o caso do povo miúdo.»

Sofia fumava; fumava muito, cigarro após cigarro.

— Este trecho era o favorito do pobre Kostia — disse, aspirando o fumo vivamente, tocando de novo uns acordes leves e tristes. — Gostava muito de lhe tocar isto... E como ele era fino, sensível e aberto a tudo...

«Está decerto a pensar no marido», dizia para si a mãe.

— E tanta felicidade ele me deu... — prosseguiu Sofia, em voz baixa, acompanhando o pensamento com finos acordes. — Como ele sabia viver...

— É verdade — confirmou Nicolau — a alma dele cantava.

A mulher deixou o cigarro e voltou-se para a mãe:

— Incomodo-a com o barulho que faço?

— Não se preocupe comigo, eu não entendo nada — disse com um pequeno suspiro que não fora capaz de evitar. — Estou aqui a ouvir, a revolver pensamentos...

— Acho que é capaz de compreender — replicou Sofia. — Uma mulher tem de entender a música, acima de tudo se ela sofre...

Tocou as teclas com força. Delas saiu um grito profundo que inundou a sala, um grito de alguém a quem se deu uma notícia terrível, que faz mal ao coração e lhe arranca um gemido pungente. Vozes jovens soaram e debandaram numa corrida rápida. Novamente se elevou uma voz forte e raivosa, cobrindo tudo o resto... Acontecera uma desgraça, pela certa; mas em vez de despertar o lamento, despertara a cólera. Uma outra voz sobrepôs-se, terna, forte, que começou a cantar uma canção bela e simples, persuasiva e insinuante.

A mãe sentiu no coração um desejo muito grande de dizer palavras amáveis aos seus hospedeiros. Sorria, entontecida pela música, acreditava que era capaz de lhes ser útil.

Buscou com o olhar o que poderia fazer e, nos bicos dos pés, foi para a cozinha preparar o samovar.

Mas não abafou deste modo a necessidade de ser útil. Ao mesmo tempo que servia o chá, sorria, confusa, como se quisesse aliviar o coração com palavras de ternura quente, que enviava tanto aos companheiros como a si mesma:

— Nós, gente do povo... sentimos tudo, mas não nos preocupamos em nos exprimir. Envergonhamo-nos porque o entendemos mas não sabemos dizê-lo. E não poucas vezes iramo-nos connosco, contra os nossos pensamentos. Para nós, a vida é uma tortura e magoa-nos; seria bom descansar e pensar um pouco...

Nicolau escutava, limpando as lentes. Sofia fitava-a de olhos escancarados e esquecia-se de fumar o cigarro já apagado. Sentada à frente do piano e semivoltada para ele, aflorava de tempos a tempos o teclado com os dedos longos da mão direita. O acorde unia-se com precaução às palavras da mãe, que se esforçava por dar aos seus dizeres simplicidade e sinceridade.

— Por fim, começo a falar um pouco não só de mim, como dos outros, porque... comecei a entender, posso fazer comparações. Anteriormente, não sabia como estabelecer essa comparação. No nosso meio... vive-se do mesmo modo, em geral. Mas agora vejo como vivem os outros, recordo-me de como vivia eu mesma e... é amargo, é duro.

Baixou a voz.

— É possível que eu diga coisas que não são como deveriam ser

e não servem de nada, porque vocês já as conhecem...

Sentiram-se lágrimas na sua voz. Fitava-os com um sorriso bom no olhar.

— Mas gostava muito de lhes abrir o meu coração para que pudessem ver como lhes quero bem.

— Nós sabemos isso perfeitamente! — exclamou Nicolau, com doçura.

Pelágia não conseguia abafar o seu desejo e falou-lhes também do que para ela era novo, e tinha uma importância inapreciável. Narrou-lhes então a sua vida, plena de humilhações e sofrimentos aceites como inevitáveis. Falava sem ira, com um sorriso de pena nos lábios, desfiava o triste rosário dos seus dias cinzentos, enumerando as pancadas dadas pelo marido, ela própria tocada pela banalidade dos pretextos que as ocasionavam, surpreendida com a sua incapacidade para as evitar.

Nicolau e Sofia escutaram-na em silêncio, constrangidos pelo sentido profundo da história simples de um ser humano, considerado como gado por alguns, que durante muito tempo, e sem se lamentar, se sentira mal com a maneira como o consideravam. Dava a sensação de que milhares de vidas falavam por ela. Havia banalidade e rotina na sua existência, mas essa simplicidade e vulgaridade eram o quinhão de uma inúmera quantidade de pessoas sobre a Terra, e a história da mãe adquiria o valor de um símbolo. Nicolau, com os cotovelos apoiados na mesa, sustentava a cabeça entre as mãos; mirava a mãe, estático, através dos óculos, pestanejando de atenção. Sofia, recostada no espaldar da cadeira, abanava a cabeça num gesto negativo. O rosto tornara-se mais magro e mais pálido, e disse em voz baixa:

— Um dia, julguei-me infeliz; senti que a minha vida era como a febre... Estava exilada numa povoação miserável da província, onde não havia nada que fazer, nada em que pensar a não ser em mim mesma. Como processo para matar o tempo, pus-me a enumerar as minhas infelicidades e a revê-las; zangara-me com o meu pai, a quem estimava, havia sido insultada e expulsa do liceu, em seguida a prisão, a traição de um camarada que me era querido, a prisão do meu marido, de novo a prisão e a deportação, o falecimento do meu

marido. Julguei-me então o ser mais infeliz do mundo. Contudo, todos os meus desgostos, multiplicados por dez, não valem um mês da sua vida, Pelágia... Essa tortura diária, durante anos... Aonde vão as pessoas arranjar força e coragem para suportarem tudo isso?

— Habitua-se — disse a mãe, suspirando.

— Eu pensava conhecer a vida — comentou Nicolau. — E quando não é um livro, ou as minhas impressões dispersas que falam dela, mas ela mesma que está aí... então é terrível... E os pormenores são espantosos, os pequenos nada, os minutos que somam anos...

A conversa prosseguia, animada, pondo-se a nu todos os aspetos daquela vida ingrata. A mãe, afundada nas recordações, sacava das trevas do passado os ultrajes quotidianos, decorava o quadro sombrio do terror mudo em que a sua mocidade se tinha afogado. Por fim disse:

— Oh, já os massacrei demasiado com tudo isto; são horas de irem descansar. Não se pode contar tudo...

Os dois despediram-se dela, em silêncio. A Pelágia pareceu que Nicolau se curvara diante dela mais do que o habitual e lhe apertara a mão com mais calor. Sofia acompanhou-a e no limiar disse-lhe:

— Durma bem... boas noites.

A voz era quente, o olhar cinzento acariciava o rosto da mãe... Esta tomou na sua a mão de Sofia, apertou-a e respondeu:

— Obrigada...

Uns dias mais tarde, Nicolau viu surgir a mãe e a irmã, pobrementemente vestidas, envergando fatos de algodão usados, um saco ao ombro e um cajado na mão. O traje fazia Sofia mais pequena, e o rosto pálido ficava ainda mais severo. Quando se despediu da irmã, Nicolau apertou-lhe as mãos e a mãe reparou mais uma vez quanto a afeição que os ligava era pouco demonstrativa. Não se beijavam nem usavam palavras afetuosas e, contudo, eram muito sinceros, muito cheios de solicitude um pelo outro... Na terra onde vivera antes, as pessoas abraçavam-se com frequência, diziam muitas palavras afetuosas; porém, isso não as impedia de se morderem como cães esfaimados. As duas mulheres percorreram a cidade, silenciosamente, chegaram ao campo e caminharam lado a lado, na estrada larga de terra batida, entre duas alas de bétulas.

— Não se vai cansar? — perguntou a mãe a Sofia.

— Crê que não tenho o costume das grandes jornadas? Não se inquiete...

Contente, como se falasse das traquinices da infância, Sofia começou a contar à mãe a sua atividade revolucionária. Tinha de viver com um nome falso, usando portanto um bilhete de identidade falsificado, disfarçava-se para escapar aos espões, levava dezenas de quilos de livros proibidos para cidades diversas, organizava a fuga dos camaradas deportados, fazendo com que passassem a fronteira. Instalara uma tipografia clandestina no seu apartamento, e quando a polícia descobriu e foi passar busca, teve ainda tempo de se vestir de criada, segundos antes de os agentes lá chegarem; saíra com as visitas à porta do prédio. Com um casaco, um lenço na cabeça e uma lata de petróleo na mão, atravessara a cidade de uma ponta à outra, com um rigoroso frio invernal. Numa outra vez, tinha chegado a casa de uns amigos, numa cidade desconhecida. Ia a subir as escadas quando viu que a polícia estava a passar busca na casa deles. Era tarde para voltar atrás; com audácia, tocou à porta do andar inferior e contou francamente o que se passava.

— Se quiserem podem denunciar-me — dissera, confiante — mas penso que não o irão fazer.

Muito assustadas, as pessoas não dormiram a noite inteira, esperando a todo o momento que tocassem à porta. De uma outra vez, disfarçada de freira, viajou no mesmo banco, na mesma carruagem que um inspetor que a perseguia e se gabava da sua habilidade, falando-lhe do método que usava. Ele dizia ter a certeza que ela viajava numa carruagem de segunda classe, saía em todas as estações, depois voltava e dizia:

— Não a vejo... Deve ir a dormir. Eles também se cansam, têm uma vida dura como a nossa.

A mãe fartava-se de rir ao ouvi-la narrar aqueles factos e olhava-a afetuosamente. Esguia, Sofia andava com passos firmes e leves das suas pernas esbeltas. No seu andar, nas palavras, no próprio som da voz, um pouco grave mas corajosa, em toda a sua silhueta bem lançada, existia uma bela saúde moral e uma alegre temeridade. Via tudo com um olhar novo, e notava sempre em todas as coisas pormenores que lhe excitavam a alegria juvenil.

— Veja ali, que lindo pinheiro! — disse ela, apontando uma árvore, parando para a ver.

O pinheiro não era nem mais alto nem mais copado que os outros.

— É uma bela árvore — aprovava Pelágia, sorrindo.

E via o jogo do vento nos cabelos que começavam a embranquecer por cima das orelhas de Sofia.

— Uma cotovia!

O olhar acinzentado de Sofia brilhou num clarão de ternura, e o corpo pareceu atirar-se para a frente ao canto claro da cotovia invisível no céu brilhante. Às vezes, num movimento flexível, baixava-se, apanhava uma flor dos campos e afagava com amor as pétalas frágeis com um leve aflorar dos, dedos ágeis e macios. E trauteava qualquer coisa de belo.

Isso contribuíra para aproximar a mãe daquela mulher de olhos cinzentos, e apertava-se contra ela, sem querer, esforçando-se por seguir a seu lado no mesmo passo. Porém, por vezes, nas palavras da

outra mulher havia algo demasiado vivo que lhe parecia superficial e que despertava nela um pensamento preocupante:

— Creio que ela não vai agradar ao Miguel.

Passado um momento, Sofia voltava a falar com simplicidade e cordialidade, e Pelágia via-a de novo com simpatia.

— A Sofia é ainda muito nova! — suspirou.

— Oh, já tenho trinta e dois anos — disse ela.

Pelágia sorriu.

— Não é isso que pretendo dizer... Olhando para si, pode até dar a ideia de ter mais. Mas quando se veem os seus olhos, e se ouve falar, fica-se surpreendido... parece uma garotinha. Tem uma vida agitada, dura... contudo, está sempre sorridente.

— Não sei o que tem a vida que levo de duro ou difícil. Também não consigo idealizar outra de maior interesse... De hoje em diante, vou tratá-la pelo seu outro nome: Nilovna. Pelágia não me soa bem.

— Como queira. Se lhe dá prazer... — disse a mãe. — Olho para si, escuto-a, e penso... Alegro-me ver que saiba quais os caminhos que conduzem ao coração das pessoas. Eles abrem-se à sua frente, sem receio. A alma destapa-se a si mesma e vai ao seu encontro. Penso em todos vocês e digo: «Eles vencerão o mal, terão de o vencer seguramente.»

— Conseguiremos atingir a vitória, porque estamos com os trabalhadores — disse a outra, com força e segurança. — O povo decide, com ele tudo é operável. Basta despertar nele a consciência que não tem possibilidade de se desenvolver.

Estas palavras despertaram na mãe um complexo sentimento. Lamentava Sofia sem saber porquê. No entanto, era uma piedade amiga, que não feria. Gostaria de lhe ouvir outras palavras, frases mais simples.

— Quem vos irá recompensar pelo vosso trabalho? — perguntou, triste e suavemente.

— Mas estamos já a receber recompensas! — disse a outra num tom que parecia orgulhoso. — Achámos uma vida que nos satisfaz, e onde podemos usar toda a força do nosso ser. Que poderemos desejar mais?

Pelágia olhou-a e baixou os olhos. Uma vez mais pensou:

— O Miguel não vai gostar dela.

Respirando a plenos pulmões o ar macio, as duas mulheres continuavam, no mesmo ritmo mas com passo certo, e parecia à mãe que ia a uma peregrinação. Recordava-se da infância e da alegria que a entusiasmava quando por altura das festas saía da aldeia para ir visitar um mosteiro qualquer, distante, a caminho de um ícone miraculoso.

De vez em quando Sofia cantava; tinha uma voz frágil mas bela e cantava canções novas que falavam do céu, do amor, ou dedicava-se a declamar versos que festejavam os campos, os bosques, o Volga; a mãe sorria, escutando-a e, involuntariamente, balançava a cabeça ao ritmo da poesia cuja música a encantava.

E o coração penetrava no bem-estar, na tranquilidade e no sonho, como um jardim antigo numa tarde de verão.

Ao fim de três dias chegaram a uma aldeia. A mãe perguntou a um camponês onde ficava a empresa de alcatrão. Desceram em seguida um estreito atalho escarpado, no bosque, onde havia degraus formados pelas raízes das árvores, chegando por fim a uma clareira repleta de carvões, de madeira e de cavacos, com charcos de alcatrão já extraído.

— Chegámos! — disse a mãe, observando o lugar com ar preocupado.

Encostados a uma barraca de madeira, estacas e ramaria, à volta de uma mesa feita com três tábuas em bruto, colocadas em estacas enterradas no solo, estavam sentados a comer, Rybine, todo negro, com a camisola desabotoada no peito, Efime, e mais dois rapazes novos. Rybine foi o primeiro a descobrir as duas mulheres e, com a mão em pala sobre a testa, aguardou sem dizer palavra.

— Bons dias, Miguel! — saudou a mãe, ainda ao longe.

Ele ergueu-se e foi ao seu encontro, sem pressa; quando viu que era Pelágia, parou e sorriu, afagando a barba negra.

— Nós vamos em peregrinação — disse ela, aproximando-se. — Disse comigo mesma: «De passagem vou fazer-lhe uma visita.» Esta é minha amiga. Chama-se Ana...

Contente por se ter lembrado daquele nome, olhou de relance para Sofia, que se mantinha grave e severa.

— Bons dias — cumprimentou Rybine, com um sorriso sombrio. Apertou-lhe a mão e disse: — Não é necessário mentir. Não estamos na cidade. São inúteis as mentiras. Estamos entre amigos.

Efime, sentado à mesa, observava atentamente as duas viajantes e segredava qualquer coisa aos companheiros. Com a aproximação das mulheres, pôs-se de pé e cumprimentou-as, sem fazer comentários. Os outros permaneceram estáticos como se não se tivessem apercebido da sua presença.

— Vivemos aqui como monges — disse Rybine, com uma pequena palmada no ombro da mãe. — Ninguém aparece por cá, o

patrão está fora da aldeia, a mulher no hospital e eu sou uma espécie de intendente. Mas senta-te. Chá? Querem comer alguma coisa? E se fosses buscar leite, Efime?

O rapaz dirigiu-se sem pressa à cabana, as mulheres libertaram-se do peso dos sacos. Um dos rapazes, alto e magro, ergueu-se para as auxiliar. O outro, enfezado e andrajoso, mirava-as, pensativo, com os cotovelos na mesa, coçando a cabeça e trauteando uma cançoneta. O cheiro pesado do alcatrão misturava-se com o cheiro a folhas putrefactas, que fazia entontecer.

— Este é Tiago — disse, apresentando o mais alto dos jovens...

— Aquele ali, é o Inácio. E o teu filho, como passa?

— Voltou a ser preso — suspirou a mãe.

— Novamente? Começo a crer que lhe agrada...

Inácio deixou de cantar. Tiago tirou o cajado das mãos da mãe e sugeriu:

— Senta-te.

— Sente-se também — disse Rybine, falando com Sofia, que se sentou num tronco, observando em silêncio o seu interlocutor.

— Quando o prenderam? — inquiriu o velho, sentando-se em frente da mãe. A seguir, com um menear de cabeça, continuou: — Não tens sorte, Pelágia.

— Paciência.

— Acostumas-te?

— Não, mas parece-me impossível fazer outra coisa.

— É assim — exclamou o homem. — Conta lá.

Efime trouxe uma caneca de leite, pegou numa chávena de chá, limpou-a, deitou-lhe leite, dando-a a Sofia, ouvindo com atenção a narrativa de Pelágia. Movimentava-se e evitava fazer barulho. Depois de a mãe terminar, ficaram todos em silêncio sem se olharem. Inácio, com a unha, desenhava no tampo da mesa improvisada; Efime, em pé atrás de Rybine, apoiava-se no ombro deste; Tiago, encostado ao tronco da árvore, cruzara os braços no peito e cravara os olhos no chão; por sua vez, Sofia examinava-os de soslaio.

— Sim — comentou Rybine, arrastando as palavras num tom melancólico. — É assim que eles procedem, abertamente.

— Se se tivesse planeado entre nós uma parada desse tipo — disse Efime, sorrindo, triste — os mujiques matar-nos-iam à paulada.

— Sim, levaríamos uma boa surra — afirmou Inácio, com um aquiescer de cabeça. — Não, é preferível ir para a fábrica. Lá é melhor.

— Dizes tu que eles vão julgar o Paulo? Sabes qual será a pena que lhe aplicarão? — perguntou Rybine.

— Trabalhos forçados ou a deportação para a Sibéria... — respondeu quase sem voz.

A um mesmo tempo, os três rapazes levantaram a cabeça e olharam para ela; Rybine perguntou:

— O Paulo, quando começou tudo isso, sabia o que o aguardava?

— Sabia — informou Sofia, veemente.

Fez-se silêncio geral, sem se mexerem, como se o pensamento tivesse gelado.

— É isso que penso — prosseguiu o homem, grave e severo. — Também creio que ele não o ignorava. Se não tivesse medido o fosso não teria saltado. E um homem sério. Vejam vocês, rapazes, é assim. Eis um ser que sabe que lhe poderão enfiar uma baioneta no corpo, ou enviá-lo para trabalhos forçados, mas que não retrocede. Teria passado sobre o corpo da mãe... Ele passaria por cima de ti, Pelágia?

— Creio bem que sim — confirmou esta, estremecendo.

Reparou nas caras deles e suspirou. Sofia, calada, acariciou-lhe a mão e olhou Rybine frente a frente.

— Isso é ser homem — disse ele, baixinho.

Os olhos melancólicos depararam com os dos companheiros. Voltaram a ficar em silêncio, Finos raios de sol caíam do ar como fitas de ouro. Em parte incerta, um corvo crocitava, austero. A mãe olhava em redor. As lembranças do Primeiro de maio, o pensamento carregado de angústia do filho e de André, entonteciam-na. Na clareira estreita e pequena jaziam bidões de alcatrão e troncos de árvores escorchados mantinham-se de pé. Os castanheiros e as bétulas apertavam-se em redor, conquistavam de todos os lados, insensivelmente, o espaço da clareira e, ligados pelo silêncio, atiravam para o solo sombras triste e mornas.

Inesperadamente, Tiago desencostou-se da árvore onde se apoiara, andou um pouco para o lado, parou e perguntou:

— Será contra pessoas assim que me vão obrigar a combater?

— E contra quem pensas tu que será? — respondeu Rybine, meio aborrecido. — Esse é o jogo deles. Degolam-nos com as nossas próprias mãos.

— Bem, mesmo com tudo isto, serei soldado — informou Efime, teimosamente.

— Ninguém te impedirá — disse Inácio. — Pois vai.

E olhando de frente para Efime, continuou a rir:

— Porém, se alguma vez atirares sobre mim, fá-lo para a cabeça, não me estropies, mata-me logo.

— Já me tinhas dito isso — replicou Efime, rudemente.

— Calma aí, rapazes. — Rybine olhou-os e ergueu os braços com lentidão. — Reparem nesta mulher — indicou a mãe. — O filho, certamente, está perdido...

— Por que falas assim? — perguntou a mãe, angustiada.

— É necessário que os teus cabelos tenham embranquecido para alguma coisa. Muito bem, eles mataram-na, por acaso? Pelágia, trouxeste-nos mais livros?

A mãe olhou-o e respondeu segundos depois:

— Sim, trouxe.

— É isso — disse Rybine. — Descobri isso logo quando te vi. Que outra coisa poderias ter vindo aqui fazer? Arrancaram o filho das fileiras, mas a mãe ocupou o lugar dele.

Agitou um punho ameaçador, dizendo injúrias.

A mãe assustou-se. Olhou com mais atenção o rosto de Rybine e viu que este se modificara muito. Tinha emagrecido e a barba estava desigual, notando-se sob ela os ossos das faces. Na córnea azulada dos olhos apareciam finas veias, como se há muito tempo não dormisse. O nariz tinha agora um jeito afilado e curvo, parecendo-se com um bico de uma ave de rapina. O colarinho da camisa desabotoada, que antes fora vermelha, estava coberto de manchas de alcatrão, vendo-se o peito e as clavículas secas. Na sua pessoa havia algo de mais obscuro, de mais fúnebre. O brilho dos olhos inflamados iluminava-lhe o rosto

sombrio com o fogo de cólera. Sofia, que continuava calada mas mais pálida, não desviava o olhar daqueles homens. Inácio meneava a cabeça, de sobranceiras franzidas, enquanto Tiago, encostado à cabana, arrancava com raiva pedaços de casca das estacas; Efime andava lentamente atrás da mãe.

— Outro dia — continuou Rybine — o chefe do distrito chamou-me e perguntou-me: «Que disseste tu ao padre, canalha?» «Sou canalha porquê? — perguntei-lhe. — Farto-me de esgalhar para ganhar o meu pão, não faço mal a ninguém...» Ele desatou a berrar comigo e deu-me um soco no nariz... Fiquei doente durante três dias. «Ah! é assim que vocês falam ao povo?» «Assim mesmo, não esperes perdão, demónio.» «Se não for eu, será outro que me vingará e se não puder ser em ti, será nos teus filhos, não esqueças. Vocês lavaram a barriga do povo com as vossas garras de ferro, semearam nele o ódio; não esperem piedade, malditos!»

Efervescia de raiva, e na sua voz havia sons que intimidavam a mãe.

— E que dissera eu ao pope? — prosseguiu ele, mais calmo. — Acabada uma reunião, ele estava na rua com um grupo de camponeses e dizia-lhes que as pessoas eram um rebanho e que por isso precisavam sempre de um pastor. E eu comentei: «Se nomeassem a raposa chefe da floresta, haveria lá com certeza muitas penas, mas não se encontrariam pássaros.» Olhou-me de relance e continuou a falar, apelando ao povo para ter paciência, resignar-se e rezar a Deus para que lhe desse forças, a fim de suportar o sofrimento. E eu disse-lhe que o povo rezava muito, mas que Deus provavelmente não tinha tempo para o ouvir, tantas eram as preces. Então, o pope virou-se para mim e perguntou-me que tipo de orações fazia eu. Respondi-lhe: «Só aprendi uma durante toda a minha vida, aquela que todo o povo aprendeu, e que é esta: Senhor, ensina-me a carregar tijolos para o castelo, a comer pedras, a cuspir lenha.» Não me deixou acabar. Você é uma senhora da nobreza? — perguntou, indicando Sofia, cortando a narração.

— Por que pensou nisso? — perguntou, sobressaltada de surpresa.

— Porque... — disse o velho, a rir — é o vosso dilema, vocês nasceram assim... Vocês creem que podem esconder o pecado da nobreza, pondo um lenço às ramagens na cabeça. Distingue-se um pope, mesmo sem sotaina. Você acaba de pôr o cotovelo sobre a tábua molhada e estremeceu ao fazê-lo. E as suas costas são demasiado eretas para serem as de uma operária...

Receando que ele magoasse Sofia com estas grosserias irónicas, a mãe interferiu, viva e severamente.

— Ela é uma ótima pessoa, Miguel, é boa amiga e foi a trabalhar para a causa que os cabelos começaram a embranquecer. Tu não devias...

— Julgas que digo coisas ofensivas?

Sofia examinou-o e perguntou secamente:

— Tem alguma coisa a dizer?

— Eu? Sim, claro que sim. Há algum tempo estive aqui um outro rapaz, que é primo de Tiago; está tuberculoso... Não se importa que o chamemos?

— Pode chamá-lo, com certeza.

Rybine olhou-a, enrugou a testa e baixou a voz:

— Efime, vai até lá e pede-lhe que venha logo à noite.

O rapaz pôs o boné e, sem dizer nada, saiu da floresta, sem pressa. Rybine, indicando Efime com a cabeça, disse:

— Sofre por ter de ir para a tropa, e o Tiago também. Porém, este diz: «Não posso.» O outro também não pode ir, mas quer... Pensa que é possível fazer revolta entre os soldados. Quanto a mim, não se pode deitar um muro abaixo com uma cabeçada... Chega olhar para eles; dão-lhe uma baioneta para as mãos e eles avançam... Efime sofre e Inácio compraz-se em lhe mexer na ferida. De que serve isso?

— Claro que não é inútil — disse Inácio, sombriamente, evitando olhar Rybine. — Vão educá-lo, drogá-lo no regimento e fará fogo sobre os operários, como os outros.

— Não acredito — respondeu o outro, com evasivas. — Mas é evidente que é preferível evitar isso. A Rússia é grande... Como se poderá encontrar um homem? Não precisa mais do que arranjar um bom bilhete de identidade e ir pelas aldeias.

— É isso que eu vou fazer — informou Inácio, dando um pontapé numa apara de madeira. — Partindo do princípio de que se está decidido a combater, não se deve vacilar.

A conversação terminou. As abelhas e as vespas sobrevoavam o local, acentuando com o seu zumbido o silêncio. Os pássaros chilreavam, e algures uma canção rompia dos campos. Minutos depois, Rybine disse:

— Bom, vamos voltar ao trabalho... Vocês certamente querem descansar. Há enxergões na barraca. Tiago, põe-lhes folhas secas... E tu, mãe, dá-me os livros.

As mulheres abriram o saco, o velho dobrou-se para espreitar e disse, satisfeito:

— Hum, trouxeram uma boa carga. Já se ocupa destas lides há muito tempo? Como se chama? — perguntou, virando-se para Sofia.

— Chamo-me Ana Ivanovna... Trabalho para a causa há doze anos. Porquê?

— Por nada. Já foi prisioneira alguma vez?

— Sim, já.

— Estás a ver? — observou a mãe, num jeito de censura. — E tu foste grosseiro com ela...

Não respondeu; depois pegou num pacote de livros, mostrando os dentes:

— Não se zangue comigo. O mujique e o senhor são como a resina e a água: não ligam, repelem-se.

— Não uma senhora, mas sim um ser humano — replicou ela com um sorriso.

— É bem possível... Conta-se que o cão, antes de o ser, era lobo. Vou esconder isto.

Inácio e Tiago juntaram-se a ele.

— Vais dar-nos alguns livros, não?—quis saber Inácio.

— São todos o mesmo livro? — perguntou o homem a Sofia.

— Não. Há também um jornal...

— Ah!

Os três apressaram-se a entrar na cabana.

— O mujique inflama-se — disse a mãe, baixinho, seguindo-os

com o olhar, pensativa.

— Sim, nunca vi uma cara como a dele, mais parece um mártir. Vamos até lá também... Gostava de lhe dar uma olhadela.

— Não se irrite com ele, ele é duro... — segredou a mãe.

— Como você é boa, Nilovna.

Topando as duas mulheres à entrada da cabana, Inácio levantou a cabeça; em seguida, enfiando as mãos nas algibeiras, voltou ao seu jornal, aberto sobre os joelhos. Rybine, de pé, colocara a folha sob um raio de sol que se infiltrara na barraca por uma fenda no teto e deslocava o jornal para o iluminar, lendo em silêncio. Tiago, ajoelhado, apoiava o peito na cama de tábuas, lendo também. A mãe foi sentar-se a um canto, enquanto Sofia a enleava pelos ombros, observando os leitores em silêncio.

— Tio Miguel, desancam-nos aqui, a nós, os mujiques — comentou Tiago em voz baixa, sem se mexer.

Rybine respondeu-lhe, a sorrir.

— Porque gostam de nós.

Inácio tossiu, levantou os olhos.

— Escreveram aqui: «O mujique deixou de ser um homem.» Decerto... somos ainda menos que isso.

Notou-se uma sombra de humilhação no seu rosto simples.

— Vem cá ver, meu grande sábio, veste a minha pele, mexe-te e veremos o que serás.

— Vou-me deitar, sinto-me cansada e este cheiro faz-me andar a cabeça à roda. E a Sofia, fica?

— Sim, fico mais um pouco.

Estendeu-se na cama de tábuas e adormeceu quase em seguida. Sofia sentou-se à cabeceira; observava os leitores e quando uma mosca ou uma vespa voava sobre a mãe, ela afastava-as com solicitude. Pelágia, de olhos semiabertos, apercebia-se desta atenção e isso era-lhe agradável.

Rybine aproximou-se e segredou:

— Adormeceu?

— Dorme.

Ele calou-se por instantes, olhou atentamente a mãe e depois, a

suspirar, disse:

— E talvez a primeira vez que seguiu o filho neste caminho... a primeira.

— Não a perturbes, vamos embora daqui — propôs Sofia.

— Sim. Devemos voltar ao trabalho. Seria ótimo ficarmos a falar, mas fica para longo à noite. Vamos lá, rapazes.

Partiram os três, deixando ficar Sofia encostada à cabana. A mãe pensou: «Tudo caminha bem, graças a Deus eles entendem-se.»

E adormeceu finalmente, calma, respirando o ar forte da floresta e do alcatrão.

Os homens regressaram felizes por terem terminado mais um dia de trabalho. Com o barulho deles a mãe despertou, bocejando, e levantando-se sorrindo.

— Vocês trabalharam e eu, qual senhora, pus-me a dormir — disse ela, envolvendo-os com olhos acariciadores.

— Por esta vez estás desculpada — respondeu Rybine, rindo.

Apresentava-se mais calmo; o cansaço tinha desanuviado o excesso de excitação.

— Inácio — chamou ele — apressa-te com o jantar. Aqui dividimos o trabalho doméstico. Hoje o anfitrião é o Inácio.

— Cedia o meu lugar de boa vontade — disse este, enquanto, ao mesmo tempo que prestava atenção à conversa, ia juntando pedaços de madeira para acender o lume.

— As visitas são de interesse para todos — disse Efime, sentando-se ao lado de Sofia.

— Eu dou-te uma ajuda, Inácio — disse Tiago.

Foi à barraca e trouxe um bocado de pão que cortou em fatias, e distribuiu sobre a mesa.

— Chut! — exclamou Efime. — Ele tosse...

Rybine pôs-se à escuta.

— Ele aí vem.

E voltando-se para Sofia, explicou:

— Vai ver uma testemunha. Gostaria que o ouvissem nas cidades, nas praças. Diz sempre as mesmas coisas, mas era bom que toda a gente o escutasse.

O silêncio e a obscuridade tornavam-se mais profundos, as vozes mais suaves. Pelágia e Sofia observavam aqueles homens; todos se deslocavam sem pressa, pesados, com um jeito de bizzarria, e também eles seguiam os gestos das mulheres.

Um homem alto, curvado, entrou na clareira. Andava com lentidão, amparando-se num cajado, ouvia-se-lhe a respiração rouca.

— Cheguei — disse ele, desatando a tossir.

Vestia um sobretudo velho, que lhe chegava aos calcanhares. Do chapéu redondo fugiam em finas mechas cabelos de um louro-filaça, rijos. Uma barba clara ocultava-lhe o rosto pálido e ossudo; tinha a boca entreaberta e, com grandes olheiras, os olhos brilhavam, febrilmente, como no fundo de uma caverna sombria.

Quando foi apresentado a Sofia, o homem exclamou:

— Segundo ouvi, trouxe-nos livros.

— Trouxe.

— Agradeço-lhe... pelo povo... Ele ainda não é capaz de compreender a verdade... como eu já a compreendi... Agradeço-lhe por ele.

A respiração era ofegante, aspirava o ar com espaços curtos e ávidos. A voz era trémula; os dedos magros, fracos, deslizavam pelo peito, na tentativa de abotoar o sobretudo.

— Não deve ser nada bom para si andar até tão tarde na floresta... A humidade apanha-lhe a garganta — observou Sofia.

— Já nada é saudável para mim — respondeu o homem. — Só a morte me fará bem.

Era penoso ouvi-lo, e todo o seu ser inspirava essa piedade impotente, fazendo nascer um despeito resignado. Sentou-se num bidão, dobrando as pernas com cuidado, como se receasse que elas se partissem, e enxugou o suor com a mão. Os cabelos estavam secos, sem vida.

O braseiro iluminou-se e tudo estremeceu, abanando; as sombras, mordidas pelas chamas, escaparam-se para a floresta como que assustadas. Sobre o fogo surgiu por momentos o rosto arredondado de Inácio, com as faces inchadas. O clarão apagou-se. Sentiu-se um odor a fumo; de novo o silêncio e a bruma invadiram a clareira, como se vigiassem as palavras roucas do doente.

— Mas para que o povo venha ainda a ser útil como testemunha de um crime... que olhem para mim... Tenho vinte e oito anos e estou moribundo. Há dez anos, sem o mínimo esforço, levantava sobre os meus ombros pesos até duzentos quilos... Com esta saúde, dizia eu, viverei até aos setenta anos sem vacilar... Porém, vivi dez anos e não posso ir mais além. Os patrões tiraram-me quarenta anos de vida,

quarenta anos...

— É esta a cantiga dele — cortou Rybine, surdamente.

Uma crise de chamas surgiu novamente, mas desta vez mais fortes, mais claras, e as sombras voaram uma vez mais para a floresta. Refluíram novamente para o fogo e tremeram à volta da fogueira, dançando silenciosa e hostilmente. Na lareira estalavam e gemiam os ramos cinzentos. As folhas das árvores murmuravam e estremeciam, parecendo alarmadas por baforadas de ar quente. Alegres e vivas, as línguas de fogo, amarelas e vermelhas, abraçavam-se e dançavam, elevavam-se no ar, espalhando chispas; uma folha calcinada subiu no ar, e as estrelas, no céu, sorriam às faúlhas que as pareciam chamar...

— Não é só minha a cantiga, milhares de pessoas no mundo a cantam, sem entenderem que a sua vida infeliz é uma lição para o povo. Quantos seres mutilados ou inutilizados pela fadiga morrem de fome...

Teve um novo ataque de tosse; dobrava-se em dois, tremia.

Tiago pôs em cima da mesa um copo de Kvass e, pondo ao lado uns restos de cebolas brancas, disse ao doente:

— Vem Saveli, tens aqui leite.

Ele recusou com a cabeça; porém, Tiago pegou-lhe no braço e levou-o até à mesa.

— Ouça — disse Sofia a Rybine, em tom de censura — por que é que o chamou? Ele pode morrer de um momento para o outro...

— Sei isso — anuiu Rybine. — Mas enquanto não morrer, é preciso que ele fale. De nada lhe valeu arruinar a saúde: pode, portanto, sofrer mais um pouco pelos homens, não é grave, hem?

— Diremos que você sente um certo prazer em não sei o quê — ripostou Sofia.

Rybine olhou-a e disse, aborrecido:

— Os senhores sentem prazer no Cristo quando O veem gemer na cruz; porém, nós, é ao homem que pedimos lições; e quero que você tenha as suas da plebe.

A mãe, assustada, disse:

— Já chega. Vamos acabar com isso.

O homem doente, sentado à mesa, recomeçara a falar:

— Arruína-se o homem com o trabalho para quê? Rouba-se-lhe a vida, porquê? Eis a minha pergunta. O nosso patrão (foi na fábrica de Nefedov que perdi a minha vida) presenteou uma cantora com uma banheira em ouro. Nesse ouro foi a minha vida e a minha força. Ganhei para isso; um homem matou-me com trabalho para presentear a amante... pagou-lhe um pote de ouro com o meu sangue.

— O homem foi criado à imagem de Deus — comentou Efime, rindo — e eis para o que serve.

— Mas é preciso que denuncies isso bem alto — exclamou o velho, dando um soco na mesa.

— E não que o suportes — acrescentou Tiago.

A mãe reparou que os três rapazes ouviam aquelas narrações com avidez, e sempre que Rybine falava redobravam de atenção.

As palavras de Saveli produziam neles um efeito bizarro, inapreensível. Não sentiam pena pelo doente.

A mãe aproximou-se de Sofia e perguntou:

— É verdade o que ele está a dizer?

— Sim, isto passou-se em Moscovo. Os jornais comentaram esse presente...

— E não foi punido — disse Rybine. — Devia ter sido castigado, levado a uma praça pública, feito aos bocados, e atirada aos cães a sua carne infeta. Mas tenho esperança de que será o povo quem fará os grandes castigos quando se levantar. Haverá muito sangue para lavar as suas humilhações. Esse é o seu sangue, que lhe beberam das próprias veias, pertence-lhe.

— Está frio — disse o doente.

Com a ajuda de Tiago, levantou-se da mesa e aproximou-se da fogueira.

Esta ardia clara e as sombras informes tremiam à sua volta; miravam com atenção o alegre fogo das chamas. Saveli sentou-se num tronco e estendeu para o calor as suas mãos secas, transparentes. Rybine, falando com Sofia, apontou-o num movimento de cabeça.

— Isto tem mais força que todos os livros. Se acaso uma máquina mata ou arranca um braço a um operário, a coisa por si só está explicada: é ele o culpado. Mas quando se chupa o sangue a um

homem e depois se põe de lado, como a um objeto, então não tem explicação. Posso compreender qualquer assassinato, mas torturar por prazer não consigo. Qual o fim com que se martiriza o povo? Por que nos torturam? Para gozar, brincar, para se obter boas distrações na Terra, para comprar tudo o que se quiser com o nosso sangue: cavalos, amantes, baixelas de prata, talheres de ouro, brinquedos dos mais caros para os filhos. E tu trabalha mais ainda, para com o teu sofrimento eu comprar um pote de ouro para a minha amante.

A mãe observava, e mais uma vez viu brilhar nas trevas um caminho luminoso, aquele por onde Paulo e os camaradas decidiram ir.

Acabada a refeição, todos tomaram lugar em redor da fogueira; o fogo ardia, devorando com rapidez as lenhas secas; atrás deles, as trevas envolviam a floresta e o céu.

O doente, de olhos esbugalhados, olhava as chamas. Tossia frequentemente, agitado por convulsões. Parecia que o pouco que lhe restava da vida se lhe arrancava com impaciência do peito, ansioso por deixar o corpo esgotado pela doença. Os reflexos das chamas bailavam-lhe no rosto, sem contudo lhe animarem a pele morta. Havia apenas brilho no olhar com um fogo inextinguível.

— Saveli, não queres ir para a barraca? — perguntou Tiago, inclinando-se para ele.

— Para quê? — respondeu com esforço. — Prefiro ficar aqui, não tenho muito mais tempo para falar com os homens.

Com o olhar, percorreu um a um os camaradas. Depois de um minuto em silêncio, prosseguiu, sorrindo tristemente:

— Gosto de estar com vocês. Olho-vos e sinto que talvez sejam vocês que vingarão todos os que foram roubados ou mortos por avidez...

Não obteve resposta. Cedo começou a dormir, com a cabeça encostada ao peito. Rybine disse, baixinho, enquanto o olhava:

— Vem visitar-nos e conta-nos sempre a mesma coisa. E como se lhe tivessem extorquido os olhos e não pudesse ver mais nada.

— Que é mais preciso? — inquiriu a mãe, a pensar.

— Se milhares de pessoas se consomem a trabalhar, dia após dia,

para o patrão poder fazer coisas semelhantes com o ouro, que é preciso mais?

— É aborrecido ouvi-lo. Se escutarmos a sua história uma só vez, não a podemos mais esquecer; depois, ele repete sempre a mesma coisa.

— Tens de aceitar que, para ele, esta história é toda a sua vida — notou o velho, mal humorado.

— Já é, pelo menos, a décima vez que o ouço contar isto. Com tudo isto, há momentos em que aparecem dúvidas. Há instantes em que uma pessoa se recusa a aceitar a loucura, a sujidade de um homem... segundos em que se lamenta toda a gente, o ricoço e o pobre... O rico também se engana no caminho. Um cego pela fome, o outro pelo ouro. Hem?... Homens, meus irmãos, como tu dizes, movam-se, não receiem refletir, raciocinem...

O doente sobressaltou-se, abriu os olhos e deitou-se no chão. Tiago, sem fazer barulho, foi à barraca buscar uma peliça de carneiro para o tapar. Voltou a sentar-se ao lado de Sofia.

A fogueira rubra, provocante, olhava as figuras negras que a rodeavam, e as vozes amigas juntavam-se ao crepitar sussurrante das chamas.

Sofia começou a falar do combate dos povos no mundo pelo direito à vida, das guerrilhas antigas dos camponeses alemães, das desgraças dos irlandeses, dos grandes feitos dos operários franceses nas suas constantes batalhas pela liberdade.

Na floresta vestida com o veludo da noite, na pequena clareira entre as árvores, sob o teto escuro do céu, diante do rosto brilhante do braseiro, ressuscitavam os acontecimentos que tinham feito estremecer o mundo dos saciados e dos ávidos, desfilavam os povos da terra, sangrentos, esgotados pelos combates, evocavam-se os nomes dos lutadores da liberdade e da verdade.

A voz rouca de Sofia ecoava docemente, uma voz que parecia surgir do passado, acordava as esperanças, inspirava confiança; e os ouvintes escutavam, calados, a história dos seus irmãos em espírito. Contemplavam o rosto magro, pálido, da mulher. E uma luz, agora mais viva, iluminava para eles a causa sagrada de todos os povos do

universo: a luta interminável da liberdade. Todos reencontravam as suas aspirações, os pensamentos, um passado oculto por um véu ensanguentado, noutros países desconhecidos. Cada um participava do mundo, em pensamento e em coração, reconhecia nesse mundo amigos que, desde há muito tempo, haviam decidido, firmes e unânimes, instaurar a justiça na Terra, que santificaram a sua resolução com sofrimentos sem conta, verteram rios de sangue pelo êxito de uma nova vida, clara e alegre. O sentimento de parentesco espiritual com todos crescia e aumentava: era um coração novo que nascia na Terra, repleto de uma aspiração ardente de compreender e tudo unir nele.

— Virá o dia em que os trabalhadores de todo o mundo levantarão a cabeça e dirão firmes: «Basta! Não vamos continuar a viver assim!» — dizia Sofia, com uma voz cheia de segurança. — Então desaparecerá a potência ilusória dos que são fortes apenas na avidez, a terra fugir-lhes-á sob os pés e não terão nada em que se apoiarem.

— É o que vai acontecer — disse Rybine, curvando a cabeça. — Se uma pessoa não se poupa, pode superar tudo.

A mãe escutava com a sobrançelha erguida e um sorriso de admiração nos lábios. Notava que tudo o que Sofia tinha de petulante, cortante, desaparecera agora, fundira-se na torrente entusiástica do seu discurso. O silêncio da noite, o jogo das chamas, o rosto de Sofia e, mais que qualquer outra coisa, a atenção dos presentes, agradava-lhe. Permaneciam estáticos, evitando quebrar o curso calmo das narrações da mulher, temendo partir o fio cristalino que os unia ao mundo. Somente um ou outro, com cuidado, punha uma acha na fogueira, e quando saltavam algumas faúlhas, afastava-as com a mão de modo a proteger as duas mulheres.

Sem se esperar, Tiago levantou-se e pediu baixinho:

— Espere um pouco.

Deu uma corrida à barraca e trouxe roupas com que ele e Inácio se taparam, e pô-las também nos ombros das duas mulheres. Sofia retomou o discurso. Descrevia o dia da vitória, incutia nos ouvintes a fé nas suas forças, acordava neles a consciência de uma comunidade

com todos os que sacrificam a vida a um trabalho, contra os divertimentos estúpidos dos saciados. As palavras eram indiferentes para a mãe; porém, o sentimento de algo muito grande, originado pelo relato de Sofia, e de que todos estavam concentrados, enchia-lhe a alma de um pensamento piedoso e reconhecido para aqueles que partiam através dos perigos ao encontro dos homens chumbados às cadeias de trabalho, e levavam as ofertas da razão, da honestidade, do amor pela verdade.

— Ajuda-os, Senhor — pensava ela, fechando os olhos.

Já ao romper da manhã, Sofia, cansada, calou-se e observou, sorridente, os rostos pensativos e serenos que a cercavam.

— Está na hora de nos irmos embora — disse para a mãe.

— Temos de ir — acedeu com lassidão.

Um dos rapazes suspirou com grande barulho.

— Tenho pena que vocês partam já — disse Rybine, com suavidade inabitual. — Fala bem. É uma grande coisa aparentar as pessoas entre si. Quando sabemos que no mundo milhões de seres pretendem o mesmo que nós, o coração amolece. E a bondade tem muita força.

— Se lhes falas de bondade, eles respondem-te com um forçado — brincou Efime. — Elas precisam de partir, tio Miguel, antes que alguém as veja. Nós iremos distribuir os folhetos e as autoridades interrogar-nos-ão. E poderá haver um que se lembre de dizer... passaram por aqui duas mulheres.

Rybine não o deixou continuar:

— Ótimo, Pelágia, agradeço-te pelo teu cuidado. Ao ver-te, penso todo o tempo no Paulo: escolheste um bom caminho.

Quando estava calmo, tinha um sorriso aberto e franco. O ar era fresco; contudo, ele continuava de camisa desabotoada, o peito nu. A mãe atentou na sua estatura maciça e aconselhou:

— Devias agasalhar-te... está frio.

— Estou quente por dentro — respondeu.

Os rapazes, de pé junto da fogueira, conversavam enquanto Saveli dormia a seus pés, tapado com a peliça. O céu amarelecia, as sombras uniam-se e as folhas estremeciam, aguardando o sol.

— Bom, então adeus! — disse Rybine, apertando a mão de Sofia.
— Como poderei encontrá-la na cidade?

— É suficiente que me procures — cortou a mãe.

Efime, Tiago e Inácio, aproximaram-se de Sofia e apertaram-lhe a mão com tímida afeição. Via-se nitidamente que cada um deles estava secretamente cheio de gratidão e amizade, esse sentimento novo para eles, sem dúvida, que os perturbava. Com um sorriso no olhar mortício de insónia, olhavam Sofia sem nada dizerem, apoiando-se ora num pé ora noutro.

— Não querem beber um copo de leite antes de se porem a caminho? — perguntou Tiago.

— Creio que já não há leite — acrescentou Efime.

Inácio, alisando com a mão os cabelos, disse, embaraçado:

— Não há leite... Eu entornei-o.

Desataram a rir à gargalhada.

Falavam do leite; porém, a mãe teve a sensação de que eles, em pensamento, desejavam para ela e Sofia todo o bem possível. Isso emocionou Sofia e perturbou a mãe, também, que, numa modéstia pudica, não conseguiu dizer nada mais além de um tímido «Obrigada, camaradas!».

Eles entreolharam-se, como se essa palavra os tivesse agitado.

O doente tossiu. Os carvões apagavam-se no braseiro.

— Adeus — disseram eles roucamente; e essa palavra melancólica acompanhou por longo tempo as duas mulheres.

Sem terem pressa, enveredaram por um caminho da floresta à luz da manhã. Seguindo atrás de Sofia, a mãe comentava:

— Tudo correu bem, como um sonho, uma coisa perfeita. Eles anseiam por saber a verdade, é isso que eles querem, minha amiga... Era como na igreja, num dia de grande festa, antes da missa da manhã... O padre ainda não veio... Reina a calma no meio da penumbra, faz medo... e as pessoas começam a chegar... Acendem um círio aqui, diante do ícone, ali outro, outro mais além, e a obscuridade afasta-se para dar lugar à luz na casa de Deus.

— É verdade — concordou Sofia. — Só que aqui a casa de Deus é toda a Terra.

— Toda a Terra — repetiu a mãe, abanando a cabeça, pensativa.
— É isso que não é fácil de acreditar... E a Sofia falou bem, muito bem. E sabe? eu receava que eles não gostassem de si...

Sofia demorou a responder, fazendo-o em voz baixa e com tristeza:

— Com eles tudo se torna mais simples...

Durante a caminhada, falaram de Rybine, do doente e dos três rapazes, que as ouviram com tanta atenção, e que, embora timidamente, demonstraram sentir uma grande amizade através dos cuidados delicados. Chegaram por fim ao campo aberto. O Sol surgia nas suas costas. Ainda invisível, abria no céu um leque de raios coloridos, que faziam cintilar as gotas de orvalho caídas nas ervas, com centelhas multicores de alegria forte e primaveril. Os pássaros acordavam, alegravam a manhã com os seus cantos matinais. Grandes corvos, grasnando apressados, voavam e agitavam pesadamente as asas; algures, um vermelhão inquieto assobiava. O horizonte descobria-se, despindo os cumes das suas sombras noturnas ao encontro do sol.

— Há alturas em que alguém nos fala, fala sem cessar e nós não conseguimos compreender, até que uma palavra, simples, de repente, esclarece tudo — disse a mãe, pensativa. — Como esse doente. Muitas vezes ouvi e eu mesma sei como obrigam os operários a labutar na fábrica, e não só. Mas habituamo-nos a isso desde crianças e não nos emociona. E, repentinamente, ele disse algo tão humilhante, tão terrível! Meu Deus! É possível que milhares de pessoas passem a vida a trabalhar para que os patrões se permitam semelhantes brincadeiras? Uma coisa assim é injustificável.

O pensamento da mãe deteve-se na história que ouvira, cuja estupidez e insolência lhe esclareceram muitas extravagâncias que conhecera mas já tinha esquecido.

— Vê-se que estão tão saciados que até se sentem mal. Houve em tempos um chefe de distrito que impunha que se cumprimentasse o cavalo quando ele passeava na aldeia. E a quem não o fizesse dava ordem de prisão. Acaso ele precisava disso? E incompreensível.

Sofia trauteava uma canção, viva, alegre, alerta e triunfante

como a manhã.

A vida de Pelágia prosseguia numa calma estranha, e não raras vezes essa tranquilidade surpreendia-a. O filho continuava preso. Não ignorava que o aguardava uma pena pesada; mas, sempre que pensava nisso, surgia-lhe na memória, embora contra vontade, as figuras de André, Teo e tantos outros. Resumindo todos os que para ela partilhavam a sua sorte, a imagem do filho engrandecia-se a seus olhos, despertava um estado contemplativo que a impedia, mau grado seu, de concentrar o pensamento em Paulo, dividindo-o assim em todas as direções. Esses pensamentos surgiam em finos raios diferentes, que afloravam tudo, visavam iluminar, reunir tudo num quadro, proibiam de se deter num pormenor diferente, distraíam-na do desgosto e do terror que lhe inspirava a sorte do filho.

Sofia saiu logo em nova viagem, reapareceu cinco ou seis dias mais tarde, viva e alegre, para voltar a sair horas depois, regressando daí a quinze dias. Dir-se-ia que vivia em grandes círculos e que visitava de tempos a tempos o irmão para lhe inundar a casa de alegria e música.

Essa música tornara-se-lhe agradável. Sentia, quando a escutava, ondas quentes chocarem-se-lhe contra o coração, que batia a um ritmo mais regular. Assim como germinam os grãos dispostos numa terra bem lavrada e regada cuidadosamente, tais os pensamentos nasciam nela, vivos e aventureiros, floresciam palavras belas e leves, despertadas pela força dos sons.

A mãe habituara-se facilmente à desordem de Sofia, que atirava com as suas coisas para qualquer canto, pontas de cigarro e cinzas, mas só dificilmente aceitava a sua maneira atrevida de falar. Era contrastante o procedimento desta com a calma e serenidade, com a inalterável suavidade das palavras de Nicolau. Sofia lembrava uma adolescente, ávida de se tornar adulta, vendo nas pessoas simples objetos curiosos. Falava muito na santidade do trabalho, mas aumentava estupidamente as tarefas da mãe, devido ao seu desleixo; discutia sobre a liberdade; porém, ela incomodava toda a gente com a

sua impaciência cortante e as incessantes discussões. Havia montes de contradições no seu comportamento de mulher, e a mãe procedia com ela, prudente e ternamente, atenta e vigilante e sem aquele calor no coração que Nicolau atraía.

Sempre cuidadoso, Nicolau vivia dia após dia no mesmo jeito uniforme e ordenado: almoçava às oito horas, lia o jornal e informava a mãe das notícias nele publicadas. Ouvindo-o, entendia com cristalina nitidez como a máquina pesada da vida triturava, impiedosa, os homens, para os transformar em dinheiro. Notava em André características comuns com Nicolau. Tal como ele, falava dos homens sem rancor, eram todos responsáveis pela má organização da sociedade, mas a sua fé numa vida nova não era tão ardente nem tão luminosa. Ao falar, fazia-o sempre com calma de um juiz íntegro e severo. Até quando relatava coisas horríveis, ostentava um sorriso sereno de compaixão; mas então havia nos seus olhos um brilho frio e duro. Vendo esse olhar, a mãe compreendeu que Nicolau nunca perdoaria nada a ninguém, que lhe era impossível perdoar; sentia que lhe era penosa essa dureza e lamentava aquele homem, a quem estimava cada vez mais.

Às nove horas, ia para a repartição. Pelágia arrumava a casa, preparava a refeição, lavava-se, vestia-se de lavado e sentava-se no quarto, observando as ilustrações dos livros. Já sabia ler bem, mas a leitura exigia-lhe grande esforço; como se cansava depressa, deixava de acompanhar o sentido das frases. As gravuras, pelo contrário, distraíam-na, qual criança, oferecendo-lhe um mundo compreensível, quase palpável, novo e maravilhoso. Surgiam cidades enormes, edifícios magníficos, máquinas, monumentos, navios, riquezas impensáveis fabricadas pelo homem, obras da natureza, cuja diversidade lhe exaltava o espírito. A vida estendia-se ao infinito, revelava-lhe todos os dias coisas diferentes, inesperadas, feéricas, e pela abundância das suas riquezas o infinito da beleza excitava cada dia mais a sua alma esfomeada, que despertava. Gostava acima de tudo de ver livros de zoologia, e apesar da obra ser escrita em língua estrangeira, era ela que lhe dava a mais nítida representação da beleza, imensidade e riqueza da Terra.

— Como a Terra é grande — dizia ela a Nicolau.

Enternecia-se com os insetos, principalmente com as borboletas; examinava, surpresa, os desenhos que as representavam e dissertava:

— Que belas, hem, Nicolau? Quantas coisas belas como esta passam por nós em toda a parte, mas fazem-no tão rápido que nem nos apercebemos. As pessoas movimentam-se, não sabem nada, não podem ver nem admirar coisa alguma, não têm tempo nem vontade. Talvez fossem um pouco mais felizes se soubessem como a Terra é maravilhosa, quantas coisas extraordinárias se encontram nela. E todas essas coisas são para todos, tal como todos são para essas coisas, não é?

— Exatamente — respondia-lhe Nicolau.

E no outro dia trazia-lhe novos livros.

Da parte de tarde, normalmente, havia visitas. Entre outras, a de Alexis Vassiliev, belo homem, grave e taciturno, de pele amarelada e barba negra. Roman Petrov, com a cara cheia de borbulhas, cabeça redonda, e que fazia estalar os lábios com ar de compaixão; João Danilov, pequeno e esquelético, com uma barba em ponta e voz estridente, agressiva como uma soveia; Igor, que ironizava acerca dele mesmo e dos camaradas, que se agravava sem cessar. Outras pessoas que vinham de terras distantes e com as quais Nicolau tinha entrevistas longas, focando sempre o mesmo assunto: os operários de todos os países. Discutiam, entusiasmavam-se, gesticulavam sem fim, bebiam muito chá. No meio de todo aquele barulho, Nicolau redigia apelos que depois lia em voz alta aos companheiros; eram logo copiados em caracteres de imprensa, cujos rascunhos rasgados a mãe recolhia, queimando-os em seguida.

Enquanto servia o chá, surpreendia-se com o calor com que era discutido o destino e a vida dos trabalhadores, do melhor e mais eficaz processo de semear entre eles o pensamento da verdade e de levantar-lhes a moral. As opiniões divergiam com frequência, irritavam-se, ofendiam-se uns aos outros e as discussões recomeçavam.

A mãe sentia que conhecia melhor que eles a vida dos operários, via as coisas com mais nitidez, e isso permitia-lhe tratá-los com condescendência, como se se tratasse de uma pessoa adulta em relação

às crianças que brincam ao marido e à mulher, sem atingirem o crítico da situação. Inconscientemente, punha em paralelo as discussões deles com as do filho, ou com as de André, e sentia a diferença que de princípio lhe escapava. Às vezes sentia a impressão de que ali se gritava mais alto que no arrabalde, e explicava isso, pensando: «Eles sabem mais, por isso falam mais alto...»

Mas apercebia-se frequentemente de que aquela gente se esforçava por se animar, que a excitação era fictícia, dir-se-ia que cada um teimava em demonstrar que estava mais próximo da verdade do que os camaradas ou que esta lhe era mais querida; acabavam por ficar feridos e a fim de mostrar maior conhecimento dessa verdade, recomeçavam a discussão com mais energia. Cada um queria ficar mais alto que o outro, e a mãe sentia com isso uma tristeza preocupante. Erguia as sobrancelhas com olhar suplicante e pensava: «Já não se lembram do meu Paulo nem dos companheiros dele.»

Com o espírito tenso, escutava as discussões que naturalmente não entendia, e procurava descobrir os sentimentos das palavras que ouvia. Quando no arrabalde se falava bem, evocava-se o mesmo na totalidade, ao passo que aqui era dividido em parcelas e ficava diminuído; lá sentia-se com maior força, mais profundamente; aqui era o domínio dos subtis pensamentos que esmagava tudo. Falava-se mais da destruição da ordem antiga, ao passo que lá sonhava-se com a nova, esse o motivo pelo qual os propósitos do filho e de André lhe eram mais acessíveis.

Reparava que, quando Nicolau recebia um operário, aquele se tornava mais livre com ele. Uma expressão doce invadia-lhe o rosto, falava de maneira diferente da habitual, se não com mais franqueza era pelo menos mais negligente.

«Tenta o mais possível que o compreendam», pensava a mãe. Mas isso não lhe servia de conforto e via que o visitante também não se sentia à vontade, que estava oprimido interiormente e não podia falar tão livre e facilmente como ela, mulher do povo. Um dia em que Nicolau não estava, ela observou isso a um deles.

— Porque te sentes intimidado? Não és nenhum garoto que vem fazer exame...

O rapaz sorriu.

— Até os lagostins coram quando não estão habituados... Apesar de tudo ele não é um dos nossos.

De vez em quando, aparecia Sandrina. Ficava sempre pouco tempo, falava num tom apressado, não ria e, ao partir, perguntava sempre à mãe:

— E o Paulo? Como vai? Não está doente?

— Felizmente vai bem. Está alegre.

— Dê-lhe cumprimentos meus — dizia a rapariga ao desaparecer.

A mãe lamentava-se por Paulo ser retido tanto tempo na prisão, sem se fixar a data do julgamento; Sandrina entristecia ainda mais e os seus dedos agitavam-se nervosamente.

Pelágia sentia vontade de lhe dizer: «Minha querida, sei muito bem que o amas.» Mas faltava-lhe a coragem. O ar severo da jovem, os lábios cerrados, o seu tom preocupado, seco, recusavam antecipadamente qualquer carícia. Suspirando, a mãe apertava a mão de Sandrina, em silêncio, pensando: «És bem infeliz, pobre pequena.»

Um dia voltou a aparecer Natacha. Alegrou-se muito ao vê-la, beijou-a e informou-a em voz baixa entre outras coisas:

— A mamã morreu... Morreu, coitada...

Abanou a cabeça e secou as lágrimas num gesto rápido.

— Tive um grande desgosto... não tinha ainda cinquenta anos, poderia viver mais algum tempo. Por outro lado, diz-se por vezes que a morte é mais pesada que a vida. Vivia sempre só, era uma estranha para todos; ninguém precisava dela, sempre a temer as gritarias do meu pai... Aquilo alguma vez era vida? Vive-se quando se espera algo de bom; porém, ela não esperava nada além de humilhações.

— Isso é verdade, Natacha — disse a mãe. — Vive-se quando se espera algo de bom; e quando não se espera nada, então isso não é vida.

Depois prosseguiu, acarinhando a mão da rapariga:

— E agora, está só?

— Sim, estou! — respondeu Natacha, suavemente.

A mãe calou-se, e observou mais tarde, a sorrir:

— Isso não significa nada. Quando se é bom, nunca se está só, há sempre pessoas que nos querem bem.

Nomearam Natacha professora de um outro departamento, e Pelágia passou a ir levar-lhe livros proibidos, jornais e manifestos. Durante o mês, por várias vezes, ora vestida de freira, mercadora, peregrina ou opulenta burguesa, percorria a província a pé, de charrete, com uma mala de mão ou um saco aos ombros.

Na carruagem ou no barco, nos hotéis ou nas hospedarias, em qualquer lado, portava-se com calma e simplicidade, interpelava facilmente indivíduos para entabular conversa, chamava sem receio a atenção sobre si, pelas maneiras amáveis, sociáveis, pela sua segurança de mulher que viu muito e muito reteve.

Dava-lhe prazer ouvir falar as pessoas, ouvi-las contar a sua vida, os desgostos, as dificuldades. O coração alagava-se-lhe de alegria sempre que adivinhava no seu interlocutor o vivo descontentamento de quem protesta contra a sorte, busca incessantemente as respostas às perguntas já feitas no seu espírito. Sempre mais largo e colorido, abria-se diante dela o quadro da vida dos homens, com os seus cuidados, as suas necessidades, as inquietações pelo pão. Notava em todos uma nudez cínica, o prazer em enganar os homens, em os despojar, tirar deles mais proveito, sugar-lhes o sangue. E via que na terra havia de tudo com fartura, enquanto o povo vivia com dificuldades e vegetava esfomeado ao lado de riquezas inumeráveis. Nas cidades existiam templos repletos de ouro e prata, de que Deus não sabia o que fazer; porém, no adro, os infelizes tremiam de frio, esperando em vão que lhes dessem a esmola de uma moeda. Já tinha observado outrora esse espetáculo. As ricas igrejas com as casulas dos popes bordadas a ouro, as choupanas dos indigentes e os seus infames andrajos. Contudo, nesse tempo, isso afigurava-se-lhe normal; hoje, porém, esse estado de coisas aparecia-lhe inadmissível e ultrajante para os mais necessitados, a quem a igreja é mais querida do que aos ricos.

Pelas gravuras que representavam Cristo, pelo que ouvia contar d'Ele, sabia que Ele era amigo dos pobres e se vestia como eles. Nas

igrejas onde os pobres vão para O ver, para Lhe falar, encontram-no vestido de ouro insolente, provocante, prisioneiro de sedas brilhantes, desdenhosas à vista dos miseráveis. E as palavras de Rybine surgiam-lhe no pensamento: «Servem-se até de Deus para nos ludibriarem.»

Sem se dar conta, prestava menos atenção às orações, mas pensava mais nos que sem mencionar o Seu nome, fingindo até que O ignoravam, viviam, parecia-lhe, sob os Seus preceitos e iguais a Ele, consideravam a Terra o reino dos pobres, querendo distribuir igualmente entre os homens as riquezas deste mundo. Meditava bastante nisso, e este pensamento aumentava na sua alma; aprofundava-o e acumulava nele tudo o que via. Esta ideia progredia e tomava a forma luminosa de um rogo, que se estendia numa claridade uniforme sobre o mundo sombrio, sobre toda a vida e seres. E cria a mãe que Cristo — que sempre amara com um amor confuso, um sentimento complexo onde o temor se misturava estreitamente à esperança, e o enternecimento à tristeza — se lhe tornava mais próximo, que era diferente, mais alto e mais visível para ela, tinha um rosto mais alegre e claro, parecendo até que de facto havia ressuscitado, havia sido lavado e reanimado pelo sangue quente que derramam generosamente e por amor desse infeliz amigo dos homens os que têm o pudor de não O nomear. Dessas corridas, a mãe voltava sempre alegre, emocionada com o que vira e ouvira no caminho, encorajada e feliz por ter cumprido o seu dever.

— É útil viajar por terras diferentes e ver tantas coisas — comentava com Nicolau, à noite. — Compreende-se como é feita a vida. O povo vive num mundo afastado, foi posto à parte, afunda-se e diz a si próprio: «Por que me rejeitam? Porque é que eu tenho fome, quando não há falta de nada? E porque sou estúpido e ignorante, quando existe inteligência por toda a parte? E Ele, o Deus misericordioso, para quem não há ricos nem pobres, mas só seres que Lhe são queridos, onde está?» Aos poucos, o povo revolta-se com a vida que leva... sente que a injustiça o destruirá, se não tentar salvar-se a si próprio.

E ela sentia cada vez mais o desejo de falar com as pessoas na sua linguagem, de lhes falar nas injustiças da vida. Se Nicolau a

surpreendia a examinar as gravuras, sorria e contava-lhe algo que a maravilhava. Impressionada pela audácia dos problemas que os homens se põem, interrogava Nicolau com um ar incrédulo:

— Mas isso é possível?

Ele, com uma paciência sem limites, muito seguro das suas profecias, indicava-lhe o futuro como um conto de fadas, olhando-a com um olhar bom, através dos óculos.

— A ânsia do homem não tem limite, a sua força é inesgotável. Porém, o mundo, apesar disso, não se enriquece de espírito, senão ainda muito lentamente; é forçado a reter, não conhecimentos, mas dinheiro. Quando os homens refrearem a avidez e se libertarem da escravidão do trabalho forçado...

Pelágia só muito dificilmente acompanhava o sentido profundo das palavras do rapaz, mas o sentimento de fé calma que as animava tornava-se-lhe cada dia mais acessível.

— O mal é que vivem muito poucos homens livres na Terra — dizia ele.

Compreendia isso, sabia que havia pessoas que se tinham libertado da avidez e da maldade. Não ignorava que se o número dessas pessoas crescesse, o rosto sombrio e horrível da existência apresentar-se-ia mais simples e acolhedor, melhor e mais claro.

— O homem deve ser cruel, ainda que isso o contrarie — disse Nicolau, tristemente.

Ela concordava com um aceno de cabeça, e recordava-se das palavras do pequeno-russo.

Certo dia, Nicolau, habitualmente pontual, voltou da repartição muito mais tarde. Em vez de despir o sobretudo, disse apressadamente, esfregando as mãos, gritando:

— Sabe que um dos nossos camaradas conseguiu fugir da prisão, hoje? Não sei quem foi. Não consegui indagar.

A mãe oscilou, invadida pela comoção. Sentou-se e perguntou num sussurro:

— Seria... Paulo?

— É possível... — respondeu, levantando os ombros. — Mas como auxiliá-lo a esconder-se? Onde estará? Acabo de percorrer as ruas, tentando encontrá-lo. É estúpido, mas é urgente que faça alguma coisa. Vou voltar a sair.

— Eu também — disse a mãe.

— Então dê um salto a casa do Igor, ver se ele sabe de alguma coisa — propôs ele, saindo em seguida.

Pôs um xaile sobre a cabeça e saiu, cheia de esperança.

Andava trémula e inquieta, o coração batia-lhe com pulsações precipitadas, obrigando-a quase a correr. Ia ao encontro do possível, de cabeça baixa, sem nada ver à sua frente.

«Vou chegar lá e estará...»

Esta esperança latente impulsionava-a.

Tinha calor, arfava de cansaço. Quando atingiu a escada que levava ao apartamento de Igor, estacou, não conseguindo ir mais longe, soltou um pequeno gemido de surpresa ao virar-se, pois tivera a sensação de que vira Nicolau Vessovchikov junto à porta, de mãos nas algibeiras. Abriu os olhos e não viu ninguém.

«Sonhei», pensou. Subiu a escada, ficando atenta. No patamar, um pisar de passos lentos fez-se ouvir. Parou, dobrou-se e olhou: viu de novo um rosto bexigoso, que lhe sorria.

— Nicolau, Nicolau — gritou ela, correndo ao seu encontro, enquanto o coração se comprimia de decepção.

— Não, continua a subir... — disse ele a meia voz, com um gesto

de mãos.

Acabou de subir as escadas a correr, entrou em casa de Igor, que se encontrava estendido sobre o sofá, e murmurou, quase sem fôlego:

— O Nicolau fugiu... da prisão.

— Qual deles? — perguntou o outro. — Há dois Nicolaus...

— Vessovchikov... Está aqui.

— Mas isso é maravilhoso.

Vessovchikov entrou. Fechou a porta à chave, tirou o boné e desatou a rir, suavemente, alisando os cabelos. Igor apoiou-se nos cotovelos, tossiu e abanou a cabeça.

— Sê bem-vindo!

Com um sorriso sincero, Vessovchikov aproximou-se da mãe e apertou-lhe a mão.

— Se não te tivesse visto, não tinha outra alternativa senão voltar para a prisão. Não conheço ninguém na cidade e se fosse para o arrabalde era preso imediatamente. Enquanto andava, dizia para mim: «Imbecil, por que é que fugiste?» De repente, vi-te a correr. Segui-te...

— Como conseguiste evadir-te? — perguntou a mãe.

Sentou-se timidamente no sofá e disse, confuso, num encolher de ombros:

— Aproveitei um momento... Passeava no pátio e, inesperadamente, os presos de delito comum começaram à tarefa num dos carcereiros: um que é ex-polícia, expulso por roubo, que anda sempre a espiar e faz a vida negra a toda a gente. Caíram-lhe em cima, os outros enchem-se de pânico... correm... apitam... Vi uma grade aberta, uma praça, a cidade... E saí sem me apressar, como num sonho... Depois de me ter afastado um bocado é que me lembrei que não sabia para onde devia ir. Olhei para trás; já tinham fechado as portas da prisão...

— Hum!... — exclamou Igor. — Meu caro senhor, na sua situação deveria ter voltado para trás, bater com jeitinho à porta e pedir que o deixassem entrar, alegando que tinha saído por distração...

Nicolau riu.

— Sim, era uma tolice. De toda a maneira procedi mal para com os meus camaradas. Não disse nada a nenhum... À minha frente... de

repente, vi um funeral, uma criança. Segui o caixão, baixei a cabeça sem olhar para ninguém. Mantive-me um pouco no cemitério, apanhei ar e depois veio-me uma ideia à cabeça.

— Só uma? — perguntou Igor, continuando, com um suspiro: — Penso que não foi por falta de espaço.

Vessovchikov sorriu sem se vexar.

— Oh, a minha cabeça já não é tão oca como antes. E tu, Igor, continuas doente?

— Cada um faz o que pode — respondeu o outro, com um ataque de tosse espessa e ininterrupta.

— Em seguida fui para o museu. Passeei pelas salas e pensei durante todo o tempo: «Para onde vou agora?» Enfureci-me contra mim mesmo. E estava cheio de fome. Voltei a sair e vagueei pelas ruas. Sentia-me humilhado... Vi que a polícia tinha a gente debaixo de olho. «Bem», pensei eu, «com esta cara não tardarei a cair nas garras dos juízes...» De repente, vi a Pelágia correr na minha direção, desviei-me, depois segui-a... É tudo.

— E eu que não reparei em ti — disse ela, com ar culpado.

Inspecionava Nicolau e pareceu-lhe que ele se tornara menos boçal.

— É verdade, os camaradas vão ficar inquietos... — prosseguiu Nicolau, coçando a cabeça.

— E não tens pena dos polícias? Decerto que também eles ficarão preocupados — disse Igor. Abriu a boca e pôs-se a mascar, como se mastigasse o ar. — Bom, já chega de brincadeira... É preciso esconder-te. É agradável, mas difícil. Se eu me pudesse levantar...

Teve uma crise de asfixia. Levou uma mão ao peito e pôs-se a friccioná-lo.

— Estás mesmo doente — disse Vessovchikov, baixando a cabeça.

A mãe suspirou e passeou o olhar pelo quarto pequeno e estreito.

— É o meu problema — respondeu Igor. — Pergunte-lhe como está o Paulo, mãe. Não seja pateta.

O rapaz sorriu.

— O Paulo está bem e tem saúde. É uma espécie de chefe para

nós. Discute com a direção e, regra geral, é ele quem manda. Respeitam-no...

Pelágia absorvia as palavras do jovem e olhava de relance o rosto contraído de Igor. Parado como uma máscara, sem expressão, parecia estranhamente sem vida; só o olhar brilhava vivo e alegre.

— Bolas, se vocês me dessem de comer, tenho uma fome horrível... — disse subitamente Nicolau.

— Mamã, há pão no armário... Depois vá ao corredor, bata na segunda porta à esquerda. Há lá uma mulher; chame-a aqui e que traga tudo o que tiver para comer.

— Tudo? Para quê? — protestou ele.

— Não te aflijas, não muita coisa...

A mãe fez o que Igor lhe pedira; pensou: «Está moribundo...»

— Quem é? — perguntaram.

— Venho mandada pelo Igor, ele pede-lhe que vá lá...

— Vou já — respondeu, sem abrir.

Esperou uns minutos e bateu novamente.

A porta abriu-se bruscamente e uma mulher forte, com óculos, surgiu no limiar. Puxando para baixo a manga arregaçada da blusa, perguntou com secura:

— Que quer?

— É da parte do Igor...

— Ah, sim... Vamos lá. Mas, eu conheço-a! — exclamou a mulher. — Bons dias... Está escuro aqui.

Pelágia olhou-a e lembrou-se então de que a vira algumas vezes em casa de Nicolau.

«Há sempre gente nossa», pensou.

A mulher, seguindo atrás de Pelágia, perguntou:

— Ele está pior?

— Sim, está deitado. Pede-lhe para levar comida...

— Oh, é inútil...

Ao entrarem no quarto de Igor, este disse com voz fraca:

— Minha boa amiga, eu vou ter com os antepassados. Este rapaz é um imprudente, Ludmila. Saiu da prisão sem pedir às autoridades. Primeiro que tudo, encha-lhe a barriga, em seguida é necessário

escondê-lo em qualquer lado.

Ludmila examinou com atenção o rosto de Igor, meneou a cabeça e disse, severamente:

— Porque não me mandou chamar assim que eles chegaram? Reparo que é a segunda vez que não toma o remédio; que quer isso dizer? Camarada, venha a minha casa, Igor está quase a sair para o hospital.

— Levam-me de qualquer maneira? — perguntou o doente.

— Claro. Eu vou consigo.

— Também? Ó Santo Deus!...

— Não seja palerma...

A mulher, ao mesmo tempo que falava, arranjava o lençol no peito de Igor, olhava para Nicolau e medira com o olhar o remédio no frasco. O tom da voz era sempre igual, baixo e os gestos suaves. No rosto amarelado, as sobrancelhas negras quase se uniam no começo do nariz. Ela não agradou à mãe, que a julgou arrogante. Falava sempre como se desse ordens, não sorria e os olhos não brilhavam.

— Vamos lá — continuou ela. — Não me demoro... Dê a Igor uma colher de sopa deste xarope e não o deixe falar.

Saiu, arrastando consigo Vessovchikov.

— Uma mulher estupenda! — disse o homem. — Um ser admirável. Devia ter ficado em casa dela, Pelágia... Ela cansa-se muito.

— Não fales... toma o remédio — disse-lhe a mãe.

Ele engoliu o xarope, piscou um olho e disse:

— Calar-me, para quê? Morro de qualquer maneira...

Com o outro olho, olhava a mãe, a boca abriu-se num sorriso. A mãe dobrou a cabeça, uma piedade aguda fazia aflorar-lhe as lágrimas aos olhos.

— Isso não diz nada, é natural... A alegria de viver ocasiona após ela a obrigação de morrer.

A mãe pôs-lhe a mão na testa e repetiu baixinho:

— Cala-te, sim?

Ele cerrou os olhos, como se quisesse ouvir a sua própria respiração de estertor, e recomeçou, teimosamente:

— Calar-me é estúpido. Que lucraria eu com o meu silêncio?

Mais uns segundos de agonia e perderia a possibilidade de falar com uma boa mulher. Creio que no outro mundo não existem pessoas tão boas como estas.

A mãe cortou e disse, inquieta:

— Aquela senhora vai voltar, e repreender-me-á por te deixar falar.

— Ela não é uma senhora, mas sim uma camarada revolucionária, uma mulher formidável. Quanto a ralar consigo, mamã, de certeza que o vai fazer. Ralha sempre com toda a gente.

E devagar, movendo os lábios a custo, Igor pôs-se a contar a história da sua vizinha. Os olhos sorriam-lhe. A mãe via que ele a contrariava de propósito. O rosto cobria-se-lhe de um suor violáceo, e pensava ansiosamente:

— Vai morrer.

Ludmila voltou. Fechou a porta atrás de si com cuidado e disse a Pelágia:

— É imprescindível que o vosso amigo troque de roupas e saia daqui o mais breve possível. Vá arranjar-lhe roupas e traga para aqui o que puder. Lamento que a Sofia não esteja cá. Esconder pessoas é a especialidade dela.

— Chega amanhã — disse Pelágia, pondo um lenço na cabeça.

Por cada missão que se lhe entregava, ela era possuída pelo desejo de a terminar depressa e bem, e não pensava em mais nada a não ser na sua tarefa. Desta vez, franzindo as sobrancelhas, perguntou:

— Como é que o vai vestir?

— Não importa. Sairá de noite...

— É mais perigoso do que de dia. Há menos gente nas ruas, seguem-nos melhor e ele é inexperiente.

Igor teve um sorriso rouco.

A mãe prosseguiu:

— Posso visitar-te no hospital?

Anuiu com a cabeça, tossindo. Ludmila fitou a mãe com o seu olhar negro e propôs:

— Quer que o veamos à vez? Sim?... E agora despache-se.

Pegando na mãe por um braço, afetuosa mas autoritária, fê-la

sair e disse baixinho:

Não me julgue mal por lhe pedir que saia. Mas faz-lhe mal falar... E tenho esperanças...

— Que diz?

— Repare se não há por aí rostos suspeitos — recomendou a mulher.

Levou as mãos à cara, friccionou as fronte; os lábios tremiam, os traços tornaram-se mais dóceis.

— Eu reconheço-os — respondeu a mãe com orgulho.

Quando chegou à porta, arranjou o lenço, atirou em redor um olhar furtivo mas vigilante. Já sabia distinguir na multidão, quase sem se enganar, um espião de um cidadão qualquer. Conhecía bem o desleixo propositado do andar, a desenvoltura afetada dos gestos, a expressão de cansaço e chatice estampadas no rosto, o pestanejar mal disfarçado, o olhar temeroso, confuso, inquieto e desagradavelmente ativo.

Desta feita não vislumbrou a silhueta conhecida e penetrou na corrente da rua, sem pressa. Apanhou um fiacre, ordenando ao cocheiro que a levasse ao mercado. Aí comprou roupas para o Nicolau e barafustou, impiedosa, cobrindo de injúrias o bêbado do marido que era preciso vestir de novo todos os meses. Essa história não impressionou os mercadores, mas satisfê-la a ela mesma. No percurso, pensou que a polícia concluiria que o rapaz se iria disfarçar e assim mandaria homens para o mercado. Depois de ingenuamente se precaver, voltou a casa de Igor. Foi preciso mais tarde acompanhar Nicolau ao fim da cidade. Caminharam lado a lado, porém em bermas diferentes. Pelágia ria ao ver Vessovchikov andar com um jeito pesado, de cabeça baixa, e tropeçar nas abas grandes de um sobretudo castanho, levantando o chapéu que lhe caía para a frente. Numa rua isolada, Sandrina veio ao encontro deles. A mãe regressou a casa depois de se ter despedido de Nicolau com um aceno de cabeça.

— E o Paulo lá continua... André também — pensava tristemente.

Nicolau Ivanovitch recebeu-a com uma exclamação de preocupação:

— Sabe que o Igor está muito, muito mal?... Levaram-no para o hospital, e a Ludmila pede-lhe para lá ir.

— Ao hospital?

Ajustou os óculos, nervoso, e ajudou a mãe a vestir o casaco. Apertando-lhe a mão com os dedos quentes, disse com voz insegura:

— Leve esta encomenda. Esconderam o Vessovchikov?

— Sim. Vai tudo bem.

A mãe estava tão cansada que se sentia tonta, e Nicolau, com o seu humor inquieto, fazia-a pressentir uma tragédia.

— Está moribundo...

Este pensamento torturava-lhe a cabeça. Mas ao entrar no quarto pequeno, cheio de luz e limpo, viu Igor sentado no meio de um monte de almofadas, com o seu riso rouco. Parou ao ouvi-lo dizer para o médico:

— Um tratamento é uma reforma.

— Deixa de brincar aos palhaços, Igor — respondeu o médico, com voz estridente e preocupada.

Pelágia conhecia bem o médico. Era um dos melhores camaradas de Ivanovitch. Chamava-se Ivan Danilovitch. Foi junto de Igor e este deitou-lhe a língua de fora. O outro virou-se:

— Ah! Nilovna... Boas tardes... Que traz na mão?

— Livros... com certeza.

— Ele não pode ler — observou o doutor.

— Quer fazer de mim um tolo — lamentou-se Igor.

Pequenos suspiros, penosos, acompanhados por um ralo rouco e espesso, brotavam do peito do doente. O rosto cobria-se de gotas finas de transpiração, e levantando lentamente as mãos pesadas e ásperas, secava a fronte. A imobilidade das maçãs do rosto, inchadas, deformava-lhe as faces. Todos os traços se tinham ocultado sob uma máscara cadavérica, e apenas os olhos, bastante enterrados nas carnes

inchadas, brilhavam e sorriam indulgentes.

— Eh, homem da ciência, estou fatigado de estar nesta posição... Posso-me esticar? — perguntou.

— Não é possível — respondeu prontamente o médico.

— Certo... deito-me quando saíres.

— Não lhe permita que ele faça isso. Levante as almofadas, e peço-lhe que não fale com ele. Prejudica-o.

A mãe concordou com a cabeça. O médico saiu apressado. Igor desviou a cabeça, fechou os olhos e ficou assim, imóvel. Da brancura das paredes exalava-se um frio seco, uma tristeza morna. As frondes farfalhudas das tílias espreitavam pela janela. Nas folhas poeirentas e escuras luziam manchas amareladas, claras, primícias frias do outono que se avizinhava.

— A morte aproxima-se de mim com lentidão e pouca vontade — disse Igor, sem se mexer nem abrir os olhos. — Nota-se que tem um pouco de compaixão de mim, talvez por eu ter sido um rapaz muito sociável.

— Não fale, Igor — rogou a mãe, afagando-lhe a mão, suavemente.

— Espere... Vou-me calar.

Arquejante, continuou, articulando as palavras com esforço e interrompendo-se por várias vezes:

— É maravilhoso que esteja connosco... Gosto de ver o seu rosto... Quando a vejo, penso: «Como é que ela irá acabar?» É penoso pensar que é a prisão e todas as abominações... que a aguardam... não só a si como a todos... Não teme a cadeia?

— Não — respondeu apenas.

— Claro! E, contudo, a prisão é um horror, foi ela que me destruiu... Para ser sincero, eu não queria morrer...

«Talvez não morras já», tentou ela dizer; mas depois de olhar o rosto dele acabou por nada dizer.

— Eu ainda podia trabalhar... Mas se isso não nos é permitido, para que serve viver?... E por de mais idiota...

«É justo, mas não é uma consolação!» Esta frase de André veio-lhe involuntariamente ao pensamento, e ela gemeu penosamente.

Sentia-se cansadíssima pelo seu dia, e tinha fome. A respiração difícil e monótona do doente inundava o quarto, deslizando impotente nas paredes lisas. As pontas das tília, atrás das janelas, lembravam nuvens muito baixas e admiravam os olhos pela sua tonalidade escura e triste. Tudo se entrelaçava numa estranha imobilidade tenebrosa na espera desolada da noite.

— Sinto-me tão mal — gemeu Igor.

Um pouco depois, fechou os olhos e calou-se.

— Tenta dormir — aconselhou a mãe. — Talvez depois fiques melhor.

Ouviu com atenção a respiração dele, olhou em redor, manteve-se imóvel durante uns segundos e dormitou, vencida pelo cansaço.

Um ruído surdo, à porta, sobressaltou-a. Notou que Igor abrira os olhos.

— Perdoa-me. Adormeci — pediu ela baixinho.

— Desculpa-me tu também — respondeu ele com suavidade.

Na janela, o crepúsculo tombava, o frio oprimia os olhos, tudo se embaciara bizarramente, o rosto do doente escurecera.

Ouviu-se um roçar e depois a voz de Ludmila:

— Estão sentados na penumbra e segredam. Onde está o comutador?

O quarto foi iluminado repentinamente por uma luz esbranquiçada, pouco agradável. Ludmila entrou, vestida de negro, hirta.

Igor estremeceu e levou a mão ao peito.

— Que tens?

Ludmila correu para ele. Ele olhava a mãe com o olhar fixo; os olhos pareciam agora grandes, muito brilhantes. Com a boca muito aberta, esticou o braço para a frente. A mãe, carinhosamente, pegou nele e olhou-o, contendo a respiração; com um movimento convulsivo de cabeça, atirou-a para trás e disse em voz alta:

— Não posso... Acabou.

O corpo contraiu-se ligeiramente, a cabeça caiu pesada para o ombro, e nos olhos escancarados, a luz fria da lâmpada acesa sobre a cama, refletiu-se com um brilho mortiço.

— Meu querido Igor — murmurou a mãe.

Ludmila afastou-se da cama, parou junto da janela e, com o olhar perdido no vazio, disse com uma voz extremamente forte, até ali desconhecida para Pelágia:

— Morreu...

Dobrou-se, pôs os cotovelos no parapeito da janela e, inesperadamente, como se tivesse levado uma pancada na cabeça, caiu de joelhos, escondeu a cara entre as mãos e soltou um gemido surdo.

A mãe cruzou os braços de Igor sobre o peito e endireitou-lhe na almofada a cabeça, muito pesada. Em seguida, secando as lágrimas, aproximou-se de Ludmila, inclinou-se para ela, acariciando-lhe docemente os cabelos grossos. Com lentidão, a mulher voltou para a mãe os olhos sem brilho, doentiamente dilatados, ergueu-se e, trémula, murmurou:

— Estivemos exilados juntos, vivemos ali os dois, nas mesmas prisões... Por vezes era insuportável, abominável, muitos não resistiam...

Um soluço seco oprimiu-lhe a garganta. Dominou-se, aproximando da mãe o rosto suavizado por uma expressão terna e dolorosa, que lhe dava um aspeto mais jovem; recomeçou a falar, soluçando sem lágrimas.

— Ele irradiava sempre uma alegria incansável, gracejava, ria, escondendo com heroísmo o sofrimento... Tentava encorajar os mais fracos... Era tão bom, sensível... Na Sibéria, o lazer corrompia os homens, fazia nascer com frequência sentimentos baixos... Como ele sabia lutar contra eles!... Se soubesse o extraordinário camarada que ele era... A sua vida privada era dolorosa, penosa, porém nunca ninguém o ouviu lamentar-se, nunca... Eu era para ele uma amiga íntima, devo-lhe muito, deu-me do seu coração e do seu espírito tudo o que podia. Era só, cansado, nunca pediu nada em troca, nem carícias, nem atenções...

Foi junto de Igor, dobrou-se e beijou-lhe a mão.

— Camarada, meu amado camarada! — disse, desolada. — Estou-te grata, todo o coração... Adeus! Trabalharei como tu, sem me fatigar, nem duvidar nunca... toda a minha vida... Adeus.

Sacudida pelos soluços, pôs a mão sobre a cama, aos pés de Igor. A mãe, em silêncio, chorava lágrimas abundantes. Tentava retê-las, não se sabe porquê. Gostaria de ter pena de Ludmila, dar-lhe um afeto terno e particular, profundo, falar-lhe de Igor com boas palavras de amor e afeição. Por entre as lágrimas via o rosto inchado do morto, os olhos que pareciam adormecidos sob as pálpebras caídas, os lábios tristes, imobilizados, num último suspiro. Reinava silêncio absoluto, sob a claridade da lâmpada.

O médico entrou com passos curtos e rápidos, como sempre. Parou de repente no meio do quarto. Com um gesto seco, perguntou com voz forte e nervosa:

— Há quanto tempo?

Não lhe deram resposta. Oscilou um pouco nas pernas, aproximou-se de Igor, secando a testa, apertou-lhe a mão e saiu.

— Não me surpreende, com o coração que tinha isto devia ter-lhe sucedido há pelo menos seis meses...

A voz aguda, de sonoridade sem propósito, de calma forçada, estacou de repente. Apoiado à parede, entrançava a barba com os dedos nervosos, e com um pestanejar constante olhava as duas mulheres junto da cama.

— Mais um! — disse, com suavidade.

Ludmila pôs-se de pé, foi à janela e abriu-a. Instantes depois, outros se lhe juntaram e ali se mantiveram, apertados, olhando a face escura do outono. Sobre as frondes negras das árvores, as estrelas cintilavam, mergulhavam até ao infinito no céu distante.

Ludmila abraçou-se à mãe e apertou-se contra ela, em silêncio. O médico, de olhos cravados no chão, limpava as lentes com um lenço. No silêncio, o ruído da noite, na cidade, suspirava, o ar fresco soprava nas caras, agitava os cabelos. Ludmila arrepiava-se, uma lágrima deslizava-lhe pela face. No corredor do hospital, sons magoados, passos breves, gemidos, um cochichar desolado.

Os três companheiros, estáticos, contemplavam as trevas sem trocarem palavras.

A mãe sentiu-se a mais e, libertando-se devagar, inclinou-se diante de Igor.

— Vai-se embora? — perguntou o médico.

— Vou — respondeu.

Na rua, pensava em Ludmila, lembrou as suas lágrimas avaras.

«Ela nem chorar sabe.»

As últimas palavras de Igor fizeram-na suspirar. Enquanto andava, com passos pequenos, evocou-lhe os olhos vivos, as ironias, as suas histórias.

— Para um homem que é bom, a vida é penosa e a morte libertadora. E eu, como morrerei?

Em seguida, imaginou a mulher e o médico, em pé, junto da janela, no quarto branco, claro em excesso, com os olhos mortos de Igor atrás deles e, invadida de uma piedade acabrunhada, deixou escapar um suspiro profundo e apressou o passo, impulsionada por um obscuro e indefinido sentimento.

— Tenho de me despachar — disse a si mesma, obedecendo a uma força interior, misturada de tristeza e coragem.

No decorrer do dia seguinte, a mãe andou ocupada com o funeral de Igor. A tarde, quando tomava chá com Sofia e Nicolau, apareceu Sandrina, barulhenta e entusiasmada, o que era invulgar nela.

Com as faces coradas, os olhos brilhantes de alegria, a mãe ficou com a impressão de que ela estava cheia de uma esperança feliz. A sua boa disposição viera quebrar o ambiente pesado e triste que havia até momentos antes, motivado pela lembrança do desaparecido. Longe de se misturar, inquietava-a, cegava como uma chama que surge subitamente nas trevas. Nicolau, pensativo, observou, tamborilando na mesa:

— Está hoje muito diferente, Sandrina!

— Acha? Talvez! — respondeu, sublinhando as palavras com um riso feliz.

Pelágia olhou-a numa censura muda. Sofia comentou, num jeito significativo:

— Falávamos de Igor,

— Era um homem formidável, não era? Não me lembro de alguma vez o ter visto sem um sorriso, uma piada nos lábios. E como ele trabalhava! Era um artista de revolução, dominava a teoria revolucionária como um grande mestre. Com que simplicidade e força ele pintava o quadro da mentira, da resignação e injustiça!

Falava em voz baixa, com um sorriso sonhador, que não lhe ocultava a chama da alegria, que era incompreensível, mas visível. Infiltrados no luto que os consternava, recusavam-se a partilhar da alegria que Sandrina trazia, defendiam sem se aperceberem o seu direito amargo a nutrirem-se de dor, e tentavam do mesmo modo arrastar a jovem a partilhar do seu estado de espírito.

— E contudo agora está morto! — repetiu Sofia.

Sandrina percorreu o olhar interrogador pelos camaradas. Sobrancelhas franzidas, cabeça baixa, calada, levantava os cabelos com um gesto lento.

— Está morto! — exclamou ela, em voz alta, depois de uns

momentos; percorreu uma vez mais com o olhar provocador os presentes. — Que quer dizer: está morto? O que é que morreu? A minha estima por Igor, o meu afeto por ele, o meu camarada, a lembrança da obra do seu pensamento, a própria obra? Extinguiram-se os sentimentos que fez nascer em mim, apagou-se a imagem que tenho dele, de um homem corajoso, honesto? Acaso tudo isto morreu? Não! Estão mortos os lábios; porém, as palavras vivem e viverão sempre no coração dos vivos.

Comovida, voltou a sentar-se com os cotovelos apoiados na mesa, pensativa; prosseguiu, sorrindo, pondo nas palavras e nos camaradas um olhar velado:

— Talvez eu diga parvoíces... camaradas. Mas eu creio na imortalidade das pessoas honestas, daquelas que me deram a possibilidade de viver a vida magnífica que vivo, esta vida que me embriaga pela sua admirável complexidade, pelas diferentes manifestações e pelo progresso das ideias que me são queridas. Somos talvez egoístas em demasia no que respeita aos nossos sentimentos, vivemos muito pelo pensamento e isso deforma-nos, raciocinamos em vez de sentir.

— Passou-se consigo alguma coisa feliz? — perguntou Sofia.

— Sim — anuiu a rapariga com a cabeça. — De muito feliz, julgo. Falei toda a noite com o Vessovchikov. Não gostava dele. Porém, agora isso já não acontece. Ele parecia-me grosseiro. E decerto que o era. Encontrava-se nele uma ira constante contra o mundo. Arranjava sempre um processo exasperante e penoso de se colocar no centro de tudo e de dizer, com acidez: «Eu, eu, eu.» Um sentimento nato do pequeno burguês.

Sorriu e o olhar vagueou uma vez mais, radiante, em redor.

— Agora fala dos seus «camaradas». E é necessário ouvir o tom em que ele o pronuncia: com um jeito de comoção, de doçura afetuosa que é impossível de traduzir em palavras. Fez-se surpreendentemente sincero, simples, cheio de vontade de trabalhar e bem. Encontrou-se a ele mesmo, conhece a sua força, sabe o que lhe falta. E o mais importante é que nasceu nele o sentimento da camaradagem.

A mãe estudava a jovem e gostava de a sentir severa, moça, doce

e alegre. Contudo, uma ponta de ciúme despontava no seu coração de mãe, e apeteceu-lhe perguntar: «E o Paulo, qual é o papel dele no meio de tudo isto?»

— Está somente preocupado com os camaradas — continuou Sandrina. — E sabem que ele quis persuadir-me a organizar a evasão dos camaradas... sim, ele diz que é fácil e simples.

Sofia levantou a cabeça e disse, animada:

— E a Sandrina, que pensa desse projeto?

A chávena de chá na mão de Pelágia começou a tremer. Sandrina ficou triste, contendo a excitação, e calou-se por momentos. Depois, com voz séria, sorrindo alegremente, prosseguiu, embaraçada:

— Se é como de facto ele diz... devemos tentar, é o nosso dever.

Ruborizou-se e calou-se.

«Minha querida, minha querida», pensou a mãe, enquanto um sorriso lhe aflorava os lábios.

Sofia também sorriu. Nicolau, rindo discreto, examinou a pequena, ternamente. Então ela ergueu a cabeça, fitou-o severamente e, pálida, de olhar brilhante, disse, vexada:

— Vocês riem... entendo... creem que estou pessoalmente interessada?

— Porquê pensar isso, Sandrina? — perguntou Sofia, com maldade, levantando-se e indo para junto dela.

A mãe julgou a pergunta ociosa e vexatória para a jovem. Suspirou e olhou Sofia num tom de censura.

— Mas... eu recuso-me — disse novamente Sandrina. — Não quero tomar parte na discussão desse assunto se vocês o debatem dessa maneira...

— Calma, Sandrina — pediu Nicolau.

A mãe aproximou-se dela também e afagou-lhe os cabelos. Sandrina tomou-lhe a mão, olhando-a, confusa. Ela, não tendo palavras, sorriu, suspirou tristemente. Sofia sentou-se ao lado de Sandrina, enlaçou-a pelo pescoço e disse-lhe, fitando-a curiosamente:

— Como você é estranha!

— Sim, penso que disse patetices...

— Porque pensa assim?... — prosseguiu a outra.

Nicolau interrompeu-a, dizendo, grave e preocupado:

— Se a evasão é possível, há que organizá-la, não devemos vacilar. Primeiro que tudo, teremos de saber se os camaradas aprisionados concordam...

Sandrina baixou a cabeça. Sofia, que acendia um cigarro, olhou para o irmão e, atirando o fósforo para o canto da sala, perguntou:

— Porque não hão de estar de acordo?

Por sua vez, Pelágia disse:

— Não creio muito na possibilidade de que isso possa vir a acontecer.

Todos emudeceram; porém, a mãe esperava que lhe confirmassem a possibilidade de fuga.

— Preciso de falar com o Vessovchikov — comentou Sofia.

— Amanhã informá-la-ei de onde e quando poderá ser — respondeu Sandrina.

— Em que se vai ele agora ocupar? — indagou Nicolau, passeando na sala.

— Ficou decidido que ele iria trabalhar como compositor na nova tipografia; enquanto aguarda, está escondido em casa de um guarda florestal.

Sandrina voltou a ficar triste, severa, e notava-se novamente secura na sua voz. O rapaz foi junto da mãe, que lavava as chávenas.

— Depois de amanhã deve ir à prisão. É urgente passar uma missiva ao Paulo. Compreende, é necessário saber...

— Compreendo, compreendo — disse a mãe, com vivacidade. — Passar-lhe-ei o bilhete.

— Vou-me embora — disse Sandrina.

E saiu, firme, direita, austera, depois de ter apertado a mão de todos, num jeito de despedida.

Sofia pôs uma mão no ombro da mãe e perguntou:

— Gostaria de ter uma filha assim?

— Ó meu Deus, se eu pudesse, ainda que fosse só um dia, vê-los juntos... — disse quase a chorar.

— Claro que um pouco, só que seja, de felicidade, não prejudica ninguém — confirmou Nicolau. — Mas o diabo é que ninguém se

contenta só com alguma. E quando ela é muito grande, não tem grande valor.

Sofia sentou-se ao piano, fazendo sair dele uma ária melancólica.

No dia seguinte, pela manhã, uma dezena de pessoas aguardava, à porta do hospital, que saísse o caixão do seu camarada. A sua volta, rondavam cautelosos polícias à civil, de ouvido à escuta, prontos a apanhar qualquer frase menos própria, os olhos marcando os rostos, os gestos e as palavras, ao mesmo tempo que, do outro lado da rua, polícia uniformizada e de pistola à cinta vigiava de igual modo. A audácia dos bufos e os sorrisos irónicos dos polícias, aptos a demonstrarem a sua força, enfureciam a multidão. Uns, ocultando a ira, gracejavam, outros fitavam o chão, aborrecidos, evitando ver o espetáculo ultrajante. Alguns davam largas ao seu furor, escarneciam das autoridades que temiam pessoas armadas apenas com palavras. Um céu outonal, azul-pálido, iluminava a rua empedrada com seixos redondos e cinzentos, tapados de folhas mortas que o vento varria e atirava contra os pés.

A mãe encontrava-se entre a multidão e, olhando as caras conhecidas, pensava com tristeza: «Não são muitos. E quase não há operários.»

As portas abriram-se, a tampa do caixão orlado de fitas vermelhas surgiu na rua. Como que combinados, num só gesto, todas as cabeças se descobriram; parecia um voo de pássaros negros sobre as cabeças. Um oficial da polícia, alto, de bigodes amarelos, espessos, no rosto escarlata, atravessou com vivacidade a multidão. Seguindo-o, empurrando as pessoas sem respeito, marchavam os polícias, fazendo tremer o chão sob o peso das suas botas. O oficial disse, roucamente, imperioso:

— Peço-lhes que tirem as fitas vermelhas.

Homens e mulheres rodearam-no num círculo compacto; falavam-lhe todos ao mesmo tempo, gesticulavam, excitavam-se, querendo ficar uns à frente dos outros. Perante o olhar perturbado da mãe, passaram figuras pálidas, furiosas, de lábios trémulos; pelas faces de uma mulher deslizaram lágrimas de humilhação.

— Abaixo a violência! — bradou uma jovem, que se perdeu

isolada no meio daquela massa de gente.

Também no coração da mãe havia amargura. Falou, indignada, a um seu vizinho, um rapaz mal vestido:

— Nem sequer consentem que se enterre um homem como é seu desejo e o do seus camaradas. Que infelicidade.

A hostilidade tomava corpo, a tampa da urna dançava sobre as cabeças, as fitas envolviam os rostos; ouvia-se o ruído nervoso e seco da seda.

A mãe, tomada de terror, dizia para os seus vizinhos, com voz apressada e baixa:

— Tanto pior, se é preciso tirar as fitas que se tirem. É preferível ceder...

Uma voz sonora e áspera ecoou, dominando o tumulto:

— Exigimos que nos deixem acompanhar em paz, à sua última morada, um nosso amigo que vocês torturaram.

Uma voz aguda e franzina ouviu-se:

— Estaremos na liça...

— Peço que tirem as fitas. Jacovlev, corta-as.

Sentiu-se o tilintar de um sabre que se desembainhara. A mãe cerrou os olhos, esperando um grito. O grito esmoreceu, as pessoas murmuravam, mostrando os dentes como lobos esfaimados. Em seguida, calados e de cabeça baixa, puseram-se a andar, inundando a rua com o ruído dos passos.

À frente vogava a urna despojada, com coroas amachucadas, e os polícias seguiam-na, dançando ao passo dos cavalos. A mãe seguia pelo passeio; não conseguia ver o caixão no meio da multidão compacta que o cercava, e que ia crescendo cada vez mais, ocupando a largura da rua. No fim da multidão caminhavam igualmente silhuetas de cavaleiros. Dos lados, a pé, iam os polícias, de punhos nos sabres. Por toda a parte brilhavam, perscrutadores, olhares bufos que a mãe bem conhecia.

— Adeus, nosso camarada, adeus... — ecoaram tristemente algumas vozes.

— Não devemos cantar! — sugeriu alguém. — Calemo-nos, senhores.

Esse grito continha algo de grave, de severo. O canto interrompeu-se, o som das vozes baixou, e apenas o bater firme dos passos enchia a rua de um ruído surdo, monótono. Sobressaía das cabeças, subia ao céu translúcido, fazia estremecer o ar, qual trovão que ecoa numa tempestade ainda longínqua. O vento frio, hostil, cuja violência se acentuava, lançava às caras das pessoas poeiras e detritos, inchava as roupas e os cabelos, tapava os olhos, batia nos peitos e envolvia-se nas pernas... Este funeral silencioso, sem padres, sem cantos pungentes, os rostos recolhidos de sobranceiras franzidas, provocava na mãe um sentimento sinistro, e o pensamento dela rodava lentamente, velava as suas impressões sob reflexões melancólicas.

«Os que combatem pela liberdade não são em grande número...»

Caminhava de cabeça baixa, e tinha sensação de que não enterravam Igor, mas sim algo que lhe era habitual, próximo, indispensável. Havia nela tristeza e pouco à vontade. Invadia-lhe o coração um sentimento ácido que a preocupava. Não concordava com os que acompanhavam o morto: «Certo», pensava, «Igor não cria em Deus e os que aqui vão também não...»

Mas não quis terminar o pensamento. Suspirava, a fim de aliviar a carga que lhe pesava na alma: «Meu Deus, Jesus, é possível que também a mim, desta maneira, me...»

Chegaram ao cemitério. O cortejo fez vários desvios por caminhos estreitos, entre as sepulturas, para chegar a um lugar vazio, semeado de cruces brancas, profundamente enterradas. Todos rodearam a cova e emudeceram. Esse silêncio hostil, entre vivos no meio de túmulos, pressagiava algo de terrível, e o coração da mãe sobressaltou-se e ficou-se na expectativa. Por entre as cruces, o vento rugia e assobiava. Sobre a uma as flores amachucadas tremiam tristemente.

Os homens da polícia, atentos, fitavam o seu chefe. Sobre o túmulo, um jovem alto ergueu-se; era um jovem pálido, de cabeça descoberta e cabelos compridos, sobranceiras escuras. Ao mesmo tempo ouviu-se a voz rouca do oficial:

— Senhores...

— Camaradas! — começou o jovem, calmamente.

— Um momento! — gritou o oficial. — Não posso permitir discursos...

— Direi apenas algumas palavras — disse o rapaz tranquilamente. — Camaradas, sobre o caixão do nosso chefe e amigo, fazemos o juramento de nunca olvidar os seus ensinamentos, juramos que cada um de nós trabalhará toda a sua vida, sem desanimar, para fazer desaparecer todas as fontes de infelicidade da nossa Pátria, para cavar o túmulo da força malfazeja que nos oprime: a autocracia.

— Prendam-no! — ordenou o oficial.

Porém, a voz dele foi abalada por uma explosão de gritos:

— Abaixo a autocracia!

Afastando a multidão, os polícias precipitaram-se para o orador; contudo, ele, cercado por todos os lados, gritava de braços estendidos:

— Viva a liberdade!

A mãe foi empurrada para o lado. Aterrorizada, amparou-se a uma cruz à espera de uma sabrada. Um turbilhão de sons discordantes ensurdecia-a, a terra tremeu sob os seus pés, o vento e o medo impediam-na de respirar. Os apitos da polícia cortavam o ar, uma voz grosseira de comando retiniu, mulheres soltavam gritos de histeria, a madeira das vedações estalava, e os passos pesados das pessoas ressoavam no solo seco. Isto prolongou-se durante muito tempo. A mãe já não podia ter mais tempo os olhos fechados, o pavor tornara-se-lhe insuportável.

Abriu os olhos, soltou um grito e atirou-se para a frente de braços estendidos. Ali, muito perto dela, a polícia cercara o jovem de cabelos compridos, defendia-se contra a multidão que a atacava de todos os lados. Os sabres desembainhados brilhavam no ar, cintilantes, brancos e frios; erguiam-se por cima das cabeças e desapareciam num ápice. Voavam bengalas e pedaços de madeira das cercas, era um turbilhão, uma dança desenfreada de gritos, e acima da multidão amotinada erguia-se a silhueta pálida do jovem cuja voz forte trovejava, sobrepondo-se à tempestade das cóleras desencadeadas:

— Camaradas! Não sacrifiquem as vossas forças.

Obedeceram-lhe. As pessoas, uma a uma, atiraram fora as mocas

e paus de que se armaram e num salto afastaram-se do local de combate. A mãe, impulsionada por uma mola invencível, cortava caminho para a frente. Via Nicolau, com o chapéu para a nuca, afastar os manifestantes ébrios de fúria. Ouvia-lhe a voz carregada de censura:

— Vocês endoideceram? Acalmem-se.

Pareceu-lhe que uma das mãos estava coberta de sangue.

— Nicolau, é melhor ir-se embora — gritou ela, correndo para o rapaz.

— Aonde vai? Aqui estará protegida das pancadas...

Agarraram-na pelo ombro; era Sofia que, de cabelos nus e em desalinho, segurava um jovem, um adolescente ainda. Ele secava o rosto tumefacto, ensanguentado, com uma das mãos e murmurava com os lábios trémulos: Deixe-me... Isto não é nada...

— Trate dele, cubra-lhe a cara. Tome um lenço, tape-lhe a cara — disse Sofia, bruscamente, metendo a mão do rapaz na da mãe. Depois desapareceu, dizendo: — Saiam daqui o mais rápido possível, eles prendem...

As pessoas dispersavam em todas as direções. Atrás delas os polícias seguiam pesadamente entre os túmulos, embaraçavam-se canhestramente nos seus capotes compridos, praguejavam e brandiam os sabres. O jovem seguia-os com um olhar de lobo.

— Aprese o passo — disse a mãe, debilmente, limpando-lhe o rosto.

Ele murmurou, cuspidando sangue:

— Não se preocupe... não tenho nada... Foi com o punho do sabre... Mas também lhe dei cá uma destas cacetadas... Ele berrou.

Agitando o punho ensanguentado, disse com voz entrecortada:

— Espere... isto ainda não chegou ao fim. Esmagá-los-emos sem luta, quando nós, os operários, nos levantarmos...

— Apressemos-nos — disse a mãe, dirigindo-se para uma porta pequena feita na vedação do cemitério.

Parecia-lhe que do outro lado do muro os polícias esperavam escondidos e que saltariam sobre eles logo que saíssem dali para os sovarem. Porém, depois de abrir a porta com cautela, deitou uma vista

de olhos para o campo revestido de outono cor de cinza; o silêncio e a solidão ali existentes tranquilizaram-na em absoluto.

— Espere. Vou tapar-lhe o rosto.

— Não é preciso, não tenho vergonha. Está certo: levei e dei. Estamos pagos.

A mãe fez um penso que lhe aplicou rapidamente na ferida. Encheu-a de pena vê-lo ensanguentado e quando os seus dedos tocaram a humidade morna, percorreu-a um arrepio de terror. Calada, levou o ferido através dos campos, segurando-o pelo braço. Ele libertou a boca e disse com um pequeno riso na voz:

— Aonde me leva, camarada? Posso ir sozinho.

Pelágia sentia-o cambalear, o seu passo não era firme e o braço tremia-lhe. Com voz fraca, ele falava, fazia perguntas sem aguardar respostas.

— O meu nome é João, sou latoeiro. E você? Éramos três no grupo do Igor... três latoeiros... e onze pessoas ao todo. Todos queríamos muito ao Igor; que Deus tenha a sua alma, embora eu não creia em Deus...

Numa rua, a mãe apanhou uma tipoia, sentou o rapaz a seu lado e disse:

— Agora não fale.

Voltou a colocar-lhe com cuidado o lenço na boca. Ele levou a mão ao rosto mas não teve força para tirar o lenço; a mão recaiu molemente nos joelhos. Porém, continuou a falar através do lenço:

— Essas pauladas vão à nossa conta, meus bravos... Antes de Igor, era o Titovitch, um estudante, que nos falava de economia política... Prenderam-no...

De repente ele ficou mais pesado e calou-se. Gelada pelo medo, olhava de relance para todos os lados; parecia-lhe que surgiam polícias de todos os cantos da rua, que ao verem a cabeça vendada do João o prenderiam e matariam.

— Bebeu de mais? — perguntou o cocheiro com um sorriso bom, voltando-se no banco.

— O álcool era forte, deu cabo dele — suspirou Pelágia.

— É teu filho?

— É. É sapateiro e eu sou cozinheira...

— É uma profissão violenta. Vamos!

Deu uma chicotada no cavalo, virou-se de novo para a frente e prosseguiu mais baixo:

— Parece que houve uma luta no cemitério, agora... Enterravam um desses tipos que se metem na política, que são contra as autoridades... que até as desafiam... Os que iam no funeral eram como ele, camaradas, claro... Puseram-se a gritar: «Abaixo as autoridades, são elas que arruinam o povo!» Era o que diziam... A polícia deu-lhes poucas, com os sabres. Dizem que até há mortos. E a polícia também levou.

Calou-se e abanou a cabeça com desolação: depois continuou com voz estranha:

— Incomodam os mortos! Acordam os defuntos!

A tipoia saltava com ruído nas pedras da estrada. A cabeça de João deslizava com suavidade no peito da mãe. O cocheiro, semivoltado no assento, murmurava, pensativo:

— Há agitação no povo... a desordem sai da terra. Esta noite, os polícias foram a casa de um vizinho meu, não sei o que é que lá estiveram a fazer até de manhã, em seguida levaram um deles no carro, um ferreiro. Diz-se que numa destas noites o levarão para a beira-rio e o afogarão em segredo. E, contudo, esse ferreiro é um bom homem.

Como se chama ele? — perguntou a mãe.

— Quem? O ferreiro? Savel. Ainda é novo, mas já entendia muitas coisas. E isto de compreender é proibido, ao que parece. Vinha algumas vezes a minha casa. «Que vida é a vossa, a dos cocheiros?», dizia ele. «Realmente», respondia-lhe eu, «vive-se pior que cães.»

— Saímos aqui — disse a mãe.

A paragem repentina despertou João, que começou a gemer.

— Grande carraspana — observou o cocheiro. É bebedor de vodka!

Cambaleante, pondo com dificuldade um pé aqui outro ali, João atravessava o pátio, dizendo:

— Isto não é nada... Eu posso andar...

Sofia já tinha voltado. Atarefada e agitada, recebeu a mãe com um cigarro na boca. Deitou o ferido no canapé, tirou a venda com perícia, dando ordens; o fumo do cigarro fazia-a piscar os olhos.

— Doutor, eles já chegaram! Está fatigada, Nilovna? Teve medo, hem? Vá descansar. Dá-lhe um cálice de Porto, Nicolau.

Atordoada pelas provações, a mãe sentia dificuldade em respirar; tinha uma pontada no lado.

— Não se inquiete comigo — murmurou.

Todo o seu ser, tenso, suplicava uma atenção, uma carícia apaziguadora.

Nicolau saiu da sala com a mão entapada, seguido do médico, de cabelos eriçados qual ouriço. Foi junto de João, dobrou-se para ele:

— Água, muita água, pensos limpos e algodão.

A mãe ia para a cozinha, porém Nicolau agarrou-lhe no braço e disse, levando-a para a casa de jantar:

— Não foi a si que ele pediu, mas à Sofia. Já teve hoje muitas emoções, não é verdade, querida amiga?

A mãe encontrou o seu olhar terno e compassivo, e exclamou num soluço que não conseguiu conter:

— Ó Nicolau, era horrível! Acutilavam as pessoas sem dó nem piedade...

— Eu vi — disse ele, numa afirmação de cabeça, enquanto lhe servia vinho. — Acaloraram-se um pouco tanto de um lado como do outro. Mas tranquilize-se. Usaram o sabre do lado contrário e parece que há só um ferido grave. Vi-o levar pancada e consegui tirá-lo do barulho.

A cara e as palavras de Nicolau, a luz e o ambiente morno que reinava na sala, tranquilizaram Pelágia. Lançou-lhe um olhar reconhecido e perguntou-lhe:

— Também foi ferido?

— Fiz isto sozinho. Devo ter golpeado a mão e arranquei a pele sem me aperceber. Beba chá, está frio e a mãe tem uma roupa muito

fresca...

Esticou a mão para a chávina e viu os dedos cobertos de sangue coagulado. Com um gesto involuntário, deixou cair a mão sobre os joelhos: a saia estava húmida. Os olhos escancarados, a testa enrugada, olhava os dedos de revés. A cabeça girava e um pensamento martelava-lhe no cérebro.

«Farão o mesmo ao Paulo, eles podem...»

O médico entrou em camisa, de mangas arregaçadas. À pergunta muda de Nicolau respondeu com voz aguda:

— A ferida no rosto é superficial; porém, tem uma fratura no crânio, que também não é grave. O rapaz é forte mas perdeu muito sangue. Vamos transferi-lo para o hospital.

— Para quê? Pode ficar aí — exclamou Nicolau.

— Por hoje está bem, por amanhã também, mas a partir daí já não. Não disponho de tempo para fazer visitas. Vais fazer um panfleto acerca dos incidentes no cemitério?

— Claro que sim! — respondeu Nicolau.

A mãe levantou-se sem fazer barulho e foi à cozinha.

— Que vai fazer, Nilovna? — perguntou ele, preocupado, fazendo-a parar. — A Sofia tratará de tudo sozinha.

Ela olhou-o e, com um sorriso bizarro, disse:

— Estou cheia de sangue.

Mudou de roupa no quarto, e pensava de novo na calma que aquela gente possuía, na facilidade que tinha de ultrapassar muito rapidamente o horror de uma situação. Este raciocínio fê-la voltar a si, expulsou-lhe o medo do coração. Quando entrou na sala, onde o ferido ficara, Sofia, debruçada sobre ele, dizia:

— Está a dizer disparates, camarada.

— Mas assim vou trazer-lhes complicações — dizia com voz fraca.

— Agora é bom que não fale...

A mãe parou atrás de Sofia e colocou-lhe uma mão no ombro. Olhou depois o rosto pálido do ferido e contou como ele tinha delirado na tipoia. João ouvia-a com os olhos brilhantes de febre. Batia os dentes e dizia confuso:

— Como eu sou palerma!

— Bem, vamos sair para ele sossegar — sugeriu Sofia, depois de lhe ter arranjado a coberta. — Descanse.

As duas mulheres passaram para a sala de jantar, onde se mantiveram uma quantidade de tempo, com Nicolau e o médico, discutindo os acontecimentos do dia. Já se falava sobre este incidente como se fosse algo que se passara há muito tempo. Por outro lado, olhava-se o futuro com serenidade, discutia-se o trabalho para o dia seguinte. Os rostos estavam cansados, mas os pensamentos brotavam com vivacidade, e quando cada um falava da sua tarefa, não escondia o descontentamento de si mesmo. O médico mexia-se nervosamente na cadeira, fazendo esforço por tornar mais grave a sua voz esganiçada:

— A propaganda! A propaganda! Não é suficiente, a juventude tem razão, os operários têm razão. É preciso originar a agitação num plano mais amplo, os operários sabem que não basta, não restam dúvidas que...

Nicolau replicou, aborrecido:

— No entanto, lamentam-se da falta de livros, e nós nem sempre podemos montar uma boa tipografia. Ludmila está exausta; se não lhe arranjamos ajudantes acabará por adoecer.

— E o Vessovchikov? — quis saber Sofia.

— Ele não pode ficar a residir na cidade. Começará a trabalhar na nova tipografia; porém, para isso, ainda falta outra pessoa.

— Eu não poderei colaborar? — sugeriu a mãe, tranquilamente.

Os três olharam-na e ficaram em silêncio por momentos.

— Boa ideia! — concordou Sofia.

— Não, Nilovna, é demasiado duro para si — disse Nicolau, com secura. — Seria obrigada a viver fora da cidade, não lhe seria possível ver Paulo, e de resto...

Ela respondeu, sorrindo:

— Para o Paulo não é uma grande privação, e a mim as visitas cortam-me o coração. Não podemos falar de nada. Fico com ar animalesco quando estou diante do meu filho. Olham até para a boca para ver se não se vai dizer algo a mais...

Os acontecimentos dos últimos dias tinham-na esgotado, e agora que se oferecia a possibilidade de viver fora da cidade, aceitava-a avidamente.

Contudo, Nicolau mudou o rumo da conversa.

— Em que estás a pensar? — perguntou o médico.

Ele ergueu a cabeça e disse, aborrecido:

— Somos poucos, é isso que penso. É urgente trabalhar mais energicamente... e influenciar o Paulo e o André a evadirem-se. Ambos são demasiado preciosos para continuarem inativos.

Nicolau enrugou a testa e abanou a cabeça, num ar de dúvida, olhando de relance para a mãe. Apercebeu-se de que eles não se sentiam à vontade para falar de Paulo na sua presença e foi para o quarto, levemente ressentida com eles, por terem dado pouca importância ao seu desejo.

Deitou-se e, de olhos abertos, embalada pelo murmúrio das vozes, entregou-se às suas preocupações. O dia que terminara aparecia-lhe incompreensível, sombrio e cheio de alusões sinistras. Era-lhe doloroso refletir sobre ele e, expulsando essas impressões desagradáveis, pôs-se a pensar em Paulo. Gostaria de o ver em liberdade, mas ao mesmo tempo isso assustava-a, pois via à sua volta uma grande tensão, a iminência de duros conflitos. A silenciosa resignação das pessoas começava a desaparecer, substituída pela irritação que crescia desmedidamente nas palavras que se ouviam; soprava por todo o lado um vento novo de excitação... Cada panfleto ocasionava uma discussão acalorada no mercado, nas lojas, entre os criados e os artífices; cada prisão na cidade suscitava um eco amedrontado e perplexo, mas por vezes também inconscientemente simpático, e explicações dadas pelos revolucionários sobre as causas de tudo isso. Pelágia ouvia cada vez com mais frequência palavras pronunciadas por pessoas simples que antes as recusavam e se apavoravam: revoltas, socialistas, política. Repetiam-nas ironicamente, mas nessa ironia estava mal disfarçada a vontade de saber, com fúria, debaixo da qual se escondia o medo, pensativamente, mas também com uma nuance de esperança e ameaça. Com lentidão, mas em círculos amplos, na vida estagnada e triste, a agitação tomava forma, o

pensamento adormecido acordava, e a atitude habitual, calma para com os acontecimentos rotineiros do dia a dia, perdia a segurança. Pelágia observava tudo isso com mais clareza que os seus amigos, pois conhecia melhor que eles o rosto desolado da vida, e agora notava que se formavam nele rugas de interrogação e de exaltação; isso regozijava-a, porém assustava-a também. Dava-lhe regozijo porque via nisso uma obra do filho; intimidava-a por saber que se saísse da prisão, ele tomaria, à cabeça dos camaradas, o lugar mais perigoso. E cairia.

Não poucas vezes a figura do filho aparecia a seus olhos como a imagem de um herói lendário. Nele se juntavam todas as palavras leais, audazes, que ela tinha ouvido, todos os seres que ela amava, tudo o que conhecia de coragem e limpidez. Então, admirava-o, enternecida, orgulhosa, entusiasta, e pensava, cheia de esperança: «Tudo irá bem, tudo.»

O seu amor, o amor de mãe, inflamava-se, apertava-lhe o coração, até quase a fazer gritar; depois impedia o seu amor de crescer pela humanidade, consumia-o e não lhe restava mais do que, no lugar desse nobre sentimento, um pensamento desolado que palpitava com timidez na cinza da inquietação: «Ele cairá... vai perder-se.»

Ao meio-dia, estava sentada em frente de Paulo, no parlatório da prisão. Com os olhos enevoados, observava o rosto barbudo do filho, aguardando o momento em que lhe poderia passar o bilhete que continha apertado entre os dedos.

— A minha saúde é ótima e a dos camaradas também — murmurou ele. — E tu como vais?

— Eu vou bem — respondeu como um autômato. — O Igor morreu.

— Ah, sim! — exclamou Paulo de olhos postos no chão.

— No decorrer do funeral, houve desordem com a polícia; houve prisioneiros — prosseguiu ela com simplicidade.

O subdiretor da cadeia deu um estalido nervoso com os lábios e refilou, saltando da cadeira:

— É proibido, irra, é preciso compreender que não se pode falar de política.

A mãe levantou-se também e disse, atrapalhada, como se não tivesse entendido:

— Mas eu não falei de política, mas de desentendimento. E é verdade que as pessoas se bateram. Até houve um de cabeça partida...

— Tanto faz! Faça o favor de se calar. Bem, quero dizer que só pode falar de assuntos pessoais, de si... da família... da casa...

Sentindo que ia espalhar a confusão, disse num tom melancólico e quase inaudível, sentando-se à mesa e pondo os papéis em ordem:

— Sou eu o responsável, claro...

A mãe atirou um olhar e, num movimento breve, entregou o bilhete a Paulo e murmurou aliviada:

— Não entendo bem do que é que ele quer que se fale...

Paulo sorriu.

— Também não sei.

— Então é preferível que não faça visitas — comentou o funcionário, com ímpeto. — Não tem nada para dizer e vem maçar uma quantidade de gente.

— Irão julgar-te em breve? — perguntou a mãe, depois de um curto silêncio.

— O procurador veio cá há muito pouco tempo e disse que sim...

Houve uma troca de palavras sem interesse, inúteis para os dois. A mãe sentia pousar nela o olhar terno do filho.

Não se tinha modificado, sempre de temperamento calmo e tranquilo. Só a barba havia crescido e isso tornava-o um pouco mais velho; as mãos embranqueceram. Teve desejo de o alegrar, de lhe falar de Vessovchikov; e com o tom de voz com que falava de coisas sem interesse, disse-lhe:

— Vi o teu afilhado...

Paulo olhou-a com olhar interrogador.

Para o fazer lembrar o rosto bexigoso de Nicolau, bateu várias vezes na face com os dedos.

— Vai bem, é um rapaz desenrascado; dentro de pouco tempo terá um lugar.

Compreendeu-a. Com um aceno de cabeça, de cumplicidade, e um sorriso feliz no olhar, comentou:

— Isso é muito bom.

— É assim a vida — disse ela, com satisfação.

Ficara contente consigo própria e comovida pela alegria do filho.

Quando se despediram, ele apertou-lhe a mão calorosamente.

— Obrigado, mamã.

Um sentimento de alegria entonteceu-a. A alegria de sentir o coração do filho perto do seu; não conseguiu responder-lhe com palavras, mas fê-lo com uma pressão silenciosa da mão.

No regresso encontrou Sandrina. A rapariga ia lá a casa, habitualmente, nos dias em que a mãe visitava o Paulo. Nunca lhe perguntava por ele, e se acaso a mãe não falasse, espontaneamente, contentava-se em ler nos seus olhos. Mas desta vez não se conteve, acolhendo-a com uma pergunta ansiosa:

— O que é que ele faz?

— Está bem.

— Conseguiu dar-lhe o bilhete?

— Claro. Passei-o tão bem que...

— Ele leu-o?

— Acha que ele o poderia fazer ali?

— Tem razão, já não me lembrava — disse a rapariga. — Temos de aguardar uma semana. Uma semana! Acha que ele vai concordar?

A testa enrugou-se; o olhar não se desviava do rosto da mãe, que meditava:

— Não sei. Mas por que não, se não corre riscos?

Sandrina acenou a cabeça e, num tom frio, perguntou:

— O doente quer comer. Que se lhe pode dar?

— Tudo. Absolutamente tudo. Eu vou...

Dirigiu-se à cozinha e a rapariga seguiu-a, sem pressa.

— Quer que a ajude?

— Não é necessário. Obrigada.

A mãe dobrara-se sobre a fornalha para tirar um tacho.

— Espere... — pediu a jovem com voz baixa.

Empalidecera, os olhos muito abertos transpareciam tristeza, os lábios trémulos murmuraram com esforço, mas com calor.

— Queria pedir-lhe... Eu sei que ele não vai aceitar. Peço-lhe que o convença. Diga-lhe que nos é indispensável na causa, que eu receio que ele adoeça. O dia do julgamento ainda nem foi marcado...

Notava-se que falava com esforço. Olhava de lado e a voz era intermitente. De pálpebras cansadas e descidas, mordida os lábios e os nós dos dedos, comprimidos, estalavam.

A mãe ficou profundamente emocionada com este impulso, e compreendeu-a. Perturbada, apertou a jovem contra si e respondeu baixinho:

— Minha querida, ele não ouve ninguém a não ser a si próprio. Ninguém!

Emudeceram, estreitamente enlaçadas. Em seguida, Sandrina libertou-se suavemente, e disse fremente:

— Tem razão, são tolices, os meus nervos...

Subitamente acalmou-se e continuou:

— Vamos dar de comer ao ferido.

Tomou lugar à cabeceira de João; reencontrava já a sua solicitude para perguntar:

— Ainda lhe dói muito a cabeça?

— Não, não muito. Mas sinto-me tonto. E sem forças... — respondeu aquele, puxando, confuso, a coberta até ao queixo.

Pestanejava como se a luz o incomodasse. Reparando que ele não se decidia a comer na presença dela, levantou-se e saiu.

João sentou-se na cama e, seguindo-a com o olhar, comentou:

— Bonita rapariga.

Os olhos eram claros e alegres, os dentes pequenos e apertados, a voz ainda não tinha mudado.

— Que idade tem? — perguntou a mãe, pensativa.

— Tenho dezassete anos.

— E onde estão os seus pais?

— Na aldeia... Há sete anos que estou aqui; terminei a primária e vim pelo meu pé. E você, camarada, como se chama?

A mãe sentia-se sempre tocada e divertida quando a tratavam assim. E desta vez, a sorrir, perguntou:

— Qual é o interesse?

Após um instante de silêncio, o moço, atrapalhado, explicou:

— Havia um estudante no nosso grupo, quero dizer, um que lia conosco, que um dia nos falou na mãe do Paulo Vlassov, o operário... sabe?, na manifestação do Primeiro de maio.

Ela abanou afirmativamente a cabeça e manteve-se atenta.

— Foi ele o primeiro a desfraldar abertamente a bandeira do nosso partido — declarou o jovem, com um orgulho que fez eco no coração da mãe. — Eu não estava lá, pensava fazer-se aqui também uma manifestação do nosso lado... porém não foi possível. Nessa altura éramos poucos. Mas para o ano será... Vai ver.

Embaraçava-se a falar, emocionado, saboreando antecipadamente os acontecimentos; depois continuou, agitando a colher:

— Pois a mãe do Vlassov entrou para o partido depois disso. Dizem que é uma mulher formidável.

Pelágia suspirou; era-lhe agradável ouvir os elogios entusiastas do rapaz; envaideciam-na e constrangiam-na. Ia dizer-lhe: «Sou a mãe dele.» Mas conteve-se, comentando, triste e irónica:

— Ah! Como sou velha tonta!... Vá, veja se come um pouco mais. Trate-se depressa para a nossa boa causa — disse de repente, comovida, debruçando-se para ele.

A porta abriu-se e uma baforada de vento frio de outono entrou, precedendo Sofia, satisfeita, com as faces rosadas.

— Os bufos perseguem-me como caçadores de dotes a uma rapariga rica, palavra de honra. Tenho que desaparecer daqui... E então, João? Como vai? Que disse o Paulo, Nilovna? A Sandrina está aí?

Acendia o cigarro, fazia perguntas sem esperar respostas, com o olhar cor de cinza, acariciava a mãe e o rapaz.

A mãe examinava-se e, sorrindo interiormente, dizia para si: «E é assim que também eu subo de categoria.»

Dobrando-se para o João, disse:

— Trate de se pôr bom, moço.

Foi depois para a sala de jantar, onde Sofia descrevia a Sandrina:

— Ela já preparou trezentos exemplares. Mata-se com trabalho. E autêntico heroísmo. Sabe, Sandrina, é uma verdadeira felicidade viver entre pessoas assim, ser camarada, trabalhar com elas...

— Sim — concordou a rapariga, baixinho.

Ao fim da tarde, Sofia disse à mãe:

— Nilovna, terá de voltar à aldeia.

— Está certo. Quando?

— Daqui por um ou dois dias. É possível?

— Com certeza.

— Não vá a pé — deu por conselho Nicolau. — Alugue cavalos de muda e vá por outra estrada, pelo cantão de Nikollskoie, peço-lhe.

Calou-se e ficou com uma expressão sombria, que não se enquadrava bem no rosto, normalmente calmo.

— É uma volta muito grande — disse a mãe. — E o aluguer dos cavalos é caro...

— De resto — prosseguiu Nicolau — não concordo com essa viagem. Há agitação nessa zona... fizeram algumas prisões, inclusive um professor primário. Devemos proceder com prudência. Seria melhor esperar um pouco mais.

Sofia comentou, batendo ritmicamente com os dedos na mesa:

— É importante que a distribuição da literatura se faça sem interrupção. E a Nilovna não tem medo de lá voltar, pois não?

A mãe sentiu-se humilhada:

— Quando é que eu tive medo? Até mesmo na primeira vez não tive... e agora de repente...

Sem terminar, baixou a cabeça. De cada vez que lhe perguntavam se não tinha medo, se não se importava de fazer isto ou aquilo, sentia-se marginalizada, que não a tratavam da mesma maneira que tratavam os outros.

— Não me parece bem perguntarem-me se tenho medo — prosseguiu. — Vocês não indagam junto dos outros se temem ou não.

Nicolau, com vivacidade, tirou os óculos, voltou a pô-los e fitou a irmã. O silêncio constrangido que se seguiu agitou Pelágia, que se pôs de pé, com embaraço. Tentou dizer-lhes alguma coisa, mas Sofia agarrou-lhe a mão e disse muito baixo:

— Perdoe-me. Não voltarei a fazê-lo.

Isso fez rir a mãe. Mais tarde, os três, em grande azáfama, estudaram conjuntamente o plano da viagem ao campo.

Pela madrugada, a mãe rolava já numa caleça que avançava aos solavancos na estrada batida pela chuva de outono. Soprava um vento húmido, a lama salpicava tudo, enquanto o cocheiro, meio sentado no banco, se voltava para Pelágia e se lamentava com voz nasal e dolente:

— E eu disse-lhe: «Meu irmão, vamos fazer as partilhas.» E começámos a fazer as partilhas.

Inesperadamente chicoteou o cavalo da esquerda, gritando colérico:

— Eh! Avança, filho da mãe!

Os gordos corvos de outono caminhavam pelos regos dos campos lavrados, com ar atarefado, e o vento frio lamentava-se sobre eles, assobiando. Apresentavam os flancos às rajadas que lhes levantavam as penas e os faziam cambalear. Então, cedendo à força, agitavam as asas preguiçosas e iam descansar algures.

— E então ele burlou-me. Vi logo que não havia nada a fazer — dizia o postilhão.

A mãe ouvia-o como num sonho. Na memória desfilavam os últimos acontecimentos vividos nos derradeiros anos. Anteriormente, a vida parecia-lhe distante, exterior, criada por não se sabia quem nem para quê. E agora sucediam sob o seu olhar um sem-número de coisas, e com o seu concurso. Isso acordava nela um sentimento pouco nítido, onde se juntavam a incredulidade e a satisfação de si mesma, a perplexidade e uma tristeza calma...

A sua volta tudo vacilava num movimento lento; no céu, as nuvens cinzentas vogavam, perseguiam-se dolentemente, das bermas da estrada fugiam as árvores molhadas, cujos cumes nus oscilavam. Os campos afastavam-se, as colinas apareciam e desapareciam.

A voz nasalada do cocheiro, o tilintar dos guizos dos cavalos, o assobio húmido e o ruído dos ventos uniam-se num riacho sinuoso, palpitante, que corria sobre os campos com uma força monótona e uniforme...

— Mesmo no Paraíso, o rico tem falta de espaço... é assim... Começou a apertar-me. Está bem relacionado com as autoridades — prosseguiu o cocheiro, marcando as palavras, balouçando-se no assento.

A chegada ao posto de muda de cavalos, comentou para a mãe, com uma voz isenta de esperança:

— Não te importas de me dar uma moedazinha para eu beber um copo?

Deu-lhe cinco copeques, fazendo tinir as moedas na mão, e disse no mesmo tom:

— Vodka para três, pão para dois.

De tarde, Pelágia, quebrada, extenuada, chegou à vila de Nikollskoie, entrou na estalagem de muda, sentou-se perto da janela e pediu um chá, depois de ter colocado sob o banco a maleta que levava. Através da janela podia ver um campo atapetado de erva amarelada e pisada, e a casa de cor cinzenta da administração do cantão, com o telhado em flecha. Sentado num degrau da escadaria, um aldeão careca, com uma barba comprida, vestindo uma blusa simples, fumava cachimbo. Um porco andava em cima da erva. Agitava as orelhas com ar descontente e chafurdava na terra, abanando a cabeça.

As nuvens deslizavam em massas escuras, rolavam umas sobre as outras. O ambiente era cinzento, calmo, triste. Dir-se-ia que a vida se ocultava, se retinha.

De repente um sargento de cossacos chegou a galope, fez parar a montada à porta da administração, e gritou algo ao camponês, brandindo o chicote. Os gritos iam contra os vidros das janelas, mas a mãe não ouvia as palavras. O aldeão pôs-se de pé, esticou o braço, apontando para o horizonte. O sargento apeou-se, hesitou levemente, atirou as rédeas ao homem e, em seguida, agarrando-se ao corrimão, subiu as escadas apressadamente e desapareceu no interior do edifício.

Reinou de novo o silêncio. O cavalo escavou o solo maciço por duas vezes com o casco. Na sala onde Pelágia se encontrava, entrou uma rapariguinha com uma trança pequena e alourada na nuca, e uns olhos acariciadores num rosto redondo. Mordendo os lábios,

transportava nos braços estendidos um tabuleiro cheio de louça, e cumprimentou com inclinações repetidas de cabeça.

— Boas tardes, pequena — disse a mãe, amigavelmente.

— Boas tardes.

A rapariga distribuiu sobre a mesa as chávenas e os pires, e de repente informou, vivamente:

— Vão trazer para aqui um salteador.

— E que foi que ele fez?

— Não sei.

— E o salteador quem é?

— Também não sei. Só ouvi dizer que o caçaram. O guarda da administração foi procurar o comissário.

A mãe olhou pela janela e vislumbrou alguns aldeões que se aproximavam. Uns andavam lentos e pesados. Outros vinham abotoando, apressados, os agasalhos de pele de carneiro. Estacaram junto da escadaria do edifício e olharam para o lado esquerdo. A mocinha espreitou também e saiu de repente, batendo com a porta. A mãe tremeu, empurrou ainda mais a maleta para debaixo do banco e, pondo de novo o lenço na cabeça, dirigiu-se com vivacidade para a estrada, reprimindo uma vontade ávida de desatar a correr.

Quando passou à escadaria exterior da estalagem, um frio agudo atingiu-a nos olhos, sentiu-se sufocar e as pernas não queriam andar. Viu, no meio da praceta, avançar Rybine, de mãos atadas atrás das costas, ladeado por dois guardas que batiam ritmicamente no solo com os cajados. Próximo da escadaria da administração, uma multidão aguardava silenciosa.

Entontecida, a mãe não desviava o olhar de Rybine. Ele falava e ela escutava-lhe a voz; porém, as palavras evoluíam-se sem ressonância no vazio trémulo e obscuro do seu coração. Voltou a si, recuperou o fôlego. Um aldeão, de grande barba clara, de pé, fitava-a com os seus olhos azuis, junto da escadaria. Ela tossiu, passou pela garganta as mãos sem força, e com dificuldade perguntou:

— O que é isto?

— Olhe, veja — respondeu ele.

Virou-se e um outro mujique acercou-se, ficando ao lado dela.

Os guardas pararam à frente da multidão, que se aglomerava cada vez mais mas que continuava muda, e de repente a voz cheia de Rybine elevou-se no ar:

— Cristãos! Vocês já ouviram falar sobre esses papéis onde se escreve a verdade acerca da nossa vida de camponeses? Pois bem, é por causa desses papéis que me prendem... fui eu que os distribuí pelo povo.

As pessoas apertaram o círculo à volta do velho. A voz ecoava, calma, pausada. Isso tranquilizou a mãe.

— Estás a ouvir? — perguntou um homem ao aldeão de olhos azuis, com uma cotovelada.

Sem dar resposta, o homem voltou a olhar para a mãe. O segundo fez o mesmo. Mais novo que o primeiro, tinha um rosto magro e sardento, com uma barba negra e rala. Depois, ambos se afastaram da escadaria.

«Têm medo», pensou a mãe.

A atenção de Pelágia aumentou. Do alto da escadaria via nitidamente Rybine, de cara negra, tumefacto, via-lhe o olhar inflamado; gostaria que também ele a visse, e pôs-se nos bicos dos pés, esticou o pescoço para ele.

As pessoas examinavam-no, sombrias, desconfiadas, emudecidas. Apenas nas últimas filas de pessoas se ouviam murmúrios de vozes abafadas.

— Camponeses! — prosseguiu Rybine, com voz cheia e firme. — Confiem nesses papéis... Talvez eu morra por eles. Sovaram-me, torturaram-me, queriam obrigar-me a dizer onde os obtive e decerto que ainda me castigarão mais. Suportarei tudo. Porque nesses papéis está escrita a verdade, e nós devemos estimar mais a verdade do que o pão.

— Porque é que ele diz estas coisas? — perguntou um dos camponeses, numa voz quase impercetível.

O dos olhos azuis respondeu:

— Agora já não tem importância. Não se morre duas vezes. Mas não se pode escapar da morte uma vez.

As pessoas mantinham-se ali, caladas, olhando de relance,

chateadas. Todas pareciam ceder ao peso de um fardo invisível.

O sargento reapareceu na escada, agarrou Rybine pelos cabelos, puxou-lhe a cabeça para a frente, obrigando-a depois a retroceder, gritando:

— Eras tu que estavas a falar, filho da mãe?

A multidão moveu-se, agitou-se. Na sua angústia impotente, a mãe baixou a cabeça, e a voz de Rybine voltou a ouvir-se.

— Reparem nisto, vejam todos...

— Cala-te.

O sargento deu-lhe um murro na orelha. Rybine cambaleou, encolheu os ombros.

— Atam-nos as mãos e torturam-nos como querem...

— Guardas! Levem-no. E vocês, toca a dispersar.

Pulando à frente de Rybine, como um cachorro esfomeado perante um pedaço de carne, o sargento socava o prisioneiro no rosto, no peito e no ventre.

— Não lhe batas! — gritou alguém, algures na multidão.

— Porque lhe bates? — bradou outra voz.

— Vamos lá! — disse o de olhos azuis, com um sinal de cabeça.

Sem grande pressa aproximaram-se da cena, enquanto a mãe os seguia com um olhar de simpatia. Soltou um suspiro de alívio; o sargento subiu de novo os degraus e berrou freneticamente, brandindo o punho:

— Tragam-no aqui, já disse.

— Não — replicou na multidão uma voz forte. A mãe conheceu a voz do camponês de olhos azuis. — Não devemos permitir isto, rapazes. Se o levam... matá-lo-ão com pancadas. E dirão mais tarde que fomos nós que o matámos. Não deixem fazer isso.

— Camponeses — disse ainda Rybine — então vocês não veem como vivem? Vocês não entendem que são roubados, enganados, que lhes sugam o sangue? Tudo descansa sobre vós, vocês são a principal força ao cimo da terra, e contudo que direitos têm? Rebentar de fome é o único direito que vos assiste.

Inesperadamente, os camponeses desataram a gritar, cortando a palavra uns aos outros:

— O que ele diz é uma verdade.

— Queremos o comissário. Onde é que ele está?

— O sargento foi chamá-lo.

— Mas ele está embriagado...

— Não somos nós que devemos chamar as autoridades...

O ruído aumentava cada vez mais, ouvia-se sempre mais alto.

— Fala. Não deixaremos que te batam.

— Desatem-lhe as mãos...

— Cuidado, não provoquemos sarilhos...

— Doem-me as mãos — disse Rybine, dominando o tumulto com a sua voz sonora e pausada. — Eu não fugirei, companheiros. Não tenho que me ocultar da minha verdade. E em mim que ela vive.

Algumas pessoas saíram com afetação do meio da multidão e afastavam-se falando em voz baixa, meneando a cabeça. Contudo, outras, exaltadas, vestidas de maneira pobre, acorriam com pressa, cada vez em maior número. Efervesciam em redor do velho, qual espuma sombria, enquanto ele agitava os braços acima da cabeça e gritava:

— Obrigado, boa gente, obrigado. Devemos nós próprios libertar as mãos uns aos outros desta maneira. Se assim não for, quem nos irá ajudar?

Passou a mão pela barba, e elevou-a novamente, cheia de sangue.

— Vejam o meu sangue. Ele corre por amor da verdade.

A mãe desceu a escada; porém, do chão não conseguia ver Rybine, comprimido pelo povo, e voltou a subir os degraus. Sentia no peito palpar uma espécie de alegria quente.

— Camponeses, procurem esses papéis, leiam-nos, não creiam nas autoridades nem nos padres, quando vos dizem que quem traz essas verdades é ímpio ou rebelde. A verdade percorre o mundo em silêncio, em segredo, busca o seu ninho no seio do povo; para as autoridades, ela é como uma faca, ou como o fogo, não a podem aceitar, sabem perfeitamente que ela os esfaqueará ou queimará. Para vocês, a verdade é a melhor amiga; para as autoridades, a pior inimiga, a mais impiedosa. É o motivo por que ela se oculta.

Surgiram de novo as exclamações do povo.

— Ouçam, cristãos...

— Irmão, vais-te perder...

— Quem foi que te denunciou?

— Foi o pope — disse um dos guardas.

Os dois camponeses praguejavam vigorosamente.

— Atenção, amigos! — gritou alguém, em ar de advertência.

O comissário da polícia rural dirigia-se para eles. Era um homem alto, bem constituído, de rosto arredondado. Usava o boné inclinado para a orelha; o bigode com uma ponta virada para cima e outra para baixo, dava ao rosto um ar de torcido, deformado por um sorriso morto, estúpido. Com a mão esquerda segurava o sabre, a direita agitava-a num aceno. Percebia-se-lhe o passo firme e pesado. A multidão afastava-se, abrindo-lhe passagem. Uma expressão cansada e triste surgiu nos rostos, o barulho diminuiu, baixou como se se infiltrasse na terra. Pelágia sentiu que a pele da testa lhe tremia, e um calor lhe aflorava aos olhos. Invadiu-a novamente o desejo de se misturar com a multidão, dobrou-se para a frente e manteve-se hirta, numa expectativa angustiante.

— Que se passou aqui? — perguntou o comissário, parando diante de Rybine, examinando-o dos pés à cabeça. — Porque é que as mãos não estão ligadas? Guardas, atem-nas.

A voz era alta e sonora, sem expressão.

— Ele tinha-as atadas — disse um dos guardas — mas o povo desligou-as.

— Quem?... O povo?... Qual povo?...

O comissário mirou as pessoas que ali formavam um semicírculo. E, com a mesma voz incolor, continuou:

— Quem é o povo?

Deu uma pancada com o punho do sabre no peito do camponês de olhos azuis:

— És tu o povo, Tchumakov? E quem mais? Tu, Michine?

Com a mão direita, puxou a barba a um outro camponês.

— Dispersem, canalhas, ou então eu... eu lhes ensinarei quem sou...

Na sua voz, no rosto, não havia irritação nem ameaças; falava calmamente, batia nas pessoas com gestos iguais, no hábito adquirido pelas mãos fortes e longas. As pessoas retrocediam à sua passagem, baixavam as cabeças, olhavam para os lados.

— Porque esperam? Atem-no! — disse ele aos guardas.

Depois de uma saraivada de injúrias cínicas, disse para Rybine:

— Vamos, põe as mãos nas costas.

— Não quero que me prendam as mãos — respondeu ele. — Não vou fugir nem me defenderei. Para quê então atarem-mas?

— O quê? — perguntou o comissário, avançando para ele.

— Vocês já torturaram bastante o povo, seus animais ferozes — continuou o velho, elevando a voz. — O dia vermelho virá para vocês também, e não tardará.

O comissário, estacado, olhava-o, os bigodes tremiam. Depois andou um passo para trás e assobiou, estupefacto:

— Ah, ah, seu filho da mãe, que queres dizer com essas palavras? E, inesperadamente, atingiu Rybine com um soco na cara.

— Nunca poderás matar a verdade a soco — gritou Rybine, dirigindo-se a ele. — E não tens o direito de me bater, cão imundo.

— Não tenho o quê? Eu? — uivou ele, recalcando as palavras.

E ergueu de novo o braço para bater na cabeça de Rybine. Este baixou-se e o soco não o atingiu; o comissário, levado pelo impulso, ficou a cambalear. Entre a multidão alguém desatou a rir, espalhafatosamente, e a voz irada de Rybine voltou a ouvir-se:

— Proíbo-te de me tocares, demónio.

O comissário olhou em redor; tristes e mudos, os camponeses tinham apertado o círculo compacto e sombrio.

— Nikita! — chamou ele, procurando alguém com o olhar. — Eh, Nikita!

Da multidão surgiu um camponês, baixo e entroncado, com uma samarra pequena de pele de carneiro. Vinha de olhos postos no chão, de cabeça grossa e desalinhada.

— Nikita! — disse o outro, sem pressa, cofiando o bigode. — Dá-lhe um soco na orelha.

O camponês preparou o punho, parou diante de Rybine, ergueu a cabeça.

Este fulminou-o com palavras carregadas de verdade:

— Vejam todos como estas bestas vos abafam com as vossas próprias mãos. Vejam, meditem nisso.

O mujique ergueu o braço lentamente e deixou-o cair molemente sobre Rybine.

— Não é assim, parvo — grasnou o comissário.

— Eh, Nikita, não te esqueças que Deus é testemunha — ouviu-se dizer.

— Faz o que te digo, dá-lhe — ordenou o comissário, empurrando-o pelo pescoço.

O homem andou um pouco para o lado e, baixando a cabeça, disse:

— Não posso fazer isso.

— O quê?

As faces do outro crisparam-se, bateu os pés e atirou-se sobre Rybine, injuriando-o. Ouviu-se uma pancada surda. Rybine vacilou, agitou os braços. Num segundo assalto, fê-lo ir ao chão e encheu-o de pontapés no peito, nas costas e na cabeça.

Um rumor hostil elevou-se da multidão, que hesitou e avançou sobre o comissário. Este apercebeu-se disso, desembainhou o sabre, dando ao mesmo tempo um salto para trás.

— Ah, então é assim? Vocês revoltam-se? Hem? E isso?

A voz era trémula; subiu até se tornar aguda e por fim enrouquecer. Assim como lhe faltou a voz, todo o corpo de repente enfraqueceu, meteu a cabeça nos ombros, arredondou as costas, e girando o olhar vazio sobre todos os que ali estavam, recuou, palpando com o pé o chão, atrás de si, cautelosamente. Ao retirar-se, berrou, rouco e inquieto:

— Bem, tomem conta dele, camilhas, eu vou-me embora. Vocês sabem, seus canalhas, que ele é um criminoso político que luta contra o nosso czar e que prega a revolta. Sabem isso? E vocês defendem-no, hem? Vocês são todos revoltados? Ah, ah!...

A mãe, impávida, com o olhar parado, sem força, com a cabeça oca como num pesadelo, sucumbia sob o peso do terror, da compaixão. Na cabeça esvoaçavam, quais moscardos, os clamores indignados, sombrios e maus, das pessoas, a voz do comissário que tremia, os murmúrios da multidão que aumentava de volume...

— Se cometeu faltas, só teremos de o julgar.

— Deixa-o em paz.

— Não restam dúvidas de que vocês agem como se não houvesse leis.

— Como é possível? Se começam a bater nas pessoas desta maneira, aonde vamos parar?

Os camponeses dividiram-se em duas partes: uma rodeava o comissário, gritava e tentava persuadi-lo; outra, em menor número, mantinha-se junto do ferido, e o rumor da sua voz era distinto. Alguns homens levantaram-no. Os guardas quiseram prender-lhe outra vez as mãos.

— Não se apressem, demónios — gritaram alguns.

Miguel limpou a lama e o sangue que lhe cobriam o rosto e olhou em redor sem nada dizer. O seu olhar passou pela mãe. Ela estremeceu, inclinou-se para ele, teve um gesto instintivo. Ele virou-se. Momentos volvidos, porém, o olhar dele pousou na mãe. Pelágia teve a impressão de que ele se levantava, erguia a cabeça, as faces tremiam.

— Reconheceu-me. Será possível?

Ela fez-lhe um sinal de cabeça, numa alegria cheia de melancolia pungente. Mas reparou, de súbito, que o camponês de olhos azuis, em pé ao lado dele, também a filava, e isso acordou nela a consciência do perigo.

— Que estou eu a fazer? Ainda me prendem também.

O camponês disse algo a Rybine, que acenou com a cabeça e se pôs a falar com voz entrecortada, mas nítida e corajosa:

— Tudo isto não tem importância. Eu não vivo só na Terra. Não conseguirão aprisionar a verdade toda. Por onde passei, não me esquecerão, tenho a certeza. O ninho foi destruído, os amigos, os camaradas, já não estão lá...

«Fala para mim», pensou Pelágia.

— Mas chegará o dia em que as gaivotas voarão em liberdade, em que o povo se libertará...

Uma mulher trouxe um balde de água e pôs-se a lavar-lhe o rosto, lamentando-se e gemendo de indignação. A voz aguda e queixosa misturava-se com as palavras de Miguel, não deixando que se

percebesse o que este dizia.

Um grupo de homens avançou, seguindo-os o comissário. Alguém gritou:

— Emprestem um carro para transportar o preso, hem? Quem pode ceder o carro?

Pouco depois ouviu-se a voz do comissário, alterada, humilhada:

— Eu posso-te bater, mas tu não podes, não tens esse direito, imbecil.

— Ah, sim? E quem és tu? És Deus? — gritou Rybine.

Ouviu-se uma explosão de vozes discordantes.

— Não discutas, amigo. E a autoridade...

— Não se enfureçam, ele já não sabe o que diz.

— Cala-te então, diabo.

— Vão-te levar para a cidade...

— Lá respeitam a lei.

Os gritos da multidão ecoavam, conciliantes, suplicantes, juntavam-se a uma excitação confusa que gemia sem qualquer nota de esperança. Os guardas levaram Rybine, subiram as escadas e desapareceram com ele dentro do edifício. Os camponeses espalharam-se com lentidão. A mãe viu o homem dos olhos azuis vir na direção dela e olhá-la de lado. As pernas tremiam-lhe. Uma sensação de desfalecimento oprimiu-lhe o coração, sentiu náuseas.

«Não devo ir-me embora agora, não devo», dizia para si.

Segurou-se energicamente ao corrimão e aguardou.

De pé, no cimo da escadaria da Administração, o comissário discursava, gesticulando; as censuras esfuziavam-se-lhe na voz, de novo branca e sem expressão.

— Vocês são todos uns ignorantes, filhos da mãe! Vocês não compreendem nada e metem-se em assuntos que não lhes dizem respeito, assuntos de Estado. Grandes estúpidos! Vocês podem-me agradecer, tirar o chapéu, dobrarem-se até ao chão, pela minha bondade. Se eu quisesse, metia-os a todos na cadeia...

Cerca de vinte mujiques escutavam-no de cabeça nua. A noite tombava, as nuvens passavam baixo. O camponês dos olhos azuis aproximou-se da mãe e disse-lhe, suspirando:

— É assim que se passam as coisas na nossa terra.

— É — respondeu ela apenas.

Ele olhou-a abertamente e perguntou:

— Que fazes na vida?

— Compro rendas nas casas, e panos também...

Lentamente, alisou a barba. Com ar aborrecido, disse, olhando para o edifício que ficava em frente:

— Não irás encontrar disso aqui.

A mãe atentou nele, e aguardou pela melhor altura de regressar à hospedaria. O rosto do homem era belo, pensativo, melancólico. Alto, de ombros largos, vestia uma blusa aos remendos, uma camisa barata e lavada, umas calças de bombazina já russas e sapatos ordinários nos pés.

A mãe suspirou de alívio sem saber porquê. E de repente, entregando-se a uma intuição que se superiorizava ao pensamento embaraçado, perguntou-lhe algo que a surpreendeu a ela mesma:

— Não poderia passar esta noite em sua casa?

Com o olhar pregado no chão, lentamente, o mujique respondeu, fechando a blusa no peito:

— Passar a noite? Claro que pode. Só que a minha casa não é famosa.

— Não estou acostumada a mimos — respondeu sem consciência.

— Pode com certeza — repetiu ele, olhando-a com olhar perscrutador.

Escurecera; os olhos dele tinham um brilho frio e o rosto parecia agora mais pálido. Com a sensação de girar num precipício, Pelágia disse:

— Espera então um pouco, levarás a minha mala...

— Está bem.

Um arrepio fê-lo tremer. O camponês ajeitou de novo a blusa e disse em voz baixa:

— Olha, já veio o carro.

Nas escadas surgiu Rybine, com as mãos atadas, a cabeça e o rosto envolvidos em qualquer coisa cinzenta.

— Adeus, amigos! — gritou num fio de voz. — Procurem a verdade, guardem-na, creiam naquele que voz traz a boa palavra, não se poupem para defender a verdade.

— Cala-te, cachorro! — berrou o comissário. — Guarda, chicoteia os cavalos, idiota!

— Vocês não têm nada a lamentar... Que tipo de vida é agora a vossa?...

A charrete arrancou. Sentado entre os dois guardas, Rybine prosseguia:

— Porque é que vocês se deixam morrer de fome? Trabalhem pela liberdade, ela vos dará o pão e a verdade, amigos... Adeus, amigos.

O ruído precipitado das rodas, o matraquear dos cascos dos cavalos, a voz do comissário, envolveram-lhe a voz, embrulharam-na, abafaram-na.

— Terminou — comentou o camponês. — Fique aqui um momento — disse depois para Pelágia. — Volto já.

Ela entrou, sentou-se perto do samovar, pegou num pedaço de pão, olhou-o e pô-lo de novo em cima da mesa. Não tinha fome; sentia um vazio no estômago, um mal-estar, um ar quente desagradável que lhe retinha todo o sangue e lhe causava vertigens. O camponês de olhos azuis impunha-se diante dela, com a sua silhueta estranha, como inacabada, que não lhe inspirava confiança. Ela não queria admitir, ainda que para si mesma: «Ele vai-me trair.» Todavia, este pensamento já tinha forma, pesava-lhe violentamente no coração.

«Ele notou-me», pensava ela, sem ser capaz de reagir. «Notou-me, adivinhou.»

O pensamento não saía daqui, afogava-se num abatimento penoso, numa sensação viscosa de náusea.

Ao silêncio tímido, escondido atrás da janela, sucedera-se o barulho. Revelava a presença do medo na aldeia, do abatimento. Na mãe, a sensação de solidão, enchia-lhe a alma de trevas negras e moles como cinza.

A rapariguinha assomou à porta e perguntou:

— Quer que lhe traga uma omelete?

— Não, não tenho fome, estes gritos tiraram-me a fome, puseram-me nervosa.

A pequena aproximou-se da mãe e pôs-se a narrar, animada e em voz baixa:

— Como ele sovava, o comissário! Eu estava lá, vi tudo... Partiu-lhe os dentes e ele cuspiu sangue negro, espesso... Já nem tinha olhos. E um desses que trabalham no alcatrão. O sargento está aqui em casa, bêbado que nem um cacho, e quer sempre mais vinho. Ele conta que era um bando completo e parece que aquele barbudo é o mais velho, o chefe. Apanharam três, no entanto um conseguiu fugir. Entre eles estava um professor. Não creem em Deus e dizem às pessoas que é necessário pilhar as igrejas. São assim. Umas pessoas tinham pena daquele. Outros dizem que se devia era ter acabado logo com ele. Alguns dos nossos mujiques são muito maus, são, são...

Pelágia escutava atentamente aquela narrativa incoerente e rápida; tentava reprimir a inquietação, esquecer a angústia da espera. E a rapariguita, sem dúvida feliz por ter encontrado uma auditora, continuava mais animada, comendo as palavras e baixando a voz:

— O papá diz que é por as colheitas terem sido fracas. Há dois anos que a terra não dá nada. Eles não podem mais. É por esse motivo que agora as pessoas são assim. Gritam nas assembleias, batem-se uns aos outros. No outro dia, quando se leilaram os bens do Vassiukov para pagar os impostos que ele devia, ele deu um murro na cara do administrador. «Toma, aí tens os meus atrasos», disse ele.

Passos pesados ouviram-se atrás da porta. A mãe tomou a mesa como apoio para se levantar. O camponês de olhos azuis entrou, tirou o boné e perguntou:

— Onde tem a bagagem?

Levantou a mala, sem dificuldade, abanou-a.

— Está vazia. Marion, leva esta viajante lá a casa.

Saiu sem olhar para ninguém.

— Passa a noite cá na terra? — perguntou a moça.

— Passo. Vim comprar rendas...

— Oh, aqui não se faz disso. Em Tinkov ou em Darino encontra. Aqui não.

— Irei lá amanhã.

Pagou o chá e deu uma gorjeta à pequena, que ficou delirante.

Arrastando os pés descalços na terra húmida, já na rua, sugeriu:

— Quer que eu vá a Darino dizer às mulheres para cá virem? Assim evitaria ir lá. São ainda uns doze quilómetros.

— Não vale a pena, minha filha — disse, caminhando a seu lado.

O ar frio da noite reanimou-a: aos poucos formava-se uma decisão no seu espírito; enevoada ainda, contudo promissora, crescia interiormente, e para abreviar a eclosão a mãe perguntava a si mesma, insistentemente: «Como proceder? Proceder sinceramente, consciente...»

A noite estava fria e húmida. Nas janelas havia um brilho momo, rubro e imóvel. No silêncio, o gado mugia, pausadamente, ouviam-se exclamações breves. Uma melancolia esmagadora envolvia a aldeia.

— Para aqui — indicou a rapariga. — Escolheu mal... É bem pobre este aldeão.

Procurou a porta, tateando na parede, abriu-a e gritou:

— Tia Tatiana!

Depois desapareceu. Do meio das trevas veio a sua voz leve:

— Adeus!

A mãe parou à entrada, olhou em redor, protegendo a vista com a mão. A primeira coisa que pôde verificar foi que a casa era pequena e limpa. Uma mulher ainda nova, sentada perto do fogão, cumprimentou-a com um aceno de cabeça. Num canto, sobre a mesa, havia um candeeiro aceso.

O dono da casa estava sentado atrás, tamborilando com os dedos no tampo da mesa, e fitava a mãe insistentemente.

— Entre — disse ele ao fim de pouco tempo. — Tatiana, vai chamar o Pedro, anda.

A mulher saiu num instante sem dar atenção à recém-chegada. Esta sentou-se em frente do homem e, com o olhar, procurou a mala sem resultado. Reinava na choupana um silêncio pesado. Apenas a chama do candeeiro crepitava levemente. O ar carregado, preocupado, do camponês oscilava indistinto aos olhos da mãe, suscitando nela um olhar desesperado.

— A minha mala onde está? — perguntou de repente Pelágia, com uma voz tão forte que a surpreendeu a ela mesma.

O camponês encolheu os ombros e respondeu, pensativo:

— Não está perdida...

E prosseguiu, com ar triste:

— Há bocado, disse à frente da rapariga, de propósito, que estava vazia. Mas, pelo contrário, está até bem pesada.

— Pesa muito?... E então?...

Pôs-se de pé e aproximou-se dela, perguntando em voz baixa:

— Conhecia aquele homem?

A mãe sobressaltou-se mas respondeu com firmeza:

— Sim, conhecia.

Pareceu-lhe que apenas desta palavra brotava uma luz com força suficiente para iluminar tudo. Solto um suspiro de alívio, firmou-se no banco.

O camponês sorriu abertamente.

— Apercebi-me do sinal que lhe fez, e ele também. Segredei-lhe:

«Talvez a conheças, aquela que está na escada.»

— Que resposta deu ele? — quis saber a mãe, impaciente.

— Ele? Respondeu: «Nós somos muitos.» Sim, foi isso que disse: «Nós somos muitos.»

Olhou-a num jeito interrogador e prosseguiu:

— Um homem de força, aquele!... Corajoso... Confessa de frente: «Sou eu!» Sovam-no e ele não cede.

A voz dele, pouco firme, os olhos claros, a cara robusta, franca, tinham o dom de acalmar a mãe. A preocupação e o enfraquecimento iam aos poucos dando lugar a uma piedade lancinante por Rybine. Com uma ira que não pôde conter, exclamou:

— Bandidos, monstros!

E desatou a chorar.

O homem afastou-se, meneando a cabeça num gesto de desânimo.

— As autoridades arranjam os seus amiguinhos, claro...

E, inesperadamente, voltou para junto da mãe e disse-lhe em voz baixa:

— Bom, suponho que nessa mala vem o jornal.

— Sim, vem — respondeu Pelágia, secando as lágrimas. — Trazia-o para ele.

O homem enrugou a testa, juntou a barba no côncavo da mão, calou-se, com o olhar vago.

— Ele veio até nós... E mais tarde também os livros. Conhecíamos aquele homem. Víamo-lo muitas vezes.

Parou, refletiu e perguntou:

— E que pensa fazer agora com a mala?

A mãe observou-o e disse-lhe com ar de desafio:

— Deixá-la-ei aqui.

Não se surpreendeu, não contestou, limitou-se a repetir:

— Deixa-a para nós!

Em seguida acenou com a cabeça afirmativamente, o punho que segurava a barba abriu-se, alisou-a com os dedos, sentando-se.

Com insistência implacável e obsessiva, a cena da tortura de Rybine surgia perante Pelágia, e esta imagem extinguiu todos os

pensamentos. O sentimento de dor e a humilhação que sentia por aquele homem apagava todos os outros; não conseguia pensar nem na mala nem em qualquer outra coisa. As lágrimas deslizavam-lhe pelas faces, sem que as retivesse, porém o rosto era severo e a voz segura, quando disse:

— Eles roubam, esmagam, afundam o homem na lama, malditos.

— São fortes — replicou o camponês, suavemente. — São extraordinariamente fortes!

— E de onde lhes vem essa força? — retorquiu a mãe, furiosa. — É de nós, do povo, que eles a tomam.

Este camponês, de rosto claro mas indistinto, irritava-a.

— Sim — disse ele, arrastando a voz — é uma roda...

Deu atenção a um ruído vindo da porta; inclinando a cabeça, disse baixinho:

— Eles aí vêm.

— Quem?

— Os nossos, creio eu.

A mulher dele entrou. Seguindo-a, vinha um camponês que, ao entrar no limiar da choupana, atirou com o boné para um canto, aproximou-se rápido do dono da casa e perguntou:

— Então?

O outro respondeu com um aceno afirmativo da cabeça.

— Estêvão — disse a mulher, de pé junto do fogão — a nossa hóspede com certeza que tem fome.

— Não, obrigada. É muito amável — respondeu a mãe.

O recém-chegado foi junto dela e pôs-se a falar com voz rápida e rouca:

— Bem, temos de nos conhecer. O meu nome é Pedro Rabinine, o sobrenome é Alene. Compreendo um pouco o que é o seu trabalho, sei ler e escrever e posso dizer que não sou estúpido...

Pegou na mão de Pelágia, que lha estendia, agitou-a e virou-se para Estêvão.

— Estás a ver, Estêvão? A mulher do nosso senhor é boa pessoa, é verdade. Pois ela diz que tudo isso são tolices, sonhos sem consistência. Segundo ela, isto é obra de rapazes, de estudantes de

toda a espécie que se dedicam a perturbar o mundo por estupidez. Contudo, nós dois, vimos hoje eles prenderem um homem sério, como deve ser. E agora, vê bem, uma mulher, que já não é criança e que tem aspeto de ser mulher de senhor, está aqui. Não fique zangada... A que família pertence?

Falava depressa, de modo distinto, sem parar para respirar. A barba tremia-lhe nervosamente, e os olhos franzidos perscrutavam a cara e o ar exterior de Pelágia. Com os cabelos revoltos, esfarrapado, mais parecia ter acabado de sair de uma peleja, vencedor, e irradiava a excitação da alegria da vitória. Agradou à mãe pelo seu ardor e porque começou a falar desde o início sem rodeios. Ela respondeu à pergunta com um olhar afetuosos. Apertou-lhe a mão, uma vez mais, e riu com um riso seco e intermitente.

— É um assunto honesto, estás a ver? Uma causa excelente. Já te disse: o povo começa a agir por si mesmo. E a mulher do nosso senhor não te dirá a verdade; iria contra os seus interesses. Respeito-a, não tenho que dizer dela. E uma boa pessoa, que, digamos, nos quer algum bem, o bastante para que ela não perca nada. Mas o povo quer ir para a frente, não teme o perigo; o que se passa é que não sabe para onde se virar, não ouve nada em redor. Apenas lhe dizem «Para aí!», que vem de todos os lados.

— Estou a ver — comentou o outro, acenando com a cabeça. E acrescentou imediatamente: — Está preocupada por causa da bagagem.

Pedro piscou um olho a Pelágia, e com a mão fez um gesto para a sossegar:

— Não se inquiete. Está tudo em ordem. A maleta está em minha casa. Há pouco, quando ele me falou de si e que suspeitava de que estava metida nisto e que conhecia o homem, eu disse-lhe: «Cuidado, Estêvão, não se pode abrir o bico, é um caso muito grave.» E você vê-se que teve faro ao aproximar-se de nós. O focinho das pessoas honestas distingue-se, porque, a falar verdade, não se pavoneia pelas ruas a toda a hora. A sua maleta está em minha casa.

Sentou-se ao lado dela e prosseguiu, com uma súplica no olhar:

— Se quiser levá-la vazia, nós iremos ajudá-la com prazer.

Precisamos de livros...

— Ela pretende deixar-nos tudo — disse Estêvão.

— Estupendo! Saberemos pôr tudo em boas mãos.

Pulou nos bicos dos pés e pôs-se a rir; depois, andando de um lado para o outro, dando grades passadas na sala, continuou com satisfação:

— Pode dizer-se que é uma história fabulosa. Contudo bem simples. Rasga-se num sítio e remenda-se noutro. Não está nada mal. E o jornal faz efeito, é bom, abre os olhos. Trabalho em casa de uma senhora a sete, oito quilómetros daqui, numa mercearia. É uma ótima mulher, não tenho razão de queixas, dá-nos livros de todos os tipos, que lemos frequentemente, dão-nos ideias. Estamos-lhe gratos. Um dia mostrei-lhe um jornal, e ela ficou um bocado zangada. «Pedro, deita isso fora», disse ela. «São garotos sem tato que escrevem isso», disse ainda. «Isso só virá aumentar o teu trabalho, em seguida virá a prisão e a Sibéria...»

Calou-se de repente, refletiu.

— E diga-me: aquele homem é seu parente?

— Não — respondeu a mãe — somos estranhos um para o outro.

Pedro riu em silêncio, satisfeito sem saber porquê, e acenou com a cabeça. Contudo, Pelágia sentiu que a palavra estranho não era conveniente para Rybine e a humilhava.

— Ele não é da minha família, conhecemo-nos há muitos anos, e estimo-o como se fosse meu irmão, um irmão mais velho...

Não encontrou o termo preciso e isso desagradou-lhe. Uma vez mais não conseguiu conter um pequeno soluço.

Um silêncio de espera, enevoado, encheu a choupana. Pedro, em pé, com a cabeça dobrada para o ombro, parecia ouvir qualquer coisa. Estêvão, de cotovelos apoiados na mesa, não deixava de tamborilar com o dedo na madeira. A mulher encostou-se ao fogão, na sombra; a mãe sentia o olhar constantemente pousado nela, e até ela, por momentos, olhava para o rosto trigueiro da mulher, com um nariz direito e o queixo cortado em ângulo agudo. Os olhos esverdeados brilhavam, atentos e vigilantes.

— É, portanto, um amigo! — disse Pedro, suavemente. — Ele

tem caráter. Tem um conceito superior de si mesmo, como deve ser. Aquilo é um homem, Tatiana, hem! Tu dizes...

— É casado? — cortou esta, comprimindo os lábios finos com força.

— Viúvo — disse a mãe, com tristeza.

— É por isso que é audaz — disse Tatiana, com voz profunda. — Um homem casado não faria isso. Teria medo.

— E eu? Eu sou casado, e contudo... — exclamou Pedro.

— Está bem, meu amigo — disse ela, sem o olhar e com um gesto significativo de lábios. — Que é que tu fazes? Limitas-te a falar e a ler um livro, por vezes. Não é muito útil às pessoas que tu cochiches pelos cantos com o Estêvão.

— Há muitos que me escutam, minha cara — replicou o camponês, humilhado. — Sou como uma espécie de fermento, aqui, fica sabendo.

Estêvão olhou para a mulher, em silêncio, e baixou de novo a cabeça.

— E para que serve ao camponês o casamento? Precisam de alguém para trabalhar, dizem eles... Trabalhar em quê?

— Não tens muito onde trabalhar? — perguntou o outro surdamente.

— Qual é o lucro que se tira desse trabalho? Nunca se come o suficiente para matar a fome. Os filhos vêm ao mundo e nem sequer temos tempo para nos ocuparmos deles, por causa de um trabalho que nem pão nos dá.

Aproximou-se da mãe, sentou-se a seu lado e continuou, sem queixas nem lamentos:

— Tive dois filhos. Um morreu queimado com água a ferver, quando tinha dois anos; o outro nasceu morto, por causa desse maldito trabalho. Isto deu-me alguma alegria? Eu digo que os homens se perdem por casar, e é tudo. Se fossem livres, seguiriam abertamente para a verdade, procurariam obter o que nos é necessário, como aquele homem. Não é assim?

— É verdade! — respondeu Pelágia. — E assim mesmo, minha cara Tatiana... de outra maneira não conseguiremos ser donos da

nossa vida.

— Tem marido?

— Morreu. Tenho um filho.

— E onde está? Vive consigo?

— Agora está preso.

Sentiu no coração, assim como das outras vezes, uma mistura de orgulho e tristeza.

— É a segunda vez que o prendem só porque compreendeu a verdade de Deus e a mostrou abertamente... É jovem, belo, inteligente. O jornal foi ele quem o idealizou, e também foi ele que pôs o Miguel Rybine no caminho da verdade, apesar de este ser mais velho que ele duas vezes. Agora o meu filho será julgado... e condenado, mas evadir-se-á da Sibéria e continuará a trabalhar.

Falava e, à medida que ia falando, o sentimento de orgulho aumentava, apertando-lhe a garganta; exigia palavras próprias para criar a imagem de um herói. Sentia a necessidade imperiosa de pintar um quadro de luz e de razão em face da cena sombria que testemunhara nessa tarde e que a esmagava pelo seu horror insensato, pela sua desmascarada crueldade. Obedecendo inconscientemente a este pedido do seu caráter são, unia tudo o que tinha visto de claro e límpido numa chama apenas, que a cegava pelo seu brilho puro.

— Já nasceram muitas dessas pessoas, outras nascerão e todas lutarão, até à morte, pela liberdade e pela verdade...

Esquecendo a prudência, mas sem dizer nomes, falou do que sabia do trabalho clandestino que se levava a cabo para libertar o povo dos grilhões da avidez. Traçando as imagens queridas ao seu coração, dava às palavras toda a força, todo o amor tão tarde despertado pelas angústias e choques da vida, e com ardente alegria ela própria se entusiasmava pelos homens que a sua memória lhe apresentava iluminados e embelezados pelo sentimento que a possuía.

— É uma obra comum para toda a Terra, em todas as cidades; as pessoas boas são uma força que ainda não foi medida nem contada, cresce constantemente, e continuará a crescer até ao dia da nossa vitória.

A voz dela corria, e achava as palavras facilmente, enfiando-as,

quais pérolas de vidro de cores variadas, com à vontade, no fio sólido do desejo de purificação do sangue e da lama daquele dia. Notava que os camponeses pareciam ter ganho raízes no ponto em que a sua narrativa os encontrara, não se moviam e olhavam-na gravemente. Ouvia a respiração intermitente da mulher sentada a seu lado. Tudo isso contribuía para fortalecer a sua fé no que dizia e prometia.

— Todos aqueles que vivem penosamente, esmagados pela miséria, privados de todos os direitos, submetidos aos ricos e aos seus lacaios, todos esses, todas essas pessoas do povo devem ir ao encontro dos homens que por eles apodrecem nas cadeias, que se sujeitam à tortura e à morte. Eles demonstram, sem interesse pessoal, onde está o rumo da felicidade para todos, e dizem com sinceridade que é uma vida difícil. Não levarão ninguém à força, mas se alguém se alista nas suas fileiras não o deixam mais, porque isso confirma que eles têm razão, que é esse o bom caminho e não há outro.

A mãe estava satisfeita, pois conseguira realizar o seu desejo: ser ela mesma a falar às pessoas.

— O povo pode caminhar com semelhantes amigos. Eles não assumirão a paz por pouca coisa, não abandonarão a luta enquanto não conseguirem vencer os seus inimigos, os que os enganam, todos os maus e ambiciosos. Não cruzarão os braços enquanto o povo não formar uma alma só, não tenha dito a uma só voz: «Sou o dono de mim mesmo, eu próprio farei leis iguais para todos.»

Calou-se, cansada, observando os auditores. Sentia a certeza de que as suas palavras não se perderiam no ar. Os circunstantes olhavam-na, pareciam aguardar ainda que ela continuasse a falar. Pedro cruzava os braços, pestanejava, um sorriso tremia-lhe nas faces ardentes. Estêvão, ainda com os cotovelos apoiados na mesa, unha o corpo inclinado para a frente, o pescoço esticado, como se ainda a estivesse a ouvir. Sentada ao lado da mãe, Tatiana, de cotovelos firmes nos joelhos, olhava para o chão.

— São assim as coisas! — murmurou Pedro, sentando-se lentamente no banco, acenando com a cabeça.

Estêvão endireitou-se, olhou para a mulher, estendeu os braços, como se tivesse querido abraçar alguma coisa.

— Se se quiser meter mãos à obra — começou ele, em voz baixa e pensativa — então é preciso ir ao fundo...

Pedro, tímido, interrompeu:

— Sim... sem olhar para trás.

— É uma empresa enorme — prosseguiu Estêvão.

— Para a Terra inteira — completou Pedro.

Amparada à parede, com a cabeça para trás, a mãe ouvia-lhes os raciocínios. Tatiana pôs-se de pé, olhou à volta e voltou a sentar-se. O seu olhar verde brilhava, seco, lançando olhares de desdém e descontentamento aos dois homens.

— Nota-se que sofreu muitos desgostos — disse ela à mãe.

— De facto tive alguns.

— Fala bem, as suas palavras são convincentes. Pensamos: «Meu Deus, se pudéssemos ver, só por uma greta que fosse, gente assim, vida desta maneira!» Como é que nós vivemos? Como carneiros. Repare, sei ler e escrever, leio livros e por vezes tenho pensamentos que não me deixam dormir. E de que servem? Se não penso, irrito-me por nada... se penso, arrelho-me na mesma.

O seu olhar continha ironia. Por momentos calava-se, cortando a continuidade do que dizia como um fio entre dentes. Os homens emudeciam. O vento batia nos vidros das janelas, assobiava no colmo do telhado, mugia baixinho na chaminé. Um cão uivava; gotas de chuva tamborilavam nos vidros, como que sem vontade. A chama do candeeiro tremeu, ficou mais fraca e, inesperadamente, recomeçou a brilhar viva e igual.

— Estive a escutar o que dizia. Aí está para que vivem os homens. E parece-me estranho ver que eu já sabia tudo isso. No entanto nunca o tinha ouvido, e não tinha pensamentos deste tipo.

— Temos de cear, Tatiana, e em seguida apagar a luz — disse Estêvão, com voz lenta e sem expressão. — As pessoas vão estranhar que a luz tenha ardido tanto tempo em casa dos Tchumakov. Para nós é indiferente, contudo para a nossa visitante é capaz de ser desagradável.

Tatiana levantou-se e apressou-se junto do fogão.

— Sim — disse Pedro, baixo e sorridente. — Agora, compadre, vai ser necessário estar atento. Quando o jornal reaparecer...

— Não falo por mim. Ainda que me prendessem não era grande infelicidade...

A mulher aproximou-se da mesa.

— Dá-me lugar...

Ele levantou-se e, vendo a mulher pôr a mesa, disse, sorrindo:

— Cinco copeques o molho é o nosso preço, e mesmo assim... com cem em cada molho.

A mãe, de súbito, teve pena dele. Agradava-lhe agora ainda mais. Após aquelas palavras, sentia-se liberta do ignóbil fardo do dia, contente consigo mesma e queria ser boa para todos.

— O que diz não é justo. Um homem não pode ser forçado a pagar o preço que pedem aqueles que apenas pretendem sugar-lhe o sangue. Você deve saber o que vale, não para os inimigos, mas para os amigos.

— Quem são os amigos que temos? — inquiriu o camponês. — Mesmo o que só tem um osso, vê-o disputado...

— Não pode ser, o povo tem amigos...

— Tem, mas não aqui, é isso...

Estêvão pensava: «Sim, é o que é preciso.»

— Vamos para a mesa — chamou Tatiana.

No decorrer da ceia, Pedro, a quem as palavras de Pelágia haviam abatido e desconcertado, segundo parecia, voltou a falar:

— Para que não reparem em si, deve abalar amanhã muito cedo. É preferível alugar um carro na posta restante, mas não para a cidade...

— Porquê? Eu posso levá-la — sugeriu Estêvão.

— Não é aconselhável que o faças — disse Pedro. — Se acontece alguma coisa, perguntar-te-ão: «Dormiu em tua casa?» «Sim.» «E para onde foi depois?» «Eu levei-a.» «Ah, tu levaste-a! Então vai para a cadeia.» Estás a entender? Tens pressa de ir para as grades? Para quê? Temos tempo para tudo, o tempo virá em que morrerá o czar. Mas se disseres apenas: «Ela dormiu em minha casa, alugou um carro e foi-se embora...», não te farão nada. Há sempre quem queira passar a noite em casa de um ou de outro. Ficam na nossa aldeia de passagem...

— Onde é que aprendeste a ter medo, Pedro? — perguntou Tatiana, irónica.

— É bom saber tudo, comadre! — disse ele, batendo com a mão

no joelho. — É preciso saber ter medo. É necessário saber ser audaz. Recordas-te como o chefe do departamento maltratou o Vaganov por causa desse jornal? O nosso amigo agora não põe as mãos noutros nem por muito dinheiro. Vocês podem crer-me. Adoro pregar partidas, toda a gente o sabe. Os livrinhos e os folhetos serei eu quem os vai distribuir, como é preciso, por quantos o queiram. A nossa gente, é evidente, não é muito inteligente e é medrosa; porém, apesar disso, o tempo de hoje maça-lhe de tal modo as costas que um homem não pode evitar de abrir os olhos, de se perguntar o que é que isso quer dizer. Então o livrinho, muito simplesmente, responde-lhe: «Olha, quer dizer isto, pensa, compreende.» Casos existem em que o homem sem cultura compreende melhor do que o instruído, acima de tudo se este se alimenta bem. Eu conheço bem a região, vejo muitas coisas, sei o que digo: pode-se viver mas é preciso cabeça e habilidade para não se ser apanhado. As autoridades não dormem, farejam o que é novo: o camponês bate duro, não lhes sorri muito e é sem amabilidade, claro; quer viver sem as autoridades. No outro dia, em Smoliakov, uma aldeola perto daqui, vieram para receber os impostos, mas os aldeões enfureceram-se e pegaram nas forquilhas. O comissário disse-lhes logo: «Ah, filhos da mãe, vocês voltam-se contra o czar?» Estava lá um mujique chamado Spivakine, que respondeu: «Ide-vos lixar mais o vosso czar. Que raio de czar é esse que até a camisa nos tira do corpo?» Veja como isto está... Claro, o Spivakine foi para a cadeia; no entanto, a palavra dele ficou, até os garotos a repetem; está viva e grita.

Não comia e falava, falava num cochichar rápido. Os olhos negros brilhavam com vivacidade e desfiava perante a mãe as inumeráveis observações da vida do campo, como se esvaziasse um saco de moedas.

Estêvão interrompeu-o por duas vezes:

— Come!

Pegava num pedaço de pão, na colher, em seguida recomeçava o fluxo das palavras, como um pintassilgo novo a cantar. Por fim, terminada a ceia, ergueu-se e declarou:

— Bom, chegou a hora de voltar a casa.

De pé, à frente da mãe, apertou-lhe a mão.

— Adeus. Pode acontecer a gente nunca mais se ver. Quero dizer-lhe que tudo isto foi muito bom. Encontrá-la e escutá-la foi bom. Na sua mala, além dos livros e dos jornais, há algo mais? Um lenço de lã? Bom, Estêvão, lembra-te; um lenço de lã. Ele trá-lo-á na volta. Vamos, Estêvão. E boa viagem.

Quando saíram, ouviu-se o som das baratas, o assobio do vento no teto, e o roncar na chaminé, o bater sempre igual da chuva fria na janela. Tatiana arranjou uma cama para a mãe, em cima do banco, com diversas peças de roupa.

— É um sabido! — notou a mãe.

— Uma campanha que tilinta, tilinta, mas não vai muito longe.

— E o seu marido?

— Bom homem, não bebe, mas muito fraco de carácter: contudo, damo-nos bem.

Endireitou-se e continuou, depois de um curto silêncio:

— O que se deve fazer agora? Levantar o povo? Claro, todos sentem isso; no entanto, cada um senta-se a seu canto... É necessário que alguém fale alto... que haja um que se decida a ser o primeiro. Disse que há até raparigas que se ocupam disso, que falam aos operários; elas não se preocupam, não temem?

Depois de ouvir com atenção a resposta da mãe, soltou um suspiro profundo e prosseguiu, baixando a cabeça:

— Certo dia, li estas palavras num livro: «A vida não tem sentido.» Compreendi isto imediatamente. Conheço essa vida. Pensamos, mas estes pensamentos não estão ligados, erram como ovelhas tresmalhadas sem pastor, não existe ninguém para as reunir... Isso é uma vida sem sentido. Se eu pudesse fugir para longe dela, sem olhar para trás... É verdadeiramente triste quando se entendem tão poucas coisas!

A mãe via tristeza nos olhos verdes, no rosto magro, na voz. Quis consolá-la, ser meiga.

— Mas você, minha amiga, sabe o que é preciso fazer...

Tatiana, suavemente, interrompeu-a.

— É preciso saber... A cama está pronta, deite-se.

Foi para o fogão, e lá ficou pensativa, com ar severo, direita. A mãe deitou-se vestida, sentiu uma fadiga dolorosa nos ossos e gemeu docemente. Tatiana apagou o candeeiro, e na obscuridade densa que inundou a choupana, a sua voz baixa e igual ecoou de novo, como que para apagar algo na face lisa das trevas pesadas.

— Você não reza. Eu também creio que não existe Deus nem milagres.

A mãe virou-se no seu catre, inquieta; a obscuridade insondável fixava-a na janela e no silêncio; um roçar, um ruído quase impercetível, rastejava com insistência. Ela disse, com temor, num murmúrio:

— Quanto a Deus, não sei; porém, creio em Cristo e nas Suas palavras: «Ama o teu próximo como a ti mesmo.» Sim, creio nisto.

A outra ficou calada. Na sombra, a mãe podia ver os contornos largos da sua silhueta, hirta, estática. Pelágia, angustiada, fechou os olhos.

Inesperadamente, a voz ressoou, fria:

— Não posso perdoar a morte dos meus filhos nem a Deus nem aos homens... nunca.

Pelágia, comovida, soergueu-se. Compreendia a grandeza da dor que lhe ditava aquelas palavras.

— É ainda nova, poderá ter outros filhos — disse, com afeto.

— Não, não é possível. O médico disse que não mais os poderei ter, nunca mais.

Uma ratazana correu pelo soalho. Um estalido seco e sonoro rompeu o silêncio, qual relâmpago invisível. Distinguiram-se de novo ruídos, e o deslizar da chuva no telhado, remexido, parecia, por dedos miúdos e tímidos. E no chão as gotas de água caíam em ritmo certo, no curso lento de uma noite de outono.

Numa pesada sonolência, a mãe ouviu passos surdos na rua, depois na entrada. A porta abriu-se cautelosamente, uma voz chamou:

— Tatiana, já te deitaste?

— Não.

— Ela dorme?

— Acho que sim.

Uma chama surgiu, tremeu e inundou-se na obscuridade. O camponês aproximou-se do leito da mãe e ajeitou-lhe a pele de carneiro que lhe envolvia as pernas. Este cuidado tocou Pelágia, que sorriu e voltou a fechar os olhos. Estêvão despiu-se e subiu para o sótão. Todo o barulho parou.

Com o ouvido atento às oscilações preguiçosas do silêncio sonolento, a mãe continuava imóvel: à frente dela, nas trevas, desenhava-se o rosto ensanguentado de Rybine.

Chegado do sótão, um murmúrio de vozes fazia-se ouvir:

— Estás a ver? Vê as pessoas que se metem nisso. Pessoas já de idade, que sofreram uma porção de desgostos, que trabalharam, para as quais seria tempo de descansarem e que prosseguem. Vê-las? E tu, que és novo, sensato, hem, Estêvão?...

A voz mais forte do camponês respondeu:

— Num assunto como este, não nos devemos meter sem refletir...

— Já ouvi isso...

O barulho cessou, recomeçou mais tarde, e o homem murmurou:

— É necessário fazer assim: primeiro falar a cada um, à parte. Alexis Makov é um rapaz desenvolto, culto, que detesta as autoridades... Chorine também, é um tipo sensato... E o Kaniczzer é honesto e corajoso. Depois se verá. E bom que se veja as pessoas de quem ela falou. Pegarei num machado e irei até à cidade, como se fosse trabalhar a rachar lenha. Têm de se tomar precauções. Ela diz a verdade: o valor de um homem é o seu próprio problema. Olha esse camponês, o Rybine, não cederá nem mesmo a Deus. Aguentou as pancadas com os pés bem assentes na terra. E o Nikita, hem?, teve vergonha... é formidável.

— Sovam um homem à vossa frente e vocês ficam de bico calado.

— Espera um pouco. Diz antes: graças a Deus, não lhe batemos nós também; já foi muito bom.

Murmurava tão baixo que a mãe tinha dificuldade em o ouvir, e outras vezes tão alto que a mulher o interrompia:

— Fala mais baixo, vais acordá-la.

A mãe adormeceu, por fim, num sono pesado. Como uma nuvem

abafante, o sono caíra sobre ela, envolvendo-a e levando-a consigo.

A mulher acordou-a quando uma alvorada cinzenta, ainda cega, espreitava pelas janelas da choupana e, sobre a aldeia, os sons do sino de cobre da igreja planavam e morriam no silêncio frio.

— Fiz chá; beba, se não vai ter frio na charrete, ainda mal acordada.

Enquanto penteava a barba eriçada, Estêvão, num tom prático, perguntou à mãe como é que a poderia encontrar na cidade; pareceu-lhe que o rosto dele tinha amadurecido. Era mais simpático do que na véspera. Quando tomava o chá, observou, rindo:

— Como tudo aconteceu bizarramente!

— O quê? — perguntou Tatiana.

— Bem... o nosso conhecimento... assim simples.

— Nestas coisas há sempre uma simplicidade admirável disse a mãe, pensativa mas convicta.

Despediram-se dela sem efusões, avaros de palavras, contudo pródigos de mil pequenas atenções e recomendações para a viagem.

Quando Pelágia estava já na charrete, pensou naquele camponês; ele ia lançar-se ao trabalho prudente e silencioso, sem tréguas, como a toupeira.

E a voz descontente da mulher ecoaria sempre aos seus ouvidos, brilharia o relâmpago ardente dos olhos verdes, e enquanto vivesse não esqueceria de igual modo a dor vingativa, a dor da loba, da mãe que chora os filhos mortos.

Lembrou-se de Rybine: o sangue, a cara, os olhos quentes, as palavras; e o amargo sentimento de impotência perante as feras apertou-lhe o coração. Durante o percurso permaneceu diante dos olhos, no fundo triste do dia acinzentado, a silhueta robusta de Miguel, com a barba negra, a camisa rasgada, as mãos atadas atrás das costas, o cabelo revoltado, o rosto iluminado pela ira e pela fé na verdade. Meditava nas aldeias sem fim, adormecidas ao sol, pensava nas pessoas que em segredo aguardavam a vinda da justiça e nos milhares de seres que trabalhavam incessantemente, mudos, toda a vida, sem acreditarem em nada.

A existência surgia-lhe como uma planície acidentada e inculta,

que esperava os lavradores, muda e concentrada, e parecia prometer às mãos livres e honestas:

— Semeai em mim as sementes da razão, da liberdade e da verdade; eu as centuplicarei.

Lembrou-se também do êxito da sua viagem, e sentiu, no fundo do seu coração, uma suave palpitação de alegria, que reprimiu com pudor.

Com um livro na mão, de cabelo em desalinho, Nicolau abriu-lhe a porta.

— Já?! — exclamou, alegre. — Foi depressa.

Os olhos vivos pestanejavam com afeto sob os óculos. Ajudou-a a tirar o casaco e disse-lhe, num sorriso amigável:

— Sabe, esta noite vieram aqui passar uma busca. Ainda não percebi porquê. Receei que lhe tivesse sucedido alguma coisa. Porém, não me prenderam. Decerto que, se a tivessem apanhado, não me deixariam livre...

Passou com ela para a sala de jantar, e continuou, animado:

— Entretanto fui despedido. Não é grande o desgosto. Confesso que estava cansado de fazer estatísticas a camponeses sem cavalos.

Ao reparar no aspeto da sala, dir-se-ia que um colosso, num estúpido acesso de travessura, tinha abanado pelo lado exterior da casa, até que todo o seu recheio ficasse amontoado. Os retratos estavam no chão, o papel das paredes caía em bocados, uma tábua do soalho fora levantada, o peitoril da janela rebentado, as cinzas do fogão espalhadas pela casa. A mãe meneou a cabeça perante o espetáculo que lhe saltava à vista, e fixou Nicolau, em quem sentiu algo de novo.

Na mesa, ao lado do samovar apagado, havia um monte de louça suja, salsichão e queijo em cima de um papel, em vez de estar na travessa, pedaços e migalhas de pão, livros e os carvões apagados do samovar. A mãe sorriu. Nicolau riu também, confuso.

— Fui eu que completei este quadro de sangue, mas não faz mal, Nilovna, não faz mal, pois creio que eles vão voltar; por isso deixei tudo como está. E essa viagem?

A pergunta oprimiu-lhe o coração. A imagem de Rybine ergueu-se de novo à sua frente, e sentiu-se culpada por não ter falado dele logo no início. Acercou-se de Nicolau e começou a contar, tentando manter-se calma e com medo de deixar passar algum pormenor.

— Foi apanhado...

Nicolau estremeceu.

— Como é que aconteceu?

A mãe deteve a pergunta com um aceno e prosseguiu, como se estivesse perante a própria justiça e apresentasse queixa contra o suplício de um homem. Nicolau encostou-se às costas da cadeira; escutava o discurso, pálido. Em seguida, aos poucos, tirou os óculos, pô-los sobre a mesa, passou a mão pelo rosto como se pretendesse tirar uma teia de aranha invisível. A expressão ficou mais dura, as maçãs estranhamente salientes, as narinas tremeram. Pelágia via-o nesse estado pela primeira vez, e isso deixou-a ficar inquieta.

Quando terminou, ele ergueu-se, passeou na sala uns instantes de mãos enfiadas nos bolsos, depois sussurrou, entre dentes:

— Era um homem de categoria. Vai sofrer na prisão, e isso é penoso para homens como ele.

Enfiou ainda mais as mãos nos bolsos, tentando reprimir uma emoção que a mãe sentia, e se tornara comunicativa. Os olhos apertavam-se-lhe como pontas de facas. Recomeçando o passeio pela sala, disse com uma cólera gélida:

— Repare que coisa terrível! Um monte de homens estúpidos sovam, esmagam, estrangulam para defender o seu funesto poder sobre o povo. A selvajaria aumenta, a crueldade torna-se a lei da existência... Raciocine! Uns esmurram e movem-se quais feras, certos da impunidade, são atingidos por uma sede voluptuosa de torturar, dessa repugnante doença dos escravos a quem é permitido manifestar os instintos servis e os hábitos animais em toda a força. Os outros são drogados pela vingança; os últimos, embrutecidos pelas sovas, tornam-se cegos e mudos. Perverte-se o povo, o povo inteiro!

Emudeceu e parou, cerrando os dentes.

— Sem tomarmos consciência, tornamo-nos ferozes nesta vida feroz — disse ele, suavemente.

Conseguiu dominar a excitação, quase reencontrando a calma; nos olhos havia um brilho firme, e olhou para a mãe; no rosto corriam-lhe lágrimas silenciosas.

— Mas não podemos perder tempo, Nilovna. Vá, camarada, temos de reagir...

Foi junto dela, tomou-lhe a mão e perguntou:

— A sua mala, onde está?

— Na cozinha.

— A casa está cercada de informadores; não conseguiremos fazer sair daqui um único volume de nada sem ser notado... Não sei onde devo escondê-los e portanto acho que o que temos a fazer é queimá-los todos. Creio que eles voltarão esta noite.

— O quê? — perguntou a mãe.

— Tudo o que levou na mala.

Compreendeu, e embora fosse grande a tristeza sentida, não era menor o orgulho em ter triunfado, e fê-la sorrir.

— A maleta não tem lá nem um só papel — notou ela: e aos poucos, contou o seu encontro com Tchumakov.

Nicolau, de sobranceiras franzidas, escutou-a; por fim, espantado, interrompeu-a para dizer:

— Ah, isso é bestial, teve uma sorte formidável.

Apertou-lhe a mão e disse ainda:

— A fé que deposita no povo toca-me profundamente... Na verdade, sinto por si uma afeição... E como se fosse a minha própria mãe.

Sorridente, seguiu-o com o olhar, com curiosidade; procurava entender de onde lhe vinha essa claridade, essa nova vivacidade.

— É de facto maravilhoso — comentou ele, esfregando as mãos, rindo, satisfeito. — Sabe? Estes meus últimos dias passei-os de uma maneira espantosa: gastei o tempo todo com operários; li-lhes, falei-lhes e observei-os. E trouxe comigo algo de tão sadio, tão puro! São pessoas estupendas, Nilovna! Falo dos jovens operários: sólidos, sensíveis, cheios de uma fome de tudo compreender. Quando os contemplava, pensei que a Rússia viria ainda a ser a democracia mais admirável do mundo.

Ergueu os braços num gesto de afirmação, como se fizesse um juramento, e continuou após um silêncio:

— Eu vivia isolado, fechado, escrevia e... num certo tempo, fiz-me amargo, adquiri bolor sobre os papéis e os números. Cerca de um ano nesta vida é uma monstruosidade. Porque eu habituara-me a viver

com trabalhadores, e quando tive de mudar não me sentia bem, tive de forçar o hábito nesta vida. Contudo, agora posso viver de novo livre, posso vê-los, ocupar-me deles. Entende? Estarei perto do berço da nascente dos pensamentos, junto da mocidade, da força criadora. E formidavelmente simples, belo e sólido, terrivelmente excitante, tornarmo-nos jovens, vivermos ricamente.

Começou a rir, alegre, confuso, e a alegria estendeu-se à mãe, que o compreendia.

— E depois, você, Nilovna, é extraordinária. Fala das pessoas de uma maneira espantosa... vê-as lindamente.

Sentou-se ao lado dela, virando o rosto contente e alisando os cabelos revoltos, para dissimular o embaraço; mas cedo voltou a olhá-la de frente e a seguir com avidez o relato que saía simples e límpido.

— Que sorte espantosa! — exclamou. — Havia nove em dez hipóteses de ser apanhada, e de repente... Sim, começa a sentir-se que o camponês se move... E natural, ao fim e ao cabo. Aceito essa mulher perfeitamente. Precisamos de pessoas que se ocupem essencialmente do campo. Pessoas!... Faltam-nos... A vida solicita centenas de braços.

— Se o Paulo pudesse vir cá para fora... E o André — disse num sussurro.

Olhou-a e baixou a cabeça.

— Escute, Nilovna; sei que vai ficar triste, mas de todo o modo é preciso que saiba. Eu conheço bem o Paulo e sei que ele não irá aceitar agora a fuga; quererá ser julgado para mostrar a sua força... não renunciará a isso. E não deve fazê-lo... Evadir-se-á mais tarde da Sibéria.

Ela suspirou e respondeu com voz fraca:

— Ele sabe o que lhe convém. Tanto pior para ele.

— Hum! — disse Nicolau, um instante depois, olhando-a sobre os óculos. — Se esse camponês não tardasse a visitar-nos!... É urgente escrever algo sobre o Rybine, para distribuir nas aldeias; isso não o irá prejudicar, se ele se conduziu de modo tão corajoso. Vou escrevê-lo ainda hoje. A Ludmila rapidamente o imprimirá... Mas como é que o faremos chegar à aldeia?

— Eu irei levá-los.

- Não, Nilovna. Penso no Vessovchikov. Acha que é capaz?
- É necessário falar-lhe.
- É isso. Tente e diga-lhe o que tem a fazer.
- E eu que vou fazer?
- Tranquilize-se.

Sentou-se e pôs-se a escrever. A mãe limpava a mesa e olhava-o; a caneta tremia na mão e cobria o papel de uma quantidade sem fim de palavras. Não poucas vezes era percorrido por arrepios, levantava a cabeça, semicerrava os olhos, o queixo estremecia. A mãe sentiu-se comovida.

— Acabei! — disse, erguendo-se. — Meta este papel entre a sua roupa. No entanto, não esqueça que a polícia passará busca em si também.

— O diabo que os carregue! — respondeu, segura.

O médico apareceu à noite.

— Que diabo se passa com as autoridades para estarem tão inquietas? — inquiriu ele, passeando febrilmente pela sala. — Sete buscas numa só noite!... E o doente, onde está?

— Saiu ontem — respondeu Nicolau. — Como aos sábados há leitura, ele não quis faltar à sessão.

— Com a cabeça partida, é uma asneira fazê-lo.

— Também lhe disse isso, mas ele não me quis ouvir...

— Apetecia-lhe gabar-se um pouco perante os camaradas — notou a mãe. — Queria dizer: «Olhem, já derramei do meu sangue...»

O médico olhou-a, arranjou um ar severo e disse, cerrando os dentes:

— Oh, então você é sanguinária!

— Bem, meu caro, se não tens mais nada a fazer aqui, vai-te embora pois nós esperamos visitas. Nilovna, dê-lhe o papel, por favor...

— Há outro papel?

— Sim, toma-o e leva-o à tipografia.

— De acordo, entregá-lo-ei. E tudo?

— É... Há um informador em frente da porta.

— Eu vi-o. Na minha também tenho um. Bom, até breve, mulher

feroz... Sabem, meus caros, a cena no cemitério não foi má de todo. Toda a cidade fala disso. O teu artigo era estupendo e chegou em cima do acontecimento. Sempre fui da opinião que uma boa batalha é preferível a uma má paz...

— Ótimo. Agora vai-te.

— Não deves nada à amabilidade. A sua mão, Nilovna... E é certo que o rapaz procedeu idiotamente. Sabes o endereço dele?

Nicolau deu-lhe a morada.

— Amanhã vou dar um salto lá, para o ver. É um excelente rapaz, hem?

— Sem dúvida.

— É necessário olhar por ele, não é estúpido — disse o médico, já à porta. — São exatamente rapazes como este que formarão o autêntico proletariado instruído e nos substituirão quando partirmos para o local onde, naturalmente, não haverá diferença de classes.

— Estás muito falador.

— É que estou alegre... Então tu... aguardas a prisão. Desejo que descanses.

— Reconhecido por isso, mas acontece que não estou cansado.

A mãe estava contente por ver que eles se preocupavam com o jovem operário. O médico foi-se embora e Nicolau, bem como Pelágia, sentaram-se à mesa, aguardando a visita dos hóspedes noturnos. Nicolau dialogou durante muito tempo acerca dos seus camaradas deportados, dos que já se haviam evadido e prosseguiram na luta com uma identidade falsa. As paredes nuas da sala refletiam o eco da voz, como que admiradas e cétricas, escutando as histórias de modestos e desinteressados heróis, que sacrificam as forças à grande causa da renovação do mundo. Silhuetas meigas e amigas rodeavam a mãe, e o coração inundava-se-lhe de ternura por esses desconhecidos que, na sua imaginação, todos se resumiam num único ser gigantesco, dotado de uma força e de coragem inesgotáveis. Sem pressa, mas infatigavelmente, esse ser peregrinava pela Terra, arrancava, com as mãos repletas de amor pela sua obra, o caruncho secular da mentira, desnudava aos olhos dos homens a verdade simples e luminosa. E esta enorme verdade, que renascia, atraía a si com amizade todos os seres

sem distinção, prometia-lhes de igual modo libertá-los da inveja, do ódio e da mentira, esses três monstros que escravizavam e aterrorizavam a Terra com a sua força cínica... Essa imagem fazia nascer na mãe, na sua alma, um sentimento idêntico ao que sentira outrora, quando se ajoelhava perante um ícone para acabar, por um rogo feliz e reconhecido, um dia que lhe parecera mais leve do que os outros. Agora havia olvidado esses dias, e o sentimento que lhe inspiravam aumentara, tornara-se mais límpido e mais alegre, havia nela raízes mais profundas, vivia e progredia cada vez mais...

— A polícia não vem — disse Nicolau, interrompendo-se inesperadamente.

A mãe, olhando-o, replicou com azedume:

— Pois então que vão todos para o diabo!

— Claro. Porém, são horas de se deitar, Nilovna. Deve estar muito cansada. Devo, contudo, confessar que a acho com uma resistência incrível. Tem suportado tão facilmente tantas emoções e sobressaltos! Apenas os cabelos ficam mais brancos. Vá, agora vá descansar.

Pelágia despertou. Ressoaram pancadas violentas na porta da cozinha. Batiam sem cessar com paciente teimosia. Havia ainda silêncio e obscuridade, e as pancadas insistentes provocavam inquietação. A mãe vestiu-se apressadamente e foi abrir, perguntando atrás da porta:

— Quem bate?

— Eu — respondeu do outro lado uma voz desconhecida.

— Eu quem?

— Abra, por favor — disse a mesma voz, suplicante.

— Ah, não me enganei! — disse ele com satisfação.

Era Inácio, e estava cheio de lama até à cintura; a cara tinha uma cor acinzentada, os olhos cavados e, sob o boné, os cabelos aos caracóis fugiam desordenados por todos os cantos.

— Aconteceu uma infelicidade — murmurou após fechar a porta.

— Já sei.

O rapaz ficou surpreendido.

Então Pelágia narrou num instante o que tinha visto.

— E os outros dois, sabes deles? Os teus camaradas.

— Não estavam lá. Havia ido ao conselho de revisão.

Prenderam cinco, incluindo o tio Miguel.

Respirou fundo, sorrindo.

— E eu consegui escapar. Devem andar à minha procura.

— Mas como é que tu fugiste?

A porta do quarto abriu-se lentamente.

— Eu! — exclamou Inácio, sentando-se num banco e olhando em redor. — Um minuto antes deles lá chegarem, foi o guarda florestal a correr e bateu à janela. «Atenção, rapazes, eles vêm prendê-los!»

Começou a rir, baixinho, limpou a cara à manga da camisa.

— Bem. O tio Miguel não é muito ágil. Disse-me imediatamente: «Inácio, vai à cidade, avia-te. Recordas-te daquela mulher de idade?» Enquanto dizia isto, escreveu qualquer coisa num papel. «Toma, vai.» Corri a gatinhar sob os arbustos e ouvi-os passar. Vinham de todos os

lados; uma quantidade de diabos. Era uma rede à volta da nossa barraca. Deitei-me e eles passaram mesmo ao lado. A seguir levantei-me e pus-me a andar; andei um dia e duas noites sem parar.

Notava-se que se sentia contente consigo próprio; um sorriso brilhava nos seus olhos castanhos, os lábios rubros, grossos, tremiam.

— Vou fazer-te um chá — disse a mãe, arranjando o samovar.

— Vou dar-te o bilhete.

Levantou a perna com cuidado, fez uma careta e assentou o pé no banco.

Nicolau surgiu à entrada da cozinha.

— Bons dias, camarada! — disse, pestanejando. — Deixe-me ajudá-lo.

Dobrando-se, desfez rapidamente as grevas enlameadas.

— Bom!... — disse docemente o rapaz, segurando a perna e olhando espantado para a mãe.

Esta, sem reparar no olhar dele, disse-lhe:

— Temos de lhe friccionar os pés com álcool.

— Decerto — anuiu Nicolau.

Inácio fungou, embaraçado.

Nicolau achou o bilhete, desdobrou-o, levou o papel cinzento perto dos olhos e leu:

Não deixes morrer o assunto, Pelágia, pede à senhora que não se esqueça, diz-lhe que continuem a escrever sobre nós. Adeus, Rybine.

Devagar, Nicolau deixou cair a mão que tinha o bilhete e sussurrou:

— É formidável!

Inácio contemplava-os, agitando os dedos sujos do pé descalço. A mãe, disfarçando as lágrimas que lhe deslizavam pelo rosto, aproximou-se dele com uma bacia de água, sentou-se no chão e esticou a mão para a perna; porém, ele, com medo, escondeu-a apressadamente debaixo do banco.

— Que tens?

— Deixa-me ver o teu pé, num instante.

— Eu vou buscar o álcool — disse Nicolau.

O rapaz escondeu ainda mais o pé e refilou:

— Bem, e então? Que diabo, não estamos no hospital!

A mãe desfez a greva da outra perna.

Inácio fungou com grande ruído, e com um movimento desajeitado baixou os olhos para ela, distendendo os lábios comicamente.

— Sabes? — continuou ela com voz trémula. — O Miguel foi espancado.

— Não — exclamou o rapaz, sobressaltado.

— É verdade. Já o tinham sovado muito no caminho de Nikollskoie, e lá o sargento e o comissário ainda lhe bateram mais, na cara e a pontapé... Estava coberto de sangue.

— Isso aprenderam eles — disse, franzindo as sobrancelhas, agitando os ombros num estremecimento. — Temo-os como a demónios... E os camponeses que fizeram?

— Houve um que lhe bateu por ordem do comissário. Os outros não o fizeram e impediram até que o sovassem mais. «Não se deve bater-lhe», gritavam eles.

— Os camponeses começam a distinguir onde estão os que os defendem e porquê.

— Existem também alguns que têm bom senso.

— E onde é que eles estão? Esses são-nos necessários. Há-os em todo o lado; contudo, não é fácil encontrá-los.

Nicolau trouxe uma garrafa de álcool, pôs carvão no samovar e saiu. O moço seguiu-o curiosamente com o olhar, e depois perguntou à mãe:

— O chefe é doutor?

— Na nossa causa não há chefes, são apenas camaradas.

— Então não compreendo nada disto — comentou, com um sorriso incrédulo e perplexo.

— Não compreendes o quê?

— Ora, tudo isto. Num lado esmagam-nos, noutro lavam-nos os pés. E no meio, que acontece?

A porta reabriu-se e Nicolau, surgindo, disse:

— No meio estão aqueles que lambem as botas aos que lhes sugam o sangue; é isto que existe no meio.

Inácio olhou-o com respeito e disse, -um instante depois:

— Lá isso é verdade!

Pôs-se de pé, ora apoiando-se num pé ora noutro, e proferiu:

— Obrigado. Estão como novos.

Foram para a sala, onde tomaram chá, e Inácio, com ar sério, contou:

— Eu era o distribuidor do jornal. Sou forte para andar.

— E muita gente lê o jornal? — quis saber Nicolau.

— Todos aqueles que aprenderam a ler, não excluindo os ricos. A esses é evidente que não somos nós que o levamos... Entendem a coisa desta maneira: os camponeses lavarão com o próprio sangue a terra dos nobres e dos ricos, o que significa que a dividirão entre eles e farão com que não existam patrões nem operários, claro. Sem isso, não interessa começar a luta; para que serviria afinal?

Dava a impressão de estar furioso e olhava para Nicolau com ar interrogador e desconfiado. Este, sem dizer nada, sorria.

— E se as pessoas, hoje em todo o mundo lutam, e ao sair-se vencedor ficar um rico e outro pobre, então muito obrigado!... Têm de se entender: a riqueza é comparável à areia. Não fica imóvel num lugar, voltará a correr de novo para todos os lados. Para que resultaria isso então?

— Não te enfureças! — observou a mãe, a brincar.

Nicolau, pensativo, comentou:

— Como é que se deverá fazer para, o mais rápido possível, ser distribuído o folheto sobre Rybine?

— Tens outro folheto?

— Tenho.

— Dá-mo. Eu levo-o — sugeriu Inácio, esfregando as mãos.

A mãe riu suavemente, sem o olhar.

— Mas tu estás fatigado, e até tens medo, tu mesmo o disseste.

O moço alisou os cabelos com a mão e respondeu, sério e calmo:

— O medo é uma coisa. E os nossos assuntos são os nossos

assuntos. De que troça? Tem muita piada, hem?

— Meu pequeno! — exclamou inconscientemente Pelágia, dando-se à satisfação que a invadia.

Sorriu, embaraçado.

— Bom, agora sou um pequeno...

Nicolau observava-o, e num piscar de olhos prosseguiu:

— Não, não será você quem lá irá...

— E eu? Para onde vou? — perguntou o outro, inquieto.

— Irá outro no seu lugar, e você explicar-lhe-á em pormenor como deve proceder. De acordo?

— De acordo! — respondeu, contrariado, depois de hesitar um pouco.

— A si, Inácio, vamos arranjar-lhe um bom bilhete de identidade e colocá-lo-emos como guarda-florestal...

Ergueu rapidamente a cabeça, preocupado:

— E se os aldeões forem buscar lenha ou... qualquer outra coisa, tenho de os prender? Não me peçam isso.

A mãe desatou a rir, assim como Nicolau, deixando o rapaz uma vez mais perturbado e desiludido.

— Não se zangue — tranquilizou-o Nicolau. — Não irá perseguir os camponeses. Fique descansado.

— Assim já está bem — proferiu ele, rindo alegre e calmo. — Eu gostava de ir para a fábrica; dizem que é lá que se conhecem pessoas sensatas.

A mãe pôs-se de pé e olhou para a janela.

— É isto a vida — notou, meditando. — Cinco vezes por dia rimo-nos, outras tantas choramos... Terminaste, Inácio? Então, agora, toca a dormir.

— Mas eu não quero...

— Vá, são horas...

— Que autoritária! Bem, eu já vou... Grato pelo chá e por me receberem tão bem.

Esticou-se na cama da mãe e refilou, coçando a cabeça:

— Agora vai ficar aqui um cheiro a alcatrão... Hem, para quê isto tudo?... Não tenho sono... Ele é terrível, hem? Demónio do homem...

Adormeceu num instante, ressonando fortemente, as
sobrancelhas franzidas e a boca entreaberta.

Ainda nessa tarde, Inácio encontrava-se num pequeno aposento de uma cave, sentado à frente de Vessovchikov, e dizia-lhe em voz baixa, de testa franzida:

— Quatro vezes, na janela do meio...

— Quatro — repetiu o outro com atenção.

— Três primeiro, assim.

Com o dedo dobrado, exemplificou, batendo na mesa:

— Um, dois, três. E a seguir outra pancada.

— Bem.

— Virá um ruivo, abrirá a porta e perguntará: «Procura a parteira?» E você responderá: «Sim, é da parte do patrão.» Isto é suficiente, ele percebe.

Aproximavam a cabeça um do outro, ambos sólidos, seguros, e falavam retendo as vozes. De braços cruzados, a mãe observava-os, de pé, encostada à mesa. Essas pancadas combinadas, eis frases convencionadas, faziam-na sorrir interiormente.

«São ainda crianças», pensou.

Na parede havia uma candeia acesa, que sublinhava manchas de humidade, sombrias, e gravuras recortadas de revistas; espalhados no chão, viam-se baldes bojudos, pedaços de chapa para telhados. Pairava no aposento um cheiro a óleo, ferrugem e bolor.

Inácio vestia um sobretudo grosso, de pelo, de que gostava muito. A mãe viu-o afagar a manga com ternura e esticar o pescoço, não sem custo, para se examinar. Uma ternura quente encheu-lhe o coração.

— Filhos queridos!

— É isto — disse Inácio. — Não se esqueça: primeiro vai a casa dos Marotov e pergunta pelo avô.

— Não me vou esquecer — respondeu Vessovchikov.

No entanto, Inácio não parecia lá muito certo, e repetiu novamente todos os sinais e palavras da senha. Por fim, deu-lhe a mão.

— Cumprimente-os por mim. São ótimas pessoas, como irá verificar por si.

Olhou para ele mesmo satisfeito, acarinhou os pelos do sobretudo e perguntou à mãe:

— Vou-me embora?

— Sim, vai. Sabes dar com o caminho?

— Creio que sim... Até mais tarde, camaradas.

Partiu, com os ombros levantados, fazendo sobressair o peito, com o chapéu novo, caído para o lado, e as mãos firmemente enterradas nas algibeiras. Nas fontes, caracóis louros tremiam alegremente.

— Ótimo, já tenho trabalho — comentou Vessovchikov, indo lentamente para o pé da mãe. — Começava a aborrecer-me... Afinal tinha escapado da prisão para quê? Apenas para me esconder? Na prisão tinha a possibilidade de aprender. O Paulo metia-nos coisas na cabeça e era uma alegria... E então há já algo decidido sobre a evasão?

— Não sei de nada — respondeu ela.

Ele enlaçou-a pelos ombros e aproximou o seu rosto do dela.

— Explica-lhes, eles irão ouvir-te. Não é difícil. Tu própria poderás comprovar. Olha, aqui está o muro da prisão, e logo ao lado há um lampião. Em frente, um terreno deserto, à esquerda o cemitério e à direita a rua, a cidade. O homem que está encarregado de limpar o lampião, fá-lo logo pela manhã. Põe a escada contra a parede, sobe e fixa no cimo do muro os ganchos de uma escada de corda, fá-la descer para o pátio da cadeia e pronto. Nessa altura já os camaradas sabem a hora a que a coisa é processada, pedem aos presos de delito comum para provocarem zaragata, ou até eles mesmos a provocam, e enquanto uns a fazem durar, os que forem designados sobem a escada e pronto, assunto arrumado.

Agitou a mão, debaixo do nariz da mãe, descrevendo o plano. Segundo o critério dele, tudo se faria com toda a simplicidade, clareza e eficácia. Ela conhecera-o pesado e enrascado. Outrora, ele via tudo com desconfiança, colérico e sempre aborrecido. No entanto, neste momento, as ideias surgiam-lhe ciareis, límpidas, uniformes e convincentes, parecia outro, que convencia e perturbava a mãe.

— Repara! A coisa será realizada em pleno dia!... De dia, ouviste? Não passava pela cabeça de ninguém que um preso se evadisse à luz do dia sob o olhar de toda a prisão.

— E se dispararam sobre eles? — comentou a mãe, estremecendo.

— Quem é que o iria fazer? Não existem lá soldados. As sentinelas utilizam as pistolas para pregarem pregos.

— Tudo isso me parece demasiado simples.

— Vais ver que é assim. Fala com os outros, eu tenho tudo preparado, a escada de corda, os ganchos; o meu hospedeiro será o homem que limpa os lampiões.

Atrás da porta ouviu-se um ruído e alguém tossir, misturando-se um barulho provocado pelas chapas de zinco.

— Olha, foi ele que chegou!

Uma banheira de zinco surgiu na entrada da porta; uma voz rouca murmurou:

— Que raio, passas ou não?

Em seguida pôde ver-se uma cabeça arredondada, de olhos salientes, com um bigode na face bonacheirona.

Nicolau Vessovchikov ajudou-o a pôr a banheira dentro de casa, e o homem entrou; era alto, curvado; tossiu, provocando edema na cara barbeada, cuspiu e com a mesma voz rouca saudou:

— Boas tardes!

— Agora podes perguntar-lhe! — disse Nicolau.

— Perguntar-me o quê?

— Sobre a fuga...

— Ah, ah! — exclamou ele, limpando os bigodes com os dedos sujos.

— Sabes, Tiago, ela não crê na possibilidade tão fácil.

— Hum, não acredita? É porque não quer. Mas como nós dois queremos, acreditamos — respondeu, fazendo uma pausa.

Curvando-se inesperadamente, começou a tossir. O ataque foi um pouco longo. De pé, ao centro da sala, friccionava o peito comprimido e olhava para a mãe com os olhos esbugalhados.

— O Paulo e os camaradas é que deverão decidir — disse Pelágia.

— O Paulo quem é? — perguntou, sentando-se.

— Paulo é o meu filho.

— E o nome da família?

— Vlassov.

Ele abanou a cabeça, tirou a caixa do tabaco e o cachimbo, encheu-o e disse com voz entrecortada:

— Já ouvi esse nome. O meu sobrinho conhece-o. Está também preso; chama-se Evchenko. Sabe quem é? Eu chamo-me Gobune... Dentro de pouco tempo os rapazes novos estarão todos na cadeia; vai ser uma boa vida para nós. O polícia prometeu-me que o enviaria para a Sibéria. E cumprirá o que disse, o filho da mãe.

Fumava, cuspiendo frequentemente para o chão.

— Ela não quer, é? — continuou, dirigindo-se a Vessovchikov. E lá com ela. Cada um é livre. Se estás farto de estar sentado, anda. Não queres andar? Fica sentado... Roubam-te? Cala-te. Sovam-te? Resignate. Matam-te? Deixa-te estar. Já sabemos isso. Porém o meu sobrinho, a esse hei de tirá-lo de lá. Ah, sim, hei de tirá-lo.

As frases curtas, cortadas como Latidos, deixaram a mãe perplexa, as suas palavras, as últimas especialmente, tinham-lhe causado inveja.

Na ruela, andando contra uma chuva miudinha, trazida pelo vento frio, pensava em Vessovchikov: «Vejam só como ele se modificou.»

Recordou-se de Gobune: «Creio que não sou eu só a reviver», pensou, quase piedosamente.

A seguir, no seu coração, surgiu-lhe a imagem do filho: «Se de facto ele permitisse...»

No domingo, ao despedir-se do filho, sentiu na mão uma bola de papel. Tremeu como se ela lhe queimasse a mão, e olhou o filho num gesto de interrogação suplicante, que não teve resposta. Os olhos azuis brilhavam como habitualmente, firmes e calmos, como ela tão bem os conhecia.

— Adeus! — disse, suspirando.

Ele estendeu-lhe uma vez mais a mão, enquanto uma onda de ternura lhe surgia no rosto.

— Não fiques inquieta nem te zangues disse ele.

Estas palavras e a ruga teimosa na testa foram a resposta que a mãe esperava.

— Por que dizes isso? — murmurou, pondo os olhos no chão. — Que queres?...

Saiu apressadamente, sem o olhar, para não se trair com a emoção das lágrimas e o tremor nos lábios. Pelo caminho, tinha a sensação que lhe doíam as articulações da mão que continha a mensagem do filho; pesava-lhe todo o braço como se tivesse levado uma pancada. Ao entrar, passou bruscamente o bilhete a Nicolau, e vendo-o desenrolar o papel amarrotado, palpitou ainda uma última esperança. Porém, Nicolau disse:

— Como eu esperava. Ele escreve: «Não nos evadiremos, camaradas, não o podemos fazer. Nenhum de nós. Isso seria perder o respeito por nós mesmos. Ocupem-se do camponês preso recentemente. É merecedor das vossas atenções, digno dos vossos esforços. Aqui sofre demasiado. Por cada dia que passa são-lhe feitos interrogatórios sem fim. Já teve vinte e quatro horas de isolamento. Massacram-no. Todos nós já intercedemos por ele. Consolem a minha mãe, sejam bons para ela. Expliquem-lhe, ela compreenderá tudo.»

A mãe ergueu a cabeça e disse com suavidade, em voz trémula:

— Explicar-me o quê? Eu entendo.

Nicolau virou-se e assoou-se ruidosamente, murmurando:

— Devo-me ter constipado.

Passou a mão pelo rosto, para arranjar os óculos, e prosseguiu, passeando na sala:

— O facto é que, de qualquer maneira, não o iríamos conseguir...

— Não importa! Que o julguem então — disse a mãe, enrugando a testa, ao mesmo tempo que o coração se lhe enchia de amargura.

— Recebi uma carta, enviada por um camarada de São Petersburgo...

— Eles podem evadir-se da Sibéria, não podem? Têm possibilidades?...

— Decerto! Esse camarada escreve: «O processo será julgado brevemente, a sentença é já conhecida: a deportação para todos.» Estão a ver como é? A sentença é enviada de Petersburgo antes de se proceder a julgamento.

— Não continuemos a falar desse caso, Nicolau — pediu a mãe, resoluta. — Não vale a pena explicar-me, consolar-me. O Paulo nunca age irrefletidamente... Não arrastaria os camaradas, nem a ele mesmo, sem motivo!... Ele estima-me, sim! Pensa em mim, como pôde ver. Escreveu aí: «Consolem-na, expliquem-lhe.»

O coração batia-lhe violentamente, a emoção entontecia-a.

— A senhora tem um filho admirável — exclamou o outro num tom que lhe era inabitual. — Estimo-o muito.

— Temos de pensar no que faremos pelo Rybine — sugeriu ela.

Ela gostaria de se pôr imediatamente ao trabalho, ir para qualquer parte, andar até se sentir extenuada.

— Sim, tem razão — respondeu Nicolau, andando de um lado para o outro. — Era necessário que a Sandrina...

— Ela vem cá hoje, com certeza. Vem sempre nos dias em que visito o Paulo.

Baixando a cabeça, e entregando-se à reflexão, Nicolau sentou-se ao lado da mãe, no canapé. Mordiscava a barbicha, ao mesmo tempo que o fazia nos lábios.

— Lamento que a minha irmã não esteja aqui.

— Se fosse possível organizar tudo, ainda durante a permanência do Paulo ali, tenho a certeza de que ficaria contente.

Calaram-se, e de repente a mãe cortou o silêncio, falando

lentemente:

— Não consigo entender... Porque é que ele não aceita?

Nicolau ergueu-se repentinamente e nesse momento tocou a campainha.

Os olhares da mãe e de Nicolau cruzaram-se.

— É a Sandrina... hum! — exclamou o rapaz, muito baixo.

— Como lhe iremos dizer? — perguntou a mãe no mesmo tom.

— Lamento-a.

A campainha voltou a tocar, desta vez com mais força, como se a pessoa que tocava estivesse hesitante também. Nicolau e a mãe foram ao mesmo tempo para a porta; no entanto, Nicolau, já próximo dela, recuou e disse:

— É preferível não ser eu.

— Ele não quer? — quis saber a rapariga, logo que a mãe surgiu à porta.

— Não.

— Já o adivinhava! — comentou a moça, simplesmente.

Empalideceu. Desabotoou os botões do casaco, apertou-os em seguida, tentou despi-lo mas não foi capaz. Então observou:

— Faz vento, chove... um tempo abominável... Ele está bem?

— Sim, está.

— Contento e de ótima saúde! — disse ela, em voz baixa, olhando a mãe.

— Escreveu, pedindo-nos para fazermos a evasão de Rybine — anunciou Pelágia, sem a olhar.

— Ah, sim?... Julgo que poderemos fazer uso do mesmo plano — articulou Sandrina, devagar.

— Sou da mesma opinião, Sandrina — confirmou Nicolau, aparecendo à porta. — Bons dias.

A rapariga estendeu-lhe a mão.

— Qual é o obstáculo? Todos creem no triunfo do plano?

— E quem é que o vai realizar? Temos todo o pessoal ocupado.

— Eu posso fazê-lo — disse com vivacidade, pondo-se de pé. — Disponho de tempo.

— Aceito. Mas é preciso a colaboração de outros...

— Pedi-la-ei. Começo imediatamente...

Recomeçou a abotoar o casaco, desta vez com decisão.

— Devia descansar — propôs a mãe.

— Não se inquiete, não me sinto fatigada.

Apertou-lhe a mão sem dizer palavra e saiu de novo, fria e severa.

Os dois foram à janela, viram-na cortar o pátio e desaparecer no gradeamento. Nicolau assobiava; sentou-se à mesa e começou a escrever.

— Sandrina vai tratar deste caso e isso servir-lhe-á de alívio — notou a mãe.

— Concordo! — respondeu ele. E, virando-se para ela, sorrindo amavelmente, acrescentou: — Este cálice foi-lhe poupado. A Pelágia nunca suspirou atrás do homem amado?

— Eu? — exclamou ela, com um gesto de mão. — Só temia era que me casassem com este ou aquele.

— E não se interessava por ninguém?

Ela pensou um pouco, respondendo por fim:

— Não me recordo, meu querido amigo. Mas creio que sim... Decerto que haveria um... porém, confesso que não me lembro.

Olhou-o e terminou com uma certa tristeza:

— O meu marido espancava-me bastante, de modo que tudo o que existiu antes dele se me escapou da memória.

Nicolau voltou a olhar o papel. Pelágia saiu por momentos, voltando logo a seguir. Ele olhou-a ternamente e continuou, afagando amorosamente as recordações.

— Sabe... também eu, assim como a Sandrina, tive o meu romance. Amei uma rapariga... um ser adorável, maravilhoso. Conheci-a há uns vinte anos e posso dizer que ainda hoje a amo. Amo-a com toda a minha alma, com gratidão e para sempre.

De pé, ao lado dele, a mãe escutava-o, via-lhe o olhar iluminado por chama quente e clara. Apoiava a cabeça nas mãos, os cotovelos nos braços da cadeira, e olhava algures para longe. Todo o corpo, magro mas sólido, parecia tenso, inclinado para a frente, como uma haste para o Sol.

— Então... por que não se casam? — perguntou a mãe.

— Ela casou há já cinco anos.

— E por que não o fizeram antes?

Ele refletiu um momento.

— O que aconteceu foi que não tivemos sorte. Quando ela estava livre, era eu que me encontrava preso; se eu era posto em liberdade, ela era presa ou deportada. Uma situação comparável à de Sandrina. Até que acabaram por a mandar dez anos para a Sibéria, horivelmente distante. Eu quis segui-la. Mas tanto um como outro tivemos vergonha. Lá encontrou um outro moço, um ótimo rapaz, nosso camarada. Mais tarde, evadiram-se juntos e casaram-se. Neste momento vivem no estrangeiro.

Calou-se; tirou os óculos, limpou-os, olhou-os e voltou a limpá-los.

— Ah, meu caro! — disse afetuosamente a mãe, abanando a cabeça.

Sentia pena; contudo, havia algo nele que a fazia sorrir, com um sorriso quente, maternal. Ele mudou de posição e prosseguiu a escrita, agitando a pena ao ritmo das palavras:

— A vida familiar diminui a energia dos revolucionários, normalmente. Surgem os filhos, a falta de recursos, a necessidade de trabalhar mais para a conquista do pão... E penso que um revolucionário deve desenvolver a sua força constantemente e em todos os sentidos. Isso pede tempo. Devemos permanecer sempre na frente, porque somos os operários destinados, pela história, a destruir o velho mundo. Se nos atrasamos, se sucumbimos ao cansaço ou perante o atrativo da possibilidade próxima de uma pequena conquista, então isso é mau, quase uma traição. Não há ninguém com quem se possa dividir a nossa vida, sem que isso não venha alterar a nossa fé, e sabe que não podemos esquecer que a nossa tarefa não é apenas alcançar pequenas conquistas, mas conseguir uma vitória completa.

A voz tornara-se-lhe firme e o rosto empalidecera; nos olhos havia a força constante e convicta que lhe era habitual.

A campainha soou de novo, cortando o discurso. Ludmila entrou,

de faces avermelhadas pelo frio, envergando um fato leve, não próprio para a época. Descalçando as botas já rotas, proferiu com irritação:

— Foi fixada a data do julgamento; é dentro de oito dias.

— É verdade? — perguntou Nicolau, da outra sala.

A mãe correu para ele, sem saber exatamente se era alegria ou amargura que a perturbava. Ludmila seguiu-a e continuou com ironia, falando baixo e em tom grave:

— Sim. No tribunal consta abertamente que a sentença já foi decidida. Mas que pretendem eles? O Governo receia que os seus funcionários tratem suavemente o inimigo? Após a perversão dos seus servidores ao longo de todo este tempo, com tanto zelo, não se convenceu ainda de que eles estão aptos a serem canalhas?

Sentou-se no divã, esfregando a cara com as mãos magras. No seu olhar negro havia um brilho de desprezo, na voz notava-se cada vez mais um tom de ódio.

— Ludmila está a gastar pólvora com pardais, eles não a escutarão.

A mãe ouvia a rapariga atentamente, sem no entanto entender o que ela dizia, repetindo ritmicamente as mesmas palavras:

— O julgamento... Dentro de oito dias será o julgamento.

Sentiu inesperadamente a aproximação de algo sem piedade, de um rigor inumano.

E assim, neste ambiente de perplexidade e enfraquecimento, numa angústia carregada de expectativa, ela viveu dois longos dias no mais completo silêncio. No terceiro reapareceu Sandrina, que disse a Nicolau:

— Está tudo em ordem. Será hoje, à uma hora.

— Já? — perguntou ele, apanhado de surpresa.

— Pois porque não? Apenas tinha de encontrar roupas e um esconderijo para Rybine. Gobune ocupou-se do resto. Rybine terá só de percorrer cerca de uma centena de metros. Vessovchikov, disfarçado, é evidente, irá à frente dele, atirárá um casaco e um boné, e apontará o caminho. Eu estarei lá, trocarei a roupa e levarei Rybine.

— Parece-me bem. Mas quem é esse Gobune? — quis saber Nicolau.

— Não se recorda? Foi em casa dele que fez as preleções aos serralheiros.

— Ah, sim... agora me lembro. Um velho um pouco estranho...

— Um antigo soldado. Agora é canalizador. Pouco desenvolvido, tem um ódio sem fim à violência... um tudo nada filósofo — disse a rapariga, pensativa, olhando a janela.

A mãe ouvia-a sem falar, e um vago pensamento tomava forma na sua cabeça.

— Gobune quer evadir o sobrinho, Evchenko, aquele moço que lhe agradava, elegante, de um asseio um pouco rebuscado. Lembra-se?

Nicolau fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Ele preparou tudo na perfeição — continuou Sandrina. — Contudo, eu tenho as minhas dúvidas quanto ao êxito. Os prisioneiros têm recreio todos à mesma hora: ao verem a escada, todos quererão trepá-la.

Fez silêncio por momentos, com os olhos fechados, e a mãe foi junto dela.

— Se isso acontecer, irão prejudicar-se uns aos outros.

Estavam próximo da janela, em pé. Nicolau e Sandrina, e a mãe

atrás deles. A troca de palavras entre os dois primeiros, em modos rápidos, fazia nascer na segunda um sentimento nítido...

— Também irei — disse subitamente.

— Porque quer ir? — perguntou Sandrina.

— Não vá, Nilovna. Pode acontecer-lhe alguma coisa. Não deve ir — deu por conselho Nicolau.

Ela olhou-os, mas repetiu baixo e insistente:

— Sim, irei.

Cruzaram o olhar. Sandrina, num encolher de ombros, anuiu:

— Está certo. E compreensível...

Virou-se para a mãe, envolveu-a pela cintura e falou-se, simples, cordialmente:

— Porém, aconselho-a a não esperar nada.

— Minha querida — exclamou a mãe, apertando-a contra si — leve-me... não a empatarei. Preciso de ver. Não creio na possibilidade... da evasão.

— Virá comigo — disse a rapariga, falando com Nicolau.

— É consigo — concordou, baixando a cabeça.

— No entanto não podemos ir juntas. A Nilovna irá pelo campo, pelo lado dos jardins. De lá vê-se o muro da prisão... E se lhe perguntam o que faz ali?

Satisfeita, respondeu, convicta:

— Encontrarei uma resposta adequada.

— Não esqueça que os guardas da prisão a conhecem — notou a rapariga. — Se eles a veem lá?

— Não me verão.

Havia nascido na mãe, sem que disso se apercebesse, uma esperança que de repente se inflamava e animava.

«Talvez que também ele...», pensava, arranjando-se apressadamente.

Uma hora depois, encontrava-se nos campos, atrás da prisão. Soprava um vento forte, que lhe enchia as saias, varria o solo gelado, agitava o muro semidestruído do jardim, ao lado do qual ela passava, açoitava violentamente o da prisão, pouco alto, caindo em seguida no pátio, e limpava os gritos e dispersava-os para o céu. As nuvens

corriam velozes, pondo a descoberto pequenos espaços de profundidade azul.

Atrás da mãe estavam os jardins, na frente o cemitério, e à direita, a uns vinte metros, a prisão. Perto do cemitério, um soldado passeava um cavalo pela rédea, um outro, ao lado, batia os pés, assobiava e ria. Não se via mais ninguém ali próximo.

Ela passou devagar, indo em direção ao cemitério, olhando furtivamente para trás e para a direita. De repente, sentiu faltarem-lhe as forças nas pernas, e estas pesarem como se o gelo as pegasse ao chão; um homem curvado, com uma escada ao ombro, surgia na esquina da prisão, andando com passos rápidos, imitando os que limpam os lampiões. Pestanejando de terror, olhou apressadamente para os soldados: batiam com os pés e o cavalo trotava à volta deles. Olhou em seguida para o homem da escada. Já a atirara para o muro e trepava sem pressa. Com a mão fez um sinal para o pátio da prisão, desceu com rapidez e desapareceu na esquina. O coração da mãe batia apressado, o tempo passava lentamente. A escada mal se percebia, encostada ao muro escuro e manchado de estuque e lama, que, arrancado, deixava ver os tijolos. De súbito, no cimo do muro, viu aparecer uma cabeça negra, depois um corpo que se dobrou para o outro lado, deslizando para baixo. Uma segunda cabeça apareceu rapidamente na esquina do muro. Rybine levantou-se, olhou em redor e abanou a cabeça...

— Foge! Foge! — murmurava a mãe, batendo com o pé.

Doíam-lhe os ouvidos. Chegavam até ela gritos. Sobre o muro, surgiu outra cabeça. Com as mãos rígidas no peito, ela olhava estupefacta. A cabeça loura e imberbe deu um pulo no ar, como se se quisesse separar do corpo, e, subitamente, desapareceu atrás do muro. Os gritos fortaleceram-se, tornaram-se impetuosos; o vento elevava-os para o ar, misturando-os com o estrilar dos assobios. Rybine caminhava ao longo do muro; ultrapassara-o já e atravessava um espaço livre entre a prisão e as casas da cidade. Parecia à mãe que ele andava muito devagar e que erguia também excessivamente a cabeça, de maneira que se alguém o visse não o esqueceria. Ela sussurrava:

— Mais depressa! Mais depressa!

No pátio da prisão soou um estalido seco. Ouviu-se o som agudo de um vidro partido. Com os pés apoiados no chão, o soldado chamava o cavalo para si; o outro, com a mão na boca, imitando uma corneta, gritava algo na direção da prisão; depois inclinava a cabeça para o lado, apurando o ouvido atentamente.

Crispada, a mãe olhava para todos os lados, incrédula. O que para ela era terrível e complicado, desenrolara-se perante ela demasiado depressa e simplesmente; essa rapidez aturdiu-a e tirava-lhe a lucidez. Rybine já não era visível na rua. Um homem alto caminhava, uma rapariguinha corria. Surgiram então três guardas à esquina; corriam apertados uns contra os outros, a mão direita esticada para a frente. Um dos soldados foi ao encontro deles, o outro atarefava-se junto do cavalo, querendo montá-lo, mas este esquivava-se, escouceando. Os apitos cortavam o ar e engasgavam-se. Os seus chamamentos inquietos, perdidos, acordaram Pelágia, lembrando-a do perigo; foi-se embora, seguindo ao longo do muro do cemitério, olhando de lado os guardas. Porém, estes e os soldados viraram a outra esquina da prisão, desaparecendo. Atrás deles viu o subdiretor, que ela conhecia muito bem, no seu uniforme desabotoado. Apareciam agentes, nem se sabia de onde, e começou a aglomeração de pessoas.

O vento esvoaçava em turbilhão e movimentava-se como que alegremente, levando até à mãe farrapos de gritos confusos, apitos... Aquela loucura satisfê-la. Apressou o passo, pensando: «Portanto, também ele poderia.»

De repente, numa esquina do muro do cemitério, esbarrou com dois guardas.

— Para aí — berrou um, esfalfado. — Não viste... um homem... com uma barba?

Apontou os jardins com a mão e, calmamente, respondeu:

— Fugiu por ali... Que se passou?

— Egorov, apita!

Regressou a casa. Um lamento semiescuro estava nela, sentia no coração amargura e desânimo. Ao chegar à cidade, um fiacre cortou-lhe a passagem. Ergueu a cabeça e reconheceu na viatura um jovem de louros bigodes, rosto pálido, fatigado. Também ele a olhou.

Sentava-se de lado, o que deixava ficar a ideia de que tinha um ombro mais alto que o outro.

Nicolau recebeu-a alegremente.

— Então? Que tal correram as coisas?

— Penso que bem...

Começou então a descrever os acontecimentos, tentando recordar todos os pormenores, talando como se repetisse as palavras de outra pessoa, sem ela mesma crer muito.

— Temos sorte — disse por fim Nicolau, esfregando as mãos. — Mas só Deus sabe o medo que eu tive por si. Ouça, Nilovna, vou dar-lhe um conselho de amigo: não receie o julgamento. Até quanto mais rápido for, mais cedo chegará o dia da libertação de Paulo, creia. É possível até que ele se evada a caminho da Sibéria. No que diz respeito ao julgamento, vou dizer-lhe pouco mais ou menos como as coisas se processam.

Descreveu em primeiro lugar uma audiência. Ela escutava e entendeu que ele mesmo o receava, mas tentava encorajá-la.

— Crê que eu irei dizer alguma coisa aos juizes? Que lhes farei um pedido? — perguntou de repente.

Ele teve um sobressalto; pôs-se de pé, num gesto de ofensa:

— Que está a dizer?

— Tenho medo... é uma verdade... De quê?... Também não sei... — emudeceu, errando com o olhar pelo aposento.

— Por vezes creio que o irmão humilhar, vexar, zombar dele, dizer-lhe: «Que raio se te meteu na cabeça, mujique, filho de mujique?» E o Paulo é orgulhoso, bem sabe, pô-los-á no lugar. Ou então o André começará a troçar deles... Fervem em tão pouca água! E eu digo para mim... Condená-los-ão de tal modo que nunca mais os veremos.

Nicolau continuava silencioso, sombrio, e puxava a barbicha.

— Não consigo tirar esta ideia da cabeça — continuou, baixinho. — Quando eles se puserem a examinar e a pesar... Horrível! Não é o castigo; é o julgamento. Não sei como dizê-lo...

Sentia que Nicolau não a compreendia, e isso atrapalhava-a ainda mais na sua ânsia de explicar o terror que a invadia.

Esse terror, semelhante a uma mancha de bolor cuja humidade dificulta a respiração, foi aumentando até ao dia da audiência; esse terror acompanhou-a para o tribunal, qual fardo pesado e sombrio que a fazia vergar sob o seu peso.

Na rua cruzou-se com vizinhos do arrabalde, curvou-se em silêncio para os saudar e cortou caminho através da multidão, melancólica. Nos corredores e nas salas, viu os familiares dos detidos. Falava-se em voz baixa, e as palavras que ouvia pareciam-lhe ocas, não as compreendia. As pessoas compenetraram-se todas num mesmo sentimento de desânimo, que se comunicava à mãe, oprimindo-a ainda mais.

— Senta-te aí! — disse-lhe Sizov, indicando-lhe o lugar no banco onde se encontrava.

Obedeceu, ajeitou as pregas do vestido, olhou em redor. À sua frente bailavam misturadas listas verdes e carmesins, brilhavam fios amarelos e finos.

— Foi o teu filho que arrastou o nosso Gregório — disse em voz baixa uma mulher, sentada a seu lado.

— Cala-te, Natália! — cortou Sizov, aborrecido.

Pelágia virou-se para a mulher. Era a mãe do Samoilov; um pouco afastado estava o pai, um homem calvo, de rosto agradável, com uma barba loura, formando leque. Com os olhos enrugados nas faces ossudas, olhava para a frente, trémulo.

Pelas altas janelas da sala entrava uma luz igual e nublada, flocos de neve corriam nos vidros. No meio das janelas estava pendurado um retrato do czar, numa moldura larga, dourada, de reflexos fortes, cujos lados se escondiam sob as pregas duras das pesadas tapeçarias cor de framboesa que pendiam das janelas. Diante do retrato havia uma mesa, coberta com um pano verde, ocupando toda a largura da sala. Do lado direito, atrás de uma grade, dois bancos de madeira. A esquerda, duas filas de poltronas carmesins. Contínuos, com gola verde e botões dourados no peito e no ventre,

andavam de um lado para o outro sem fazerem barulho. Na atmosfera enevoadada, um murmúrio de vozes abafadas errava com timidez, sentia-se um ligeiro cheiro a farmácia. Todas as cores, reflexos, os sons e os cheiros, pesavam nos olhos, penetravam no peito com o ar que se respirava e enchiam o coração de um medo que se resignava, misturado de perturbação e abatimento.

Inesperadamente, alguém falou em voz alta; a mãe estremeceu; todos se puseram de pé, ela também, apoiando-se no braço de Sizov.

No ângulo da esquerda abriu-se uma porta alta, deixando passar por ela um velhinho de lunetas, hesitante. Suíças finas tremiam no seu rosto acinzentado, o lábio superior rapado mergulhava dentro da boca, as faces ossudas, e o queixo apoiava-se no colarinho do uniforme. Parecia que não tinha pescoço. Amparava-o por trás um homem ainda novo, com um rosto de porcelana, de forma redonda e avermelhada. Entraram a seguir mais três homens uniformizados e dois civis.

Embaraçaram-se demoradamente atrás da mesa e sentaram-se nas poltronas, e um deles, de uniforme desabotoado, cara imberbe e indolente, começou a falar ao velhinho, mexendo os lábios com esforço. O velho ouvia-o, bizarramente hirto e imóvel. Por detrás das lentes das lunetas deles, a mãe pôde ver duas manchas incolores.

Na ponta da mesa, de pé, à frente de uma pequena secretária, havia um homem alto e careca que folheava uns papéis, ao mesmo tempo que tossia.

O velho vacilou para a frente e começou a falar. Proferiu claramente as primeiras palavras; as que se seguiram, no entanto, evolveram-se no ar.

— Olha! — segredou Sizov, empurrando levemente a mãe e levantando-se.

Do outro lado da grade abriu-se uma porta, de onde saiu um soldado de sabre desembainhado, ao ombro, precedido de Paulo, André, Teo Mazine, os dois Gussev, Bukine, Samoilov, Somov e mais cinco de quem a mãe não sabia os nomes. Paulo sorria amigavelmente, André sorria também, deixando ver os dentes, fazendo sinais com a cabeça. Os sorrisos deles, o seu aspeto e os gestos

vivos, pareceram levar mais clareza e simplicidade ao silêncio tenso e empolado. O brilho grosso do ouro dos uniformes ficou baço, evaporou-se. Uma onda de segurança e valentia, um sopro de força e de vida comoveram o coração da mãe, arrancaram-na do entorpecimento. Atrás dela, nos bancos onde até àquele momento se sentira desânimo, correu um rumor em resposta à saudação dos prisioneiros.

— Eles não têm medo — ouviu ela cochichar ao lado de Sizov, enquanto do seu lado a mãe do Samoilov rebentava aos soluços.

— Silêncio! — ordenou uma voz austera.

— Eu avisei-os... — sentenciou o velhinho.

Paulo e André sentaram-se ao lado um do outro, e com eles, no primeiro banco, Mazine, Samoilov, Teo e os Gussev. André cortara a barba, e os bigodes haviam crescido; as pontas caíam, o que fazia a sua cara redonda lembrar a de um gato. A fisionomia ganhara uma nova expressão. Havia algo de agudo e cáustico nas pregas da boca, de sombrio no canto dos olhos. Em Mazine, o lábio superior sombreara-se por um traço escuro, o rosto engordara. Os cabelos do Samoilov encaracolaram-se um pouco mais, e João Gussev permanecia com o mesmo sorriso.

— Ah, Teo, Teo! — murmurava Sizov, de olhos no chão.

A mãe escutava as perguntas indistintas que o velho fazia aos acusados sem os olhar, a cabeça estática no colarinho. Ouvia as respostas calmas, breves, do filho. Tinha a impressão de que o presidente e todos os outros não podiam ser más pessoas, cruéis. Observava com atenção os rostos dos juizes, tentando adivinhar qualquer coisa e sentia uma esperança nascer-lhe no coração.

O homem da máscara de porcelana lia um documento, indiferente. A voz sem timbre levava à sala um aborrecimento que amordaçava as pessoas imóveis nos bancos. Quatro advogados trocavam palavras entre eles, animados, e com os acusados; gesticulavam larga e rapidamente, fazendo lembrar pássaros enormes, negros.

Num dos lados do velho, um juiz gordo, de olhos pequenos, escondidos na gordura, saía fora da poltrona. Do outro lado, sentava-

se um homem curvado, de bigodes alourados, que se dividiam nas faces pálidas; apoiava a cabeça, com ar fatigado, no espaldar da cadeira, e com as pálpebras semicerradas, meditava. O procurador também parecia fatigado, chateado. Antecedendo os juízes, encontrava-se o administrador do bairro, aborrecido; homem repleto, robusto, que aflagava as faces, refletindo; um oficial do exército, de cabelos grisalhos, grande barba, rosto rubicundo, olhos suaves e grandes, e o síndico do departamento, cuja grande barriga o incomodava nitidamente, e que ele tentava ocultar sob as abas do casaco que escorregava.

— Aqui não existem criminosos e juízes — proferiu Paulo, em voz alta e firme. — Há, sim, prisioneiros e vencedores.

Houve silêncio. Durante uns segundos a mãe apenas ouviu o ranger agudo e precipitado da pena sobre o papel e as pulsações do seu coração.

O presidente do tribunal ouviu também qualquer coisa e ficou à espera. Os colegas dele agitaram-se. Então disse:

— Si...im... André Nakoda! Reconhece...

André, devagar, ergueu-se, olhou o velho através dos óculos e mordendo os bigodes:

— De que devo eu reconhecer-me culpado? — perguntou o pequeno-russo, com voz cantante e pausada, encolhendo os ombros. — Não roubei nada, não matei, ergui-me apenas contra uma ordem que obriga os homens a esbulharem-se e assassinares-se mutuamente...

— Dê uma resposta mais concisa — ordenou o velho, com dificuldade.

No banco atrás da mãe sentiu-se uma animação; as pessoas segredavam ao ouvido umas das outras e moviam-se, como que querendo desembaraçar-se de uma teia de aranha fixada, parecia, pelas palavras do homem de máscara de porcelana.

— Ouves como eles respondem? — cochichou Sizov.

— Teo Mazine, responda.

— Não quero! — disse nitidamente Teo, pondo-se de pé num pulo.

O rosto corara de comoção, os olhos brilhavam. Ocultava, sem que se soubesse porquê, as mãos atrás das costas.

Sizov soltou um «Ah!» rouco e a mãe esbugalhou os olhos, espantada.

— Não quis um advogado... Não direi nada... não considero este tribunal legal... Quem são vocês? Foi o povo que vos deu o direito de nos julgarem? Não, não foi. Não vos conheço.

Sentou-se e o rosto cansado ocultou-se com o ombro de André.

O juiz obeso curvou a cabeça para o lado do presidente, murmurando qualquer coisa. O juiz de rosto pálido ergueu as sobrancelhas, olhou obliquamente para os acusados, esticou a mão e escreveu com um lápis à sua frente. O síndico do departamento acenou com a cabeça, mexendo os pés com cuidado, pôs o ventre sobre os joelhos e escondeu-o com as mãos. Sem mover a cabeça, o velho girou o corpo para o juiz alourado e os lábios agitaram-se; o outro ouviu, com a cabeça curvada. O oficial falava baixo com o procurador, enquanto o administrador os escutava massajando as faces. De novo se fez ouvir a voz morna do presidente.

Sizov, surpreendido, segredou à mãe:

— Acertou-lhe em cheio, hem! Foi melhor que os outros.

A mãe sorria, sem compreender. Tudo o que se passara lhe parecera um prefácio inútil e fastidioso de algo apavorante cuja aparição surgida esmagaria os assistentes sob terror gélido. Porém, as respostas de Paulo e André haviam repercutido com tanta intrepidez como se tivessem sido pronunciadas na pequena casa do arrabalde e não perante o tribunal. A saída vibrante de Teo reanimou-a. Um género de audácia reinava na sala e, pelos movimentos das pessoas atrás dela, a mãe verificava não ser apenas ela a senti-lo.

— Qual é a sua opinião? — perguntou o velho ao procurador.

Este pôs-se de pé e, amparando-se à secretária, perorou com rapidez, citando números. Não se notava nada de terrível na sua voz. Contudo, ao mesmo tempo, uma picadela no coração da mãe avivava-lhe a preocupação; era uma vaga sensação de alguma coisa de hostil, hostilidade sem ameaças, sem gritos, mas que crescia, sem se ver, sem parar. Flutuava, indolente e cega, à volta dos juízes, parecia enlaçá-los

numa nuvem impenetrável através da qual nada lhes chegava do exterior. A mãe observava os juízes e eram-lhe incompreensíveis. Esperava que eles se enfurecessem com Paulo e André, ou Teo, e isso não aconteceu; as palavras ferinas não foram pronunciadas; no entanto, parecia que todas as perguntas formuladas não tinham importância para eles; exprimiam-nas contrariados e ouviam as respostas com esforço. Anteviam tudo, nada os interessava.

Toda a gente apontou Paulo Vlassov como o principal instigador.

— E o Nakoda? — perguntou o juiz gordo, com bonomia.

— Ele também...

Um dos advogados ergueu-se:

— Permitem-me?...

O velho perguntou a alguém:

— Não tem objeções a fazer?

Para a mãe, todos os juízes se encontravam débeis de saúde. Uma lassidão doentia saía das suas atitudes e palavras, refletia-se-lhes nos olhos. Não só isso como um aborrecimento mortal. Era certo que tudo aquilo se tornava fastidioso e desagradável para eles: os uniformes, a sala, os polícias, os advogados, obrigados a permanecerem sentados, a interrogarem e a ouvirem.

Chegou a vez do oficial de pele amarelada, que ela já conhecia; com ar importante, sublinhando as palavras, falava com voz sonora. Ouvindo-o, a mãe dizia para si, involuntariamente:

— Não sabes muita coisa.

Não sentia já nem piedade nem temor pelo que via atrás da grade. A sua piedade não ia para eles. Inspiravam-lhe somente amor e espanto que docemente lhe oprimia o coração. O seu espanto era calmo, o amor alegre e sereno. Jovens robustos sentavam-se à parte, perto da parede, sem quase se misturarem na conversa monótona dos juízes e testemunhas, nas discussões dos advogados e do procurador. Não poucas vezes, com um sorriso de desdém, um deles dizia algumas palavras aos camaradas, em cujo rosto se via também um sorriso irónico. André e Paulo falavam constantemente, em voz baixa, com um dos defensores que a mãe tinha visto no dia anterior em casa de Nicolau. Mazine, mais alegre e menos quieto do que os outros, seguia

com atenção a conversa deles. Por vezes, Samoilov falava com um dos Gussev e a mãe via este empurrar o outro, contendo uma gargalhada. Corava, as faces inchavam e baixava a cara para se esconder; por duas ou três vezes não se conteve e rebentou de riso, ficou depois com um ar tenso, esforçando-se para se manter sério. Em cada um efervescia uma jovialidade que triunfava sem dificuldade dos esforços que faziam para reprimir a sua efervescência.

Sizov, com uma cotovelada, chamou a atenção da mãe, que se virou:

— Vê como ganharam confiança esses marotos. Senhores autênticos, hem!

Na sala depunham as pessoas, com vozes indistintas e precipitadas. Os juizes inquiriam indiferentes e sem vontade. O juiz gordo bocejava, tapando a boca com uma mão túrgida, o do bigode louro estava mais pálido; algumas vezes esticava o braço e, premindo com força um dedo na testa, olhava para o teto sem o ver, com olhar penosamente dilatado.

De longe a longe o procurador tomava algumas notas num papel, retomava em seguida a sua conversa com o oficial que, alisando a barba cinzenta, girava os grandes olhos e sorria, dobrando o pescoço, com pretensão. O administrador havia cruzado as pernas, tamborilando em silêncio sobre o joelho, examinando com atenção o movimento dos dedos. Com a barriga dobrada sobre as coxas e sustentando-se cuidadosamente com as mãos, o síndico inclinava a cabeça e parecia ser o único que tomava atenção ao zumbido das vozes, em conjunto com o velho instalado na poltrona de onde sobressaía, imóvel como uma ventoinha num dia de calma. Isto prolongou-se durante muito tempo, e uma vez mais o torpor do aborrecimento amodorrrou a assistência.

— Declaro... — disse o velho, levantando-se, depois de ter abafado as palavras seguintes nos lábios finos.

Um rumor de suspiros, exclamações surdas, tosses e barulho dos pés a mexerem-se, alagaram a sala. Os acusados foram levados; sorriram e fizeram acenos de cabeça aos familiares e amigos; João Gussev gritou a alguém:

— Coragem, Igor!

Sizov e a mãe saíram para o corredor.

— Queres vir à cantina tomar chá? — perguntou o velho operário, solícito. — Temos de esperar hora e meia.

— Não.

— Então também não vou. Reparaste nos rapazes? Estão ali como se fossem uns grandes homens, e os outros nada. E o Teo, hem? Viste-o?

O pai de Samoilov juntou-se a eles, com o chapéu na mão.

— E o Gregório? Recusou um defensor e não quer talar. Foi o primeiro que optou por isso. O teu, Pelágia, ao que parece, é pelos advogados, mas o meu disse que não queria. E então houve quatro que lhe seguiram o exemplo...

A mulher ficara ao lado. Pestanejava frequentemente e limpava o nariz com o lenço. Agarrando a barba, e com o olhar no chão, ele prosseguiu:

— Que raio de processo! Quando se olha para eles, esses demónios desses rapazes, pensa-se que levaram isso tudo a cabo para nada, que se perdem sem utilidade. E de repente parece que estão cheios de razão, talvez... Recordamos que na fábrica há cada dia mais como eles; bem podem apanhar alguns de vez em quando; ficam sempre muitos peixes no rio... Perguntamo-nos outra vez: talvez eles tenham a força atrás de si.

— Não é fácil para nós entendermos isso — disse Sizov.

— Sim, é difícil — concordou Samoilov.

A mulher fungou ruidosamente e comentou:

— São todos bem fortes, os malandros...

E, com um sorriso franco no rosto largo, disse:

— Não estejas fula, Nilovna, por ainda há pouco ter dito que a culpa era do teu. Para dizer a verdade, quem poderá dizer qual deles é o mais culpado? Viste o que os bufos e os polícias disseram do nosso Gregório. Ele também fez das suas, aquele diabo.

Via-se que se sentia orgulhosa do filho sem talvez se aperceber; no entanto, a mãe, boa conhecedora desse sentimento, respondeu-lhe com amabilidade:

— Os corações jovens estão sempre mais próximos da verdade.

Muita gente vagueava pelos corredores, formavam grupos e conversavam em surdina, pensativos ou animados. Ninguém se tinha afastado, lia-se distintamente em todos o desejo de falar, perguntar, escutar. Na passagem estreita, entre duas paredes brancas, os assistentes deambulavam, agitados como debaixo de rajadas de vento, e pareciam quererem agarrar-se a qualquer coisa firme e segura.

O irmão mais velho de Bukine, um rapaz sólido, de rosto sem cor, gesticulava para todos os lados e demonstrava:

— O síndico do departamento nada tem a ver com este processo...

— Cala-te, Constantino! — persuadiu-o o pai, um velho pequeno, que olhava para todos os lados, desconfiado.

— Não, hei de dizê-lo. Dizem que o ano passado matou o empregado para se entender com a mulher dele. E agora vivem os dois. É possível entender isto? Além do mais, é um ladrão comprovado...

— Ó Santo Deus, Constantino!

— É verdade — disse Samoilov — é verdade! É um juiz que não é muito regular.

Bukine, que ouvira, aproximou-se rapidamente, levando outros com ele; vermelho de excitação, pôs-se a gritar, gesticulando:

— Para um roubo, um crime, há jurados para julgarem: pessoas vulgares, camponeses, artífices. E os que são contra o governo é o governo que os julga. Assim não está certo. Se tu me provocas e eu te dou um soco, és tu que me vais julgar, todos sabemos que sou eu o culpado, mas quem foi que começou, quem foi? Foste tu!

Um guarda idoso, de nariz curvo e o peito cheio de medalhas, desviou a multidão e disse a Bukine:

— Eh, não berres! Não estás numa taberna.

— Permita-me, cavalheiro... eu entendo. Escute: se eu lhe bater e for eu a julgá-lo, o que é que pensa?

— Vais ver, vou mas é pôr-te daqui para fora — disse o guarda, severamente.

— Para onde! Porquê?

— Para a rua. Para te ensinar a fazer barulho.

Bukine percorreu com o olhar os presentes e disse muito baixo:

— E depois, porque é que só admitem a família e não o público? Se o julgamento é feito com justiça, pode-se fazer perante toda a gente, nada se tem a temer.

Samoilov repetiu, desta feita, mais energicamente:

— Isso é um facto, o tribunal não satisfaz as consciências.

A mãe gostaria de lhes dizer o que tinha ouvido a Nicolau acerca da ilegalidade do julgamento, mas não entendera bem e esquecera algumas das palavras. Para tentar recordá-las, afastou-se das pessoas; viu um jovem de bigode claro, que a olhava. Trazia a mão direita enfiada no bolso das calças, o que fazia parecer o ombro esquerdo mais baixo, e esse pormenor pareceu-lhe familiar. Ele, porém, virou-lhe as costas; e preocupada com as suas recordações, esqueceu-o num instante.

Mas um momento depois apanhou uma pergunta dita a meia-voz:

— Aquela?

Alguém respondeu, alegremente:

— Sim.

Ela olhou. O homem do ombro torto virara-se para ela, e falava ao vizinho, um rapaz forte, de barba negra, de sobretudo pequeno e grandes botas. Avivou-se nela, de novo, uma lembrança inquieta, mas não lhe foi possível localizá-la. Tinha-a invadido um desejo imperioso de dizer às pessoas qual era o ideal do filho, queria ouvir as suas objeções e adivinhar através delas a decisão do tribunal.

— É então assim que se julga? — começou em voz baixa, dirigindo-se a Sizov. — Procuram saber o que cada um faz; porém, por que o fazem, não lhes interessa. E são todos velhos. Para se julgarem novos são precisos novos.

— Sim — disse Sizov. — É bem difícil para nós entendermos este processo.

Abanou a cabeça, pensativo.

O guarda abriu o portão, gritando:

— As pessoas da família... mostrem os bilhetes.

Uma voz aborrecida proferiu, lentamente:

— Bilhetes... como no circo.

Sentiam todos uma irritação surda, uma audácia confusa. Mostravam-se menos tímidos, retilavam com os contínuos, faziam barulho.

Sizov, a praguejar, sentou-se no banco.

— Que tens tu? — perguntou a mãe.

Ouviu-se uma campainha. Alguém anunciou, indiferente:

— O tribunal!

Levantaram-se todos como da primeira vez; os juízes entraram pela mesma ordem e instalaram-se. Os acusados foram introduzidos.

— Atenção — segredou Sizov. — Vai falar o procurador.

A mãe, esticando o pescoço, inclinou-se para a frente e ficou estática. De novo aguardava algo horrível.

Em pé, de cotovelo direito apoiado na secretária, a cabeça voltada para os juízes, o procurador suspirou e começou a falar, agitando no ar a mão direita com gestos sacudidos. A mãe não entendeu as primeiras frases. A voz era fácil, cheia, o ritmo desigual, ora lento ora rápido. As palavras alinhavam-se numa série monótona, como uma costura uniforme, e de repente voavam, apressavam-se, giravam como um grupo de moscas em volta de um monte de açúcar. Pelágia, no entanto, não via nelas nada de terrível nem de ameaçador. Gélidas como a neve, cinzentas como a cinza, vertiam-se, engrenavam-se, enchiam a sala de um aborrecimento árido como areia seca. Esse discurso avaro de sentimentos, abundante de palavras, decerto que não atingia Paulo e os camaradas, pois estes não se preocupavam nada, mostravam-se tão pacíficos como antes, a falar baixo, ora sorrindo francamente ora ocultando o sorriso sob um semblante carrancudo.

— Ele está a mentir — disse Sizov.

Pelágia não poderia dizer o mesmo. Escutava o procurador, percebia que ele acusava toda a gente sem exceção. Citando Paulo, punha-se a falar de Teo, que colocava no mesmo plano; em seguida juntava-lhes outros, insistentemente. Queria meter todos os acusados no mesmo saco, fechá-los, comprimindo-os uns contra os outros. Contudo, a aparência das palavras não contentava a mãe, não a tocava nem a atemorizava. No entanto, ela esperava a coisa terrível e

procurava desvendá-la no rosto, nos olhos do procurador, na mão branca que se movimentava no ar. Sim, ela estava lá, terrível; a mãe sentia-a, inacessível, sem possibilidade de definição, cerrando-lhe de novo o coração numa rede seca e rugosa.

Pelágia examinava os juízes. O discurso chateava-os terrivelmente. As caras cinzentas e amarelas, sem vida, não expressavam nada. As palavras do procurador espalhavam no ar um nevoeiro invisível, que se adensava à volta dos juízes, enlaçava-os numa nuvem ainda mais densa de indiferença e lassidão.

O presidente não se movia, olhava, qual múmia; as pequenas manchas cinzentas por detrás das lunetas desapareciam por momentos, fundiam-se com a face. E à frente dessa cadavérica passividade, dessa fria indiferença, a mãe perguntava, perplexa, a si própria: «Assim se faz um julgamento?»

Essa dúvida oprimia-lhe o coração, expulsava pouco a pouco o receio de algo apavorante que ela esperava, e uma sensação de humilhação tomava-lhe a garganta.

O procurador, bruscamente, interrompeu o monólogo, juntou-lhe alguns ruídos curtos e rápidos, dobrou-se diante dos juízes e sentou-se, friccionando as mãos. O oficial fez-lhe um sinal de cabeça, rolando os olhos, o administrador estendeu-lhe a mão, o síndico observou o ventre e sorriu.

Aparentemente, o discurso não alegrou os juízes, que não fizeram um só movimento.

— A palavra... — disse o velho, levando um papel aos olhos — ao defensor de Fedosseiev, Markov e Zaragov.

O advogado que a mãe vira um dia antes em casa de Nicolau levantou-se. No rosto largo e bonacheirão, os olhos pequenos sorriam, luminosos; parecia que, sob as sobranceiras louras, duas pontas, como de tesouras, saíam para cortar algo no ar. Iniciou a conversa devagar, com voz sonora e clara; porém, a mãe não podia ouvi-lo. Sizov cochichou ao ouvido:

— Ouviste o que ele disse? Percebeste? Diz que são uns extravagantes, uns desequilibrados. Então o Teodoro é isso?

Ela não respondeu, derrubada por uma decepção penosa. A

humilhação crescia, oprimia-lhe a alma. Agora entendia porque esperara a justiça, pensava assistir a uma discussão leal e severa entre o filho com a sua verdade e os juízes com a deles. Pensara que estes iriam interrogar longamente o filho, atentamente, em pormenor, estudariam toda a sua vida, examinariam com olhar lúcido pensamentos e ações, todas as suas ocupações. E quando tivessem obtido os dados bastantes, diriam altivamente, com toda a justiça:

— Este homem tem razão!

Mas nada disso acontecera. Os acusados pareciam estar a grande distância dos juízes, e estes não aqueciam nem arrefeciam os acusados. Cansada, a mãe deixou de se interessar pelos debates, deixou de ouvir. Pensava, ofendida: «É então assim que se julga?»

— É bem feito para eles — anuiu Sizov.

Falava agora um outro advogado, um homem pequeno, de fisionomia pontuda, amarelo e irónico; os juízes interrompiam-no.

O procurador sobressaltou-se; com voz breve e fúla, proferiu a palavra «processo»; em seguida, começou a falar o velho, pedindo-lhe para ter calma. O advogado ouviu-os com a cabeça inclinada, respeitosamente, e recomeçou a falar.

— Dá-lhes! Casca-lhes bem!

Na sala voltava a sentir-se a agitação, um alvoroço belicoso atravessava o público. O advogado espancava com palavras cáusticas a velha epiderme de juízes. Estes pareciam unir-se ainda mais, incharem e desincharem, a fim de reagirem aos sarcasmos ferinos do advogado.

Paulo pôs-se de pé e um silêncio inesperado reinou na sala. A mãe levou todo o corpo para a frente. Paulo iniciou, calmamente:

— Como sou homem de um partido, reconheço só o tribunal do meu partido e não falarei para me defender, mas para satisfazer o desejo dos meus camaradas, que não quiseram defensor. Quero tentar explicar-lhes o que os senhores não compreenderam. O procurador catalogou a nossa demonstração sob a bandeira da democracia socialista de revolta contra o poder supremo, e falou de nós insistentemente como de amotinados contra o czar. Devo informar que, para nós, a autocracia não é o único grilhão que tem o país nos seus ferros, ela é somente o primeiro elo, e o mais tangível, de que

devemos libertar o povo.

O silêncio impusera-se ainda mais, ao som desta voz firme que dava a impressão de afastar as paredes da sala, como se Paulo tivesse recuado para bem longe do auditório, crescendo ao mesmo tempo.

Os juizes moveram-se, pesados, inquietos. O oficial segredou qualquer coisa ao juiz da cara bonacheirona; este meneou a cabeça e passou ao velho, ao qual o juiz da cara de sofrimento falava ao ouvido, do outro lado. O velho, hesitando da esquerda para a direita da poltrona, disse qualquer coisa a Paulo, mas a voz perdeu-se no largo e uniforme curso da exposição deste.

— Somos socialistas! Isso quer dizer que somos inimigos da propriedade privada que separa os homens, que os arma uns contra os outros, origina uma rivalidade de interesses não conciliável, mente ao pretender ocultar ou justificar esse antagonismo e perverte todas as pessoas pela mentira, a hipocrisia e o ódio. Dizemos: uma sociedade para a qual o homem é um instrumento para se enriquecer é anti-humana, e é-nos hostil. Não nos é possível aceitar a sua moral hipócrita e falsa. O cinismo e a crueldade para com a pessoa humana repugna-nos. Queremos lutar e lutaremos contra todos os processos pelos quais se esmaga o homem em benefício da cupidez. Nós, operários, nós de cujo trabalho vem a criação de tudo, desde as gigantescas máquinas até ao simples brinquedo para crianças, nós a quem nos é vedado o direito de lutarmos pela nossa dignidade de homens, cada um se arroga o privilégio de nos transformar em instrumentos para atingir os seus fins. Pretendemos agora ter liberdade bastante para que nos seja possível, com o tempo, conquistar todo o poder. As nossas palavras de ordem são simples: «Abaixo a propriedade privada! Ao povo todos os meios de produção! Para o povo todo o poder! O trabalho obrigatório para todos!» Como podem observar, não somos amotinados.

— Peço-lhe que fale de factos — disse o presidente, com voz nítida e forte.

Voltava-se para Paulo e olhava-o; a mãe teve a impressão de que o olho esquerdo brilhava ávido e mau. E todos os juizes fixavam o rapaz, de maneira que pareciam os seus olhos colados ao rosto dele,

aderidos ao corpo a fim de lhes sugarem o sangue, para reanimar o seu organismo gasto. Ele, direito, permanecia firme e sólido, estendia o braço para eles e dizia, com voz nítida, sem se encolerizar:

— Somos revolucionários e sê-lo-emos enquanto uns apenas comandarem e outros mais não façam que trabalhar. Lutaremos contra a sociedade que vos ordenou que defendêsseis os seus interesses e dos quais somos adversários irredutíveis, assim como de vocês; a reconciliação entre nós só se fará quando formos vencedores. E nós, os operários, venceremos. Os vossos mandatários estão longe de serem fortes como creem. Os bens que acumulam e que defendem, sacrificando os milhões de seres que escravizaram, essa mesma forma que o poder lhes conferiu, provocam entre nós impulsos antagonistas e destroem-nos física e moralmente. A propriedade exige uma grande tensão para a sua defesa, e na verdade todos vós, os nossos patrões, vós sois mais escravos do que nós. São os vossos espíritos que são escravizados; nós somo-lo só nos nossos corpos. Não podeis libertar-vos do jugo das precauções e dos hábitos que vos aniquilam moralmente. A nós, nada nos impede de sermos interiormente livres. A nossa consciência forma-se cada dia mais, desenvolve-se sem parar, é cada vez mais ardente, e leva consigo tudo o que de melhor existe, de moralmente sadio, mesmo na vossa classe. Vejam: vocês não têm ninguém que possa combater ideologicamente em nome da vossa potência, esgotaram já todos os argumentos capazes de vos protegerem no assalto da justiça histórica. Não podeis criar nada de novo no domínio das ideias, sois intelectualmente estéreis. As nossas ideias desenvolvem-se, iluminam-se cada vez com maior claridade, apoderam-se das massas populares e organizam-nas para a luta pela liberdade. A consciência do grande papel da classe operária junta numa só alma a classe do proletariado de todo o mundo. É-vos absolutamente impossível travar o processo de renovação da vida, a não ser por meio da crueldade e do cinismo. Porém, o cinismo é patente e a crueldade irritante. Mãos que hoje nos estrangulam, amanhã apertarão as nossas num aperto fraternal. A vossa força é a energia mecânica do crescimento do ouro, é ela que vos une em grupos condenados a devorarem-se mutuamente. A nossa energia é a

força viva da consciência perante o crescimento da solidariedade entre todos os operários. Tudo o que fazeis é criminoso porque visa somente a servidão do homem; o nosso trabalho liberta o mundo de fantasmas e monstros engendrados pela vossa mentira, o vosso ódio, a vossa avidez, destinadas a assustar o povo. Vocês arrancaram o homem à vida e trituram-no; o socialismo une o mundo, por vós destruído, num todo grandioso, e isso far-se-á.

Paulo calou-se uns momentos e repetiu, com mais suavidade, mas mais forte:

— Far-se-á.

Os juízes segredavam entre si, com bizzarria nos gestos, sem desviarem de Paulo os olhos ávidos. Os acusados escutavam atentamente as palavras do camarada. O rosto deles empalidecera, os olhos brilhavam. A mãe devorava-lhe as palavras; gravavam-se-lhe na memória longos períodos. Por diversas vezes o velho cortou o discurso de Paulo, explicou-lhe não se percebeu o quê; teve mesmo um sorriso triste. Paulo ouvia-o sem dizer nada; em seguida, recomeçava com voz severa e tranquila, forçando a atenção dos juízes, subordinando a vontade deles à sua.

Por fim, o velho começou a gritar, estendendo a mão para Paulo. Em resposta, este proferiu com voz levemente irônica:

— Vou acabar. Não é minha intenção ofendê-lo pessoalmente, pelo contrário; forçado a assistir a esta farsa a que deram o nome de julgamento, quase que sinto compaixão de si. Além de tudo, vós sois homens e é-nos penoso ver pessoas, se bem que hostis aos nossos objetivos, rebaixarem-se tão vilmente ao serviço da força, perderem até este ponto a consciência da dignidade de homens.

Sentou-se sem olhar para os juízes. A mãe, contendo a respiração, ficou suspensa das palavras deles.

André, feliz, apertou com energia a mão de Paulo; Samoilov, Mazine e todos os outros fizeram o mesmo. Ele sorria, confuso pelo entusiasmo dos camaradas; olhou para o banco onde se sentava a mãe, fez-lhe um sinal de cabeça, como que perguntando:

— É assim ou não?

Invadida por uma vaga de ternura ardente, respondeu-lhe com

um suspiro de alegria.

— Até que enfim que começou o julgamento! — murmurou Sizov. — Ele arranhou-os bem, hem?

Acenou a cabeça, sem responder, feliz por o filho ter falado com tanta audácia, talvez mais feliz ainda por ele ter acabado.

Uma pergunta martelava-lhe no cérebro:

— E agora, que lhe irá suceder?

O que o filho dissera não era novidade para ela. Conhecia as ideias dele; sentindo no entanto, agora perante o tribunal, a enormidade estranha e fascinante da sua fé. A tranquilidade de Paulo tinha-a tocado, e o discurso dele alojara-se-lhe no peito num molho de luzes que a confirmavam no seu bom direito e na sua vitória. Ela esperava que desta vez os juízes discutissem com ele ferozmente, replicassem com cólera, opusessem a verdade deles. Porém, André ergueu-se, balouçou-se, atirou um olhar ao tribunal.

— Senhores defensores — iniciou ele.

— É o tribunal que está à sua frente e não a defesa — gritou-lhe o juiz da cara doente, irritado.

A mãe percebeu no rosto de André que ele queria ironizar; o bigode tremia, no olhar brilhava uma carícia felina e manhosa que ela bem conhecia. Esfregou com vigor a cabeça e suspirou:

— É possível? — disse ele, abanando a cabeça. — Eu julgava que os senhores não eram juízes, mas sim defensores...

— Peço-lhe que fale do assunto central do processo.

— Central? Bem! Eu creio que os senhores são na verdade juízes, homens independentes, honestos...

— O tribunal não precisa da sua apreciação.

— Não necessita? Hum!... Contudo, vou prosseguir... Os senhores são indivíduos para os quais não existem amigos nem rivais, são homens livres. Portanto, os senhores têm perante vocês dois partidos; um queixa-se: «Ele roubou-me e partiu-me a cara.» E o outro diz: «Tenho o direito de o roubar e de lhe bater porque tenho uma espingarda...»

— Tem alguma coisa a dizer acerca do processo? — perguntou o velho, elevando a voz.

A mãe tremia-lhe, e a mãe ficava contente por ver que ele se zangava. Porém, o procedimento de André não lhe agradava, não se encontrava na tónica do discurso de Paulo. Pelágia preferia uma discussão séria e cerrada.

O pequeno-russo olhou para o velho sem dizer nada; em seguida disse com gravidade, coçando a cabeça:

— Sobre o processo? Para quê falar do processo? O que vós devíeis saber já o meu camarada disse. O que falta, outros o dirão quando chegar a altura...

O velho levantou-se e disse:

— Retiro-lhe a palavra... Gregório Samoilov.

Com os lábios fechados, indiferente, André sentou-se no banco. A seu lado, Samoilov ergueu-se; os cabelos ondulados agitaram-se.

— O procurador apelidou-nos de selvagens, inimigos da cultura...

— Deve limitar-se a falar do que diz respeito ao seu processo.

— É o que estou a fazer... Não há nada que não ligue com as pessoas honestas. E peço-lhe que não me interrompa. Qual é o grau da vossa cultura?

— Não estamos aqui a fazer colóquio. Limite-se ao processo — disse o velho.

A atitude de André tinha alterado manifestamente o estado de espírito dos juízes, havia como que apagado algo neles; o discurso de Paulo irritara-os, mas a sua força tinha-lhes contido a cólera, imposto respeito. O pequeno-russo havia libertado essa sujeição e revelado sem custo o que ela dissimulava. Cochichavam entre si, as expressões crispavam-se com esgares estranhos e os gestos tornaram-se precipitados em demasia para as suas dignidades de juízes.

— Vós domesticais espiões, abusais das mulheres e das raparigas, converteis o homem num ladrão e num assassino, envenenai-lo com aguardente... os massacres mundiais, a mentira universal, o aviltamento e o embrutecimento de todo o povo, eis a vossa cultura. Sim, nós somos os inimigos dessa cultura.

— Peço-lhe... — gritou o velho com o queixo a tremer.

Contudo, Samoilov, vermelho, de olhos brilhantes, elevava a sua voz ao mesmo tempo:

— Respeitamos e amamos a nossa cultura, a que vós deixais apodrecer na prisão, os seus criadores, que vós levais à loucura...

— Retiro-lhe a palavra. Teodoro Mazine.

O pequeno Mazine apareceu como um rato e disse, exaltado:

— Eu... eu juro-o. Eu sei-o: vocês já me condenaram.

Engasgou-se, empalideceu. No seu rosto, apenas os olhos eram visíveis. Com o braço estendido, gritou:

— Dou-vos a minha palavra de honra. Mandem-me para onde quiserem, fugirei, voltarei sempre a trabalhar por esta causa... toda a minha vida. Palavra de honra.

Sizov tossiu ruidosamente, agitou-se. E todos os presentes, agitados por uma onda de excitação sempre crescente, trovejava como um rumor estranho. Uma mulher chorava, alguém tossia e asfixiava. Os polícias observavam os acusados, espantados, e o público com fúria. Os juízes inclinavam-se para a esquerda e para a direita; o velho gritou, com voz aflautada:

— João Gussev.

— Não tenho nada a dizer.

— Basílio Gussev.

— Não falarei.

— Teodoro Bukine.

O rapaz de cabelos louros levantou-se pesadamente e disse, devagar:

— Deviam sentir-se envergonhados. Sou um homem inculto, mas sei distinguir a justiça.

Levantara o braço acima da cabeça. Calara-se, semicerrando os olhos, como se tomasse atenção a algo que vinha de longe.

— Que aconteceu? — quis saber o velho numa mistura de espanto e cólera, encostando-se às costas da cadeira.

— Bem, quero que...

Em seguida, deixou-se cair no banco, com o rosto sombrio. As suas palavras eram possuidoras de algo de grande e belo, ao mesmo tempo que censuravam triste e ingenuamente. Todos os que o ouviram sentiram isso, os próprios juízes deram atenção, como se aguardassem um eco, um eco mais nítido do que as suas palavras. Na assistência, tudo ficou imóvel, ouvindo-se somente um ruído de espanto. Em seguida, o procurador encolheu os ombros, sorriu com astúcia, o oficial tossiu ruidosamente e os segredos aumentaram de novo, a animação conquistou pouco a pouco toda a sala.

A mãe perguntou a Sizov:

— Vão falar os juízes?

— Não, isto já terminou... só falta dar a sentença.

— Mais nada?

— Não, mais nada.

Ela não podia crer... A mãe do Samoilov movia-se no banco, inquieta, tocando em Pelágia com o ombro e o cotovelo. Em voz baixa perguntou ao marido:

— Então? É possível?

— Bem vês que sim.

— Mas então o nosso Gregório?

— Deixa-me em paz.

Notava-se que algo se tinha transformado entre os assistentes, sentiam-se aniquilados, algo havia partido, via-se nos seus rostos a perplexidade, todos pestanejavam como que cegos por uma luz intensa, de contornos indecisos, incompreensível, mas geradora de grande força. E não compreendendo esse sentimento de algo tão enorme que lhes surgia, as pessoas atarefavam-se a prodigalizá-lo em pequenas impressões, concretamente.

O irmão do Bukine dizia a meia-voz, sem se preocupar:

— Digam-me só... Porque é que não querem que eles falem? O procurador pode dizer tudo o que quer, durante o tempo que lhe apetecer.

Junto do banco estava um contínuo que dizia, agitando a mão:

— Calma, calma!

O pai do Samoilov dobrou-se para trás e refilou nas costas da mulher:

— É evidente que eles são culpados. Aceitemos. Mas que os deixem expor o ponto de vista deles. Levantaram-se contra quem? Eu gostaria de compreender. Isso também me interessa...

— Bico calado! — ordenou-lhe o contínuo, com o dedo.

Sizov meneou a cabeça com ar sombrio.

A mãe não deixava de fitar os juízes. Notava-lhes uma crescente irritação, um sem-número de palavras indistintas, inconciliáveis. O som das suas vozes, pérfido, gélido, tocava-lhe o rosto, e perante esse

contacto ela tremia, ficava com um gosto amargo na boca. Tinha a sensação de que todos falavam no corpo do filho e no dos camaradas, dos músculos e da vivacidade repleta de sangue quente e ardente dessa mocidade cheia de vida e força. Esses corpos despertavam neles a inveja cheia de maldade dos farrapeiros, a absorvente avidez do esgotado e do doente. Davam estalidos com os lábios e lamentavam a perda desses músculos, capazes de trabalhar e produzir riqueza, de criar e gozar. Agora os corpos daqueles velhos deixavam a vida ativa, renunciavam, levavam consigo a grande possibilidade de serem donos dela, de gozarem da sua força, de a devorarem. Por essa razão, aqueles jovens suscitavam nos velhos juízes a animosidade vingativa e desanimada da fera enfraquecida que vê carne mais fresca mas que já não tem a força de a conquistar, não consegue já encher-se com o vigor alheio e ruge dolorosamente, uiva desesperada, vendo escapar-lhe a presa, a fonte do seu apaziguamento.

Quanto maior atenção a mãe prestava aos juízes, mais este pensamento, primário e estranho, se formava com maior nitidez. Sentia a impressão de que eles não disfarçavam essa rapacidade e raiva impotente de esganados, capazes de noutros tempos tudo devorarem. Ela, a mulher, a mãe para quem o corpo do filho fora sempre, e apesar de tudo, mais querido do que aquilo a que se dá o nome de alma, estava apavorada de ver aqueles olhos mortiços rastejarem no rosto dele, palpar-lhe o peito, os ombros, as mãos, roçar-lhe a pele quente como que na busca incessante da possibilidade de inflamarem, de aquecerem o sangue das veias endurecidas, dos músculos gastos dos homens semimortos, reanimados um pouco pelo desejo daquela vida jovem que deviam condenar, e quererem-se mal a si mesmos. Pelágia tinha a sensação de que o filho sentia aquele tatear húmido, desagradável, e que olhava trémulo.

Paulo olhava a mãe com olhar cansado, calmo e afetuoso. Algumas vezes acenava-lhe com a cabeça e sorria-lhe.

— Dentro de pouco tempo estarei em liberdade — dizia esse sorriso que tinha o fim de acariciar o coração da mãe.

Inesperadamente, os juízes ergueram-se todos ao mesmo tempo. A mãe, instintivamente, seguiu-lhes o movimento.

— Vão sair — disse Sizov.

— Para a sentença?

— Sim...

Repentinamente, a tensão dissipou-se. Uma lassidão derrotadora apossava-se de todo o corpo, a sobrelha tremia-lhe e o suor gotejava-lhe na fronte. Uma sensação de desencanto e de humilhação brotou-lhe no coração, transformando-se imediatamente num desprezo impossível de suportar, pelos juizes e pelo julgamento que fizeram. Uma dor tomou-lhe toda a testa, levou a mão à cabeça e olhou à sua volta. Os familiares dos acusados aproximavam-se da grade, a sala enchera-se de ruídos. Foi também até junto do filho, tomou-lhe a mão e rebentou em lágrimas, cheia de humilhação e felicidade, perdida num caos de sentimentos contraditórios. Paulo falou-lhe carinhosamente, o pequeno-russo brincava e ria.

Todas as mulheres choravam, algumas mais por hábito que por desgosto. Não era a dor que enlouquece com um estúpido golpe, brutal e inesperado, acertando na cabeça, era a triste consciência de terem de separar-se dos filhos; porém, essa mesma consciência dispersava-se nas impressões que aquele dia tinha feito nascer. Os pais viam os filhos com um sentimento perturbado, onde a desconfiança que a juventude lhes inspirava, o costume da sua superioridade se misturavam com estranheza a um tipo de respeito; indagavam a si mesmos, tristemente, como iam viver agora, e esse pensamento importuno esbarrava contra a curiosidade provocada por esses jovens que falavam com audácia, e sem medo, da possibilidade de outra vida, de uma vida melhor. Um tanto incapazes de expressarem esses sentimentos, manifestavam-se com um rio de palavras, falando só de coisas simples; a roupa, a necessidade de comer, de se manter em boas condições de saúde...

O mais velho dos Bukine exortava o mais novo com gestos largos:

— A justiça é isto, mais nada!

O outro respondia:

— Não fiques preocupado.

Sizov tomava a mão do sobrinho, falava-lhe devagar:

— Então, vais partir...

Teo dobrou-se e segredou-lhe qualquer coisa, sorrindo com astúcia. O soldado de guarda, ao lado deles, sorriu, contudo retomou de imediato o seu ar severo e tossiu. Assim como os outros, a mãe falava com Paulo de coisas sem interesse, da roupa, da saúde, ao mesmo tempo que as perguntas se acumulavam no coração, referentes a Sandrina, a ele, a ela também. Todavia, em todas as palavras nascia o sentimento do seu desejo intenso de agradar ao filho, de se sentir próximo do seu coração. A espera da coisa terrível tinha-se desvanecido, deixando somente atrás de si um arrepio desagradável ao pensamento sombrio, sempre latente, dos juizes. Ela sentia crescer em si uma alegria cheia de luz que não entendia e que a perturbava. Viu que o pequeno-russo falava com outras pessoas; compreendendo que ele necessitava mais de conforto do que Paulo, disse-lhe:

— Este julgamento desgostou-me.

— Porquê, mãe? — quis ele saber, a sorrir. — É um moinho velho, mas ainda mói.

— Não é temível... não se entende... Onde está a justiça? — perguntou, hesitante.

— Oh, oh, era isso que pretendia? Crê que eles buscam a verdade?

Pelágia suspirou, sorriu depois.

— Eu julgava... que iria ser terrível...

— O tribunal!

Todos correram para os seus lugares.

Com a mão sobre a mesa, o presidente ocultou a cara atrás de um papel e começou a ler com voz fraca.

— Vai ser lida a sentença... — disse Sizov, tomando atenção.

Reinava o silêncio. Toda a gente se tinha posto de pé, com os olhos fixos no velho. Pequeno, seco, direito, dava a ideia de ser um cajado sustentado por mão invisível. Os juizes puseram-se de pé, também; o síndico, com a cabeça caída para o ombro, olhava para o ar; o administrador cruzava os braços; o oficial afagava a barba; o juiz de semblante doentio, o seu colega gordo e o procurador olhavam para os réus. E atrás dos juizes, sobre a cabeça deles, o czar observava,

de uniforme vermelho, com um rosto branco, indiferente, em cima do qual voava um inseto.

— A deportação — disse Sizov, com um suspiro de alívio. — Enfim, já tudo acabou. Ainda bem, pois constava-se que seriam trabalhos forçados. Então, Pelágia? Isto não é nada.

— Eu já sabia — disse ela com lassidão.

— Contudo, agora é de certeza... E quem poderia saber?

Virou-se para os condenados, que começavam a sair, e disse em voz alta:

— Até à vista, Teo. Adeus a todos. Deus vos proteja.

A mãe, calada, acenou com a cabeça para o filho e aos camaradas. Teve vontade de chorar, mas envergonhou-se das lágrimas.

Quando saiu do tribunal, ficou admirada ao ver que anoitecera. Os candeeiros da cidade estavam acesos e havia estrelas no céu. Perto do Palácio da Justiça, as pessoas formavam pequenos grupos; o ar era frio, a neve estalava sob os passos, ouviam-se vozes jovens que se interrompiam mutuamente. Um homem com a cabeça coberta de cinzento aproximou-se de Sizov e perguntou:

— Qual foi a sentença?

— A deportação.

— Sem exceção?

— Sim, foi para todos.

— Está bem, obrigado.

O homem foi-se embora.

— Vês? — disse Sizov. — O caso interessa...

De súbito, um bando de rapazes e raparigas acercaram-se deles e bradaram exclamações, despertando a atenção de outras pessoas. Sizov e a mãe pararam. Todos queriam saber o resultado do julgamento, saber como reagiram os condenados, quem tinha discursado e qual o assunto. Em todas as perguntas havia o mesmo grau de curiosidade, sedenta, sincera e ardente, que apetecia satisfazer.

— Senhores, esta senhora é a mãe do Paulo Vlassov! — anunciou alguém.

Fez-se silêncio imediato.

— Permita-me que lhe aperte a mão.

Uma mão cheia de energia apertou a mão de Pelágia. Emocionado, continuou:

— O seu filho será um exemplo de coragem para nós todos.

Um grito sonoro tomou forma.

— Viva o operariado russo!

Os brados multiplicavam-se, aumentavam, rebentavam aqui e ali. As pessoas surgiam de todos os lados, apertavam-se à roda da mãe e de Sizov. Os apitos da polícia rasgaram o ar, sem no entanto

conseguirem abafar os gritos. Sizov ria; para a mãe, tudo aquilo não passava de um belo sonho. Sorria, apertava as mãos, cumprimentava; lágrimas de felicidade embargavam-lhe a voz, as pernas tremiam de cansaço; porém, o coração, pleno de uma alegria absorvente, refletia as emoções como um espelho de um lago de águas límpidas. Junto dela, uma voz dizia, muito nervosamente:

— Camaradas, o monstro que devora o povo russo hoje, satisfaz o seu apetite ávido, insaciável...

— Pelágia, vamo-nos embora — pediu Sizov.

Nesse instante apareceu Sandrina. Apressada, agarrou o braço da mãe e levou-a para o outro lado do passeio.

— Venha... A polícia vai espancar ou fazer prisões.

— Sibéria... a deportação?

— Sim, sim.

— E como falou ele? Bom, eu sei... foi mais forte e simples do que os outros... porém, mais severo, também. É sensível, terno... mas envergonha-se de mostrar os sentimentos.

O calor daquelas palavras, as palavras do seu amor, acalmaram a emoção da mãe, devolveram-lhe as forças que começavam a faltar-lhe.

— Quando é que vai ter com ele? — perguntou a mãe ternamente.

Com o olhar fixo diante de si, segura, respondeu:

— Assim que encontre quem me substitua. Para mais, também serei condenada, e possivelmente vão mandar-me também para a Sibéria... Pedirei que me exilem na terra onde ele estiver.

Sizov, que vinha atrás das duas mulheres, disse:

— Cumprimente-o da minha parte. Chamo-me Sizov. Paulo conhece-me. Teo Mazine é meu sobrinho.

Sandrina virou-se e apertou-lhe a mão.

— Sou amiga do Mazine. Meu nome é Sandrina.

— E o nome do pai?

— Não tenho pai.

— Morreu?

— Não, é vivo — disse, animada, e uma espécie de obstinação involuntária soou-lhe na voz. — Meu pai é proprietário rural, foi

nomeado chefe do distrito, rouba os camponeses...

— Ah, então é por isso!— comentou o velho, acabrunhado.

Após um breve silêncio, examinando a rapariga, acrescentou:

— Bem, Pelágia, até outro dia! Vou pela rua à esquerda. Adeus, menina... É muito severa com o seu pai. É evidente que não me diz respeito...

— Se o senhor tivesse um filho que fosse um malandro, prejudicasse as pessoas e que o detestasse, di-lo-ia? — perguntou Sandrina.

— Bom... decerto que sim... — respondeu, depois de hesitar um pouco.

— Nesse caso a verdade era-lhe mais querida do que o seu filho. Pois para mim o meu pai é-me menos querido do que ela.

O velho sorriu, abanando a cabeça, e disse num suspiro:

— Sabe responder. Não lhe daria luta por muito tempo... Você é forte, sabe pôr os velhos no lugar... Adeus e boa sorte. E seja um pouco mais indulgente com as pessoas, hem! Adeus Nilovna. Se vires o Paulo, diz-lhe que o ouvi. Não entendi tudo, meteu-me até medo por momentos, mas o que disse é a verdade, diz-lho.

Tirou o boné e, sem pressa, passou a esquina para a outra rua.

— Parece bom sujeito — observou Sandrina, seguindo-o com o olhar, sorrindo.

A mãe achou a rapariga com uma expressão mais doce, melhor do que habitualmente.

Chegadas a casa, sentaram-se no canapé, agarradas uma à outra. Descansando, calma, Pelágia voltou a falar dos planos de Sandrina. Com a testa enrugada, esta olhava algures com os grandes olhos sonhadores, e o rosto pálido refletia uma contemplação sossegada.

— Mais tarde, quando já tiverem filhos, juntar-me-ei a vocês para tratar deles. Decerto que lá não se vive pior do que aqui. O Paulo encontrará trabalho, tem umas mãos de ouro.

Sandrina enlaçou a mãe num olhar perscrutador.

— Não sente o desejo de o seguir já?

Pelágia suspirou:

— Não serviria de nada. Apenas lhe iria complicar a vida, se ele

quisesse fugir. E é possível que não concordasse.

A pequena acenou com a cabeça.

— Não, não iria aceitar.

— Além do mais, eu também tenho que fazer aqui — continuou, com uma ponta de orgulho.

— Sim — disse a rapariga, pensativa. — E ainda bem...

Estremeceu de súbito como se se soltasse de um grande peso. Depois, com simplicidade, disse:

— Ele não vai fixar-se lá. Certamente que se evade.

— Então, e a Sandrina? E a criança, se a houver?

— Logo veremos. O Paulo não se vai preocupar comigo e eu não quero ser um obstáculo para ele. Será difícil separar-me, mas decerto que me arranjarei... Não o maçarei... não.

A mãe sabia que Sandrina era capaz de fazer o que dizia. Sentiu pena dela e abraçou-a.

— Minha querida... Não vai ser fácil.

A jovem sorriu, apertou-se contra a mãe com todo o corpo.

Nicolau voltou, fatigado, e disse, precipitadamente, ao mesmo tempo que despia o casaco:

— Sandrina, vá-se embora enquanto é tempo. Seguem-me desde manhã dois espões, e tão descaradamente que me cheira a prisão. Pressinto isso. Deve ter havido azar em qualquer lado... A propósito, tenho aqui o discurso de Paulo. Decidimos imprimi-lo. Leve-o à Ludmila, rogue-lhe que o faça bastante urgentemente. O Paulo falou bem, Nilovna. Tome atenção aos espões, Sandrina.

Falava e friccionava as mãos frias. Em seguida foi à mesa, abriu as gavetas e tirou todos os papéis, rasgando uns e pondo outros de lado, nervoso, inquieto.

— Há tão pouco tempo que limpei isto e vejam o que já aqui se juntou. Raio. Nilovna, é preferível não dormir aqui, está bem? É aborrecido assistir à comédia, e depois podem levá-la também. É preciso que esteja livre para ajudar a distribuir o discurso do Paulo, de forma a que apareça em todo o lado.

— Ora! Por que me hão de prender?

Nicolau respondeu, firme, agitando a mão à frente da cara:

— Tenho faro... E além disso pode colaborar com a Ludmila. Vá então antes de cair na boca do lobo.

Radiante com a ideia de cooperação na impressão do discurso de Paulo, respondeu:

— Se é como diz, vou já.

E, espantada consigo mesma, prosseguiu com segurança, mas em voz baixa:

— Agora já não receio nada, graças a Deus.

— Ótimo! — Nicolau, sem a olhar, disse-lhe: — Ah, diga-me onde pôs a minha roupa e a mala. Durante todo este tempo encerrou tudo nas suas mãos vorazes, e eu não sou senhor de dispor das minhas coisas livremente.

Sandrina, calada, queimava no fogão os papéis rasgados. Depois de consumidos, misturou-os com a cinza do carvão.

— Sandrina, não se demore — disse Nicolau, estendendo-lhe a mão. — Até à vista. Mande-me livros, se sair algum com interesse. Não esqueça. Adeus, querida camarada. Seja prudente.

— Pensa que vai ficar muito tempo? — perguntou a jovem.

— Só o diabo o sabe. Bastante tempo, não duvido... Têm muita coisa a criticar-me. Nilovna, saiam juntas, é melhor. Há mais dificuldade em seguir duas pessoas, como sabem.

— Vou-me arranjar, então.

Examinava o rapaz atentamente, mas, excetuando a preocupação que transparecia no seu rosto, nada mais se notava. Não via naquele homem, que lhe era mais querido que os outros, uma ponta de nervosismo supérfluo ou sinal de comoção. Da mesma maneira atencioso com todos, afetuoso e simpático, sempre solitário e calmo, procedia com os amigos como anteriormente, vivendo uma vida íntima misteriosa e avançada em relação aos outros. Todavia, Pelágia sabia que ele soubera colocar-se ao seu alcance melhor que todos, e queria-lhe com um amor prudente, que parecia duvidar de si mesmo. Sentia naquele momento uma piedade infinita por ele; dominava-a, no entanto, sabendo que, se a mostrasse, Nicolau perderia a calma, perturbar-se-ia, ficaria um pouco ridículo, como habitualmente, e ela não o queria ver assim.

Voltou à sala. Ele apertava a mão de Sandrina.

— Magnífico. Estou certo de que será muito bom para ele e para si. Um raio de felicidade pessoal não faz mal a ninguém. Está pronta, Nilovna?

Foi junto dela, sorrindo e compondo os óculos.

— Bem, até à próxima... Dentro de três, quatro... ou seis meses, digamos seis meses... É demasiado, na vida... Tenham cuidado, peço-lhes! Vá... um abraço!

Esguio, enlaçou Pelágia pelo pescoço, olhou-a nos olhos e disse, rindo:

— Dir-se-ia que estou apaixonado por si. Abraço-a a cada instante!

Em silêncio, beijou-o nas faces, na testa, e as mãos tremiam-lhe. Fê-las cair para que ele não reparasse.

— Tenha cuidado. Olhe, mande aqui um rapaz, amanhã de manhã; a Ludmila tem lá um bastante esperto, ele que venha ver. Agora até à vista, camaradas. Oxalá que tudo corra bem.

Na rua, Sandrina disse ternamente:

— Se for preciso, irá mesmo para a morte com a mesma simplicidade, apressando-se um pouco, como agora fez. E quando a morte chegar, arranjará os óculos, dirá: «Magnífico.» E morrerá.

— Estimo-o bastante — murmurou a mãe.

— Eu também o estimo, mas acima de tudo ele espanta-me. A minha estima tem reservas... é um pouco seco, embora seja muito bom, e até algumas vezes terno... mas é pouco humano... Creio que nos seguem... Vamo-nos separar. E se vir que continuam a segui-la, não vá a casa da Ludmila.

— Eu sei — disse a mãe.

Sandrina insistiu:

— Não vá lá. Venha antes a minha casa. Até já.

Virou-se rapidamente e pôs-se a andar em sentido contrário.

Passados alguns minutos, Pelágia aquecia-se junto do fogão no quartinho de Ludmila. Envergando um vestido preto, apertado com um cinto de couro, esta andava de um lado para o outro, devagar, enchendo o aposento com o roçar da saia e as inflexões da sua voz autoritária. O fogo crepitava e a chaminé assobiava, aspirando o ar do quarto. A voz igual da mulher ecoava.

— As pessoas são muito mais estúpidas do que nós. Só conseguem ver o que está perto delas, ao alcance imediato. Ora tudo o que se situa próximo é mesquinho, o que tem valor está afastado. Toda a gente lucraria, é certo, e seria muito mais agradável, se a vida fosse facilitada e as pessoas mais sensatas. No entanto, para alcançar isso é necessário renunciar, para já, à tranquilidade.

De repente, parou diante da mãe e disse baixinho, como que a desculpar-se:

— Contacto muito pouco, e quando vem alguém começo a conversar. É ridículo.

— Porquê? — replicou a mãe, que tentava descobrir onde é que ela ia imprimir as brochuras, não vendo nada de extraordinário ali.

Na sala, que tinha três janelas viradas para a rua, havia um canapé e uma prateleira, uma mesa, cadeiras, uma cama encostada à parede, e ao lado um lavatório fazendo canto; no outro, um fogão e vários retratos nas paredes. Era tudo novo, limpo e sólido, e o perfil monacal da anfitriã emprestava a tudo aquilo uma sombra fria. Sentia-se algo de oculto, misterioso, mas não se distinguia onde. A mãe examinou as portas; entrara por uma que dava para o vestíbulo; a outra, comprida e estreita, ficava junto do fogão.

— Vim para um caso — disse ela, um pouco constrangida, vendo que a mulher a olhava.

— Eu sei. Ninguém vem a minha casa com outro fim.

Pelágia percebeu um tom estranho na voz dela, e olhou-a. Um sorriso surgia nos cantos dos lábios finos, os olhos baços brilhavam semicultos pelos óculos. Pelágia desviou o olhar e passou-lhe o

discurso do filho.

— Pedem-lhe que imprima isso o mais breve possível.

E passou a descrever-lhe os preparativos de Nicolau, perante a expectativa da prisão.

Calada, Ludmila pôs o papel no cinto e sentou-se numa cadeira; o reflexo vermelho do fogo refletiu-se-lhe nas lentes, um sorriso quente brincou-lhe no rosto impassível.

— Quando vierem aqui, acolhê-los-ei a tiro... — disse, convicta, depois de ter escutado a mãe. — Assiste-me o direito de me defender contra a violência e devo lutar contra ela, se apelo a que outros o façam.

Os reflexos das chamas escaparam-se-lhe do rosto, que voltou a ser austero e um tudo nada altivo.

«A tua vida é difícil», pensou a mãe, afetuosamente.

Ludmila começou a ler o discurso de Paulo, primeiro contrariada. Depois, dobrando-se cada vez mais para as folhas, punha de lado, com vivacidade, as que já tinha lido. Acabada a leitura, endireitou-se, aproximou-se da mãe:

— É muito bom!

Baixou a cabeça, por momentos, meditando.

— Não queria falar consigo sobre o seu filho. Não o conheço e não gosto de conversas tristes. Sei o que custa ver partir um dos nossos para a deportação. No entanto, queria perguntar-lhe: é bom ter um filho como ele?

— Sim, é bom — respondeu a mãe.

— E também... é horrível, não?

Pelágia sorriu.

— Não... agora já não.

Ludmila compôs o cabelo liso com a sua mão morena e virou-se para a janela. Uma sombra leve, quem sabe?, talvez a de um sorriso contido, palpitava-lhe nas faces.

— Vou lançar-me imediatamente ao trabalho. Deite-se; teve um dia bem penoso e está fatigada. Durma aqui na cama. Eu não vou dormir, e é possível que acorde de noite para que me ajude... Antes de se deixar dormir, apague a luz.

Deitou mais duas achas no lume, empertigou-se e saiu pela porta estreita do fogão, fechando-a cuidadosamente atrás de si. Pelágia seguia-a com os olhos e despiu-se pensando nela.

«Ela tem um desgosto...»

O cansaço entontecera-a; porém, interiormente, sentia uma calma estranha e tudo a seus olhos se iluminava com uma luz repousante e suave, que enchia o coração. Essa quietude, que sucedia normalmente às emoções, era já sua conhecida; outrora, afligia-se com isso; agora, alargava-lhe a alma, revigorava-a com um sentimento novo, grande e forte. Apagou a luz, deitou-se na cama fria, ajeitou-se debaixo da roupa, adormeceu logo num sono profundo.

Quando despertou, o quarto estava inundado de reflexos brancos e gelados, de um dia claro de inverno. Estendida no canapé, com um livro na mão, Ludmila olhava para a mãe com um sorriso que esta não conhecia.

— Ó meu Deus — exclamou Pelágia, inquieta — então eu dormi este tempo todo?

— Bons dias — saudou a outra. — São quase dez horas. Vamos tomar chá?

— Mas porque não me chamou?

— Vim fazê-lo... Todavia, dormia tão bem, com um sorriso... que não me atrevi.

Com um movimento flexível de todo o corpo, levantou-se, foi junto da cama, dobrou-se para a mãe, e esta viu-lhe nos olhos mate algo de familiar, de próximo, de compreensivo.

— Tive pena de a acordar... Talvez estivesse a sonhar...

— Não sonhei nada.

— Bom... Não tem importância. O seu sorriso agradou-me; tão calmo... tão bom e aberto.

Ludmila riu-se com um sorriso surdo, aveludado.

— Pus-me a pensar em si... A sua vida é penosa?

Calou-se, a testa enrugada, refletindo.

— É certo que ela é difícil — disse a mulher.

— Já nem sei — respondeu a mãe, hesitante. — Às vezes julgo que sim. Existem tantas coisas... é tudo tão sério, espantoso, tudo

acontece rapidamente, veloz...

A onda de emoção, que muito bem conhecia, invadia-lhe o coração e trazia-lhe imagens e pensamentos. Sentou-se na cama, e atarefou-se a dar corpo aos seus pensamentos.

— Vai e vem, o resultado é sempre igual... Quantas coisas penosas... se soubesse! As pessoas sofrem, sovam-nos cruelmente; e tantas são as alegrias que lhes são proibidas... é bem duro para elas.

Ludmila ergueu a cabeça e envolveu a mãe num olhar profundo:

— Não é por si que fala!

A mãe olhou-a, pôs-se de pé e começou a vestir-se.

— Como é possível que fiquemos afastados, quando se ama um, o outro nos é querido, se teme por todos, e se tem pena?... Tudo isso nos toca no coração... Poder-se-á ficar à margem?

Semivestida, parou um instante no meio do quarto, pensativa. Pareceu-lhe que não era a mesma, que antes se tinha alarmado com o filho, que apenas se preocupava em o conservar são e salvo. A Pelágia desse tempo já não existia, tinha-se separado, partira para longe, algures, ou talvez se tivesse consumido no fogo das emoções, e a sua alma encontrava-se aligeirada, purificada, uma outra força lhe regenerava o coração. Ouvia-se a si própria, na ânsia de descobrir o que ali se passava, e receando acordar as angústias antigas.

— Qual o seu pensamento? — quis saber Ludmila, juntando-se a ela, com afeto.

— Não sei.

Emudeceram, olharam-se e sorriram; em seguida, Ludmila saiu, dizendo:

— Vou preparar o samovar.

A mãe olhou pela janela. Na rua reinava o frio num dia radioso. O coração dela estava claro, também, mas quente. Sentia vontade de falar de tudo, demoradamente; com um vago sentimento de reconhecimento por um desconhecido, por tudo o que havia descido à sua alma e a iluminava com uma luz púrpura que precede os ocasos. Tinha desejo de rezar, o que há longo tempo não lhe acontecia. Evocou um rosto jovem, uma voz sonora, que gritou: «É a mãe do Paulo Vlassov.» Os olhos de Sandrina brilharam suaves e ternos, a

silhueta de Rybine levantou-se, o rosto bronzeado e firme do Paulo sorriu, Nicolau pestanejou, atrapalhado. Inesperadamente, todas as imagens bailaram num sopro profundo, leve, misturaram-se, confundiram-se numa nuvem translúcida e de cores variadas, que banhava todos os pensamentos com uma sensação de paz.

— Nicolau estava certo — disse Ludmila, voltando à sala. — Foi preso. Conforme me disse, mandei lá ver. A polícia ainda não tinha saído. Havia um que se escondera atrás do portal e os bufos rondavam por ali; o rapaz conhecia-os.

— Ah! — exclamou a mãe, acenando com a cabeça. — Pobre Nicolau.

Suspirou, sem desgosto, o que a admirou um pouco.

— Nestes últimos tempos, o Nicolau deu uma enorme quantidade de reuniões em casa de operários na cidade; além do mais, já era tempo de ele desaparecer — notou Ludmila, com ar triste mas calmo. — Os camaradas aconselharam-no muita vez a partir; ele não os quis ouvir. Quanto a mim, em casos idênticos, é de obrigar e não de aconselhar.

Um rapazinho de faces coradas, cabelos negros, uns bonitos olhos azuis e um nariz aquilino, surgiu à porta.

— Trago o samovar? — perguntou ele, com voz sonora.

— Oh, se fizeres favor, Sérgio... É o meu protegido.

Para a mãe, Ludmila estava diferente, nessa manhã, mais simples e menos distante. Nos movimentos flexíveis do corpo harmonioso havia muita beleza e força, o que atenuava um pouco o rosto amarelo. As olheiras acentuaram-se durante a noite. E sentia-se nela um esforço constante, a alma era como uma corda tensa até ao máximo.

O rapaz trouxe o samovar.

— Sérgio, esta é a mãe daquele operário que ontem foi condenado. Pelágia Nilovna.

Sérgio curvou-se diante dela, sem falar, apertou a mão da mãe, saiu, voltou com os pães e sentou-se à mesa. Ao mesmo tempo que servia o chá, Ludmila tentou convencer a mãe a não voltar a casa de Nicolau, enquanto não se soubesse se a polícia esperava alguém, e quem.

— Talvez a esperassem a si. Provavelmente, querem interrogá-la.

— Pois que interroguem — retorquiu a mãe. — E que me prendam; a felicidade não é grande; apenas é preciso distribuir o discurso de Paulo, antes disso.

— Já está em ordem. Amanhã, haverá exemplares que chegam para a cidade e arrabaldes... Sabe quem é a Natacha?

— Claro que a conheço.

— Leve-lhe...

O rapaz lia o jornal e dava a ideia de não prestar atenção a nada do que o rodeava; de vez em quando olhava para a mãe, a quem agradava encontrar os seus olhitos vivos e sorridentes. Ludmila voltou a falar de Nicolau, sem demonstrar piedade pelo facto de ter sido preso, e a mãe achou isso absolutamente natural. O tempo corria mais depressa do que nos outros dias. Era quase meio-dia quando terminou o almoço.

— Bolas! — exclamou Ludmila.

Nesse instante souu a campainha. O rapaz pôs-se de pé, olhou com ar interrogador a dona de casa, franzindo as sobrancelhas.

— Abre. Quem será?

Com um gesto calmo, enfiou as mãos nas algibeiras da saia e disse à mãe:

— Se for a polícia, vá ali para aquele canto. E tu, Sérgio...

— Eu sei — notou o rapaz, desaparecendo.

A mãe sorriu. Aqueles preparativos não lhe diziam nada. Não pressentia o perigo.

Entrou o médico, que disse muito à pressa:

— Primeiro que tudo, prenderam-me o Nicolau... Ah, está aqui, Nilovna? Não estava em casa quando ele foi preso?

— O Nicolau quis que eu viesse para aqui.

— Bah! Não me parece que isso seja bom para si... Em segundo lugar, a noite passada, alguns jovens tiraram, a copiador, quinhentas cópias do discurso do Paulo. Eu vi-as. Estão razoáveis, limpas e nítidas. Pretendem espalhá-las pela cidade, esta noite. Não concordo... Para a cidade é preferível a folha de imprensa; é melhor distribuir as outras fora da cidade, nos arrabaldes, por exemplo.

— Ótimo, dê-mas. Irei levá-las à Natacha — disse a mãe, com impetuosidade.

Sentia uma vontade terrível de divulgar o discurso do filho, alagar a cidade, a terra toda com as palavras de Paulo, e observava o médico, atenta, suplicante.

— Raio! Não sei se será a melhor altura para se ocupar disto — disse, indeciso. E puxando o relógio: — São onze horas e quarenta e três, o comboio é às duas e cinco; irá lá chegar às cinco e quinze. Não é tarde... Contudo, não é esse o problema...

— Não, não é isso — disse Ludmila.

— De que se trata, então? — quis saber a mãe. — Trata-se apenas de que seja feito em condições...

— É perigoso para si.

— Perigoso porquê? — quis saber a mãe.

— Está bem de ver! — continuou o médico, com voz precipitada e desigual. — Desapareceu de casa do Nicolau uma hora antes de este ser preso; vai à fábrica onde o conhecem como tia da professora; em seguida sairão os folhetos clandestinos. Tudo se irá apertar à volta do seu pescoço como um laço corredio.

— Ninguém dará por mim — afirmou calorosamente. — E quando regressar, que me perguntem onde estive...

Calou-se uns segundos; depois continuou:

— Sei o que hei de dizer. Da fábrica, irei direita ao arrabalde onde vive um amigo, o Sizov... Direi que após o julgamento fui para casa dele; sentia-me desanimada, assim como ele, pois condenaram-lhe o sobrinho no mesmo dia que o Paulo. E ele confirmará o que eu disser. Estão a ver?

Vendo que eles estavam quase a ceder, tentava convencê-los definitivamente e falava cada vez com mais insistência.

— Que podemos fazer? Vá lá, então — anuiu o médico, contrariado.

Ludmila, entretanto, não dizia nada; andava de um lado para o outro. O rosto fechara-se, as faces cavadas. Os músculos do pescoço estavam tensos, como se carregasse à cabeça um grande peso que a obrigasse a cair até ao peito.

A mãe reparou nisso.

— Vocês poupam-me sempre — disse, sorrindo. — Contudo, vocês não se privam de nada.

— Isso não corresponde à verdade — respondeu o médico. — Nós poupamo-nos e devemos-nos poupar. E repreendemos os que gastam energias inutilmente; isso sim, é um facto. Agora, pronto, entregar-se-lhe-á o discurso na estação.

Explicou-lhe depois como devia proceder, olhou-a de frente e disse:

— Então boa sorte!

Saiu pouco satisfeito consigo mesmo. Quando a porta se fechou, Ludmila aproximou-se da mãe com um sorriso silencioso:

— Eu compreendo-a...

Agarrou-lhe no braço e andou alguns passos na sala.

— Eu também tenho um filho; tem treze anos, vive com o pai. O meu marido é procurador substituto. O rapaz vive com ele. Penso montes de vezes: «Que lhe irá suceder? Em que se tornará?»

A voz tremeu-lhe. Continuou num tom baixo, pensativa:

— O que o educa é um inimigo consciente daquilo que eu considero como os melhores da terra. O meu filho, quando crescer, pode tornar-se num inimigo meu. Não posso tê-lo comigo; vivo com uma identidade falsa. Não o vejo há oito anos... e oito anos é muito tempo.

Parou próximo da janela, observou o céu pálido, deserto.

— Se ele vivesse comigo, decerto que me sentiria mais forte, não teria esta chaga no coração, que tanto me faz sofrer, constantemente.

— Minha pobre amiga — disse a mãe, baixinho, com o coração oprimido de compaixão.

— A Pelágia é feliz — observou Ludmila, com um sorriso. — É formidável uma mãe e um filho caminharem ao mesmo lado... e é tão raro.

— Sem dúvida, é muito bom — exclamou a mãe, surpreendendo-se a ela mesma com a sua afirmação.

E, baixando a voz, como se confiasse um segredo:

— Vocês todos, o Nicolau, todos os que combatem pela verdade,

caminham lado a lado. As pessoas tornaram-se, de um momento para o outro, parentes queridos; eu compreendo-os a todos; as palavras não, mas o resto compreendo.

— É isso! — respondeu Ludmila. — É assim, realmente.

A mãe pôs-lhe a mão no ombro e contraiu-a suavemente, prosseguindo quase num murmúrio, como se quisesse ouvir os seus próprios pensamentos:

— Os filhos marcham pelo mundo. Eis o que eu entendo: caminham no mundo, em toda a Terra, por todo o lado, com um fim único. Os melhores corações, os mais honestos, avançam decididos contra tudo o que é mau, esmagam a mentira sob os seus passos sólidos. Os jovens, as pessoas saudáveis, agregam as suas forças irresistíveis com um só objetivo: a justiça. Marcham para a vitória contra a dor dos homens; pegaram em armas para resgatar a infelicidade no mundo, lutam para triunfar da vilania, e triunfarão. «Acenderemos um novo sol», disse-me um deles; e consegui-lo-ão. «Juntaremos num só todos os corações despedaçados.» De igual modo o hão de fazer.

Surgiam-lhe na memória palavras de orações esquecidas, que inflamavam a sua nova fé e que brotavam do coração como faíscas.

— Os filhos que seguem o caminho do amor e da justiça levam a razão a todas as coisas, iluminam tudo com um fogo impossível de apagar, que vem da alma. Cria-se uma nova vida nesse amor quente dos nossos filhos pelo mundo inteiro. Quem extinguirá esse amor? Foi a terra que o engendrou e toda a vida quer a sua vitória... a vida toda...

Cansada pela emoção, separou-se de Ludmila, sentou-se ofegante. A outra sentou-se também, com cuidado, sem fazer barulho, como se receasse partir qualquer coisa. Mais tarde, com o seu passo flexível, atravessou o aposento, fixou ao longe o seu olhar profundo dos olhos baços. Parecia ainda maior, mais direita, mais esguia. A sua figura magra, severa, estava concentrada e apertava nervosamente os lábios. O mutismo existente tranquilizou imediatamente a mãe e, reparando na expressão da mulher, perguntou a meia-voz, um pouco temerosa:

— Talvez eu tenha dito algo que não devia.

Ludmila virou-se vivamente e teve pressa em dizer, com uma mão estendida, como se quisesse parar alguma coisa:

— Não, não é isso! Mas se não se importa, não continuemos a falar desse assunto... Que fique como está.

E continuou, mais calma:

— São quase horas de partir... ainda é longe.

— Vou já! Se soubesse, Ludmila, como me sinto feliz. Levarei a palavra do meu filho, a palavra do meu sangue; é como a minha alma.

Sorria, sem que, contudo, esse sorriso não desse mais à jovem mulher do que um pálido reflexo no rosto de Ludmila. A mãe notava que a retenção da mulher lhe esfriava a alegria, e de repente germinou nela o desejo obstinado de comunicar o seu ardor àquele ser austero, de a incendiar com a sua chama, para que ela vibrasse com a mesma alegria que a invadia a ela. Pegou na mão de Ludmila, apertou-a:

— Minha querida, como é satisfatório saber que há já uma luz para todos os homens e que virá um dia em que ela será visível para todos, que a apertarão na sua alma.

O seu grande e bondoso rosto tremia, dos olhos brotava luz, pestanejava. Embriagava-se de pensamentos belos e condensava-os em palavras cheias de luz, que nasciam vigorosas, e floresciam sempre mais brilhantes no seu coração outonal, iluminado pela força fecunda de um sol primaveril.

— É como se houvesse nascido um Deus novo. Tudo para todos. Todos para tudo. E desta maneira que vos compreendo. Em verdade, vocês são camaradas, parentes, filhos da mesma mãe: a verdade.

Novamente invadida pela comoção, parou para respirar fundo; disse depois, esticando os braços, num gesto que parecia querer abarcar o mundo:

— Ao dizer a mim própria a palavra «camarada», escuto o meu coração: «Estão em marcha.»

Conseguira: o rosto de Ludmila ardia com uma chama quente, os lábios estavam trémulos, dos olhos brotavam lágrimas pesadas, cristalinas.

A mãe apertou-a nos braços, sorrindo, com o coração inundado

da doce sensação do seu triunfo.

Na rua, o ar seco e gelado transia-a completamente, gelava-lhe a garganta, picava-lhe o nariz; por uns segundos, conteve a respiração no peito. Parou, olhou em redor; próximo, à esquina da rua, encontrava-se um cocheiro com um gorro de pele; mais à frente, um homem seguia curvado, com a cabeça enfiada nos ombros, e diante dele um soldado corria, pulando e esfregando as orelhas.

«Decerto que mandaram o soldado fazer algum recado», pensou; e foi-se embora, ouvindo, contente, o estalar da neve debaixo dos seus pés.

Era ainda cedo quando chegou à estação. O comboio não se tinha formado, mas na sala de espera de terceira classe, pouco limpa e cheia de fumo, já havia muita gente. O frio retirara os ferroviários da via; cocheiros e andrajosos, sem asilo, tinham ido para ali, com o fim de se aquecerem. Havia também viajantes, camponeses, um comerciante obeso com peliça, um pope, levando consigo uma menina bexigosa, cinco ou seis soldados, pequenos burgueses atarefados. As pessoas fumavam, trocavam impressões, bebiam chá ou vodka. Junto do bar alguém ria espalhafatosamente; nuvens de fumo planavam sobre as cabeças. A porta rangia ao abrir-se, e ao baterem os vidros tremiam e tilintavam. O cheiro do tabaco e do peixe salgado atacava fortemente as narinas.

A mãe tomou lugar à entrada, bem à vista, e aguardou. Quando alguém entrava, deixava passar uma baforada de ar frio, que lhe agradava, e ela respirava a plenos pulmões. Surgiam pessoas com embrulhos e roupas pesadas; agarravam-se sem jeito à porta, atiravam com a carga para o chão ou para cima de um banco, sacudiam o pó da neve das mangas e das golas, limpavam-no da barba e dos bigodes, refilavam. Um rapaz entrou com uma mala amarela. Olhou à volta, dirigiu-se à mãe.

— Vai para Moscovo?

— Vou. A casa da Tânia.

— Aí tem. É para ela.

Pôs a maleta no banco ao lado dela, tirou um cigarro do bolso, acendeu-o e, despedindo-se com um leve levantar do boné, saiu pela outra porta, sem mais uma palavra. Pelágia afagou com a mão o couro frio da mala, apoiou-se nela com o cotovelo e, contente, observava o público. Um momento depois, foi sentar-se noutro banco, mais perto da saída para o cais. Levava a maleta com facilidade, olhava as pessoas que passavam junto de si. Um homem novo, com um sobretudo pequeno, de gola subida, esbarrou com ela e desviou-se em silêncio, tocando no boné com a ponta do dedo. Teve a impressão de que conhecia aquela cara e virou-se; os olhos claros do homem fitavam-na, ocultos na gola levantada. O seu olhar vigilante trespassou-a. O lado que levava a maleta estremeceu, e a carga, de repente, começou a pesar.

«Já o vi em qualquer lado», pensou.

Susteve uma sensação desagradável e inquietante que lhe subia ao peito; não queria determinar a sensação que, lenta mas imperiosa, lhe comprimia o coração. No entanto, essa sensação ia aumentando; a garganta e a boca ganharam um sabor amargo. Uma ânsia irresistível de se virar, de olhar de novo, apoderou-se dela. O homem mantinha-se no mesmo sítio, tomando agora um pé como apoio, depois o outro, circunspecto. A mão direita estava entre os botões do sobretudo, a esquerda na algibeira, o que dava a impressão de ter um ombro mais alto do que o outro. Sem pressa, sentou-se no banco como se receasse arrancar qualquer coisa de si mesma. A sua memória, acordada pelo pressentimento de uma infelicidade, deu-lhe duas imagens daquele homem: uma nos campos, perto da prisão, a seguir à evasão de Rybine, a segunda no tribunal. Vira-o ao lado do polícia, a quem ela mentira ao indicar o caminho tomado por Rybine. Sabiam, portanto, quem ela era; espiavam-na, de certeza.

«Já estou apanhada?», perguntou a si própria, começando depois a tremer. «É possível que ainda não.»

Em seguida, esforçando-se sobre si mesma: «Estou perdida».

Olhou à volta e não viu nada. Os pensamentos sucediam-se uns após outros e extinguíam-se-lhe no cérebro como faíscas.

«Deixo aqui a mala... Vou-me embora?»

Outra faísca brilhou, mais viva: «Escapar-me com ela?... Correr?»

Os pensamentos pareceram-lhe estranhos como se lhes inculcasse energia. Queimavam-na, e as feridas infiltravam-se dolorosamente no cérebro, quais fios incandescentes. Vexavam-na, separavam-na de si mesma, do filho e de tudo o que se havia confundido no seu coração. Sentia que uma força hostil teimava em oprimi-la, a esmagar-lhe os ombros e o peito, a inferiorizá-la, afundando-a num terror fatal.

As veias das fontes começaram a bater, um calor subiu-lhe à raiz dos cabelos.

Então, com um violento e rigoroso esforço do coração, que a agitou, tapou em si todos os aspetos malignos e fracos, dominou-se.

«Devias sentir vergonha.»

Imediatamente sentiu um alívio. Reforçou a sua decisão:

«Não desonres o teu filho... Ninguém tem medo...»

Os olhos adquiriram uma expressão desanimada, receosa. Em seguida, surgiu-lhe num relâmpago a figura de Rybine. Foi como se aqueles instantes de indecisão, afinal, reforçassem tudo nela. O coração já batia mais calmo.

«Que acontecerá agora?», pensou, examinando o espião.

Este fizera um sinal ao guarda e segredava-lhe algo, indicando-a com o olhar. Juntou-se um outro guarda, ouviu e enrugou a testa: era já velho, de estatura pequena, barba e cabelos grisalhos. Fez um sinal de cabeça para o espião e dirigiu-se para o banco onde a mãe se encontrava, ao mesmo tempo que o outro se evaporava.

«Desde que não me espanquem.»

O guarda parou perto dela, sem dizer nada; em seguida, perguntou com voz baixa e severa:

— Que estás a olhar?

— Nada.

— Então, sua ladra? És velha e mesmo assim ainda andas a roubar?

Estas palavras surtiram nela o efeito de um par de bofetadas; doeram-lhe, golpearam-lhe a cara, arrancavam-lhe os olhos, más e felinas.

— Eu? Eu, uma ladra? Mentos — bradou a plenos pulmões.

E tudo girava à sua volta, entontecida pela humilhação. O coração, ébrio de indignação, fê-la abrir a tampa da maleta, que se abriu.

— Vejam, vejam todos! — exclamou.

Sacou um maço de panfletos e lançou-o ao ar sobre a cabeça. Atrás, ouviu um zumbido de pessoas que acorriam de toda a parte.

— Que se passa?

— Olha, é um inspetor da Secreta.

— Que é que aconteceu?

— O guarda diz que ela roubou...

— É inacreditável... Não tem aspeto disso.

— Não sou uma ladra — repetiu a mãe com toda a força.

Ficou um pouco mais calma, perante a aglomeração de pessoas que já ali se encontravam.

— Ontem decorreu o julgamento de presos políticos; entre eles estava o meu filho... Vlassov. Ele discursou; aqui está! Vou levar isto às pessoas para que o leiam, para que reflitam na verdade...

Alguém, cuidadosamente, tirou folhas da mão dela. Pelágia fez dançar as outras, lançando-as ao ar, para o meio da multidão.

— Pelo facto, também não te felicitarão — comentou uma voz a medo.

A mãe notava que lhe tiravam os papéis, os metiam nos casacos, nos bolsos; sentiu-se mais forte. Mais calma e segura, toda debaixo de tensão, consciente do orgulho que a invadia, que crescia nela, e da alegria sem fim que a avassalava, falava, continuando a tirar da mala maços de panfletos, que atirava para os lados com mãos ávidas e ágeis.

— Querem saber por que prenderam o meu filho, assim como os que se encontravam com ele? Vou dizer-lhes e vocês confiarão no meu coração de mãe, nos meus cabelos brancos: ontem, foram condenadas pessoas porque traziam a verdade a toda a gente. Ontem, eu soube que ninguém, absolutamente ninguém, pode contestar essa verdade.

A multidão, que entretanto emudecera, tornava-se cada vez mais numerosa e compacta, rodeando a mãe, qual anel com vida.

— A pobreza, a fome e as doenças é tudo o que as pessoas

recebem em troca do seu trabalho. Vivemos na lama e na mentira, enquanto outros se enchem, se divertem à custa do nosso sofrimento, e nos possuem como cães presos à trela, na ignorância e no medo, porque não há nada que não receemos. A nossa vida é uma noite, noite de breu.

— É assim mesmo! — responderam algumas pessoas.

— Cala-lhe o bico!

Atrás da multidão, a mãe detetou o espião e os dois guardas, e rapidamente distribuiu os últimos pacotes. Contudo, quando enfiou a mão na maleta, outra mão lá estava.

— Tomem! Apanhem!

— Toca a andar — berravam os polícias, afastando as pessoas, que cediam, contrariadas, aos encontrões, os comprimiam com a sua maça e lhes dificultavam os movimentos talvez sem o quererem.

Aquela mulher, de cabelos grisalhos, de olhar franco num rosto cheio de bondade, atraía-as imperiosamente. Isolados da vida, afastados uns dos outros, misturavam-se agora num todo, aquecidos pelo fogo daquela palavra que muitos esperavam, quem sabe?, desde há muito tempo, e de que os corações vexados pelas injustiças da vida estavam sedentos. Os que se encontravam mais perto da mãe calaram-se. Ela via-lhes os olhos ávidos e atentos, sentia no rosto o seu bafo morno.

— Vai-te embora, velhinha.

— Vão-te prender.

— Lá corajosa é ela.

— Vamos, toca a desaparecer! — gritava a polícia, que se aproximava.

A mãe teve a impressão de que eles estavam todos aptos a compreendê-la, acreditá-la. E queria dizer apressadamente tudo o que sabia, exprimir todos os sentimentos cuja força sentia. Eles cresciam sem dificuldade do fundo do seu coração e vinham-lhe aos lábios como um cântico. Reconhecia, no entanto, humilhada, que a voz fraquejava, enrouquecia, tremia.

— A palavra do meu filho é a palavra pura de um filho da classe operária, de uma alma que não se vende. Os homens honestos

reconhecem-se pela sua audácia.

Olhos de gente nova fixavam-na, entusiasmados e aterrorizados.

Sentiu uma pancada no peito, vacilou e sentou-se no banco. Sobre as cabeças agitavam-se as mãos dos polícias, que agarravam as pessoas pelos colarinhos, pelos ombros e as empurravam para o lado, tiravam-lhes os chapéus e os bonés, lançando-os para longe. Tudo oscilava à frente da mãe, tudo mergulhou nas trevas; gritou ainda, dominando-se, apelando para o pouco de voz que lhe restava:

— Que o povo una as suas forças numa só.

A grande mão avermelhada de um polícia caiu-lhe no pescoço e abanou-a.

— Cala-te.

A nuca foi contra a parede, o coração envolveu-se por momentos de um fumo áspero, aterrorizado, que se dissipou num ápice sob o ardor da sua chama interior.

— Toca a andar à minha frente — disse o polícia.

— Não temam nada. Não existe tormento pior do que aquele que vocês respiram no dia a dia...

— Cala-te, já disse!

O polícia agarrou-a num braço, puxou-a violentamente. Um outro pegou-lhe no outro braço, levaram-na a passos largos.

— ...e que seca o peito e rói o coração todos os dias.

O espião saltou para a frente da mãe, brandiu um punho e disse:

— Calas-te ou não, velha miserável?

Os olhos de Pelágia esbugalharam-se, faiscaram, o queixo tremeu. Firmando-se na laje escorregadia, gritou:

— Não se pode matar... uma alma ressuscitada.

— Cadela!

Com um soco curto, o homem atingiu-a no rosto.

— É muito bem feito, para ela aprender — comentou uma voz maldosa.

Algo de negro e vermelho cegou a mãe; sentiu na boca o gosto salgado do sangue.

Uma explosão de vozes, todas diferentes, gritou:

— Não batam.

— Rapazes...

— Canalhas!

— Não é com sangue que se tapa a verdade.

Empurraram-na pelo pescoço, pelas costas, esmurraram-na na cabeça e nos ombros. Tudo começou a vacilar, a girar num turbilhão sombrio de gritos, uivos e assobios; a impressão de alguma coisa de ensurdecidor e espesso penetrou-lhe nos ouvidos, encheu-lhe a garganta, intoxicou-a. O chão fugiu-lhe sob os pés, afundou-os, os joelhos dobraram-se; o corpo tremeu sob as queimaduras da dor, aumentou o peso, vacilou, sem força. Os olhos, no entanto, ainda tinham brilho, viam uma multidão de outros olhos que ardiam num fogo fugaz, vivo, que ela bem conhecia, com um fogo que era querido ao seu coração. Empurraram-na para a porta. Ela soltou uma das mãos do aperto e amparou-a à ombreira.

— Não conseguirão extinguir a verdade sob mares de sangue...

Caiu-lhe uma pancada na mão.

— Vocês enlouqueceram, só recolherão ódio. E o ódio há de cair-vos em cima...

Um polícia agarrou-a pela garganta, apertando-lha.

Pelágia teve um estertor:

— No fundo, são uns desgraçados...

Alguém respondeu àquela frase com um soluço.